

AUTORA BEST-SELLER DA SÉRIE CRETINO IRRESISTÍVEL

**CHRISTINA
LAUREN**



**AMOR
& ÓDIO
IRRESISTÍVEIS**

NO AMOR E NA GUERRA
TUDO É PERMITIDO!

UNIVERSO DOS LIVROS



CHRISTINA LAUREN

**AMOR
& ÓDIO
IRRESISTÍVEIS**

São Paulo
2017

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Dating you/Hating you

Copyright © 2017 by Lauren Billings and Christina Hobbs

All Rights Reserved.

© 2017 by **Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Eloise De Vylder**

Preparação: **Marina Constantino**

Revisão: **Alline Salles (AS Edições) e Francisco Sória**

Arte: **Aline Maria e Valdinei Gomes**

Adaptação de capa: **Valdinei Gomes**

Design original da capa: **Cover Photographs © Feedough/Getty Images And
© Ridofranz/Getty Images**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L412a

Amor & ódio irresistíveis / Christina
Lauren ; tradução de Eloise De
Vylder. — São Paulo : Universo dos

Livros, 2017.
384 p.

ISBN: 978-85-503-0236-2
Título original: *Dating You/Hating You*

1. Literatura norte-americana 2.
Literatura erótica 3. Ficção I. Título
II. De Vyllder, Eloise

17-1477

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Para Kristin,
e todas as aventuras que temos pela frente.

capítulo um

Evie

O Boulevard La Cienega é um inferno interminável de concreto sinuoso, mas é um mal necessário nesta cidade. Percorrendo Los Angeles de norte a sul, ele forma uma artéria enorme que corta a Zona das Trinta Milhas, também conhecida como TMZ, também conhecida como a Zona dos Estúdios – onde se instalaram os primeiros estúdios de cinema.

Em seu auge, e antes que outras cidades comessem a oferecer subsídios e grandes incentivos para que cineastas fossem filmar em suas locações, era aqui que a maioria dos filmes eram rodados. O lugar foi o centro de centenas de milhões de dólares em contratos de filmes ao longo de décadas, mas nunca ouvi ninguém da indústria dizer TMZ numa conversa casual. Não como você está pensando. Assim como um turista chama San Francisco de Frisco, qualquer um que chame esse cerne da vida hollywoodiana de TMZ hoje em dia provará que é um forasteiro que se deparou com uma detalhada página da Wikipedia. É tão arcaico, na verdade, que muitos dos meus colegas nem percebem que foi daí que o site de fofocas TMZ tirou seu nome.

La Cienega se parece com a maioria das avenidas aqui em Hollywood: fileiras de lojas e restaurantes construídos em ângulos estranhos e espremidos em cada centímetro de espaço possível, palmeiras e outdoors que se erguem contra o céu azul tingido de fumaça cinza, e carros *por toda parte*. Ao norte fica o objeto da maioria dos sonhos de Hollywood, onde um cenário de morros altos parece irromper direto do asfalto. Casas multimilionárias se empoleiram como peças de Tetris nos morros, com suas vidraças brilhantes e portões erguendo-se acima da cidade.

É uma vista e tanto se você conseguir pagar por ela, mas, como a maioria das pessoas aqui em Los Angeles, tenho meus pés firmes no chão e, em casa, *minha* única vista é para o apartamento da frente, habitado por um malabarista marroquino quase sempre sem camisa.

Há vistas piores, imagino.

Embora eu odeie La Cienega e seu congestionamento interminável, o boulevard é uma das coisas objetivas que se pode encontrar em L.A. Qualquer morador local dirá que dirigir aqui depende do horário: saia às duas e você chegará em quase qualquer lugar em vinte minutos. Saia às cinco, como todo mundo, e você levará uma hora para andar oito quilômetros.

Graças a Deus, sou uma das últimas a sair do escritório.

Ouçoo alguém bater, levanto os olhos e vejo Daryl em toda sua glória, com seus cabelos loiros e olhos azuis, parada à minha porta. Embora eu seja uma mistura precisa de meus pais, de olhos e cabelos castanhos, Daryl Hannah Jordan é a cópia de sua xará, Daryl Hannah, e parece mais que chegou nadando do set de *Splash – Uma sereia em minha vida* do que cresceu em San Dimas, a três casas da minha.

– O expediente terminou faz mais de uma hora – diz ela.

– Só estou lendo este artigo antes de ir embora. – Meus olhos se estreitam instintivamente enquanto eu a observo. Daryl usava uma saia e saltos muito altos há apenas algumas horas; agora está usando roupa de enfermeira e seus cabelos clareados pelo sol estão presos num rabo de cavalo. – Temos aquela festa na casa de Mike e Steph hoje à noite. Por favor, me diga que essa é a sua fantasia.

Daryl fica inquieta e cada vez mais interessada num ponto da bainha de sua camiseta, e eu percebo que fui dura.

– Não – eu exclamo.

– Desculpa! – Ela se joga de um jeito dramático na poltrona à minha frente.

– Sua chata! Está desistindo?

– Eu não quero! Mas esqueci que prometi ao meu tio que iria para lá hoje à noite. Por que você não me lembrou disso à tarde? Sabe que é sua função nesta relação!

Eu me afundo na poltrona. Daryl trabalhou durante a faculdade na clínica de seu tio, e desfrutou bastante dos descontos para funcionários enquanto estava lá. Ela é linda – tem a pele firme, seios perfeitos e um espaço entre as coxas através do qual daria para assistir televisão –, mas é também a primeira a admitir que boa parte disso se deve aos esforços pioneiros da ciência e de seu tio, Dr. Elias Jordan, cirurgião plástico. Daryl faz trinta anos esse ano e, além de seu emprego no andar de cima, no departamento de TV-Literatura, ela vem trabalhando para seu tio por fora para pagar seu mais recente *ajuste fino*. Como a maioria das pessoas nesta cidade, ela está determinada a nunca envelhecer.

Por sorte, ela não precisa mais se preocupar com isso, porque eu quero matá-la.

– Bom, este dia foi comicamente ruim. – Checo meu celular antes de jogá-lo na bolsa. – Por que é mesmo que gosto de você?

– Gosta de mim porque eu ouço sua conversa interminável sobre cinema e minha passividade complementa sua necessidade de estar no comando o tempo todo.

Eu bem que gostaria de argumentar, mas ela levantou dois pontos importantes. Cresci obcecada por filmes; está no meu sangue. Meu pai era eletricista da Warner Bros. E minha mãe fazia penteado e maquiagem para quase todos os estúdios. Quando eu tinha oito anos, insisti para eles me deixarem ir de bicicleta depois da escola até a videolocadora do bairro – sim, sou velha – e convenci Larry, o gerente caquético, a me deixar trabalhar lá em troca de três locações por dia. Quando eu estava no colegial, ele finalmente concordou em começar a me pagar.

Viajei o mundo, mas L.A. sempre foi – e sempre será – meu lar. Não só porque minha família está aqui, mas porque meu coração mora na fuligem e no caos e nas regras tácitas de Hollywood. Foi por isso que me tornei agente de talentos. Nunca quis estar *nos* filmes, mas sempre sonhei em fazer parte do processo de criação.

E de fato, sempre preciso estar no comando. Ela me pegou nessa também.

– Está bem – digo. – Mas da próxima vez que algum cliente armar um encontro às escuras para mim e eu não puder recusar, você vai fazer cara de Evie e ir no meu lugar.

– Feito. – Ela me observa com um sorriso forçado. – Sem querer jogar lenha na fogueira, mas a sua fantasia está no carro ou você vai vestida de bancária rabugenta?

Abro a boca para dizer exatamente o que ela pode fazer com a minha fantasia, mas percebo um movimento através da porta aberta às suas costas.

– Amelia! – chamo, e ela coloca a cabeça para dentro. – O que vai fazer hoje à noite? Por favor, diga que não vai fazer nada, senhorita Amelia Baker, a pessoa que eu mais amo no mundo.

– Vou buscar Jay no acampamento – diz ela – e passar o resto da noite de pijama comendo ravióli direto da embalagem.

Deixo a cabeça cair sobre a mesa.

Eu trabalho na divisão de Cinema, representando atores e atrizes; e Amelia é a segunda no comando do RH. Como virou adulta mais cedo do que nós, Amelia também é a mãe orgulhosa do menino de doze anos mais inteligente e bonito do mundo.

Estou à beira do desespero.

– Alguma chance de você chamar uma babá?

Amelia entra e senta-se no braço da poltrona de Daryl. Seu cabelo é cortado bem rente ao couro cabeludo. Por mais que eu quisesse ter um estilo como o dela, isso nunca vai acontecer – nela, o corte realça seu sorriso brilhante, pele escura luminosa e maçãs do rosto.

– Numa sexta-feira à noite? – Seu tom carrega uma gargalhada implícita. – Sem chance. Por quê?

– Porque Daryl é a pior amiga do mundo, e você é a melhor!

Sua risada me convence a desistir e eu solto um gemido.

– Você tem planos? – Com um sarcasmo totalmente explícito, ela acrescenta: – Não que eu ache que tenha um encontro ou coisa do tipo, mas, sabe, posso ter esperanças.

Eu me ajeito na poltrona e aponto dramaticamente para Daryl.

– Eu deveria ir para uma festa com essa daí.

– É verdade – ela diz, culpada –, mas esqueci e prometi ao tio Elias que vou ajudá-lo com a contabilidade.

Amelia aponta maternalmente o dedo para ela.

– Você *não* vai fazer mais nada no rosto.

Daryl nega imediatamente. Nós raramente comentamos sobre qualquer coisa que Daryl tenha feito – ela é adulta e, por mais que a achemos perfeita, ela está fazendo isso porque quer e, bem, não é da nossa conta. Ainda assim, até eu admito que ela tem sido um pouco... vaidosa demais ultimamente.

– Só uma coisinha de nada. – Daryl faz um floreio afetado com as mãos e se vira para mim. – Falando nisso, preciso ir embora.

– Acho que vou indo também. Não faz sentido prolongar o inevitável. – Viro-me para colocar algumas pastas de trabalho na bolsa, mas então me lembro do que estava lendo. – Ei, bem rápido: alguma de vocês viu o artigo sobre Brad na *Variety*? – Baixo o tom de voz e olho em volta do escritório vazio. – Espere, ele ainda está aqui?

Amelia espia o corredor na direção do escritório de Brad Kingman, vice-presidente da Price & Dickle, chefe da divisão de Cinema e um idiota de primeira, e volta balançando a cabeça.

– Só nós e Dudley, acho.

Aponto para a tela do meu computador e as duas se empoleiram atrás de mim para ler.

– Não é exatamente *sobre* ele. – Aponto para o artigo em questão. – Apenas

uma menção de que ele foi visto jantando com Gabe Vestes. – Gabe é um astro de cinema disputado que assinou com a agência rival, a CT Management. E, engraçado: todo mundo sabe que Brad e Gabe se odeiam, embora ninguém saiba o *porquê*.

Daryl se endireita, indiferente.

– É isso? Achei que fosse alguma coisa espalhafatosa e escandalosa.

Resmungo para ela e olho de novo o artigo. Sua certeza não me convence de que isso é insignificante; fico com a pulga atrás da orelha.

– Vai ver eles fizeram as pazes? – Amelia sugere.

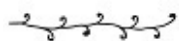
Eu hesito, pouco convencida.

– Acho que isso não é uma coisa que acontece com Brad a menos que tenha dinheiro envolvido.

– Continue pensando sobre isso, Sherlock Holmes – ironiza Amelia –, mas Jay está esperando, preciso voar. – Ela se vira para ir embora, mas para perto da porta. – E, antes que eu esqueça, passou um memorando pela minha mesa hoje, provavelmente chegará a você esta semana, Evie. Brad vai adiar o retiro anual do departamento, então pode tirar isso da sua agenda por enquanto.

– Adiar? O memorando dizia por quê? – Meus sentidos de Homem-Aranha estão aticados. Brad tem feito o retiro do departamento de Cinema em Big Bear na mesma semana de novembro desde que me entendo por gente.

– Não dizia – Amelia responde. – Tudo que sei é que foi adiado indefinidamente e tenho certeza de que você não vai reclamar por não ter de passar um fim de semana inteiro no meio do mato com aquele cara.



Quando você tem a minha idade e mora sozinha num apartamento com uma entrada compartilhada, corredores intermináveis e campainhas minúsculas nas portas, você se esquece daquela sensação insidiosa de desesperança que tem quando chega numa casa de verdade. Uma casa com varanda, uma porta de madeira entalhada, e uma aldrava que diz muito sobre as pessoas lá dentro.

Um dragão de ferro.

Uma rosa de latão.

Talvez uma gárgula de cobre.

Olho para o querubim perfeitamente oxidado na porta da frente de Steph e Mike e franzo a testa, de repente me sentindo bem menos satisfeita com a minha vida do que algumas horas atrás. Eles são seis anos mais novos que eu e já são

do tipo que têm uma porta dessas. Pessoas que têm porta da frente. *Proprietários.*

Eu não consigo me comprometer com um plano anual da Netflix, nem mesmo sou dona do carro que acabei de estacionar a dois quarteirões na rua lotada. Sou uma péssima adulta.

Olho para meu vestido preto, para a gravata vermelha e amarela, para a varinha na mão e me pergunto por que raios concordei com isso. Tenho trinta e três anos e estou numa festa à fantasia vestida como uma Hermione Granger adolescente.

Caramba, Evie.

Maldita Daryl.

E devo dizer que é preciso um pouco de coragem para vir aqui sozinha, caracterizada como uma personagem adolescente que frequenta Hogwarts. Sinto um pânico instintivo, aquela ansiedade à la Bridget Jones de que a porta vai se abrir e todos vão olhar para mim, boquiabertos, e Steph vai sussurrar, simpática e mortificada: *Você não recebeu o e-mail dizendo que não íamos nos fantasiar?*

Pelo menos com Daryl ao meu lado essa situação seria engraçada e poderíamos beber e rir de como viemos parar aqui numa noite de sexta-feira. Mas sozinha? Nem um pouco. Espero que o tema “Venha como você é” esteja valendo, porque uma menina que precisa de um vira-tempo para conseguir fazer tudo todos os dias é um *alter ego* perfeito para uma mulher solteira que trabalha em Hollywood.

Levanto a aldrava da porta com algum esforço, usando as duas mãos. É surpreendentemente pesada.

Quando a solto, ela não dá aquela batida suave e profunda que espero. Em vez disso, bate com um ruído metálico ensurdecador contra a madeira. O som reverbera no pequeno pátio de tijolos e, por um único momento aterrorizante, as asas do querubim gigante se movem nas dobradiças como se fossem se espatifar no chão.

Dando um pulo para trás, percebo a campainha normal na parede: simples, evidente e, ao que parece, totalmente funcional.

Então... não era para usar a aldrava.

A porta se escancara, revelando um burburinho de risos que, a julgar pela forma como todos estão olhando para mim, parece dirigido ao barulho que acabei de causar. Steph dá um passo à frente, trazendo consigo o cheiro do seu perfume Prada. Com uma mão graciosa, de unhas feitas, ela faz parar a aldrava, que, obviamente, é apenas um objeto de decoração na porta.

– Evie está aqui! – Ela me puxa para um abraço. – Você está aqui! Eu gosto de Steph. Ela era estagiária na agência Alterman quando eu era uma agente de talentos nova em folha. Ela continua lá, agora como agente, e até hoje tem a honra de ser a colega – passada ou presente – que eu menos tive vontade de estrangular. É afetuosa e competente... Mas, uma vez que entro, lembro que ela está loucamente apegada à sua estética juvenil, embora já esteja quase com trinta anos. Basta ver sua fantasia. Tenho certeza de que ela está vestida como uma Miley Cyrus da era “Wrecking Ball”, com uma regata *cropped* branca, a parte de baixo de um biquíni branco e botas. E mais? Vejo uma mesa no canto com um arranjo elaborado de latas de Red Bull e uma seleção de vodcas caras.

Fazendo-me entrar, ela diz, alto demais:

– Aquela coisa é só decorativa, sua boba! Você assustou todo mundo! E, meu Deus! Hermione! Você está maravilhosa. E parabéns por ter vindo sozinha. Minha corajosa Evie!

Corajosa?

O som que você ouviu? Esse que parecia uma cantada de pneus? Era minha confiança, que freou ali mesmo na porta de entrada.

Olho em volta para uma série de rostos com sorrisos educados, esperando as apresentações.

Uma ruiva com jeito simpático vestida como Ariel envolve com o braço a cintura de um Príncipe Eric hispânico e alto.

Uma morena meio indiferente vestida de vampira sussurra algo para seu namorado, também vampiro.

Alguns casais do outro lado da sala conversavam em grupo, mas agora estão olhando para a direção por onde eu acabei de trazer a solteirice para uma festa claramente feita para pares.

– Pessoal, essa é Evie-Hermione! Evie, esses são... todo mundo!

Aceno para eles, murmurando para Steph com o canto da boca ao melhor estilo Bogart:

– Você não me disse que era uma coisa para casais.

– Não é, na verdade. Acabou sendo assim! – ela sussurra, puxando-me para o meio da sala de estar. – Prometo que vai ser ótimo.

Por um segundo, quando vejo duas mulheres, vestidas de Beyoncé e Nicki Minaj, aconchegando-se no sofá, acho que ela pode estar certa. É um grupo de mente aberta, e eu sou uma mulher forte que escolheu abraçar a independência e ir a uma festa sozinha. Não tenho motivos para me sentir deslocada por aqui.

Mas então ela me faz passar pelo grupo maior de convidados e para em frente

à mesa de Red Bull e vodca.

Então é assim.

– Pelo menos Morgan está aqui? – pergunto, esperançosa, feliz de poder cuidar da filha pequena de Steph e Mike a noite toda se isso me ajudar a parecer só um pouquinho menos estranha.

Ela olha para mim fazendo um biquinho dramático.

– Está na babá. Como está o trabalho, a propósito?

Abaixo os ombros, resignada.

– Tudo bem. Sabe Tyler, aquele ator da Broadway com quem assinei em março? Ele não estará aqui em tempo integral com sua mulher e filha até o fim de novembro, então eu disse que cuidaria delas. Basicamente passei o dia num seminário de Treinamento Sensorial e Integração Infantil onde os bebês brincavam com macarrão cozido em caixas plásticas gigantes por setecentos dólares a hora.

Steph fica em silêncio por um momento e depois se inclina na minha direção.

– Você não fez isso.

– Fiz. – E falando no assunto de novo, lembro-me de como fiquei incrédula quando cheguei lá. Um grupo de mulheres baixinhas de calça branca, com seus filhos limpinhos e bem-vestidos olhando animados para caixas gigantes cheias de macarrão cozido. Mas à medida que o tempo passou, e eu vi a alegria de Bea por causa da desobediência de brincar com a comida por diversão, meu cinismo com aquela extravagância ridícula diminuiu, e comecei a achar que *sim, isso é o máximo*.

Mas é exatamente assim que seu cérebro se corrompe nesta cidade. *Setecentos* dólares por hora para apertar macarrão com as mãozinhas gordas. Aquelas crianças poderiam se divertir muito brincando com macarrão na banheira de casa por dois dólares.

– Você não é a babá dela – Steph me lembra, levemente indignada.

– Não, eu sei. Mas adoro Tyler, e o fato de ele ter conseguido o papel principal em *Long Board* foi uma sorte enorme para nós dois. – Uma sorte da qual eu precisava, e Steph sabe disso também. – Fico feliz em cuidar da família dele, obviamente. Mas sim, não sou babá. E com você? Está tudo bem?

– Sim. Ken está agindo de um jeito mais estranho que o normal, mas... – Ela entorna uma garrafa imaginária de um jeito dramático e eu dou risada. O *happy hour* no escritório com Ken Alterman, meu antigo chefe, sempre foi uma aventura.

Steph vê alguém do outro lado da sala e, apesar de eu balançar a cabeça

pedindo que ela fique, ela aperta meu ombro e diz:

– Aguenta firme, eu já volto.

E então ela não está mais lá.

Você poderia imaginar que eu já estaria acostumada a esse tipo de coisa a esse ponto – circular sozinha por uma sala cheia de casais –, mas de certa forma isso nunca fica mais fácil com o tempo.

Tiro o celular do bolso e troco mensagens rápidas com Daryl.

Sacanagem, sou a
única solteira.

Era uma festa
para casais? Eu
não sabia!

Nem eu.

Eu teria fingido
estar com
diarreia no
trânsito.

Na verdade, até
isso seria mais
agradável.

Com um gemido mental, olho disfarçadamente as horas antes de guardar meu telefone de novo. Posso ficar 45 minutos, certo? Parece tempo suficiente para dizer: “Valorizo sua amizade e estou contente por ter vindo!”. E “Não, de forma alguma estou fugindo pela porta para voltar à solteirice em paz”. Sinto que deveria haver uma regra clara: se você ainda não casou, com a minha idade, e foi dama de honra mais de sete vezes, deveria ter permissão automática para sair

mais cedo de qualquer evento de casais sem ser considerada uma chata.

Com isso decidido, inspeciono as escolhas de vodca, pegando a mais cara entre uma série de garrafas multicoloridas.

– Essa é a mesa dos que seguram vela?

Como estou me servindo, respondo sem me virar.

– A mesa com toda a bebida? – pergunto. – Deveria ser. Quer dizer, é o mínimo que eles podem fazer.

– Então, sinto muito, mas preciso pedir para que saia – o homem diz de um jeito severo. No instante em que me viro, surpresa, sinto-o se inclinando um pouco atrás de mim para dizer baixinho: – Tinham me garantido que eu era o único solteiro contratado para trabalhar neste evento.

Ele está mais perto do que eu imaginava, e meu riso cessa quando o vejo.

Será que ele está brincando? Ele é solteiro? Não acredito que estou com tanta sorte. Seu cabelo é castanho, mais comprido na parte de cima e, enquanto o observo se inclinar para analisar algumas das garrafas, ele o afasta da testa. Não como se estivesse arrumando-o de alguma forma – bem o contrário, porque agora está espetado para cima –, mas como se fosse uma mania inconsciente. Percebo imediatamente que ele parece estar confortável na própria pele, tão relaxado e tranquilo que tenho quase certeza de que ele não estava planejando fingir um desarranjo intestinal para fugir pela saída mais próxima.

Ele sorri novamente e, quando vejo o que está vestindo, tenho que fechar os olhos para conter uma risada.

– Foi Steph que te convenceu a fazer isso? – pergunto.

– O quê? – Ele segue meu olhar. É sutil, mas com o cabelo, os olhos verdes e os óculos, dá para entender qual era sua intenção com a camisa branca e a gravata solta por baixo de uma jaqueta cinza de zíper: Harry Potter. A cicatriz de raio na testa ajuda; eu deveria ter percebido imediatamente.

Ele franze as sobrancelhas.

– Ah, meu Deus. – Ele observa minha roupa, a gravata, a varinha, os cabelos soltos que baguncei para dar volume enquanto estava no meio do trânsito. – Você está brincando comigo? Somos as duas únicas pessoas solteiras nesta festa e combinamos?

Não consigo segurar a risada dessa vez e ela escapa, surpreendendo-o como acontece com todo mundo que a ouve. Sou pequena, mas minha risada é poderosa.

Ele olha para mim abrindo um sorriso lento de diversão.

– *Uau.*

– Oi. – Estendo a mão. – Meu nome é Evie.

– É diminutivo de evil, malvada em inglês? – Ele finge estar assustado enquanto devolve um aperto de mão hesitante. – Tem certeza que você é da Grifinória? Sua risada me faz pensar que tem um laboratório secreto e está construindo um cachorro-robô apocalíptico que vai comer todas as pessoas presunçosas daqui. Certeza que é Sonserina.

– É apelido de Evelyn. A risada é o meu dom. Mantém as pessoas delicadas à distância.

– Eu sou Carter. – Ele aponta os dois polegares para o peito. – Não sou delicado, juro.

Ele está... flertando? Penso no deserto da minha vida amorosa e fico surpresa por não saber mais dizer.

Carter é meio desastrado, apesar de bonito. Os óculos parecem verdadeiros, com armação escura e grossa. Ele é mais alto do que eu, mas não alto demais – o que é um bônus para mim –, e tem olhos de um verde incrível, cabelo castanho-escuro e grosso...

Eu pisco depois dessa inspeção e olho de novo para o seu rosto, percebendo quanto tempo fiquei observando o topo da sua cabeça.

– Prazer em conhecê-lo.

– Todo meu. – Ele aponta para sua fantasia de novo e sorri. – Isso foi o melhor que consegui fazer sem muita motivação e um guarda-roupa pouco inspirador. – Ele olha de novo para mim. – Mas você está uma Hermione *incrível*. Harry e Hermione. Perfeito. Eu *shippo*.

Sinto um friozinho na barriga.

– Minha amiga Daryl deveria ter vindo junto comigo, mas ela teve que cancelar no último minuto. Ela está morta para mim.

Carter dá uma gargalhada alta, então abre uma lata e toma um longo e lento gole de Red Bull.

Honestamente, estou tentando ficar calma e não olhar demais para ele, mas não consigo.

Morando em L.A., e especialmente trabalhando em Hollywood, encontro homens bonitos todos os dias, até já saí com alguns. Mas numa cidade cheia de rostos bonitos, fiquei imune à previsibilidade deles, à simetria. Carter é bonito de um jeito diferente. Seus olhos são grandes, com os cílios mais grossos e escuros. Seu queixo é anguloso. Com a armação grossa dos óculos, ele tem uma beleza descontraída. Precisa de um corte de cabelo. Quando sorri, vejo que seus dentes são brancos, mas não perfeitamente retos. Isso faz com que ele pareça

imediatamente amigável. E suas imperfeições são surpreendentes num mar de tratamentos ortodônticos, Botox e bronzeadores artificiais. Ele parece... *real*.

Agora, antes que você ache que estou pensando demais sobre isso, devo dizer que não estou mais nos meus vinte anos e, na minha idade, quando você encontra algum homem, imediatamente o coloca em uma dessas três categorias, apenas para facilitar para todo mundo: namoráveis, não namoráveis ou gays. Namoráveis basicamente significa que você usa sutiã quando eles estão por perto e não fala sobre suas funções corporais ou espinhas. Não namoráveis ou gays: vale tudo.

– Você está melhor do que eu, então. Eu nem acompanhante tinha – ele diz. – Fui coagido a vir pelos nossos ilustres anfitriões. De onde os conhece?

– Trabalhei com Steph na Alterman.

A feição de Carter indica algo – uma faísca de reconhecimento, talvez? –, mas antes que eu possa perguntar Steph aparece fazendo malabarismo com os braços cheios de pratos. Carter e eu nos esforçamos para abrir espaço para eles entre as garrafas de Red Bull.

– O que é essa seleção de bebidas? – pergunto para ela, apontando para a mesa. – Você está esperando universitários de atlética mais tarde?

– Ah, meu Deus, pode imaginar? – Sua pergunta sai com um suspiro, quase orgástico, e eu olho para ela sem entender. – Todo o resto está lá. – Ela levanta o queixo, apontando para outra mesa na sala, que só agora vejo, cheia de vinho, cerveja e todos os destilados habituais.

Meus ombros caem fingindo derrota.

– Mas isso fica no território dos *casados*.

– Nós não temos ingressos para aquele lado da sala – acrescenta Carter.

Steph parece estar prestes a nos censurar, mas então para e fica boquiaberta.

– Vocês combinam.

Carter e eu trocamos um olhar familiar.

– Nós nos falamos antes – diz ele. – Combinamos de coordenar nossas fantasias para ser o mais embaraçoso possível.

Ela dá um tapinha no braço dele.

– Fala sério! Mikey e eu *sabíamos* que vocês dois iam se dar muito bem. Sabem que *todos* nós trabalhamos como agentes de talentos? Quer dizer, *gente*! Vocês são um casal perfeito, certo?

Pouco antes de sair em direção à cozinha, Steph faz uma careta para nós como se fôssemos um conjunto bonitinho de bonecos de porcelana numa prateleira e ela tivesse nos colocado *um pouquinho* mais perto um do outro.

Quando Carter se vira para mim, olhamos um para o outro por um segundo de silêncio atordado.

– Esses sacanas armaram para nós – ele sussurra.

– Parece que sim. – Olho de novo na direção de Steph. – Eles não sabem que esse tipo de coisa nunca funciona?

– É como naquele filme com o Seth Rogen e a Katherine Heigl em que eles têm aquele encontro desastroso. – Ele para de levar a latinha até a boca. – Ou, espere... ou estou lembrando errado?

Uma sensação explosiva toma conta do meu peito, eu conheço o filme do qual ele está falando.

– Você quer dizer *Ligeiramente grávidos*? – Ele faz que sim, e eu continuo: – Não é um encontro, na verdade. Eles se conhecem depois que a Katherine Heigl consegue uma promoção. Ela encontra Seth Rogen numa boate que existe de verdade aqui em L.A. chamada Plan B, e eles ficam bêbados e transam sem camisinha. Ela descobre que está grávida oito semanas depois e *então* eles têm aquele encontro embaraçoso no qual ela conta para ele.

Quando finalmente fico sem ar, percebo que ele está me observando de sobrelance erguidas por cima de sua lata de Red Bull.

– Esse foi um resumo impressionante de um filme que saiu dez anos atrás.

Eu faço uma dancinha.

– Esse é meu outro dom.

Seus olhos brilham.

– Tenho que ser honesto, Stephanie deveria saber das coisas. Você é incrivelmente bonita, e obviamente abençoada com pelo menos dois dons invejáveis, mas a princípio, nada parece pior do que sair com uma colega de profissão.

Deus, eu concordo. Sair com alguém do mesmo ramo seria um desastre: os horários de trabalho são terríveis, os telefonemas são constantes, e a pressão arterial – e a vida sexual – sofre muito.

Então estou contente por ele ter dito isso, contente por ele ter tocado no assunto. É como se estivéssemos no mesmo time e de repente não houvesse mais pressão nenhuma. No time “eles são bonitos mas nunca daria certo”.

– E – ele acrescenta – acabo de me dar conta de que você é a adorável Evelyn Abbey. Agora tudo está se encaixando.

Sou pega de surpresa e não sei exatamente como reagir. Hollywood é uma indústria de quase quarenta mil pessoas, mas os círculos são pequenos. Se ele ouviu falar de mim, e do meu histórico, pode ser ótimo... ou não. Sinto-me

desconfortável por não saber qual das duas opções.

– Então você é agente de talentos? – pergunto. – Como nunca nos conhecemos?

– Estou em TV-Literatura. – *Círculos pequenos*. Eu relaxo um pouco. – Mas Michael Christopher e Steph falam de você o tempo todo.

– Você chama Mike de “Michael Christopher”? – pergunto. – Isso é muito fofo. Faz lembrar um pouco o ursinho Pooh.

– Nós estudamos juntos na escola – Carter explica –, e é difícil mudar de hábito. Ele tenta fingir que é descolado estar casado e ter uma filha de três anos que o faz usar tiaras, mas no fundo sei que ele fica louco por eu ainda estar solteiro e não ter fotos minhas no Instagram usando o gloss labial cintilante da filha.

Dou risada.

– Bom, se isso faz com que você se sinta melhor, isto aqui está indo bem melhor do que da última vez que Steph tentou me arrumar alguém.

Carter tem a habilidade mágica de levantar apenas uma sobrancelha, e isso provoca uma reação química em mim que explode como uma bomba.

– Ela faz muito isso?

– Da última vez ela armou um encontro com o primo gordinho dela de vinte e dois anos, Wyatt.

– Que consideração. Ela deve gostar muito dele.

Sinto o elogio me aquecer lentamente.

– Eu tenho trinta e três, então...

A risada de Carter é suave, mas ele sorri com o rosto inteiro.

– Ele não deu conta de você, imagino.

– Recém-formado na UCLA, fazia meses que o pobre Wyatt não saía com alguém. – Eu sorrio. – Ou nunca saiu...

Não tenho certeza do que fazer com a atenção sincera com que ele me ouve. Estou acostumada a ser a pessoa que se dissolve no pano de fundo, por necessidade. A maior parte da minha vida – e da minha vida social – é centrada no trabalho. E lá, me faço ser vista quando preciso proteger meus clientes ou brigar por eles, mas do contrário é melhor para o meu trabalho que eu fique nos bastidores. Só agora, falando com um homem que está me observando como se eu fosse a única coisa na sala, percebo como faz tempo que alguém não me olha desse jeito.

Uma ideia me ocorre: embora tenha crescido com Mike na Costa Leste, se Carter está no ramo de TV-Literatura, ele provavelmente trabalha aqui em L.A.

Daryl pode até conhecê-lo.

– Onde você trabalha?

Carter sorri, como se soubesse que o que está prestes a dizer fosse jogar uma minúscula bomba de mau cheiro entre nós.

– CTM.

A CT Management é nossa maior rival. Dentro de mim há impulsos contraditórios: uma vontade de comemorar porque ele mora aqui, contrariada por uma onda instintiva de competitividade.

Se ele percebeu meu silêncio, ignorou.

– Eu me mudei para cá faz dois anos. Cresci cercado de linhas de metrô e milhões de outras formas de chegar aonde você precisa ir – ele diz. – Mas aqui? Por Deus. Eu moro em Beverly Hills, nunca imaginei que fosse dizer isso, e ainda assim é um pesadelo chegar em qualquer lugar.

– Vocês da Costa Leste são tão mimados com seus “metrôs e táxis eficientes”.

A risada de Carter é silenciosa e discreta.

– É verdade. No fundo sou um garoto de Long Island. Mas, agora, sou de Hollywood.

– Só tome cuidado para não ser *totalmente* de Hollywood.

– Nem sei direito o que significa ser “totalmente de Hollywood”. Será que é quando você olha para sapatos de quinhentos dólares na Saks e pensa “Acho que eu deveria comprá-los?”. Porque nós temos isso em Manhattan também.

– É pior – digo. – É quando reconhece os sapatos de quinhentos dólares nos pés de outra pessoa e sabe onde ela provavelmente os comprou. E então você julga um pouco a pessoa porque eles são daquele designer que já não é mais supercaro e desconhecido e você sabe que eles estavam em oferta na semana passada, então a pessoa não pagou o preço total.

– Nossa, você é *mesmo* evil, bem má.

– Ah, essa não sou eu. – Estendo as mãos e aponto para minhas sapatilhas amarelas simples que aparecem debaixo da minha beca. – Eu compro, você sabe, esses sapatos com desconto, moço. Mas morei a vida inteira aqui. Todo dia é uma luta para não se deixar arrastar para o jogo.

– O jogo?

– Agentes de talentos em Hollywood? – pergunto. – Você *sabe* que é um jogo.

– Certo, certo – ele concorda, e eu percebo que, com um gesto sutil, ele já está *jogando*. E se meu instinto estiver certo, ele é bom nisso também. É superaberto até que o assunto do trabalho surge, e então surge um filtro entre nós.

Interessante.

Tomo um gole da minha bebida, olhando a festa ao nosso redor. Juntos, Carter e eu formamos essa minúscula ilha na sala de jantar; é quase como se o resto dos convidados tivessem sido instruídos a nos deixar sozinhos.

– Então você está na P&D – ele diz.

– Sim. – Olho para ele, tentando decifrá-lo como faço com qualquer pessoa nova que conheço, para descobrir qual é a melhor forma de interagir, e penso: *ele é imperturbável*. – Com Brad Kingman.

Carter não reage, e, se eu estiver certa, é porque ele já sabia disso sobre mim.

– É verdade que ele é notoriamente chato com comida, só come coisas cruas, não processadas, sem açúcar... – Carter sorri enquanto vira sua lata de Red Bull nos lábios. – Obviamente eu me preocupo muito com a saúde.

Eu dou risada.

– Tudo isso é verdade.

– Não pode ser tão extremo como todo mundo diz.

– Uma vez coloquei uma revista de casa e jardim sobre a mesa dele, pensando que ele levaria a amostra de comida de cachorro em barra, presa na capa, para seu dogue alemão mimado. Passei mais tarde, e *ele* estava comendo a barrinha. Parece que está tão acostumado com comida sem gosto que comeu uma barra de comida de cachorro orgânica e não percebeu que não era para pessoas.

Carter parece horrorizado.

– Você disse alguma coisa?

– Ah, *não* – respondo, incapaz de segurar a risada. – Mas em minha defesa, ele tinha acabado de falar que eu parecia um pouco *fofinha* com meu vestido novo. Então talvez ele tenha merecido.

Logo que a última palavra sai da minha boca, tenho vontade de retirar o que disse.

Os agentes são notoriamente fofoqueiros. De certa forma, compartilhar confidências para abrir caminhos faz parte do negócio. Mas nunca foi uma parte importante do *meu* negócio. Eu mantenho o equilíbrio. Mantenho a honestidade. Faço as coisas. E, por mais que me sinta justificada em deixar meu chefe comer comida de cachorro, não me prendo a contar histórias de mau comportamento, de palhaçadas bêbadas na mesa do bar ou de qual estagiário está transando com qual sócio. A menos que eu esteja com Daryl ou Amelia – nesse caso, não uso luvas de pelica. E, no geral, gosto de participar de círculos de gente que pensa parecido. A reputação é tudo.

Carter se inclina para a frente.

– Foi uma coisa péssima que ele te disse, na verdade.

E, caramba, ao sussurrar essa frase, ele conseguiu ser ao mesmo tempo profissional e me confortar. Bons agentes sabem interpretar as pessoas, intuitivamente deixá-las à vontade e fazê-las falarem, ou permanecerem discretos em todas as situações. Grandes agentes sabem fazer as três coisas com facilidade.

Todos nós tendemos a manter as cartas guardadas no peito e não revelar o que estamos de fato pensando. Nossa guarda está erguida, nossos muros são altos e nosso detector de mentiras está calibrado da forma mais sensível possível.

Então me ocorre, olhando para ele mais de perto, que Carter definitivamente mantém suas cartas bem guardadas, sim. Mas ele também parece ter um jogo muito bom.

capítulo dois

Carter

Michael Christopher me encontra na manhã de sábado, jornal aberto sobre a mesa, com o ruído suave da cafeteira ao fundo.

– Que bom que você não foi para casa dirigindo. – Sua voz está rouca como vidro quebrado e, quando olho para ele, sorrio ao vê-lo com um robe de veludo azul casualmente aberto sobre uma camisa desbotada e cuecas samba-canção listradas. No topo da cabeça, seus cabelos parecem uma fogueira de acampamento.

– Bom dia, playboy.

Ele xinga com vontade quando seu pé encontra um punhado de peças de Lego enterradas no tapete de pelo alto da cozinha.

– Olha o palavreado. – Já ouvi Stephanie lembrá-lo disso sutilmente pelo menos uma dúzia de vezes.

Michael resmunga, inclinando-se para inspecionar o estrago.

– Você não sabe o que é dor até ter uma dessas porcarias incrustadas na sola do pé.

Satisfeito por não estar sangrando, ele manca o resto do caminho até o armário, tira uma caneca branca de cerâmica com as mãozinhas de Morgan estampadas na lateral e se serve de café.

– Por que você sempre levanta tão cedo?

– Não sei. Meu relógio biológico se recusa a deixar de ser um nova-iorquino.

– Seu relógio biológico é um idiota.

– Eu sei. – Dou risada. – Belo roupão, a propósito.

Ele coloca creme na caneca e guarda a embalagem de volta na geladeira. A geladeira do apartamento que dividíamos na faculdade era coberta de cupons de pizza e números de telefone; esta tem um desenho gigante do Garibaldi e lembretes de compromissos da filha.

Michael se senta na cadeira à minha frente e toma um gole do café.

– Foi um presente de Steph para o dia dos pais.

Inclinando-se sobre a mesa, Michael inala a fumaça que sai do café.

– Não consigo bancar o espertinho ainda, Carter. Minha cabeça está me matando e ainda estou tentando entender por que eu estava usando a lingerie de Steph quando acordei.

– Não. Não, não. – Eu balanço a cabeça, tentando afastar essa imagem mental antes que ela se grave no meu cérebro.

Levanto e vou buscar o analgésico que sei que ele guarda no armário perto da pia – o armário de remédios, como eles chamam. É cheio de medicamentos e Band-aids e todo tipo de remédios dos quais se pode precisar. Tem até um vidro de iodo lá, caramba.

Adultos têm iodo. *Minha mãe* tem iodo. Eu tenho vinte e oito anos e não sei dizer com certeza absoluta nem para que serve um vidro de iodo.

É nesses momentos que vejo o nítido contraste entre nossas vidas. Michael e Steph têm uma casa de três quartos numa rua residencial tranquila. Eles têm uma caixa de correio com o nome *Evans* pintado à mão na lateral, e uma fita métrica para medir o crescimento de Morgan atrás da porta do closet. *Eles têm uma filha*. Eu tenho um apartamento pequeno de um quarto e um cacto que me orgulho de manter vivo há seis meses.

Quando foi que ele me ultrapassou na escala de Conquistas Adultas? Talvez tenha sido ao se casar ou desbravar a aventura do mercado de imóveis, ou talvez ao se tornar pai. De qualquer forma, eu nunca poderia perguntar, porque por mais responsáveis que ele e Steph tenham se tornado, ambos ainda se consideram recém-saídos da adolescência, e qualquer menção ao contrário faria com que eles insistissem em beber um barril de cerveja ou encontrar a rave mais próxima. E eu, ironicamente, estou velho demais para isso.

Com três cápsulas de Advil e um copo de água na mão, volto para a mesa e coloco tudo na frente dele.

Ele murmura um agradecimento e toma os comprimidos e a água, bebendo tudo num longo gole.

– Estou péssimo esta manhã.

– Como pode estar surpreso? – Eu me sento de novo. – Você tomou Red Bull e usou três produtos diferentes de maconha. Não vejo bebida e erva na mesma festa desde o último ano de faculdade.

Ele olha para mim, levemente ofendido.

– Foi uma festa ótima.

– Foi, mas também foi uma festa à fantasia no final de setembro.

– O Halloween é uma época movimentada para Morgan – ele explica. – Ela

vai na casa de vários coleguinhas, desfiles de fantasia e festas na escola. Essa menina é mais ocupada do que eu. Steph e eu tivemos que adiantar a nossa festa.

Fico quieto, esperando que o eco dessas palavras entre um pouco na cabeça dele, mas ele ainda parece estar apaixonado pelo seu café.

Finalmente, quebro o silêncio:

– Acho que a mulher mais vestida era a sua, fantasiada de Miley Cyrus.

Os olhos de Michael Christopher brilham um pouco.

– Não sei. Evie parecia estar mostrando tanta pele quanto você. Seus adoráveis moradores de Hogwarts.

Lá vamos nós.

Eu me inclino, tomando outro gole de café.

Com minha visão periférica, vejo-o erguendo os ombros de forma casual.

– Steph achou que vocês dois podiam se dar bem.

– Você perdeu pelo menos cinco pontos comigo por deixar sua mulher me arranjar para alguém.

– Ontem à noite você não pareceu se importar.

Coloco a xícara sobre a mesa e faço o possível para ignorar meu pulso um pouco acelerado. É verdade que tive mais sintonia com Evie nas três horas que passamos juntos do que com todas as mulheres com quem saí no último ano juntas.

– Eu não me importei, na verdade – digo a ele. – Ela é bonita, engraçada... E aquela risada? Incrível.

Ele faz uma pausa e se debruça um pouco do outro lado da mesa.

– Estou prestes a ficar entusiasmado com a perspectiva de você ficar com alguém que nós conhecemos e sairmos juntos como casais. Preciso de um casal legal para sair, Carter. Todo mundo aqui quer falar sobre como parar de comer glúten mudou sua vida ou sobre quanto investiu em sua previdência privada.

– Não vamos colocar o carro na frente dos bois. Gostei bastante dela, mas... pense comigo. – Apoio os cotovelos na mesa. – Você mora com Steph, vê o tanto que ela trabalha. Imagine Steph saindo com Steph. Não tem jeito. Seria um pesadelo e nós terminaríamos nos odiando.

– Por que a lógica sempre tem que destruir meus sonhos? – Ele toma um tempo para olhar para a porta aberta atrás dele antes de acrescentar em voz baixa: – Nunca diga para minha mulher que sugeri isso, mas vocês não podiam só ficar juntos? Se divertir um pouco, ver até onde vai?

– Não sei se é uma boa ideia. Nós trocamos telefones, pelo menos. – Eu me levanto para colocar a xícara na pia. – Foi divertido conversar com ela e o

contato pode ser útil em algum momento se eu quiser mudar para a área de cinema.

– Isso ainda poderia funcionar se um de vocês fosse demitido – ele diz, sorrindo.

– Não era exatamente isso que eu ia dizer, mas gosto do seu otimismo distorcido.

Nós dois levantamos a cabeça ao ouvir um som grave e um carro dirigindo rápido demais na rua calma e sonolenta.

Michael se levanta e olha pela janela que dá para a rua.

– Você não me disse que Jonah tem um Range Rover preto?

– Jonah? Quer dizer, *meu irmão* Jonah? – pergunto, juntando-me a ele.

Como era de se esperar, vemos um Range Rover preto reluzente fazer uma curva brusca na entrada estreita da casa de Michael Christopher. O motor desliga abruptamente e o silêncio repentino faz meus ouvidos zunirem.

Já estou receando esse confronto. Não vejo ou falo com meu irmão mais novo há meses. Não faço ideia do que ele está fazendo aqui agora. Nós observamos enquanto a porta do motorista se abre e um par de pernas vestindo jeans sai do carro.

– Bem, ele parece... diferente – diz Michael, de sobrelanceiras erguidas.

– Você não o vê desde que ele tinha dezoito anos; é claro que ele parece diferente. – Saio do balcão e me dirijo à porta da frente.

Na verdade, a maioria das pessoas com quem crescemos não viu Jonah desde que ele saiu de casa depois de se formar. Ele era o garoto meio artista, aquele com a câmera em volta do pescoço, que tirava fotos de fios da rede elétrica e paredes de tijolos e fazia retratos depressivos e honestos de pessoas que pareciam incapazes de sorrir. Eu posei para uma dessas fotos que fez com que ele ganhasse uma bolsa para uma concorrida escola de artes no último ano do colégio, mas enquanto todo mundo estava fazendo planos para a faculdade, Jonah pegou sua câmera e uma mochila e se mudou para L.A. Simples assim. Uma vez aqui, ele embebedou o cara certo numa festa e foi contratado na hora para uma sessão de fotos em preto e branco de um dos mais lendários guitarristas do rock and roll. O músico morreu tragicamente poucos dias depois e, da noite para o dia, Jonah deixou de ser um artista passando fome para se tornar o fotógrafo de capa de uma edição recordista de venda da *Rolling Stone* e uma espécie de celebridade, com mais trabalhos, mulheres e dinheiro do que ele sabia administrar.

Minha mãe nunca para de falar sobre ele.

É estranho ser o irmão mais velho e ainda sentir que estou muito atrás dele.

– Estou falando das tatuagens e brincos – Michael diz, seguindo-me pelo corredor. – Ele parece o cara propositalmente descolado de uma boy band.

Abro a porta na mesma hora que Jonah sobe os degraus da entrada.

– Você faz ideia de que horas são? – sussurro, irritado, saindo na varanda e me censurando por dentro por falar igualzinho à nossa mãe.

Jonah deixa cair um cigarro na entrada da casa de Michael, apaga-o com o bico pontudo da bota e ainda tem a pachorra de parecer confuso.

– Ah?

– Steph e Morgan estão dormindo – explico lentamente. – É sábado de manhã num bairro tranquilo. – Eu olho para seu jeans e camiseta, jaqueta de couro preta e a barba de dias por fazer. – *A maioria das pessoas* ainda está dormindo e você chega cantando pneu pela rua como se tivesse uma festa dentro daquela coisa.

– Está bem, *pai*.

Ele me empurra com o ombro para entrar na casa, examinando Michael Christopher dos pés à cabeça antes de rir um pouco grosseiramente.

– Então é assim que é casar e ter filhos? *Vida dura*.

Michael abre a boca para responder antes mesmo de assimilar o insulto e faz uma cara de *que diabos é isso* para Jonah. Infelizmente, Jonah não vê porque já está passando por ele em direção à cozinha.

– Bela casa.

Sigo meu irmão e observo enquanto ele se serve de uma xícara de café.

– Fique à vontade, Jones.

Ele se vira, encostando-se no balcão e levando a xícara até os lábios.

– Mamãe me mandou quase uma centena de mensagens perguntando se eu sabia onde você estava. – Ele bebe, sorvendo com barulho. – Acho que ela não sabe que nós só nos vimos uma vez desde que você se mudou para cá.

– Você voltou para casa só uma vez em quatro anos – eu o lembro. – Então me poupe do sermão sobre dar atenção à família.

– Sim, estou ocupado, mas vou arranjar tempo para a minha família. Graças a Deus, mamãe me mandou esse endereço, do contrário sabe-se lá quando eu descobriria que você é basicamente um sem-teto dormindo no sofá do seu colega de faculdade.

– Na verdade, nós temos um quarto de hóspedes – Michael Christopher diz, sem ajudar muito.

– Não sou um sem-teto, seu tonto – digo a Jonah. – Só dormi aqui essa noite.

Michael segura os nossos ombros com uma risada desconcertada.

– Mudando de assunto: como vai o trabalho, Jones? Eu vi aquela nota sobre você na *People* no ano passado. Na *People*! Incrível, cara.

Meu irmão puxa uma cadeira, vira-a ao contrário e se senta de pernas abertas. Como um idiota.

– Foi legal – diz ele. – Agora a *Vogue*... isso sim foi animal.

Eu o observo por alguns segundos.

– Jones, parece que você não toma banho faz uma semana.

Ele sorri com a xícara na frente do rosto.

– Foi uma noite muito doida.

Michael Christopher também vira uma cadeira e se senta como Jonah.

– Nós também tivemos uma noite muito doida, não foi, Carter?

– Foi... mui-to doida – concordo, carregando no sarcasmo. Eles podiam ter Red Bull e maconha, mas também havia sangria, um buquê de absorventes internos no banheiro e uma sala isolada para as mães que estão amamentando tirarem leite do peito.

– Sim, esse lugar estava uma loucura – diz Michael, destemido. – Foi até tarde, também. Bom... quer dizer, terminou às onze porque Morgan fica mal-humorada se não dorme o suficiente e muitas pessoas aqui tinham que voltar para casa por causa das babás. Mas até lá? Lou-cu-ra.

Jonah concorda como se entendesse, e pelo menos não deixa Michael desconfortável.

– Carter até se deu bem com alguém – diz Michael.

Eu resmungo assim que as palavras saem de sua boca.

– Uma garota? – Jonah sorri.

Eu franzo a testa para ele.

– Uma mulher, sim.

Jonah ri por cima do seu café.

– Desculpa – ele diz. – Quis dizer *mulher*.

Lanço um olhar para Michael que espero ser aterrorizante.

– Qual é o nome dela, M.C.? – Jonah pergunta. – Eu a conheço?

– Não – interrompo. Sabe-se lá se estou certo, mas é um desejo desesperado lançado ao universo.

– Evie – diz M.C., animado. – Ela é bonita, inteligente, um corpo *lindo*. Trabalhava com Steph na Alter...

Eu o interrompo.

– Michael. Chega.

Jonah bate palmas e eu levo um susto.

– Cara, mamãe vai *adorar* isso.

– Não fale com mamãe sobre a minha vida amorosa, e eu não vou mencionar o menu rotativo de mulheres quase menores de idade na sua cama.

Ele contra-ataca meu golpe baixo com um pior ainda.

– Você está certo. Não quero que ela crie expectativas. Lembra-se de como ela ficou mal quando você estragou tudo com a Gwen?

Quase ouço Michael Christopher estremecer do outro lado da cozinha.

– Ah, meu Deus – resmungo, com a testa entre as mãos.

Gwen Talbot foi a primeira garota por quem me apaixonei, e minha mãe a adorava. Embora a maioria das mães tente convencer seus filhos de vinte e quatro anos de que eles são muito novos para namorar sério, ainda mais para casar, eu praticamente podia ver mamãe batizando os netos sempre que eu levava Gwen para casa. Mas Gwen e eu nunca concordamos sobre as coisas. Ela queria uma vida pacata em Long Island cuidando da casa e dos filhos. Eu estava trabalhando para um agente e vivendo num apartamento ruim na cidade para poder ir a todas as peças e encontrar todas as pessoas influentes do teatro. O salário era terrível e o horário ainda pior, e terminamos nosso noivado depois de um ano. Acho que mamãe nunca se recuperou disso.

Jonah adora enfiar o dedo nessa ferida e parece satisfeito ali sentado, bebendo seu café. Eu tento me lembrar de por que seria uma má ideia dar-lhe um soco na cara. Jonah com sua Range Rover, seu dinheiro e tatuagens de dragão. Jonah é um babaca.

– Gwen era uma vagabunda – M.C. diz finalmente, quebrando o silêncio carregado. – E não digo isso por ela ter ideias sexuais flexíveis, porque aprovo isso totalmente e acho que as mulheres devem poder transar com quem quiserem sem ser julgadas. Mas sim por causa do jeito que vocês terminaram as coisas. Que sacana.

Eu concordo com a cabeça, agradecendo a Michael, porque sim, Gwen *foi* sacana, e então me viro para o meu irmão.

– Só fique de boca fechada. Sério, por que você está aqui?

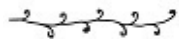
– Mamãe me ligou um monte de vezes e disse que você não estava atendendo o telefone. Então pediu para eu checar com M.C. porque, se você estivesse morto em uma vala em algum lugar, ele provavelmente saberia.

– Eu... espere, o quê? – M.C. diz, parecendo insultado.

Jonah bebe o resto do café e se levanta, fazendo com que sua cadeira se arraste com barulho no chão. Ele deixa a xícara e a cadeira onde estão.

– E já que você não está morto, posso ir embora. Até mais, mano. E com isso

ele se vai.



Como se estivesse acampada no saguão planejando uma emboscada, minha assistente me vê no minuto em que saio do elevador na manhã de segunda-feira.

– Você está aqui! – ela exclama.

– Becca, o que está fazendo? Não são nem oito horas.

Resoluta, ela se dirige à minha sala, agenda na mão e, a menos que eu planeje voltar para o elevador – que não é a pior ideia que já tive –, não tenho escolha a não ser segui-la.

– Eu queria ter certeza de encontrá-lo antes de qualquer outra pessoa – ela diz, olhando para trás. – Um dos clientes de Blake tem perguntado sobre você.

– Quem?

– O bonitão com bíceps grandes.

Becca raramente chama alguém pelo nome próprio. Em *TV-Literatura* representamos uma série de escritores e criadores de conteúdo, mas pouquíssimos atores. A maioria desses vai para a área de Cinema. Emil Shepard é um dos nossos, entretanto, e levo um momento para entender de quem se trata. Se Emil quer sair da lista de clientes de Blake e passar para a minha, isso faria dele o terceiro nos dois últimos meses e o meu primeiro ator importante.

É pouco dizer que Blake não vai ficar feliz com isso.

– Emil estava perguntando sobre *mim*?

– Ele ligou três vezes no fim de semana – informa ela, puxando meu braço para continuar andando.

– Blake sabe disso?

Becca arranca um pedaço de papel coberto de linhas cheias de uma letra quase indecifrável e o entrega para mim.

– Eu não ouvi falar de nenhuma mesa sendo virada, então imagino que a resposta seja não. Você precisa ligar para Emil hoje de manhã se estiver interessado, antes que qualquer pessoa fique sabendo disso. Sabe o pesadelo que esse tipo de coisa pode ser e, se Emil está mudando, ele está mudando. Você não está roubando ninguém.

É bom ouvir esse incentivo, mas ainda assim é uma situação complicada. Eu quero eventualmente passar para a área de cinema, mas tirar um talento dos colegas não é o melhor jeito de chegar lá. Não consigo nem pensar no que isso poderia significar.

Becca repete a minha agenda: reuniões às 9h e às 9h30, outra às 10h por Skype, uma reunião de equipe imediatamente depois e um possível novo autor no almoço. Sempre pensei que, se eu tivesse um tipo de mulher, seria como Becca. Ela é inteligente e sarcástica, com cabelos ruivos, olhos azuis e um corpo cheio de curvas. Nós nos encontramos por acaso num café um dia depois que me mudei para cá, e gostei dela imediatamente. Na verdade, gostei tanto dela que estava prestes a convidá-la para sair quando ela exclamou que estava atrasada para uma entrevista de emprego. Aquela entrevista, depois fiquei sabendo, era comigo. Agradeço todos os dias por ela ter olhado para o relógio antes que eu a convidasse para jantar.

Mas apesar de nosso começo pouco convencional, as coisas nunca ficaram esquisitas entre nós dois ou qualquer coisa além de profissional. Becca é ótima em seu trabalho, e na realidade sabe mais do que acontece por aqui do que qualquer um dos sócios. O que também significa que ela será uma agente fantástica por mérito próprio, embora ela jure que não leva jeito para isso.

Entramos no meu escritório no momento em que ela chega ao fim da longa lista.

– Carter? – ela me chama, notando que a minha atenção se desviou para um ponto distante. – Você ouviu tudo isso?

Olho para o papel na minha mão, evitando propositalmente as pilhas de correspondências e vários Post-its com o recado “Ligue-me quando chegar!” colados no monitor do meu computador.

– A maior parte, acho – digo a ela. – Mas é possível que eu não tenha tomado cafeína suficiente e não esteja funcionando a todo vapor ainda. Dê-me uma hora e cheque de novo.

– Não sei o que você fez para me merecer – diz ela, dando a volta na minha mesa e levantando um copo de papel fumegante que estava do lado do teclado.

– Você é um anjo. – Só o cheiro já desencadeia uma resposta pavloviana e já me sinto mais alerta. – Não tive tempo suficiente para pegar um café no caminho. Pago seu almoço hoje.

Ela aponta para o horário do meio-dia no meu papel.

– Não, você vai pagar o almoço de Alan Porter. Possível novo cliente. Lembra?

Relaxo minha postura.

– Certo.

Ela me pega pelos ombros e me leva até minha mesa.

– Hoje é um dia cheio, mas você pode muito bem dar conta.

Eu me sento na cadeira e observo enquanto ela caminha até as janelas e abre as persianas com um puxão.

– Feliz segunda-feira.

capítulo três

Evie

– Evie, preciso falar com você um minuto.

Olho para cima e vejo a sombra de Brad já desaparecendo da minha porta.

– Claro – respondo para o meu escritório vazio, afastando-me da mesa.

O som dos telefones e dos teclados me cumprimenta enquanto atravesso o saguão de carpete cinza. O espaço é longo e estreito, com pequenas salas individuais coladas às paredes externas, e os escritórios maiores ou executivos em cada ponta. Os assistentes não ficam ao lado da sala de seus respectivos agentes, onde seria conveniente encontrá-los caso surgisse uma necessidade. Não, eles e os estagiários ficam num círculo interno de mesas longas que criam um espaço de trabalho compartilhado. Dessa forma, parecem uma equipe, em vez de indivíduos isolados sem apoio. É assim que *Brad* vê esse arranjo, pelo menos. Para qualquer um que de fato precise trabalhar, é uma grande chateação.

Minha relação com Brad Kingman sempre foi delicada. Para início de conversa, embora ele não me conhecesse na época, Brad trabalhava como agente no meu primeiro emprego de verdade depois da faculdade, quase dez anos atrás. Ele nem sempre foi o cara mais educado, e tinha uma reputação de adotar práticas duvidosas, inclusive de roubar clientes. Não é ilegal, mas definitivamente não é algo que é incentivado. Ele acompanhava os atores que tinham acabado de ter algum fracasso e discretamente sugeria a eles que seus agentes deviam assumir parte da culpa, que deviam ter feito mais para proteger o ator. Ele achava um cliente que estava interessado em representar e passava no set enquanto filmavam, explicando que estava lá para visitar outra pessoa e então se fingia surpreso ao saber que o agente *dele* nunca tinha estado no set antes. Brad era um mestre em plantar sementes que no final faziam a maior parte do trabalho sujo para ele. Ele fez isso várias vezes no set de um filme chamado *Uprising* e, curiosamente, terminou assinando com o ator principal apenas dois meses depois das gravações. Apenas um mês depois disso, ele foi colocado no comando da divisão de Cinema da P&D.

Embora não seja assim que *eu* trabalhe – e eu nunca admitiria isso a ninguém –, aprendi alguns truques com ele. O mais importante é: não esqueça nem mesmo por um segundo que no momento em que você sai de casa e pisa em Hollywood, as pessoas estão prestando atenção.

Brad só descobriu que nós tínhamos trabalhado na mesma agência anos mais tarde, depois que fui contratada pela P&D. E tenho certeza de que é porque sabe que ouvi algumas histórias internas – ou fiquei sabendo de muita coisa sobre como ele trabalha – que ele me mantém por perto. Não como amiga ou confidente, mas perto o bastante para me controlar.

– Pode entrar – diz sua assistente, Kylie.

Kylie parece inteligente e razoavelmente boa em seu trabalho; além disso, ela aguenta Brad o dia inteiro, todos os dias. Sua tolerância à babaquice deve ser fora de série.

Brad Kingman parece um pouco com um cruzamento milagroso entre Hugh Jackman e Christopher Walken. Pele boa, olhos bem azuis e estrutura óssea severa. Sentado em seu escritório, cercado por prêmios e fotos de celebridades e emoldurado por uma vista estonteante de Hollywood Hills, ele é o retrato do sucesso.

Ele alcança um clipe de jornal e sua camisa feita sob medida se estica sobre o peitoral e os braços que você só consegue depois de muito tempo na academia. No canto da mesa, há uma vitamina de cor verde, e apesar do meu incômodo em estar aqui, sorrio por dentro. Aquela lama de couve é a versão dele de *junk food*; por isso não surpreende que ele não tenha percebido a comida de cachorro.

– Sente-se – diz ele, e eu obedeço, esperando enquanto ele passa os próximos cinco minutos rabiscando alguma coisa num livro de contabilidade preto antes de fechá-lo com uma tira grossa de couro. Não que ele não pudesse ter feito isso *antes* de me chamar.

– Ouça, querida. Preciso que faça um esforço de equipe.

Eu me lembro de contar até três antes de responder. *Esforço de equipe* é um dos “bradismos” de que eu menos gosto. É o slogan ridículo dele para pedir um favor. Mas como ele faz com que a questão seja cooperar com a equipe, não há como fugir sem parecer ser do mal.

– Para quê? – pergunto, mantendo uma expressão neutra.

– Quero que dê uma ajudinha a John na tarefa de refazer a lista dele.

Olho para ele, confusa. John Fineman é um colega muito bem estabelecido da divisão de Cinema.

– Brad, ele está aqui há mais tempo que eu.

– Eu sei disso. – Brad se recosta de novo na cadeira. – Mas todos nós sabemos que ele perdeu dois pesos pesados este ano. Agora ele está no meio de um divórcio e um pouco distraído. Jogue a bola para ele de vez em quando. Algo que você ouviu, alguém sobre quem tem um palpite. Mantenha-o ocupado. Trabalho em equipe.

Mantê-lo ocupado? Alguns anos atrás, John recebeu rios de dinheiro de uma comissão de seis dígitos que eu tinha conquistado sozinha, simplesmente porque o telefonema foi encaminhado para a linha dele quando eu estava em uma reunião fora do escritório. John ligou para Kylie para avisá-la que tínhamos assinado com o cliente, e ela equivocadamente fez a documentação assumindo que era cliente dele.

Ele nunca a corrigiu.

Quando reclamei, Brad decidiu me pagar um *pouco* mais de dinheiro no meu bônus e me deu um sermão sobre trabalho em equipe. E sim, John perdeu dois clientes este ano. Mas os perdeu porque é um babaca traiçoeiro que foi pego fofocando sobre um cliente para o outro, não porque ele está *um pouco distraído*. Quando precisei de alguns dias para ajudar minha mãe na época da cirurgia de joelho do papai, Brad sugeriu que eu entregasse alguns dos meus clientes para que não ficasse “sobrecarregada”. Ele certamente não estava oferecendo ninguém para me ajudar, não que eu tenha aceitado de qualquer forma.

– Tudo bem ajudá-lo, se é do que ele precisa mesmo – começo, com um tom cauteloso –, mas...

– Evie. – Brad suspira, afastando-se de sua mesa e se levantando, de costas para a parede de vidro impecável atrás dele. – Sabe que não gosto de tocar nesse assunto, mas *você* precisou de uma equipe ao seu redor quando deixou a bola cair com *Dia de campo*.

Eu fico tensa. Aí vamos nós.

Dia de campo foi um dos maiores fracassos de bilheteria dos últimos anos, e eu era a agente que estava representando – e pressionando para pagarem *muito* dinheiro para – o ator principal cujo contrato resultou na aprovação do projeto inteiro. Pense em *Waterworld* – *O segredo das águas* e *Contato de risco* e você terá uma ideia. Era tão ruim que tanto o filme quanto meu cliente ganharam um monte de prêmios Framboesa de Ouro e se tornaram tema comum das revistas de fofoca para as massas. De fato ouvi alguém dizer “Isso foi totalmente *Dia de campo*” como metáfora quando um filme ia muito mal.

Meu legado na agência, senhoras e senhores.

A pior parte é que eu estava arrasando antes de tudo isso acontecer. Tinha sido

a agente com o melhor desempenho na Alterman nos meus dois últimos anos lá, e ainda estou entre os 20% melhores na P&D. Mas com *Dia de campo*, minha reputação – e confiança – levaram um golpe duro. Parece que não consigo afastar a ideia de que é a primeira coisa que todo mundo no ramo pensa quando me conhece.

Brad parece ter prazer com o poder que isso lhe dá sobre mim. Mas, como qualquer boa subordinada, nunca o lembro de quantas vezes ele elogiou o potencial do filme em ser “Uma história de herói esportivo que mistura *Sorte no amor* com *Os vingadores*”.

Como se tivesse ensaiado, Brad dá a volta na mesa e se apoia na quina.

– Uma má decisão como *Dia de campo* teria acabado com a maioria dos agentes, ainda mais com uma que ainda não provou sua capacidade. Mas eu deixei isso acontecer? – ele pergunta, encarando-me com uma expressão que, para alguém de fora, pareceria uma preocupação genuína.

Engulo uma resposta sarcástica porque ele está certo, Brad *de fato* me salvou. Ficou do meu lado quando os outros achavam que eu devia ser mandada embora. Mas ele nunca vai me deixar esquecer disso, tampouco.

– Não, você me apoiou – respondo, sem observar que já *tinha* provado minha capacidade naquela época. Eu já era agente há quase oito anos.

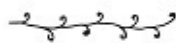
– Está certo. Porque os seus fracassos são os *meus* fracassos. E as suas vitórias...? – Ele faz uma pausa, esperando.

– São suas vitórias – termino para ele.

– Essa é minha garota. – As palavras fazem com que um arrepio de raiva desça pela minha coluna, e ele contorna a mesa para voltar a sentar-se na cadeira.

– Mantenha-me informado e feche a porta quando sair.

E estou dispensada.



Depois da minha última reunião do dia, encontro com Daryl e Amelia no Café Med para jantar. Deve estar pelo menos 20 graus quando nos sentamos no pátio, mas Daryl está enrolada num suéter bege gigante e usando óculos escuros embora o sol já tenha se posto quase uma hora atrás. Isso é Los Angeles.

O Café Med é um restaurante pequeno e descolado em Sunset Boulevard, o que significa que é um dos melhores lugares para observar pessoas. Na calçada do lado oposto às grades verdes, uma mulher caminha com um par de

plataformas de oito centímetros e um quimono de seda. Um carro para na esquina com uma maquete inteira do deserto montada na janela de trás. É quase tão provável ver uma celebridade passar quanto é ver um homem vestido de bailarina empurrando um carrinho de bebê cheio de latas de alumínio.

– Ouvi dizer que você falou com Brad hoje – Amelia me diz. Então acrescenta com um sorriso gigante: – Aposto que foi divertido!

– Ele é sempre um idiota com você – diz Daryl.

– Não sei – respondo. – Acho que ele provavelmente tem uma versão de idiota para usar com cada pessoa. Ele é inteligente. Conhece nossos pontos fracos.

Nós três erguemos o olhar quando Steph se esquivava da garçonete com um sorriso e corre até a mesa.

– Desculpem, estou atrasada. – Ela pendura a bolsa no encosto da cadeira vazia ao lado de Daryl e senta-se. – Reunião mais longa do mundo com um cliente.

– Nós ainda não pedimos. – Eu entrego um cardápio para ela. – Mas o vinho está a caminho.

– E os anjos cantam aleluia – Steph murmura, olhando para as opções de pratos.

– Vocês se divertiram na sexta à noite? – Daryl pergunta.

– Eu me diverti – digo, honestamente.

– Isso significa que estou perdoada por não ter ido? – ela pergunta.

Steph concorda enfaticamente, mas eu coloco um pedaço de pão na boca e inclino a cabeça, mastigando.

– Ainda estou pensando no assunto.

Daryl finge que levou um tiro no peito.

Abro a boca para contar a ela e a Amelia sobre a festa quando percebo que, se Steph tem vinte e sete, e Mike tem vinte e sete, e Carter tem a mesma idade que eles... então Carter é seis anos mais novo que eu.

Seis *anos*.

Como se lesse minha mente, Steph coloca o cardápio na mesa e diz:

– Carter parece que gostou mesmo de você.

Não sei por que a diferença de idade não me ocorreu na festa, mas parece ser um empecilho automático. Nunca namorei nenhum cara bem mais novo. E a diferença entre vinte e sete e trinta e três parece bastante. Nós não vamos namorar, obviamente, mas se por acaso eu mandar uma mensagem de texto enquanto penso nele pelado, será que seis anos fazem de mim uma papa-anjo?

Agradeço ao garçom quando ele coloca o vinho na minha frente e me viro

para Steph.

– Aiiii, Steph. Acabei de me dar conta que ele tem a sua idade.

– Quem é Carter? – Amelia pergunta. – Não me lembro de ter ouvido nada sobre um Carter.

– É um amigo de Mike e Steph – digo a elas antes de beber um gole do vinho.

– É divertido. Daryl talvez o conheça, na verdade. Ele está em TV-Literatura na CTM.

– Carter Aaron? Nunca trabalhei com ele, mas ouvi dizer que é bom.

– Ele é bom – Steph diz antes de olhar para mim. – E “divertido”? Ele é um *gato*, Evie. Carter é muito bonito e inteligente, e é um cara genuinamente legal que pode inclusive ser bom o bastante para *você*.

Ignoro essa insinuação de que sou uma pessoa exigente.

– Ele é *novo* – digo. – Um fato que você se esqueceu de mencionar.

– Ele tem vinte e oito!

– Ai... – resmungo. Tudo bem, então sou só cinco anos mais velha que ele. – Eu já estava na escola quando ele nasceu.

– No jardim da infância – diz Steph.

– Mas parece uma diferença significativa.

Eu me lembro de quando tinha vinte e oito anos, e observar meus amigos homens naquela época era como ver um bando de Muppets em corpos adultos tentando funcionar no mundo.

– Bem, os caras da Costa Leste amadurecem mais cedo – Steph pondera.

Amelia e eu trocamos um olhar cético.

– Vinte e oito é a idade falsa de todo mundo depois de fazer trinta – brinca ela. Concordo.

– E eu já *passei* dos trinta faz três anos.

– Isso só significa que você está no auge sexual! – Daryl fala cantarolando. – Vamos lá, viva um pouco! – Ela faz uma dancinha e me olha com malícia, acrescentando: – Um cara mais novo!

Resmungo.

– Honestamente, Evie – diz Steph. – Acho que você está sempre procurando motivos para não namorar alguém. – Essas palavras parecem reverberar na minha cabeça, mesmo enquanto ela continua: – Ele se divertiu. *Você* se divertiu. Por que não liga para ele?

– Eu *não* fico procurando motivos para não namorar alguém. – Franzo a testa, levemente ofendida.

– Na verdade – Daryl interrompe –, você faz isso. É exigente e impossível.

Lanço um olhar dubio para Daryl.

– Diz a outra solteira.

– Está bem, agora, veja... – Amelia ergue a mão. – Entendo o que você está dizendo sobre a idade, mas uma diferença de cinco anos não é *tão* ruim. Pensaria duas vezes quanto a namorar alguém cinco anos mais velho que você?

– Pare de ser espertinha, Amelia – murmuro.

Ela dá risada.

– Acho que você deveria ligar para ele.

– Vocês não ouviram a parte sobre ele também ser agente? Um agente *mais novo*?

Amelia estremece.

– Isso me lembra... – Daryl finalmente tira os óculos escuros. – Não disse o que Brad queria conversar com você.

– Ah, ele quer que eu ajude John Fineman, para garantir que ele fique *ocupado*. – Dou risada. – Em que universo isso faz sentido? Foi John que me mostrou a firma quando entrei na P&D.

Olho para o pátio, para ter certeza de que não há ninguém que conhecemos por perto, e então me volto para as garotas.

– Sabem quando alguém está armando alguma coisa, mas questiona tudo o que os *outros* estão fazendo? É isso que acho de Brad ultimamente.

– Como quando alguém está tendo um caso e de repente fica desconfiado de tudo o que o parceiro está fazendo – diz Daryl, concordando.

– Talvez. – Ergo os ombros. – Mas definitivamente tem algo acontecendo.

– Eu sei que ele pediu para mandarem vários relatórios de faturamento para o escritório dele ultimamente – acrescenta Amelia. – Não sei o que isso significa, mas é tão incomum que algumas garotas do financeiro tiveram que se desdobrar.

– Por que será que isso me deixa um pouco inquieta? – pergunto enquanto pego minha taça. – Eu simplesmente não confio em Brad.

– Está vendo, é exatamente por isso que deveria ligar para o Carter – diz Steph. – Aliviar o estresse com orgasmos.

Minhas amigas não ajudam em nada.

capítulo quatro

Carter

M.C. e eu somos as duas únicas pessoas genuinamente felizes por eu morar em L.A. agora. Meu irmão, obviamente, não dá a mínima, e meus pais... bem, mesmo depois de dois anos eles ainda são quase que violentamente contra. Tudo bem se Jonah mora em Malibu, porque ele é jovem, está correndo atrás de um sonho e nada pode dar errado. Mas Carter se mudar para Beverly Hills? Merece um *castigo infernal*.

Ligo para meus pais na segunda-feira à noite para provar para eles que não estou morto em uma vala qualquer.

– Está bem – diz meu pai. – Mas você tem que visitar mais seu irmão. Ele está muito sozinho.

– Jonah? – Dou risada, virando meu sanduíche de queijo na frigideira. – Acredite em mim, ele não está.

– Vá vê-lo – mamãe cutuca da extensão. – Ele está aí do lado.

– Mãe, ele está em Malibu. Fica a uma hora daqui.

Papai tosse.

– Daqui até o Brooklyn dá uma hora, mas nós vamos até lá ver suas tias todo fim de semana, e você sabe o que eles têm no Brooklyn? *Árvores vestidas com tricô*, Carter. Da última vez que estive lá, vi alguém andando com um maldito pavão. E quando parei para tomar café? Esse lugarzinho *hipster* esquisito vendia lã também. Quem é que junta essas coisas?

– Está bem, então vou colocar você na coluna do *não* para o Dia de Ação de Graças em L.A. – digo, deixando meu sanduíche deslizar para um prato. Há coisas mais esquisitas em L.A. do que café e lã.

Há uma pausa pesada e significativa antes de mamãe falar em seguida.

– Jonah disse que você estava dormindo na casa de Michael Christopher porque não tem onde morar.

Massageio minhas têmporas. Claro que ele falou.

– Jonah é um mentiroso.

– Não seja maldoso – ela censura. – Ele também falou que você conheceu uma garota.

Dando uma mordida no meu sanduíche, mastigo e engulo para ter tempo de esconder a irritação com meu irmão.

– Ela é amiga de um amigo, mãe. Conheci numa festa.

– Você conheceu essa mulher numa *festa*?

– Uma festa à fantasia, não uma rave – falei. – Ela é amiga de Michael e de Stephanie, então imagino que não seja uma madame de Hollywood.

– Você está concluindo isso baseado no fato de *Michael* gostar dela? – mamãe pergunta.

Isso me faz dar risada.

– Nós passamos um total enorme de três horas juntos. Não é nada. E juro, ela é legal.

– Ela mora em *Los Angeles*, Carter – mamãe resmunga. – Isso não é legal para *mim*. Não entendo por que você não conseguiu encontrar alguém aqui. Ela provavelmente tem silicone nos peitos e aquele... aquele veneno que elas colocam na testa.

– Botox? – adivinho.

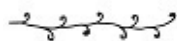
– *Isso*.

– Já chega, não vamos tão longe – eu digo. – Jonah mora em L.A. e eu não me lembro de você já ter falado tanta merda assim para ele.

– Primeiro, olha a língua. E, em segundo lugar, mal vejo seu irmão, então não o use como exemplo. – Ela suspira na linha. – Jonah sempre foi um sonhador. Você é o meu filho responsável. Ligue para ele.

– Tá bom, mãe. Pode levar um tempo para acertar nossas agendas, mas vou ligar para ele.

– Esse é o meu menino.



Nesse ramo, não ter notícias de alguém por uma semana não é nada. Somos todos ocupados, com pilhas de roteiros e livros e vídeos de audições para avaliar, telefonemas para retornar e e-mails para ler. As ligações de volta são reorganizadas em ordem de prioridade.

Uma semana não é nada.

Lembro meus clientes disso quase que diariamente. Eu os lembro de que não receber notícias é uma boa notícia. Não receber notícias significa que eles não

ouviram um *não*. Mas quando é o seu sonho que está em jogo, o tempo ganha um significado totalmente diferente, e mesmo a pessoa mais paciente pode se desesperar.

“Mas eles já não saberiam logo de cara se gostaram?”

“Se eles me quisessem, já teriam me ligado, certo?”

Ser paciente é muito mais fácil na teoria do que na prática. Eu deveria saber disso, porque apesar do que disse a Michael Christopher sobre não me envolver com Evie, não consegui parar de pensar nela. Quando não recebi notícias dela na noite de quinta-feira, me transformei num caos de confusão.

Penso sobre o que eu disse quando dei meu telefone para ela na sexta à noite: “Sei o que falamos sobre ficar com alguém da mesma área, mas eu podia muito bem ter mais amigos malvados. A bola está com você, e se quiser falar mal dos nossos colegas de trabalho um pouco, ou só sair e planejar a dominação mundial sem nenhuma expectativa romântica, você tem meu número”.

Ela riu, bagunçou o meu cabelo por mais tempo do que talvez fosse platonicamente apropriado e então saiu.

O que eu *deveria* ter dito era: “Eu gostei mesmo de você. Podemos trocar telefones e fazer planos para nos vermos pelados?”

Meu telefone toca e eu dou um salto para atender, encontrando-o no meio de uma pilha de pastas.

– Alô? – digo sem fôlego.

– Ei! – É Michael Christopher. – Como vai o seu dia?

Dou a volta ao redor da mesa e fecho a porta com o pé.

– Muito bem. Não tive notícias dela, se é isso que você quer saber. De novo.

Ele faz uma pausa.

– Você estava usando aquela gravata na sexta à noite?

Sento-me de novo na cadeira e sorrio.

– Que gravata seria essa?

– Você *sabe* que gravata. Aquele crime contra a humanidade.

Olho para minha camisa e aliso aquela mesmíssima gravata sobre o peito. Ele me conhece muito bem, aparentemente.

– Sim – digo a ele. – Essa é a minha gravata da sorte. E ganhou pontos extras por ser apropriada para Harry Potter.

Ele resmunga.

– Você está usando ela hoje, não é? É tão ruim, Carter.

– Evie não deixaria de ligar por causa de uma *gravata*.

– Olha, eu sou um cara, e Stephanie ainda precisa me convencer de que não

posso usar calça de moletom quando recebemos amigos para jantar, então não vou atirar a primeira pedra. Mas até *eu*, um desastre de homem desleixado, sei que aquela coisa deveria levar um tiro de misericórdia. Sinto que estou sendo visualmente violentado quando você usa essa gravata.

– Sem querer ser dramático?

Ao lado do meu monitor há um copo com cliques de papel, pego um e distraidamente endireito a ponta.

– Não estou dizendo que é culpa da gravata – ele continua. – O que estou dizendo é que você não deveria mais usar algo de quando participou das olimpíadas de matemática no segundo colegial, Carter.

– Quando *ganhei* as olimpíadas de matemática – corrijo, lançando o clipe na direção da lata de lixo e levantando o braço em sinal de vitória quando ele bate na borda e cai lá dentro. – Quando ganhei, não só participei. E para sua informação, usei essa mesma gravata no dia que fiz a entrevista para a bolsa de estudos, no dia que prestei vestibular e na noite que fiquei com Samantha Rigby na semana dos calouros. Itens de qualidade ficam melhores com o tempo, e essa gravata é um deles.

– Você é a pessoa mais supersticiosa que conheço – ele diz.

– Sou um homem complicado – respondo. – Mas você está se envolvendo um pouco demais nisso, eu acho. De fato ligou só para me encher a paciência?

– Essa parte foi um bônus. Eu estava aqui no trabalho, fazendo planos com Steph para o fim de semana, quando me dei conta de que já se passou quase uma semana e nós ainda não estamos saindo os quatro juntos. Então comecei a pensar sobre aquela gravata...

Giro um lápis entre os dedos.

– Michael.

– Sabe que estou só brincando. Gosto quando você fica de vela.

– Muito engraçado.

O telefone vibra de novo contra minha orelha com uma mensagem de texto. Minha mãe me ligou duas vezes desde que falamos pela última vez – para perguntar se eu já tinha ligado para Jonah, tenho certeza –, mas ainda não liguei de volta para ela. É horrível, eu sei, e sei também que se ela está me mandando uma mensagem agora, tenho duas escolhas: tomar coragem e ligar para meu irmão ou aprender a fazer minha própria lasanha quando for visitá-la. Não sei *mesmo* o que fazer porque mamãe é a melhor cozinheira do planeta.

Afasto o telefone do ouvido para conferir, mas não é o nome da minha mãe que aparece na tela. É o de Evie, e ela já me mandou algumas mensagens.

– Preciso desligar agora – digo a Michael rapidamente terminando a conversa.

Oi, moço.
Sem querer parecer
esquisita, mas você
conhece uma agente chamada
Elsa Tippet?
Ela está se candidatando
aqui.
Nós vamos tomar um drinque
hoje à noite e Steph
mencionou que ela
trabalhou com você.

Trabalhei com
ela na Bradford.
Ela era legal.
E oi para você!

Alguns minutos se passam e eu me pergunto se é isso, se é tudo o que ela tinha a dizer.

Elsa trabalhou na Bradford por quatro anos, três anos junto comigo, antes de eu me mudar para L.A. Alguns dos homens mais grosseiros a chamavam de Colecionadora de Ossos por sua tendência de dormir com os caras do trabalho. Que fique registrado: eu nunca dormi com Elsa, nem nunca a chamei por esse apelido. Mas a ideia de ela e Evie conversarem sobre mim faz com que uma sensação de náusea percorra meu corpo.

Eu me volto para o roteiro aberto na minha mesa. Checo meu telefone. Nada. Outro minuto se passa. Já estou na metade da página e não faço ideia do que está escrito. Olho para o telefone de novo.

Será que devo escrever sobre minha relação com Elsa? Dizer mais alguma coisa?

Provavelmente sim.

Devo chamá-la para sair? *Pense, Carter.*

Meu telefone vibra de novo.

Mandei um e-mail
confirmando o encontro de
hoje à noite e acabei
mencionando seu nome.

Aparentemente ela
tem algumas
histórias sobre
Carter Aaron...

Ai, caramba.

Fiquei curiosa.

Eu não tenho
histórias sobre
Elsa. Outros,
porém...

Estou saindo.
Depois te conto.

Uma hora se passa sem nenhuma notícia de Evie, e eu tinha até me esquecido do assunto quando o nome dela aparece novamente no meu telefone.

Nossa, Elsa AMA
você.

Ah, meu Deus.

É como ouvir um
depoimento
erótico
pessoalmente.

Ela entrou na
firma um ano
depois de mim.

Pode ter...
conhecido alguns
homens lá. Mas
não sou um
deles.

Ai... me sinto
meio
desconfortável
imaginando as
histórias que
ela está
contando.

Cinco minutos se passam, então dez. Nada. Droga.

Evil?

Estou assistindo tv quase duas horas depois quando finalmente recebo uma resposta.

o.k., já cheguei
em casa.

E sim, as
histórias dela
eram mesmo
exageradas.

Estou rindo do
Evil.

Eu te falei.

E meu telefone
corrige sozinho.

É como se ele
soubesse que
você é Evil.

Eu estava
esperando alguma
roupa suja.

Aparentemente
você é doce,
sexy e
responsável.

Bocejo.

Quero salientar
que você me
chamou de sexy.

Quer sair pra
jantar semana
que vem?

Sim. Sim, eu
quero.

Então, é claro, imediatamente mandei uma mensagem para Michael Christopher.

LOUVADA SEJA A
GRAVATA DA SORTE

Não.

Sim.

NÃO!

SIM!

Nós vamos
jantar.

OBA

VOU SAIR
CORRENDO PELADO

Nãoooooooooooo

❖❖❖❖❖ capítulo cinco ❖❖❖❖❖

Evie

– Está nervosa?

Olho para Daryl de onde estou, dobrada ao meio no aparelho de exercitar as pernas.

– Por quê? – Meus olhos se arregalam de medo. – Você está colocando mais peso? – Ela me observa, sem piscar, e então olha em volta da academia com um suspiro. – Ah, por causa de Carter?

– Sim, por causa de Carter – ela diz, completando com um resmungo baixinho. – Não acredito que me fisgou para essa novela. Estou basicamente vagando pelo Saara social sozinha, mas eu poderia muito bem recitar as *suas* mensagens de texto de cor. O que estou fazendo com a minha vida?

– Desculpa, tenho tentado não pensar sobre isso – digo. – Assim, se eu fingir que vou sair com um velho colega de trabalho não será grande coisa.

– Ainda não acredito que você o chamou para sair. – Ela toma um gole de sua garrafa d’água. – Você geralmente não muda de ideia, mas deu o braço a torcer. Com certeza vai transar com ele.

Cubro meus ouvidos. Não me entenda mal. Eu quero transar com ele, mas Carter e eu temos trocado mensagens de texto a semana inteira, e a cada uma eu *gosto* dele um pouco mais. E é por isso que estou começando a ficar nervosa. Tudo vai bem nesse flerte quando ele está do outro lado de uma tela. É difícil estragar tudo quando tenho minutos para elaborar respostas inteligentes perfeitas. Mas cara a cara é provável que eu estrague tudo, certo?

Por mais que tente evitar essa linha de pensamento, é difícil não ser cínica. Como qualquer mulher solteira na minha idade, já tentaram me arranjar namorados em todos os lugares, do bar ao clube de leitura; já tive encontros casuais espetacularmente ruins e já fiz minha parte testando sites de relacionamentos. Pessoalmente, prefiro morrer sozinha numa casa cheia de gatos de roupinhas minúsculas e combinadas do que tentar qualquer dessas coisas de novo.

Tento ignorar a pressão para estar com alguém, mas ela está em toda parte. O amor é tema de filmes, livros e de praticamente todas as músicas no rádio. Também tem o meu próprio relógio biológico, no qual o tempo vai passando de forma silenciosa e persistente. Meus pais – que tiveram a mim mais velhos – estão chegando aos setenta anos. Já faz tempo que se aposentaram de suas carreiras em Hollywood, e quando não estão cuidando do jardim ou do seu cachorro shih-tzu ficam me perguntando sobre minha vida amorosa.

Mas é claro que tem uma voz irritante sugerindo que eu não ligue para nada disso, que talvez devesse desistir e comprar os gatos de uma vez. O problema é que não gosto deles. Posso ser uma péssima mulher casada um dia, mas com certeza serei uma mulher dos gatos ainda pior.

– Evie?

– Desculpa – digo, exalando enquanto empurro o peso para cima, estendendo as pernas. – Eu estava só tentando imaginar se ainda posso ser a velha louca dos gatos sem precisar ter animais.

– Não seja esquisita – diz Daryl. Para me ajudar, ela responde: – É só um encontro. Se vocês se derem bem, você me conta todos os detalhes sujos amanhã. Se for péssimo, você vai para casa e nós planejamos como finalmente vamos desistir dessa coisa de namoro e nos casar uma com a outra para ter desconto nos impostos.

– Vai dar tudo certo. – Respiro, observando enquanto ela toma meu lugar no banco. – Mudando de assunto, como vai seu novo assistente?

Daryl solta uma risada alta, olhando para mim enquanto faz suas repetições.

– Eric? Digamos apenas que eu provavelmente faço mais o trabalho dele do que ele mesmo.

– Ah, não.

Além de todas as outras esquisitices no trabalho no momento, o chefe de Daryl a chamou em seu escritório na segunda-feira para informá-la de que ela tem um novo assistente: o sobrinho de Brad Kingman. Jogador de futebol americano recentemente contundido, Eric Kingman tem um metro e noventa, é lindo, mas não é dos mais inteligentes. Levou dois dias para perceber que as pessoas que ligavam para sua mesa e perguntavam por Daryl não estavam, na verdade, com o número errado.

Isso me arranca um sorrisinho.

– Não está melhorando nada, então?

– Eu não diria isso, exatamente. – Ela se senta ereta, dando de ombros enquanto sai do aparelho. – A secadora do prédio dele superaqueceu e todas as

suas camisas encolheram. Então pelo menos a vista do meu escritório melhorou muito.

Sorrio enquanto nós duas vamos para a esteira. Minha assistente, Jess, é um anjo, e eu mataria qualquer um que tentasse tirá-la de mim.

– Bonito ou não, não vou trocar com você.

Daryl ergue os ombros.

– Ele é gentil e me faz dar risada, mas quando chegar a temporada de contratação de roteiristas vou derrubar aquele lugar se ele ainda não tiver aprendido a responder um maldito e-mail.

Tenho certeza de que Daryl vai ficar bem. Ela está na metade de cima do grupo em termos de desempenho, e é, sem dúvida, bonita e charmosa o suficiente para que qualquer agência queira mantê-la por perto.

– Você é tão boa nisso, Evie – diz ela. – É tão boa em lidar com o estresse e as personalidades. – Daryl solta o ar demoradamente, inflando as bochechas. – Eric provavelmente nunca vai se lembrar de tudo o que passei para ele essa semana. Tomara que Brad eventualmente perceba que esse não é o garoto certo para o trabalho.

E *eu* só espero que Daryl não leve a culpa quando Eric fizer alguma besteira. Porque é verdade que há um milhão de coisas para se lembrar, e quando você tenta fazer seu cérebro se lembrar de toda a lista, parece assustador. Além disso, a própria P&D parece ser feita de uma constelação de excentricidades. De excentricidades minúsculas, minuciosas e realmente irritantes.

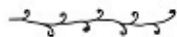
Como por exemplo o fato de o departamento jurídico não ler e-mails ou contratos que não estejam com um tipo específico de fonte.

Ou o desprezo estranho e dramático de John Fineman por roteiros com personagens femininas chamadas Maria.

E o fato de que Brad uma vez demitiu sem pensar uma assistente cujos sapatos de salto alto faziam muito barulho no chão de mármore perto dos elevadores.

Ser um agente implica em muitas coisas: lidar com egos, coordenar projetos, administrar expectativas e, acima de tudo, fazer dinheiro. Mas uma coisa não entra nessa lista: como nos sentimos com as coisas.

E enquanto Daryl e eu nos recolhemos em nossos pensamentos e eu coloco meus fones de ouvido, uma coisa aos poucos vai ficando clara para mim. Talvez um dos motivos pelos quais não tenho um relacionamento é porque vivo minha vida inteira exatamente assim: assumindo que nada diz respeito a como me sinto.



Carter e eu vamos nos encontrar em Eveleigh, uma taberna rústica na Sunset, em West Hollywood. Fica bem no meio do caminho entre nossos escritórios, como se fôssemos simplesmente sair do trabalho e andar pela rua para ir jantar. E embora tenhamos flertado cada vez mais em nossas mensagens, eu gostaria que tivesse me ocorrido antes que isso pode *realmente* ser apenas um jantar casual de colegas, porque eu claramente não vim direto do trabalho. Será que pareço muito ansiosa? Muito exigente? Já estou pensando numa explicação plausível para ter colocado um vestido tomara que caia preto de jersey e sandálias douradas para ir trabalhar, mas quando entrego minhas chaves para o manobrista e olho por debaixo do toldo cheio de vinhas, vejo bem na minha frente Carter com uma camisa e calças bem passadas. Ele está muito elegante; com certeza também não veio direto do trabalho.

Desde que o vi pela última vez, acho que de certa forma me convenci de que ele não podia ser tão bonito como eu me lembrava. O que não teria problema, porque gosto muito de sua personalidade. Mas ele *é* bonito mesmo; é até mais bonito do que eu me lembrava, com cabelos castanhos bagunçados e queixo quadrado, e esse olhar doce e honesto atrás dos óculos. E quando ele sorri, seu carisma simplesmente se derrama dele até a calçada.

– Ei, Evil – diz ele, andando na minha direção.

Não parece estranho ficar na ponta dos pés e abraçá-lo.

Ele estende os braços em volta de mim, e eu estremeço um pouco quando sinto a solidez de seu corpo contra o meu.

– Que bom ver você.

Não pense em sacanagem. Não pense em sacanagem.

– Bom te ver também.

O abraço demora, como o de velhos amigos se reencontrando depois de uma longa separação. Mas não é estranho – é natural, assim como antes.

Sei que relacionamentos dão trabalho. Minha mãe me lembra disso o tempo todo, e do equilíbrio que é necessário para duas pessoas combinarem suas vidas em uma. Mas eu sempre senti que não deveria ser trabalhoso logo de cara. Com o tempo, sim, consigo ver que é preciso algum esforço quando a fase da lua de mel acaba e você pode finalmente admitir para si mesmo que é realmente irritante quando o outro deixa as meias no sofá ou faz barulho enquanto come o cereal matinal. Mas, no início, estar com alguém deveria ser a coisa mais gostosa e natural do mundo.

Eu nunca tinha sentido essa sintonia antes, mas definitivamente tive isso com Carter. Meu sangue ferve só de estar perto dele, e não consigo parar de sorrir. O

perfume dele é tão bom, e ele me abraça tão forte, apertando um pouco mais antes de me soltar.

Endireitando-se, ele olha para o meu rosto.

– Acho que eu tinha me esquecido de como você é bonita.

– Eu também.

Espera, o que acabei de dizer?

– Oh... – diz ele, rindo. – Eu gosto de ser chamado de bonito.

Entrelaçando seus dedos nos meus, ele se vira e nós vamos até a recepcionista. Sua mão grande e forte envolve a minha e não consigo parar de prestar atenção na sensação que isso causa. Então não é um jantar de colegas.

Dar as mãos pode parecer um jeito simples e inocente de indicar proximidade e atração, mas a sensação da minha mão na de Carter não é nada simples.

Dizem que temos mais terminações na ponta dos dedos do que nos lábios, e enquanto serpentecemos pelo salão do restaurante para chegar até nossa mesa, sinto cada milímetro do contato entre nós. Quando ele solta minha mão para podermos sentar, todo meu corpo fica frio.

Ele engole seco e fico hipnotizada por seu pescoço e seu pomo de Adão, com o jeito que seu sorriso lentamente brota do lado da boca.

– Você está quieta – ele diz.

– Estou muito contente de estar aqui. – Não é meu estilo ser tão direta, mas não consigo me conter. Meu filtro parece ter quebrado no trajeto da entrada do restaurante até minha cadeira.

– Eu também – ele diz, e volta sua atenção para o garçom que nos lista os pratos especiais e anota nossas bebidas.

– Vou querer um Red Bull com vodka – diz Carter, e eu dou risada. Quando o garçom faz uma leve careta e começa a anotar o pedido, Carter o interrompe. – Mentira. Desculpe. Estou brincando. É uma piada interna. Piada ruim. Vou querer o chope Ipa que vocês tiverem.

O garçom não acha graça.

– Stone ou Lagunitas?

– Lagunitas.

A língua de Carter sai discretamente da boca e toca seu lábio inferior.

Não consigo parar de olhar para ele.

O garçom se vira para mim.

– Vou querer uma taça de Preston Barbera.

Quando o garçom vai embora, Carter apoia um cotovelo na mesa.

– Você mostra bem os ombros.

– Eu... o quê?

Ele aponta para o meu vestido.

– Seu vestido. Seus ombros. – Limpando a garganta, ele acrescenta em voz baixa: – Você... está linda.

– Obrigada – sussurro e tomo um longo gole de água gelada para resfriar o calor por baixo da superfície da minha pele. – Então, quais são as últimas do mundo de Carter?

Ele ri com a minha mudança de assunto.

– Trabalhando. Evitando telefonemas dos meus pais. Mandando mensagens para uma linda agente dessa rua. Você sabe.

Eu coro e o ignoro.

– Está evitando seus pais?

– Eles querem que eu me esforce mais com meu irmão, mas na verdade é a reprovação contínua deles ao fato de eu ter me mudado para cá.

– Ah, não.

Ele afasta a ideia.

– Minha mãe tem certeza que vou acabar sem ter onde morar e comprando metanfetamina de um morador de rua em Skid Row. Tentei falar para ela que meu apartamento tem um porteiro e eu nem sei onde fica Skid Row, mas ela continua duvidando.

O garçom traz nossas bebidas, pão e um pequeno bloco de anotações pronto para os nossos pedidos.

– Meus pais estão em Burbank agora – digo a Carter depois que o garçom sai –, então os vejo algumas vezes por mês, mas posso imaginar como minha mãe ficaria preocupada se eu morasse do outro lado do país.

– Sim, mas meu irmão se mudou para cá quando tinha dezoito anos e não houve quase nenhuma comoção.

Eu arranco um pedaço de pão.

– Acho que você não me contou isso.

– Jonah – ele explica, segurando o copo – pegou a máquina fotográfica, as roupas e foi embora. Num dos primeiros fins de semana depois que chegou aqui, ele foi a uma festa e acabou tirando umas fotos que apareceram na *Rolling Stone*.

– Está brincando.

– Não. A partir daí veio a *Elle*, depois a *People*. Por algum motivo, meus pais acham que a sorte só acontece uma vez e eu estou destinado a fracassar.

Quero lembrá-lo de que todos os pais têm medo que os filhos sofram e que, se há um lugar onde isso acontece muito, é Hollywood, mas meus pensamentos se

prendem a algo que ele disse.

– Espere, seu irmão é Jonah Aaron?

– Sim... é ele. – Seus olhos se arregalam, sua mão congela enquanto ele leva um pedaço de pão à boca. – Por favor, não diga que dormiu com ele.

Eu solto uma risada.

– A resposta é não. Mas por algum motivo acho que minha amiga Amelia dormiu. – Tomo um gole de vinho, pensando. – Acho que ela o conheceu numa festa da *Vanity Fair* ou algo assim.

Carter me dá um meio sorriso pesaroso.

– Talvez eu deva procurá-la e pedir desculpas em nome da minha família. – Quando eu dou risada de novo ele parece perceber o que disse. – Quer dizer, não – ele corrige, com a testa franzida. – O sexo com os homens da família Aaron é de primeira. O melhor sexo da sua vida. Devo esclarecer que... Vamos mudar de assunto. O trabalho vai bem?

Deixo escapar uma risada e pressiono o guardanapo contra os lábios.

– Muito bem. Estou montando um pacote agora mesmo e pode ser bem importante.

Carter tem algo que dissipa meu instinto de guardar segredos, e é uma luta para não soltar todos os detalhes.

Mas se ele percebeu que recuei, foi educado o bastante para não comentar e, em vez disso, bateu na madeira da mesa.

– Supersticioso? – pergunto, mas ele é impedido de responder pela chegada do garçom com nossas entradas.

Carter toma um gole de cerveja depois da primeira garfada de filé e então coloca o copo de volta na mesa.

– Respondendo à sua pergunta, eu nunca diria que sou supersticioso, porque isso traria azar. Mas já disseram que é um dos meus traços menos atraentes.

Sorrio para ele, espetando um brócolis.

– Na maior parte, considero essas coisas *manias* – diz ele. – É possível que eu tenha uma gravata da sorte. O bom e velho bater na madeira é meu gesto favorito. Jogo sal por cima do ombro esquerdo. Já fui visto frequentando fontes dos desejos. E tenho que deixar o telefone tocar duas vezes antes de atender.

– Ah, essas coisas são pequenas e fofas – comenta.

– Você tem melhores?

– Tenho certeza de que minhas amigas vão dizer que sou cheia de manias.

Carter se encosta na cadeira e faz sinal para eu continuar.

– Já demonstrei minha aptidão de lembrar detalhes aleatórios de filmes.

– Não sei se isso conta; talvez seja mais uma qualidade, considerando seu trabalho. Vai ter que se esforçar um pouco mais na esquisitice, Evil.

Sorrio.

– Não consigo comer em bufês, o que é um problema porque muitos eventos são *self-service*. É porque vejo aquela colher de servir inocente e tudo no que consigo pensar é em quantas mãos não lavadas a tocaram. Sempre assisto à maratona de 24 horas de filmes de Natal, e adoro passar creme nas mãos.

Ele para o garfo no caminho para a boca.

– Isso não pode significar o que eu acabei de pensar.

Faço um movimento para chutá-lo de leve, mas ele prende meu pé entre seus sapatos.

– Significa que quando estou no telefone ou sentada à minha mesa pensando sobre alguma coisa, tenho a tendência de pegar o hidratante, meio que instintivamente. Quanto mais longo o telefonema, mais hidratante eu uso, e no fim mal consigo segurar o aparelho.

– Está bem, essas são ótimas. – Carter esfrega as mãos, pensando. – Vou contar mais uma das minhas para que você não se sinta insegura com sua fobia de germes ou suas mãos cheias de creme: eu mal consigo respirar antes de tomar café de manhã. Conheço pessoas que dizem isso o tempo todo, mas no meu caso quase sinto que é um problema de saúde. Já escovei os dentes com creme de barbear em mais de uma ocasião e uma vez fiz xixi no vaso de palmeira favorito da minha mãe.

– Não sei se deveria contar essa última parte – sussurro.

Carter limpa a boca e coloca o guardanapo à sua frente na mesa.

– Você está com um sorrisinho malicioso aí, Evil.

Aponto para o peito.

– Eu? Você deveria ver o seu.

Ele se inclina para a frente.

– É porque gosto de estar perto de você. É a mesma sensação excitante de quando vejo que um dos meus clientes escreveu um tweet com o português correto.

Isso me faz rir porque sinto a mesma coisa.

– Isso é muito excitante.

Ele morde o lábio inferior, olhando para mim.

Não me lembro de Carter ser assim tão sensual quando nos conhecemos. Talvez seja porque eu não estivesse mostrando os ombros, ou porque estivéssemos os dois vestidos como pré-adolescentes, mas ele está

definitivamente sendo sensual agora.

Carter toma um gole de cerveja, olhando através da folhagem do espaço externo em direção à calçada. É um bairro movimentado a qualquer hora, mas hoje a noite está mais fresca e as ruas parecem cheias de pessoas caminhando, indo para algum lugar, indo para lugar nenhum.

– É tão quente aqui no outono – diz ele, levando o copo à boca mais uma vez. Eu o observo engolir, sentindo a ansiedade me apertar aos poucos porque, caramba, gosto dele. – Isso sempre me surpreende.

Pode ser que eu goste *mesmo* dele.

– Nosso verão sempre se atrasa – informo. – Junho e julho são muito agradáveis. Mas o verão ataca mesmo de agosto a outubro.

Ele se vira para mim e sorri.

– Eu me pergunto se um dia vou me acostumar.

– Foi uma decisão difícil deixar Nova York?

Ele balança a cabeça.

– Na verdade, não. Pensei sobre isso por alguns anos, mas sempre hesitava porque aqui parecia território de Jonah.

– Posso imaginar.

– Mas à medida que cresci na carreira, L.A. se tornou uma opção óbvia. – Ele gira a colher sobre a mesa, olhando distraidamente para ela. – Não há muitas opções para agentes em Nova York. O teatro é importante, obviamente, mas... não sei... – Respirando fundo, ele parece ficar mais contemplativo, até que solta o ar e vira o rosto para mim, sorrindo de novo. – Eu precisava fazer algo diferente. Gosto de TV-Literatura, mas queria estar mais no ramo de cinema. Um passo de cada vez.

O jeito genuíno dele me desconcerta o tempo todo. Tudo nele parece tão direto e franco, mas há uma complexidade também. Não admira que ele seja bom em seu trabalho.

– Você já considerou ir embora da Califórnia? – ele pergunta.

– Na verdade, não – admito, fazendo um bico. – Sou fanática demais pelos filmes para desistir daqui.

– Onde você cresceu?

Aponto com o polegar para trás, como se ele pudesse ver de onde estamos.

– Não exatamente em L.A. Em San Dimas.

– *Bill & Ted: Uma aventura fantástica!* – ele diz, cantando.

– É o que todo mundo diz – falo para ele, rindo. – E, sim, é uma cidade bem pequena. Eu era *muito* nerd no colegial.

Ele dá uma risadinha cética.

– Verdade – reforço. – Eu era.

– Você não deve ter sido tão nerd quanto eu: criei um clube para jogar *Magic: The Gathering* na minha escola.

Concordando, digo a ele:

– Eu fui presidente e a única integrante do clube de anime da minha escola antes de as pessoas começarem a gostar.

– Anime é legal.

– Na época não era, acredite em mim.

Carter se inclina, preparado para jogar pesado.

– Eu não saí com ninguém até o terceiro colegial porque gostava de musicais e as meninas achavam que eu era gay. Os caras também não me chamavam para sair porque achavam que eu era arrogante e falso.

– O primeiro show em que fui era dos Hanson. – Faço uma pausa, observando-o. – Meu maior medo é alguém postar um vídeo que me mostre curtindo o show sozinha o tempo inteiro.

– Está tentando me assustar? – Ele pega o celular e passa uns trinta segundos procurando algo antes de virar o aparelho para eu ver. – Olhe para essa coisa.

Carter tem provavelmente uns quatorze anos na foto. Seu nariz é grande demais para o rosto. O cabelo parece que foi cortado por uma mãe distraída. Ele está rindo, e sua boca parece totalmente cheia de metal.

– Posso superar isso. – Tiro o meu celular e abro na página da minha mãe no Facebook, encontrando facilmente um post dela de *Throwback Thursday* com minha foto oficial do segundo colegial. Isso foi antes da minha cirurgia da vista, então estou usando óculos mais grossos que um cinzeiro e uma gravata porque eu queria fazer o estilo garota skatista descolada.

Os olhos de Carter se estreitam e ele se inclina para ver mais de perto.

– Do que está falando, Evie? Você está bonita aqui.

Uau. Ele é cego.

– Carter.

– O quê?

Ele olha para mim e alguma coisa – não, tudo – em mim se derrete. Quando ele pisca, a expressão suave não se dissolve; permanece lá, ficando mais forte enquanto seu olhar percorre meu rosto e se dirige para minha boca.

– O quê? – ele diz novamente, sorrindo agora. – Você sabe que tenho intenção de beijá-la mais tarde, não importa quantas fotos desajeitadas me mostre.

Meu coração acelera, como um tambor batendo na floresta selvagem entre

minhas costelas.

– Eu sou mais velha que você – solto.

Ele só ergue os ombros, como se isso fosse uma coisa totalmente normal de dizer.

– E daí?

– Nós estamos no mesmo ramo.

Observo enquanto ele assimila isso por um instante e morde o lábio antes de dizer:

– Talvez não seja o ideal, mas não vale a pena ficar longe de você por causa disso.

Meu coração parece querer sair pela garganta.

– Eu sou praticamente casada com o trabalho.

– Isso é muito conveniente porque eu também sou. Seria como se traíssemos nossos trabalhos um com o outro. – Ele diz isso como se tivesse acabado de descobrir uma saída brilhante.

Noto que estou sentada na ponta da cadeira e percebo que a mulher da mesa ao lado nos observa sem nenhuma sutileza. Ouço o alarme de carro que soa de algum lugar da rua e o garçom tirando os pratos na mesa de trás. Tenho a sensação de que Carter pode me ver reagindo a todas essas coisas, mas não está nem um pouco perturbado com isso.

– Sou muito ruim nisso – admito. – Mas tenho um grande plano B romântico que inclui um bando de pequenos animais vestidos com roupinhas parecidas, e eu sou a líder.

Seu sorriso é lento e caloroso e, quando chega aos seus olhos, algo dentro do meu peito se rende.

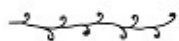
– Isso pode ser legal, também.

No silêncio que se segue, parece que um buraco gigante se abre entre nós e eu decido pular nele.

– Você quer ir para minha casa depois daqui?

Isso o surpreende, e seus olhos se arregalam um pouco atrás dos óculos.

– Sim.



Como estamos no sul da Califórnia e as pessoas andam em seus próprios carros, geralmente sozinhas, para toda parte, Carter me segue até a minha casa. Meu prédio fica na Beverly Grove, a sudoeste do Boulevard Santa Monica; as

casas e gramados se espalham pela área, intercalados por prédios de apartamentos reformados no estilo *art déco*. L.A. é assim: subúrbio e cidade misturados.

Eu o encontro na entrada e tento sorrir como se isso fosse algo corriqueiro, mas é um acontecimento *e tanto*. O último cara que veio ao meu apartamento foi meu pai. Antes disso, foi Mike, quando ele e Steph vieram jantar. Antes disso, mal consigo me lembrar. Provavelmente o cara da tv a cabo.

Dá para perceber que nós dois não sabemos o que dizer e a energia entre nós é excitante. Ele tem esse carisma sexual ao qual não sei se consigo resistir. Não consigo parar de pensar no nosso abraço na frente do restaurante e em como senti seu corpo contra o meu, todos os ossos longos e os músculos firmes.

Fico meio aliviada com o fato de Carter não ser do tipo que fala trivialidades em situações assim. Nós vamos transar? *Sinto* que o sexo é iminente, mas prefiro enfiar um ferro quente no ouvido do que acreditar na minha intuição quanto a isso agora.

Ele podia me perguntar sobre o tempo ou sobre o trânsito, as estatísticas de terremoto ou qualquer um dos inúmeros tópicos óbvios da Califórnia, mas apenas me segue até minha casa e para na sala de estar, olhando em volta.

É um lugar legal, e tenho orgulho disso, embora eu quase nunca esteja em casa para outra coisa além de dormir. O prédio é moderno; meu apartamento tem uma planta aberta que inclui uma sala principal grande com sala de estar, cozinha e um pequeno canto perto da janela, onde tenho uma mesa. Há um vaso de flores sobre ela, e o apartamento cheira sutilmente à vela de hortelã que tenho perto do fogão. Posso ver os olhos de Carter se arregalarem com a enorme tv de tela plana que herdei do meu pai quando ele a trocou por uma obscena de grande.

– O cara que mora no apartamento da frente é malabarista – digo, apontando para a janela. – Aparentemente, é opcional usar roupas para praticar esse hobby. Não vou mentir: isso é maravilhoso.

– Eu ia dizer que esse lugar é legal, mas agora parece incrível – comenta. – Posso te jurar que nenhum dos apartamentos que visitei vinha com um malabarista pelado.

– Normalmente é de manhã...

A consequência da minha observação – *ele dormir lá!* – paira entre nós à medida que ele se aproxima, claramente saindo da etapa Explorar o Apartamento da Evie e entrando na fase de apenas Explorar Evie.

Carter estende a mão a apenas um passo de distância de mim, tocando a minha

cintura. Alguns instantes de silêncio se passam.

– Você está com sede? – pergunto, trêmula.

O tráfego da rua ilumina o apartamento e um cachorro late insuportavelmente no prédio ao lado.

Carter balança a cabeça.

– Não, estou bem.

– Ok. – Mordo o lábio. – Fome? Ou precisa usar o banheiro?

Ele ri.

– Não.

Minha mão treme quando pego a dele e o guio pelo corredor.

– Evie? – Ele aponta com o polegar por cima do ombro. – Podemos ficar aqui...

Eu balanço a cabeça e ele me segue sem dizer nada pelo corredor até o meu quarto.

Ele para assim que atravessa a porta.

– É só que... acho que nós não deveríamos... – Ele olha para a cama e depois para mim. – Ainda.

– Tudo bem – concordo com um sussurro nervoso. – Só quero ficar aqui. Meus pais me deram todos aqueles móveis na sala e eu não quero ficar pensando nisso da próxima vez que eles vierem para cá e sentarem em seu velho sofá.

Seus olhos se enrugam atrás dos óculos quando ele sorri.

– Você é engraçada.

Ele diz isso como se fosse uma coisa boa. Como se fosse algo *ótimo*. No meu quarto, olhamos um para o outro por alguns segundos. Fico esperando que o constrangimento passe, mas isso não acontece.

Carter levanta as mãos, segura meu rosto e sorri para mim.

Oh, Deus, parece que meu coração vai abrir um buraco no peito com uma britadeira. Definitivamente não vou ter que planejar me casar com Daryl hoje à noite.

– Você está bem? – ele sussurra, a poucos centímetros de me beijar.

– Sim.

Ele se inclina, encostando os lábios nos meus.

Não consigo, honestamente, descrever a sensação que tenho ao beijá-lo. Fico maravilhada com a firmeza macia de seus lábios e o contraste com a barba por fazer no queixo e sobre seu lábio superior. Imagino-a raspando na pele do meu pescoço e descendo, descendo. Fico maravilhada com suas mãos, segurando-me bem colada nele, deslizando pelas minhas costas.

Uma corrente elétrica percorre meu corpo quando a língua dele toca na minha; é ainda mais forte quando ele solta um gemidinho baixo e desliza a mão pela minha bunda. Eu me sinto como uma adolescente querendo cada vez mais sua boca, beijando-a de todos os ângulos, ansiando por todo tipo de beijo: demorado e rápido, profundo e até aqueles beijinhos que parecem pingos de chuva.

Sinto como se o beijasse desde sempre e também como se nunca tivesse sido beijada de verdade antes desta noite. Ele é mais alto do que eu e estou na ponta dos pés, esticando-me para ficar perto, como se precisasse dele dentro de mim de qualquer forma.

Suavemente, suas mãos escorregam para os meus quadris, guiando-me em direção à cama.

Ele continua, ajeitando-nos sobre os travesseiros, e eu não sentia tanta vontade há muito tempo. É aquele *desejo* que consome, quando o próprio beijo é um estímulo insuportável, mas meu corpo continua querendo mais e mais.

Carter está por cima de mim. Nós nos mexemos juntos e eu o sinto duro entre minhas pernas. Sua mão segura a parte de trás da minha perna nua e levo meu joelho em direção ao peito, me abrindo, querendo-o mais perto. Ele solta um pequeno gemido e diz que nós parecemos ser muito bons nisso.

O jeito que ele se mexe, roçando em mim... Sei que já estou perto porque, nossa, faz tanto tempo e é tão, tão bom. Nós *somos* bons nisso. E se esse quase-sexo com roupas já quase me leva ao clímax, como vou sobreviver ao Carter nu, ao Carter com acesso a cada parte de mim? Posso sentir a tensão e o calor bem ali, mas ele se afasta. Começo a dizer para ele voltar, segurando seus quadris, mas sua mão está lá, quente e firme, subindo pela minha perna, descendo por dentro da minha calcinha, e ele geme enquanto me beija e sente que estou molhada sob seus dedos.

Fico tão excitada que me contorço de prazer e tenho que cerrar os dentes para não gritar.

Em vez disso, um lamento trêmulo escapa, e ele respira fundo. Ele se afasta para olhar o meu rosto.

– Você está tão tensa – ele sussurra antes de se inclinar para beijar meu pescoço. – Como faço para você se soltar?

Sua mão continua se mexendo e sua boca desliza do meu pescoço para o queixo, e mesmo quando levo a cabeça para trás, de olhos fechados, sinto-o me seguir, seus lábios procurando minha pele, dizendo para eu chegar mais perto, beijá-lo, falar do que gosto. Quando abro os olhos, ele ainda está me observando. Ele sorri, inclinando-se para me beijar de novo.

– Assim está bom? – ele diz, com os olhos claros e intensos.

Faço que sim. O prazer é como uma droga, quente, percorrendo meus membros.

Estamos fazendo isso.

Tento abrir seu cinto, meio desajeitada, sem me preocupar mais com quando e onde vamos transar, e sua risada é uma pequena explosão de ar quente contra os meus lábios. Sei que ele não está rindo de mim, está rindo *disso*, desse *tatear* frenético e atrapalhado.

Estendo a mão pela sua barriga e gemo ao senti-lo, com a excitação de deixá-lo duro desse jeito, com o calor e o poder disso. Ele se move ao meu toque e eu deslizo minha perna sobre seu quadril, e assim nos mexemos juntos, deixando nossos quadris fazerem o trabalho, nossas bocas se moverem nessa sintonia natural e ávida.

Tinha me esquecido da impotência febril de deixar alguém me tocar, da esperança desesperada de que ele me faça chegar lá. Mas logo percebo que ele o fará, e o faz, com a mão firme contra o meu corpo. Tento manter os olhos abertos enquanto a sensação cresce, mas ele me observa com uma intensidade tão singular que os fecho para apenas apreciar a sensação de seus dedos em meu clitóris e de seu pau na minha mão... e eu me dissolvo.

Os sons dele, gemidos suaves, me fazem continuar; ele está se mexendo mais rápido, tão duro contra a palma da minha mão, trepando, até que goza com um grunhido desesperado: tão vivo na minha mão, seu gozo tão morno contra minha pele.

Ele ri de novo, segurando meu quadril com a mão que usou para me tocar; está molhada, e a intimidade disso – a ideia de que ele sabe como me sinto e de que acabou de me fazer gozar – faz com que eu estremeça de novo.

Então ficamos em silêncio na escuridão.

A boca de Carter encontra a minha e ele me beija com aquela preguiça entregue e satisfeita.

– Ainda está bem? – ele pergunta com a voz rouca e profunda.

– Sim. Você?

– Estou ótimo, você está brincando? Não precisei fazer isso sozinho hoje à noite.

Começo a rir, mas ele imediatamente abafa o som da minha risada, voltando a encostar a boca na minha.

– Mas acho que fiz uma sujeira no seu edredom.

Eu me afasto, tateando entre nós dois.

– Minha cama está se perguntando: o que é essa substância?

Ele ri com a voz rouca no meu pescoço e, quando começo a me preocupar se não pareci muito... *solteira*, ele diz:

– Sim, eu também.

– Você é absurdamente gostoso. Não acredito que não ficou com ninguém recentemente.

– E você é linda. A falta de oportunidade não é o motivo para ser solteira.

Eu concordo, olhando para seu rosto.

– Já me disseram que sou exigente. E talvez um pouco obcecada com o trabalho.

Ele ri de novo ao ouvir isso, inclinando-se para me beijar.

– Só acho que nós dois precisamos de algum outro motivo para levantar todos os dias.

❖❖❖❖ capítulo seis ❖❖❖❖

Carter

Sábado à noite, Michael Christopher e eu fomos encarregados de preparar a comida, o que basicamente é um código para eu cozinhar e Michael impedir que Morgan tire todas as panelas e frigideiras do armário. Ele está sentado à mesa e ela está alegre, brincando de jogar sucrilhos nele.

Steph entra, trazendo consigo o cheiro de grama recém-cortada, e uma lufada de ar frio a acompanha pela porta. Embora seja um fim de semana, ela teve que ir trabalhar porque um ator novo e importante foi parar na cadeia. Isso me lembra do que Evie falou sobre se casar com o trabalho, e eu sei que esse tipo de coisa – trabalhar até tarde da noite e perder jantares – é exatamente o que ela quis dizer.

Ela olha para nós, impressionada com o jantar na mesa, e se senta.

– Uau! – Ela não precisa nem perguntar como tudo aquilo se materializou na frente dela. – Bom trabalho, Carter.

– É legal cozinhar numa cozinha de verdade, com utensílios de verdade.

Steph sorri, compreensiva, enquanto M.C. olha para mim com inveja.

– Então, como você está? – Steph pergunta.

– Na correria. Emil Shepard entrou para a minha lista e está causando certa dor de cabeça com a documentação na agência.

Ela faz uma careta.

– Ai, meu Deus. E Blake, está perdendo a cabeça?

– Era de se pensar que sim. Mas, honestamente, ele nem piscou. – Dou de ombros e espeto um pedaço de frango para o meu prato. – Talvez ele esteja transando com alguém. O antigo Blake teria arrancado as minhas pernas e me batido com elas.

– Tem alguma coisa no ar. Hoje foi um dia de merda. – Steph se encolhe, olhando para Morgan. – Ops! Tampe os ouvidos, querida!

Nós três esperamos em um silêncio tenso, imaginando se Morgan vai cantarolar alegremente as palavras *dia de merda*! Já aconteceu antes com *droga*,

filho da puta e cuzão.

Dessa vez, ela se contém.

Aliviada, Steph se vira para mim.

– Como foi seu encontro?

M.C. se anima. Eu pego uma garfada de comida e mastigo enquanto penso, esperando que meu rosto não me traia. Meu coração, obviamente, salta quando penso sobre a noite passada. Faz anos que não tenho esse tipo de reação física a alguma mulher.

– Foi ótimo – respondo. – Ela é... cara... – Olho para Morgan no meio da frase. – Caralho, ela é o máximo.

– O máximo... – Steph concorda lentamente, com um sorriso que acompanha seu tom. Ela me observa esperando que eu continue, mas na realidade, o que mais posso dizer? Quero que as coisas com Evie sigam adiante, e acho mesmo que podem. É por isso que disse a ela que não queria que transássemos ainda, embora eu quisesse muito, muito mesmo.

– Ela também não contou nenhum detalhe. – Stephanie espeta o frango com o garfo. – Vocês são duas crianças mimadas.

– Eu devo te contar sobre o nosso primeiro beijo na sala de estudos da escola?

Ela dá um salto, com os olhos brilhando.

– Vocês se beijaram!

– *Está bem*, sua doida. – Michael coloca a mão no antebraço dela. – Não vamos assustar o bom moço. Eles vão nos contar o que quiserem quando quiserem. Quer dizer, pelo menos vão se lembrar de quem juntou os dois quando forem decidir quem serão os padrinhos do casamento.

– É isso que acontece quando você é casado e tem filhos? – Eu sorrio para cada um dos dois. – Vocês não têm nada o que fazer a não ser formar casais?

Juntos, os dois se inclinam para a frente, com as vozes soando em uníssono.

– Nós temos o que fazer!

– Temos uma vida social agitadíssima!

Morgan, que claramente achou essa expressão conjunta um motivo para celebração, sopra bolhas em seu leite até ele escorrer pelas bordas.

– Não, não – digo –, estão cheios de juventude. É claro. Mas vocês estão um pouco... acomodados.

– Acomodados? – Steph zomba. – Por favor. *Nós* – ela aponta para os dois – somos loucos. Podemos nos divertir com os melhores. Acredite em mim.

– Vocês ainda vão para a balada de vez em quando? – Balanço a cabeça, encorajando-os.

– Claro que vamos. – Ela aponta para o braço e, depois de um momento confuso, percebo que ela está me lembrando, sem palavras, que tem uma *tatuagem floral* e que pessoas com tatuagens obviamente são encontradas na noite. – Tem um lugar chamado Foxtail que é muito legal. Você devia definitivamente levar Evie lá.

– Ou ele poderia levá-la ao Orchid, não é, Steph?

– Aquele lugar é tão bom – ela concorda. – Coquetéis artesanais, certo? Ah, tem aquele outro também. – Steph estala os dedos como se isso fosse ajudá-la a se lembrar do nome.

– Aréola – Michael termina para ela. – Ah, aquele lugar – ele assovia –, aquele lugar é uma loucuuuuuura – diz, estendendo a palavra em umas quatro sílabas.

Steph concorda.

Eu tenho que perguntar:

– Existe uma casa noturna chamada *Aréola*?

– Ah, sim, é tipo o lugar mais badalado de L.A. – diz ela. – Oh. – Ela murcha um pouco. – Não, querido. Acho que não é Aréola, isso é tipo um mamilo, não é? Acho que é Ariela.

– Quer dizer, é uma diferença e tanto – eu observo de um jeito sério.

– Ariela – Michael concorda, rindo ao evitar meu olhar.

– Vocês dois foram?

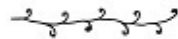
– Nós? Ah... – M.C. diz com uma tosse seca, como dizendo *é claro que fomos*.

– Bem, na verdade, não. Nós *queríamos* ir, mas eles só abrem depois das nove. Não é isso, querida? Nove? – Steph concorda enquanto tenta tirar os feijões amassados do cabelo de Morgan. – E isso é... muito tarde. Quer dizer, não para nós, mas você sabe, para Morgan.

– Ela não dorme bem com a babá, senão nós já estaríamos lá. – Steph faz uma dancinha na cadeira. – Seria uma loucura.

– Uma loucura – ele concorda. – Nós íamos causar!

– Aréola – digo, rindo. – Incrível.



Meu telefone apita no banco ao meu lado enquanto viro à esquerda para pegar o Boulevard Santa Monica. Eu o ignoro enquanto deixo outro motorista passar na minha frente e espero que o farol fique verde para que possamos andar mais quatro metros antes de ele mudar de novo. Nunca vou deixar de ficar perplexo

com o fato de um percurso de sete quilômetros levar quase uma hora.

Estou prestes a ligar o rádio quando o telefone apita de novo... e de novo... e de novo. Olho para ele, a tela virada para o assento, e mentalmente calculo o resto do meu caminho. Na Califórnia é ilegal usar o celular enquanto se dirige, então é contra a lei ler e responder qualquer mensagem de texto. Estou prestes a dizer para mim mesmo que posso esperar quando ele apita mais uma vez.

E mais outra.

Quando o farol fica vermelho, coloco o telefone no colo e destravo a tela para ver uma série de telefonemas e mensagens de Becca.

Minha senha não
está funcionando
e não consigo
entrar no
prédio.

O segurança diz
que não pode me
deixar entrar.

o.k. Tarah e
Kyle também não
conseguem
entrar.

O que está
acontecendo?

Não consigo
entrar no meu e-
mail?

CARTER

190 EMERGÊNCIA
FOGO QUALQUER
COISA

LIGUE PARA MIM
AGORA

Eu ligo, ouvindo o telefone tocar através do meu Bluetooth.

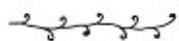
– Carter.

– Oi – acelero, passando o cruzamento. Meu coração está fazendo uma dança esquisita no peito. – O que está acontecendo?

– Não faço ideia. – Alguém diz alguma coisa ao fundo e Becca responde um o.k. em voz baixa. Mais alto, ela fala para mim: – Cheque o seu e-mail. Temos uma reunião num prédio em West Hollywood. Vejo você lá.

Então ela desliga. Intrigado, no próximo sinal vermelho abro meu e-mail e encontro um memorando de duas linhas da CTM para toda a empresa contendo um endereço e instruções para estar lá às nove e meia.

Nada além disso. Em vez de seguir em frente, viro à direita em La Cienega.



Depois de parar num estacionamento subterrâneo, saio dali e vejo o edifício de vidro e aço. Ele se parece com qualquer outro prédio novo de escritórios, sem nenhum nome ou logotipo no jardim da frente.

A única coisa que posso imaginar é que estamos mudando de escritório, ou que alguma coisa horrível aconteceu com o nosso prédio... mas não ouvi nada no noticiário. E Becca – calma, contida, que costuma responder imediatamente 99% das vezes – não atendeu meu telefonema.

Uma lufada de ar refrigerado bate no meu rosto assim que entro no prédio e, junto com a adrenalina que pulsa em minhas veias, isso desperta algo instintivamente nova-iorquino em mim. É estranho, mas me acalma.

Virando num saguão de mármore, checo meu telefone uma última vez antes

de guardá-lo no bolso. Há um saguão oval à frente, com uma série de telas grandes com as palavras *Price & Dickle* e os logotipos e os pôsteres dos filmes de alguns dos atores que eles representam entrando e saindo do foco.

Sinto a pulsação na garganta.

A P&D se mudou recentemente. Será que é aqui que eles ficam?

Num dos cantos há uma mesa improvisada pequena abaixo de um cartaz colado que diz “Lista de presença CTM”, com uma loira bonita sentada atrás e dois seguranças de uniforme perambulando por perto.

Será que estamos mudando nossos escritórios para o mesmo prédio da P&D? Todo o cenário é estranho o bastante para fazer com que eu ande mais devagar; um sinal de alerta acaba de ser lançado ao céu.

Com cautela, me aproximo da mesa e chamo a atenção da loira que usa um *headset*. Em meio ao meu nervosismo, ensaio o melhor sorriso.

– Oi, isso vai parecer estranho, mas...

Ela responde de forma profissional.

– Você é da CTM?

Assinto.

Ela olha para a lista.

– Nome?

– Aaron – respondo, dizendo meu sobrenome. E logo esclareço: – *Carter Aaron*.

Ela vira algumas páginas.

– Aqui está, Aaron Carter. – Ela me entrega uma prancheta com várias folhas de papel presas. – Você sabe que tem o mesmo nome de um dos Backstreet Boys?

– Na verdade você está pensando em Nick Carter – digo. – Aaron Carter é seu irmão mais novo. Meu nome é Carter *Aaron*, não Aaron Carter...

Não sei dizer se ela já perdeu o interesse quando olha para mim sob aquele par de cílios postiços que desafiam a gravidade. E quem poderia culpá-la? Eu não deveria saber o nome do irmão mais novo de um dos Backstreet Boys. Mas sei porque é algo que tive que explicar pelo menos uma dúzia de vezes na vida.

Continuo olhando discretamente para a lista dela. Há alguns nomes que reconheço. Cameron, de Literatura, Sally, de Direitos Internacionais e um punhado de outros.

– Você sabe me dizer por que estou aqui? – pergunto.

– Preencha esses formulários – ela diz, apontando para a prancheta na minha mão – e então vá para o segundo andar. Ah, e assine aqui.

Ela me entrega um crachá com meu nome escrito na frente e eu assino a lista, relutante. Com um sorriso amarelo, ela me aponta a direção dos elevadores. Um guarda passa seu crachá para me deixar passar pela catraca, e uma vez dentro do elevador, pressiono o botão do segundo andar.

Tirando o celular do bolso, envio uma breve mensagem para Evie.

Acho que estou
no seu prédio...

Alguma coisa
estranha está
acontecendo.

Liga pra mim?

Depois de um momento, a campainha vibrante do elevador me diz que estou no andar, e quando as portas se abrem vejo uma mulher de meia-idade sorridente e outro par de seguranças uniformizados.

Tudo bem...

Sou instruído a sentar no saguão, e, depois de encher a mulher de perguntas, ela me garante que alguém logo vai chegar para explicar tudo. O espaço é iluminado e requintado, com pequenos grupos de cadeiras estofadas alinhados à longa fileira de janelas com vista para o Boulevard Beverly.

Já há algumas pessoas por ali; reconheço poucas. Ninguém parece ter nenhuma ideia do que está acontecendo. Devagar, o saguão se enche e, de certa forma, continua num silêncio quase sinistro. Quando alguém entra, invariavelmente seus passos ou algum outro barulho chama a atenção de todos, e então mais nada acontece. A sensação é de que temos todos treze anos de idade e estamos esperando para sermos chamados na sala do diretor.

– Carter.

Eu me viro e vejo Kurt Elwood, de Cinema, caminhando na minha direção, com as mãos nos cabelos e sua habitual expressão severa.

– Achei que tinha visto seu nome lá embaixo. – Eu observo sua aparência. – Você está bem, cara? – Ele está um pouco esverdeado e há suor acima de seu

lábio superior.

Ele tira um pacote de antiácidos do bolso e coloca um na boca, fazendo uma careta enquanto mastiga.

– Sabe o que isso me parece?

Eu sigo seu olhar pela sala. Todos estão confusos, mas ninguém parece à beira do pânico.

– Não...

– Uma demissão em massa. Tirar-nos do prédio, para longe dos computadores, onde não podemos acessar nossos arquivos.

– O quê? – digo, um pouco assustado com sua sugestão, e olho em torno da sala novamente. Eu estava achando que nós só íamos *mudar*. Estávamos contratando como loucos; um corte era a última coisa a passar pela minha cabeça.

– Você não acha que eles fariam algo assim? – ele pergunta. – A divisão de Cinema não está mais pagando as contas. As pessoas não vão mais tanto ao cinema quanto antes. A pirataria está crescendo, os lucros, diminuindo. Nem mesmo vocês da área de TV estão a salvo, a P&D está conseguindo uns monstros. – Ele olha para mim. – O quê? Acha que eles iam nos dar presentes de despedida para nos mandar embora? Não, eles nos separam de todo mundo para não causar muito drama. Por que acha que nem todos estão aqui? – Ele pega outra pastilha da embalagem de alumínio e olha para ela antes de colocá-la entre os lábios e mordê-la. – Os sinais estão aí há semanas.

Fico dividido entre querer desviar o olhar de seus dentes manchados pelo antiácido cor-de-rosa e a vontade de saber mais. Cada acontecimento estranho e sem explicação passa pela minha cabeça, e eu me pergunto se pode haver alguma verdade em suas palavras. Emil Shepard não está lá muito contente com a CTM já faz algum tempo. Se de alguma forma ele ficou sabendo disso, poderia passar para a minha lista e, quando eu fosse mandado embora, teria a opção de ser transferido para outra pessoa ou sair de uma vez. Só restavam algumas mudanças e ele estaria livre. Se Blake já sabia, isso explicaria sua surpreendente falta de reação em relação ao caso até agora.

Kurt interrompe meus pensamentos.

– Jesus Cristo, tenho quarenta e dois anos. Ninguém quer um agente medíocre de meia-idade hoje em dia. Eles querem os jovens. Querem agentes tão bonitos quanto os atores. Não posso competir com isso! Ah, meu Deus! – ele resmunga. – E acabei de comprar um barco.

– Espere, vamos respirar. – Espero parecer mais calmo do que me sinto. – Nós

nem sabemos o que está acontecendo ainda. Não vamos tirar conclusões precipitadas. Por que nos trariam à P&D se quisessem nos demitir? Por que não nos segurar no nosso próprio prédio?

Tento afastá-lo do resto do grupo e ele dá risada, batendo no meu ombro.

– Jovem, esperançoso e ingênuo Carter. Talvez você devesse tomar um desses
– ele diz, virando minha mão e colocando o último antiácido na palma. –
Escreva o que digo: estaremos desempregados na hora do almoço.

❖❖❖❖❖ capítulo sete ❖❖❖❖❖

Evie

Com o telefone no ouvido, atravesso o estacionamento e procuro meu crachá no fundo da bolsa. Estou atrasada e esse telefonema demorou mais do que eu esperava, mas se conseguir fazer com que tudo dê certo, valerá a pena.

– Então vamos falar a sério por um minuto – digo ao telefone, com o crachá finalmente na mão. – Não tenho nenhum problema em fazer com que Tyler se encontre com você, mas tem que me prometer que é para sentar na frente de um diretor. Ele só voltará em novembro e, além de todo o trabalho já agendado, ele vai querer um tempo para dedicar à sua mulher e sua filha. Diga-me que haverá uma reunião de verdade e eu coloco na agenda.

Passo pelas portas de vidro e vou direto para os elevadores.

– Tudo bem – concordo ao telefone, passando meu crachá pela catraca de segurança do saguão. – Dê uma olhada na sua agenda. Peço para Jess confirmar hoje à tarde. – Minha assistente normalmente acompanha todos os telefonemas, mas esta manhã ela está estranhamente ausente.

A catraca não abre, e eu passo meu crachá no leitor de novo. Nada acende, nada apita.

– Nos falamos em breve. Obrigada, Nev.

Guardo o telefone na bolsa e atravesso o saguão até o posto do segurança, estranhando a mesa improvisada no canto, onde dois guardas estão parados estoicamente.

Eu me inclino sobre o balcão amplo de mármore e olho para o guarda conhecido sentado ali.

– Ei, Jake, o que é aquela mesa ali?

Jake olha para mim e depois por sobre meu ombro, na direção dos elevadores.

– Senhorita Abbey, seu crachá não está funcionando?

Eu o entrego a ele, balançando a cabeça.

Seus óculos de armação de metal brilham com a luz do monitor enquanto ele olha para alguma coisa antes de se levantar.

- Seu crachá foi bloqueado. Preciso mandá-la para o segundo andar.
- Bloqueado? – E segundo andar? É lá que fica o saguão da P&D e o centro de conferências. Ninguém de fato *trabalha* lá.
- É tudo o que posso dizer, senhorita Abbey. Você não é a única. Vamos deixá-la subir. – Ele dá a volta no balcão, sinalizando para outro guarda que já vai voltar.
- Isso não faz nenhum sentido – digo pegando meu telefone de novo. – Vou ligar para Amelia, ela deve saber o que está acontecendo.
- Acho que a senhorita Baker já está aqui – informa ele, e passa seu crachá na catraca antes de me seguir até os elevadores e apertar o botão do segundo andar.
- Não se preocupe, tenho certeza de que tudo ficará bem.

Dentro do elevador, quase jogo o telefone contra a parede quando percebo que ele estava no silencioso a manhã inteira. Há mensagens de Daryl e Carter, e uma de Steph. Uma mensagem de texto rara de Jess, toda em maiúsculo, está no topo da lista: EVIE, O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Minhas mãos estão tremendo quando fecho o restante das mensagens sem ler e abro o navegador do celular para checar a *Variety*, sabendo que, o que quer que esteja acontecendo nesta cidade, a *Variety* ou o Twitter normalmente ficam sabendo antes. É claro, quase não há sinal de internet dentro do elevador e meu aplicativo de navegação está só começando a carregar quando as portas se abrem ao som de uma campanha alta.

Há o barulho de uma voz ecoando em meio ao silêncio repentino. Olho para o fim do amplo corredor e vejo um saguão cheio de gente se virando para me olhar.

Uma mulher à frente sorri na minha direção.

– Por favor, sente-se. Estamos apenas começando.

O saguão, normalmente vazio, está repleto de cadeiras; cerca de dois terços delas estão ocupadas. Murmurando um pedido de desculpas, guardo o celular e ando rápido pela sala até o primeiro lugar disponível que encontro.

– Bom dia de novo – diz a mulher, com um sorriso animado, embora um pouco forçado. Seus cabelos são longos e ruivos e caem ondulados até o meio das costas. Não faço ideia de quem ela seja, mas minha primeira ideia é que ela me lembra de uma âncora de telejornal. Ela está bem arrumada e tem a aparência exata da pessoa que você espera que diga que vai ficar tudo bem... ou que você deveria sair correndo.

– Como tenho certeza que muitos de vocês perceberam, foi uma manhã *e tanto* – começa ela. – Meu nome é Lisa e eu trabalho no RH da CTM em Nova

York.

Espere. Ela trabalha para *quem*?

Estou prestes a levantar a mão e perguntar que raios está acontecendo quando, algumas fileiras à frente, vejo um par de olhos verdes familiares se virar para olhar para mim.

Carter.

Quando vi seu nome entre as minhas mensagens de texto, fui otimista e imaginei que ele estava querendo saber se eu tinha tempo para darmos uns amassos no carro durante o almoço. Mas ele está *aqui*, nesta sala silenciosa e confusa? Tento encaixar todas as peças, mas minha linha de pensamento parece um inútil disco riscado: *funcionária do RH da CTM no saguão da P&D.*

Carter arregala os olhos para mostrar que também está confuso e depois se vira de novo para a frente.

Que raios está acontecendo?

Eu me afundo na cadeira, olhando para ele e depois para as fileiras de cadeiras à minha frente e atrás de mim, buscando mais rostos conhecidos. Donald da Contabilidade; Rose, que trabalha comigo em Cinema; e um punhado de outros. Vejo uma cabeleira preta encaracolada erguendo-se entre as outras cabeças – obrigada a tudo o que é mais sagrado: Jess está aqui. Finalmente, vejo Daryl na última fileira.

Ela levanta as mãos como se dissesse *finalmente*, e está claro em sua expressão que também não sabe o que está acontecendo. Ela aponta para o celular na mesma hora que o som de passos chama a nossa atenção para a frente da sala.

Lisa entrega uma pilha de pastas para um homem que está em pé ao seu lado.

– Vocês estão todos se perguntando o que está acontecendo ou talvez já tenham ouvido falar, mas a CTM e a Price & Dickle se fundiram.

Ela diz alguma outra coisa, mas meu cérebro leva alguns segundos para processar essas palavras em ordem. Quando isso acontece, o som na minha cabeça é de uma freada brusca.

A CTM se fundiu com a Price & Dickle.

Somos uma agência só.

Somos uma agência com uma quantidade gigante de funcionários.

Meu estômago parece ter se dissolvido, deixando um vazio entre as costelas.

Olho para Daryl, que parece estar chegando à mesma conclusão que eu, e depois olho para o restante da sala. Algumas cabeças fazem que sim, mas não muitas. A maioria dos rostos ficaram pálidos.

– E se não ouvirem ainda – ela continua, olhando nos olhos de alguns de nós –, não se preocupem. A notícia só foi anunciada cerca de meia hora atrás.

Meia hora atrás.

Penso em toda a estranheza no escritório durante as últimas semanas, sabendo que esse tipo de coisa simplesmente não acontece da noite para o dia. Essas poucas pessoas no topo, que sabiam, puderam criar estratégias, se posicionar. A grande pergunta é: quanto tempo elas tiveram para se preparar? A pergunta ainda maior é: quem são *elas*? Quem sabia?

Acho que estou ficando enjoada.

– Para ser completamente franca, não temos certeza de como será essa fusão ainda – diz Lisa. – A poeira precisa baixar antes de sabermos qual será o formato disso e como a nova estrutura funcionará. Mas, como a notícia vai se espalhar logo, queríamos reuni-los aqui para comunicar a informação com todos juntos.

Algumas pessoas se mexem em suas cadeiras. Um cara ao meu lado está navegando no Twitter, provavelmente procurando informação.

– Como muitos de vocês sabem – Lisa continua –, tanto a P&D quanto a CTM têm escritórios corporativos em Nova York e L.A. A P&D é a companhia que está adquirindo e trará funcionários de ambos os escritórios para cá, bem como transferirá alguns funcionários locais para Nova York. – Meu queixo cai quando ela diz isso, e mal ouço o que vem depois. – Esses são detalhes que vamos discutir com seus gerentes diretos em seus departamentos. Mas a boa notícia, afinal, é que se vocês estão nesta sala é muito provável que ainda tenham um emprego num escritório ou no outro.

... muito provável que ainda tenham um emprego num escritório ou no outro.

Quer dizer... isso é *alguma coisa* pelo menos. Certo?

A maioria das pessoas relaxa de certo modo. Eu olho para Carter. Pelo que posso ver de trás, ele está simplesmente sentado lá, sem se mexer.

– Desculpe, você pode esclarecer? – ele pergunta com um sussurro ininteligível. Ele limpa a garganta antes de acrescentar: – Alguns de nós serão transferidos para Nova York e alguns permanecerão aqui? E quando isso será decidido?

Ao ouvir a pergunta, Lisa se volta para ele e sorri como se ele tivesse perguntado algo tão inocente quanto se as máquinas de refrigerante no saguão terão Coca ou Pepsi.

– Quem fica e quem será transferido ficará a cargo de seus departamentos.

A forma como ela diz isso, com uma indiferença quase jornalística, não alivia o pânico que está sequestrando minha coordenação motora. Escorrego os dedos

para debaixo dos joelhos para impedir que me vejam tremendo. A sensação é de que acabaram de puxar um tapete de debaixo de mim.

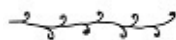
Um murmúrio de vozes, altas ou irritadas, começa a crescer dentro da sala.

– Honestamente, eu gostaria de poder dizer mais a vocês – Lisa diz acima do burburinho –, mas, como podem ver, nós mesmos ainda estamos recebendo os detalhes disso.

Na minha visão periférica, posso ver os ombros de Carter se encolherem, sua cabeça baixar. Ele parece estar se sentindo da mesma forma que eu: como se quisesse colocar a cabeça entre as pernas e procurar algo para vomitar.

Meu olhar se encontra com o de Daryl e me pergunto se estamos ambas pensando a mesma coisa: nós trabalhamos para a companhia que adquiriu a outra. Temos alguma espécie de vantagem aqui, certo?

Hoje à noite vou comer um pacote de biscoitos como ninguém nunca viu, de tanto estresse.



Somos liberados um pouco depois de recebermos uma pilha de papéis e nos dizem onde devemos buscar mais informações. É provável que todo mundo nesta sala tivesse uma agenda cheia de trabalho *de verdade* – eu pelo menos tinha –, mas o único compromisso se tornou descobrir se vamos continuar *fazendo* o trabalho de verdade. Agora todos aguardam enquanto as pessoas no comando tentam decidir que raios está acontecendo.

Carter já está falando em particular com Lisa; eu vou direto falar com Daryl.

– Onde está Amelia? – ela pergunta, e eu percebo que é verdade. Não a vi.

– Não sei – olho para a sala novamente. Amelia trabalha no RH há mais tempo do que Daryl e eu estamos na empresa. Eles não a deixariam partir. Ou deixariam? – Espere – digo, me lembrando. – Quando eu entrei, Jake disse que ela já estava aqui.

– Estou mandando uma mensagem para ela. – Os dedos de Daryl voam sobre o telefone. – Ela não iria simplesmente deixar de nos contar. – Ela faz uma pausa e vejo exatamente sua linha de raciocínio.

– Se ela sabia, não tinha permissão para nos contar – digo, e os ombros de Daryl relaxam.

– Que confusão. – Ela brinca com o elástico que arremata a trança, seus olhos escaneando a sala. – Já volto. Eric está ali e vou ver se ele sabe alguma coisa. Duvido, mas o tio dele é o chefe, afinal.

Ela faz menção de ir mas para, voltando para sussurrar:

– A menos que isso signifique que Brad está fora?

– Oh, meu Deus. Será que... – Olho em volta antes de me inclinar para a frente. – Será que isso é possível? – Sou incapaz de esconder a minúscula faísca de esperança que brota em minha voz.

– Quer dizer, por que não? Nem em um milhão de anos eu teria imaginado isso. Diria que tudo pode acontecer. Volto num segundo.

Logo que ela sai, Carter me puxa de lado. Meu pulso acelera novamente.

– Que raios está acontecendo? – Sua mão se demora no meu braço, segurando firme, e por alguns segundos psicóticos, toda essa coisa parece estranhamente cômica.

– Não faço ideia – respondo. – Eu fiquei num telefonema a manhã inteira e depois não consegui entrar no prédio. Como você viu com a minha entrada pouco sutil, acabei de chegar. Minha amiga Amelia trabalha no RH e estamos tentando descobrir se ela sabe de alguma coisa, mas... duvido que ela possa dizer.

– Isso é loucura. Uma fusão significa *cortes*.

– Eu sei. – Eu me sinto relativamente segura em minha posição aqui na P&D, mas neste momento, mesmo com todas as vitórias no meu currículo, a trilha sonora de *Dia de campo* ressoa em minha mente.

O ar-condicionado do saguão parece estar no ultramegacongelante e eu tremo, cruzando os braços à frente do peito, tentando me esquentar.

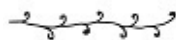
– Eu te emprestaria meu casaco se não estivéssemos nessa situação esquisita em que de repente somos colega de trabalho – ele diz. E, por Deus, eu nem tinha pensado nisso.

Nossos celulares vibram no mesmo momento.

– Bem, veja só isso. Recebi um e-mail da Price & Dickle – ele diz.

– Eu também.

– É muito cedo para um drinque?



Com um novo crachá nas mãos, subo para meu escritório e sou recebida por um silêncio sinistro.

Foi-se a cacofonia de impressoras e vozes atendendo telefones. Em vez disso, as chamadas vão para a secretária eletrônica. Afinal, o que as pessoas responderiam?

Disseram-nos para voltar amanhã para a transição. O pessoal da CTM que não foi demitido teve acesso negado a seus arquivos e computadores, mas os da P&D que têm salas no prédio acabaram subindo. O que mais nós faríamos?

Apesar do instinto certo de Carter, é mesmo muito cedo para começar a beber. Não que qualquer um pareça estar trabalhando *de verdade*: afinal, descobrimos que os funcionários da P&D também estão com os computadores bloqueados. Todos estão reunidos em pequenos grupos em volta das mesas, falando em sussurros e olhando em volta, impacientes.

E quem pode culpá-los? As perguntas pairam como balões de pensamento suspensos sobre as cabeças, e as pessoas que deveriam dar as respostas não estão à vista. *Quem está empregado hoje? Quem ainda estará empregado amanhã?*

Penso nas grandes aquisições sobre as quais li ao longo dos anos. O pior tipo de fusão é aquele que acontece rápido, antes que a gerência possa discutir todos os detalhes e criar um plano claro para combinar departamentos e lidar com o excesso de funcionários. Eu vinha percebendo coisas estranhas há algumas semanas, e espero que isso signifique que a fusão já vem acontecendo faz um tempo e que há um plano em andamento.

Olho em volta e vejo muitos rostos descontentes nas áreas comuns. A maioria das agências tem uma base de pirâmide inflada, com toneladas de funcionários de apoio, porque muito do que se faz envolve telefonemas, e-mails, organização de documentos e coordenação de agendas. Essa nova grande agência será duplamente inflada, e os funcionários daqui, que mal saíram dos dias de pobreza estudantis, sabem disso. Imagino que todos foram liberados por hoje, mas estar aqui dá uma sensação de controle, alguma esperança de que podemos influenciar as decisões. Fora isso, quem quer ser pego fora da sua mesa enquanto esse tipo de decisão é tomada?

Vou até o corredor sem falar com ninguém, dividida entre bater à porta de Brad para conseguir respostas e me esconder debaixo da minha mesa. Para a sorte dele, não o encontro em lugar nenhum: seu escritório está escuro, a mesa, vazia.

No silêncio abençoado da minha sala, decido deixar as luzes apagadas e me afundo na minha cadeira pela primeira vez no dia. Uma parte de mim se pergunta se posso me esconder aqui até a hora de ir para casa, esperando chegar amanhã e descobrir que tudo foi uma enorme pegadinha.

É pouco provável. Pela janela que dá para o escritório, vejo a cabeça loira de Daryl passar entre as mesas em minha direção, com Amelia bem atrás dela, graças a Deus.

– Está se escondendo? Boa ideia – diz Daryl, espiando pela fresta da porta antes de fechá-la atrás dela. Ela resmunga, jogando-se no pequeno sofá da minha sala com uma perna dobrada debaixo do corpo. – Eric foi um fracasso. Ele também não sabe de nada. Sua maior curiosidade era saber se a máquina de salgadinhos ainda estava funcionando para pegar um salgadinho apimentado de queijo. Sem querer estragar o final: ele pegou.

Amelia se aproxima para sentar ao seu lado, fechando os olhos enquanto se ajeita entre as almofadas. Ela parece exausta.

– Você está bem? – pergunto a ela.

Encolhendo-se, ela admite:

– Eu gostaria de poder contar mais para vocês. Alguns de nós recebemos telefonemas por volta das dez ontem à noite, dizendo que precisávamos chegar o mais cedo possível hoje de manhã. Eu cheguei às cinco. Não contei para vocês por causa daquele blá-blá-blá de confidencialidade.

Chutando os sapatos, ela estica as pernas à sua frente.

– De qualquer jeito, não sei muito mais para contar para vocês. Aparentemente a P&D já estava de olho na CTM há algum tempo, mas os sócios não queriam vender. Eles devem ter mudado de ideia. Imagino que isso tenha sido mantido em sigilo por causa do que aconteceu na Fairmount, quando os melhores agentes ficaram sabendo e todo mundo abandonou a empresa antes que o acordo fosse fechado. – Ela aponta para mim com o queixo. – Talvez você já estivesse farejando isso, afinal, Sherlock Holmes.

– Então, se estamos aqui ainda temos emprego? – pergunto, com a cabeça girando. – Eles já resolveram alguma parte disso?

Ela balança a cabeça.

– Tenho certeza que sim, mas não vi as planilhas de organização do departamento ainda. Amanhã é que os detalhes devem ser revelados.

Ai, isso é um pesadelo.

– Aqui está o artigo da *Variety* – diz Daryl, levantando os olhos de seu iPad e virando-o para que nós possamos ler.

Numa jogada surpreendente na manhã de segunda-feira, a grande agência de talentos Price & Dickle e o grupo de investimentos William Trainer Group adquiriram a concorrente Creative Talent and Media. A nova companhia conservará o nome da P&D e, de acordo com o CEO Jared Helmsworth, será uma agência completa. Em sua declaração, Helmsworth disse: “Com escritórios em Nova York, Los Angeles e Londres, essa

parceria fornecerá aos nossos clientes acesso às mentes mais inteligentes e criativas do ramo, com mais oportunidades para conseguir negócios em conteúdo digital, tv, filmes, livros, esportes, licenciamento e palestras”. O valor da aquisição continua em segredo. É provável que nos próximos dias a agência reestruturada seja obrigada a demitir centenas de funcionários de apoio, bem como agentes, mas quando a Variety procurou o assessor de imprensa da empresa para comentar, fomos informados de que “qualquer especulação nesse momento seria prematura”. Estamos à espera de mais informações.

Sentamos de novo e passamos algum tempo num silêncio desconfortável.

– Quer dizer, não é que exista qualquer novidade nisso – diz Daryl finalmente.
– Então por que deveríamos nos sentir mal?

Amelia fecha os olhos.

– Esse é exatamente o motivo pelo qual minha mãe me falou para casar com um homem rico.

– Acho que não tem com o que se preocupar. Você praticamente administra o seu departamento. – Virando-me para Daryl, eu pergunto: – Quanto tempo você ainda tem de contrato?

– Um ano e meio. – Ela dá um sorriso de verdade pela primeira vez em uma hora. – Se eles me indenizarem, não me queixaria de ficar um tempo sem trabalhar. E você?

Cada agência faz as coisas de um jeito diferente, mas na P&D nós recebemos salário, temos um sistema de bonificação e somos contratados por um determinado número de anos. Isso não poderia ter vindo num momento pior.

– Cinco meses – respondo.

Uma bola de chumbo de terror se aloja no meu estômago.

Posso dizer que minhas amigas nunca foram muito sutis, porque suas expressões fazem minha náusea ficar ainda mais intensa. Seria muito fácil e barato me mandar embora.

Amelia logo se recupera.

– Evie, você não tem com que se preocupar. Não é o melhor momento, mas você vai ficar bem. Manda muito bem aqui.

– Mas Brad? – eu as lembro. – Ele ficará mais do que contente de ter motivo para colocar outra vagina na rua.

– Pelo menos é uma vagina com a qual ele não brinca – Daryl interrompe.

Eu rio, mas o riso se transforma num resmungo.

– Ou ele vai me humilhar pelos próximos cinco meses e depois não vai renovar meu contrato. – Afundo ainda mais na cadeira. – Oh! Sem mencionar toda a história com Carter. – Esfrego a mão no rosto. – Finalmente encontrei um cara de quem gosto, um cara que não é gay e não mora com a mãe, e ele estava lá embaixo, naquela reunião.

– O quê? – Daryl arregala os olhos.

Eu afirmo com a cabeça.

– Ele estava na CTM, lembra? E parece que passou pelo primeiro corte. Trabalhará conosco agora.

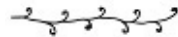
Amelia olha para mim, surpresa, mas Daryl logo se recupera.

– O.K., antes de mais nada, vamos respirar. *Respireeeee*. Em segundo lugar, essa história com Carter vai se resolver sozinha. Vamos ver...

Daryl faz uma pausa, e eu sei exatamente o que ela vai dizer: *vamos ver se você vai ter um emprego amanhã para se preocupar*.

– Vamos ver como tudo se ajeita – ela termina. – E, em terceiro lugar? Nós nem sabemos se *Brad* ainda trabalha aqui. Ninguém sabe onde ele está. *Kylie* também está sumida. Se ele não estiver aqui, o seu histórico na agência, exceto alguns tropeços pequenos pelo caminho, se sustenta sozinho. Não assuma que você já está fora. Eu tenho uma intuição boa em relação a isso.

Deus, tomara que ela esteja certa.



Só posso imaginar que Carter acabou com uma garrafa de vinho sozinho na noite passada e é por isso que não tive notícias dele.

Pelo menos é o que fico dizendo a mim mesma.

Nem é preciso dizer que não sou a melhor versão de mim mesma na terça-feira de manhã. Minha mãe, que lê a *Variety* e a *Deadline* religiosamente, me ligou umas sete mil vezes ontem. Finalmente atendi o telefonema quando estava pegando café na Verve, depois de umas duas horas de sono inquieto.

– Evie, querida – ela diz. – Estou a caminho.

– Mãe, não... Não estou em casa agora.

– Eu te encontro. Me diga onde.

Suspiro, sentando numa pequena mesa no canto. Nem preciso perguntar o que ela está pensando para saber exatamente como sua mente funciona.

– Não quero que venha cuidar do meu cabelo.

Minha mãe foi cabeleireira por quase trinta e cinco anos em L.A., e seus

trabalhos mais importantes foram os episódios de *Dinasty* em 1984, nos quais ela era pessoalmente responsável pelas perucas de Joan Collins. De acordo com ela, não há nenhum problema que uma boa escova não possa resolver.

– Isso vai fazer você se sentir melhor – ela diz, e posso ouvir o tema musical familiar de *Good Morning America* tocando ao fundo. Para minha mãe, nada melhora um dia ruim como a sensação de cabelos lavados, uma massagem no couro cabeludo e a confiança de um laquê bem fixado. – Posso cortar um pouquinho? Seu cabelo cresceu tanto e eu sei que ele costuma parecer um pouco desgrenhado nas pontas.

– Vai ficar tudo bem. Não preciso de um corte de cabelo. Corte o cabelo do papai. Eu te amo. Preciso ir para o trabalho.

Mesmo sem ter ideia do que implica ir para o trabalho...

Meu telefone toca de novo e eu saio da Verve, com o café na mão. Tenho que olhar duas vezes para ter certeza quando vejo o nome iluminado na tela.

Carter.

– Alô?

– Oi – ele diz, e, se não estou enganada, ele também está meio de ressaca e precisando desesperadamente de cafeína. – Como você está?

Tenho vontade de rir com o tom dele. Soa um pouco como eu me sinto: calma no meio de um furacão.

– Estou bem. Um pouco... cansada.

– Nem me diga – ele diz, com a voz rouca. – Eu queria te avisar que vou para a P&D hoje de manhã. Acho que tudo já foi transferido para lá, os computadores, os arquivos. Aparentemente eles fizeram isso tudo no meio da noite depois de nos informar da fusão e sobre os primeiros cortes.

– Uau, isso parece... duro.

– De qualquer forma – diz ele –, só queria te avisar. Sei que isso é, no mínimo, estranho.

Meu coração dá um pequeno salto no peito. Carter é um cara tão bacana. Faz tudo isso ficar ainda mais confuso.

– Bom, pelo menos vou poder te ver hoje, então – digo a ele. – Como todo mundo está lidando com a situação do seu lado? Steph disse que o pessoal da Alterman entrou em pânico com medo de também serem sugados por essa situação.

– Falei com Michael Christopher na noite passada e brinquei que eu talvez tenha que me mudar para o quarto de hóspedes dele se minha vaga for cortada – ele diz, e eu sinto vontade de entrar no telefone e abraçá-lo. A P&D é muito

pequena e notoriamente competitiva. – Você ficou sabendo de mais alguma coisa do seu lado?

– Na verdade, não. Ontem à noite mandaram um e-mail para toda a empresa, mas era basicamente uma repetição do que já sabíamos.

Ele suspira.

– Foi o que imaginei.

– E você? Está bem?

– Já estive melhor. – Ele deixa escapar uma risadinha. – Quer dizer, estou imaginando que ainda tenho um emprego. Diferentemente da minha assistente. E é por isso que ela não estava na reunião ontem.

– Ah, meu Deus, Carter. Sinto muito.

– Obrigado – ele diz. – Sinceramente, Becca era incrível. Vou ficar perdido num dia normal sem ela. Não faço ideia de como vou lidar com tudo isso.

Eu me sinto um pouco mal por causa dele, sabendo como me sentiria se perdesse Jess, especialmente agora.

– Pelo lado positivo – ele acrescenta –, parece que finalmente vou conhecer o ilustre Brad Kingman.

Um alçapão imaginário acaba de se abrir sob meus pés.

– Desculpe, o que você disse?

– Brad Kingman.

– Ele chefia o meu departamento, Cinema, e não TV-Literatura.

– Eu sei – diz Carter, e posso ouvir a indiferença em sua voz. – Mas era o que dizia quando me falaram para onde ir agora de manhã. Minha reunião é com Brad.

❖❖❖❖ capítulo oito ❖❖❖❖

Evie

Às cinco para as dez, o telefone da minha mesa toca. Mantenho os olhos no monitor à minha frente e solto o ar aliviada quando, depois do segundo toque, ele fica em silêncio. *Bom*, penso, terminando um e-mail, *não quero falar com ninguém hoje*.

Alguém bate à porta menos de um minuto depois, e vejo Jess parada na entrada do meu escritório.

Ela aponta para o telefone que não atendi.

– Apesar do vidro escuro – ela indica o painel de vidro ao lado da minha porta –, eu sabia que você estava aqui.

– Desculpa – digo, culpada. – Vai pensar mal de mim se eu disser que estava com medo?

Ela ri e entra no escritório, fechando a porta.

– Agora que temos acesso aos computadores, a maioria das pessoas está no LinkedIn ou fazendo a busca “Como sobreviver a uma fusão” no Google.

Pressiono o botão de enviar e olho para ela.

– Mas não sei do que todos nós estamos nos escondendo. Ninguém nem mesmo viu Brad, e ontem foi uma confusão tão grande, eu deveria confiar que hoje não vai ser pior.

Jesse limpa a garganta e eu olho intensamente para ela, atenta.

– O quê?

– Bom, o motivo pelo qual liguei... – Ela recua um pouco. Seus brincos dourados brilham sob as luzes fluorescentes enquanto ela segura no encosto da cadeira na qual está apoiada. – Ele está aqui. Quando você não atendeu, ele me ligou. Quer vê-la.

– Brad?

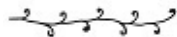
– Brad.

Eu me afundo na cadeira.

– Ai, caramba.

– Ele esteve ligando para pessoas a manhã inteira e parece que agora é sua vez. Você sabe: “Mostre a que veio”, como ele diria.

Eu resmungo. Então ele *vai* ficar.



Todo mundo olha quando passo a caminho do escritório de Brad. Se ele está ligando para as pessoas a manhã inteira, quem sabe o que todos já viram? Alívio? Chiliques? Lágrimas? Tudo é possível.

Raramente questiono minha aparência, um presente que parece ter chegado com a transição para os trinta anos, mas com todos os olhares sobre mim, sinto-me como uma modelo esquisita numa passarela. Eu devia ter colocado meu sutiã com enchimento.

Com minha visão periférica, vejo algumas cabeças se virando, prestando atenção em alguma coisa no outro extremo do corredor. Eu acompanho os olhares.

Carter.

Seu terno é cinza-grafite e parece ter sido feito para ele por elfos alfaiates mágicos. Ele cai bem nos ombros, acompanha sua cintura, emoldura seu corpo perfeitamente. Eu puxo a barra do meu vestido, de repente me sentindo desarrumada.

Suas pernas longas diminuem a distância entre nós em poucos passos.

– Oi.

Tento manter meu olhar na zona segura: sua gravata. É azul com pontinhos verdes minúsculos, e eu já sei que, se olhar para seu rosto, verei como ela acentua a cor dos seus olhos.

Sim... ela faz isso.

– Oi. – Tendo plena consciência de todos os olhares sobre nós. Quer dizer, por que as pessoas não estariam assistindo a esse desastre de trem? Eu assistiria. Não que elas saibam que o pênis dele esteve na minha mão alguns dias atrás, e agora nós aparentemente trabalhamos juntos, mas está provavelmente escrito na minha testa...

Ou talvez elas não estejam nos olhando por causa de mim. Talvez estejam nos olhando porque Carter é o cara novo e bonito no departamento.

Sinto uma mistura estranha de possessividade e desconforto.

– Estou a caminho do escritório de Brad – digo, ansiosa para criar algum espaço entre nós e o escritório cheio de gente olhando. – Como foi com você?

– Não sei ainda – diz ele. – Nossa reunião às oito foi adiada. Estou indo agora. Kylie estava me levando para lá.

Só então percebo a assistente de Brad, Kylie, a alguns passos de distância, olhando desinteressadamente para o traseiro de Carter. Quando ela me vê, chega mais perto. Carter sorri para ela. Ela sorri de volta, com um indício de rubor surgindo no pescoço e nas bochechas.

Um golpe direto. Uma sensação sinistra de mau augúrio cutuca meu cérebro.

Kylie tosse secamente e anda na nossa frente, parando do lado de fora da porta do escritório de Brad.

– Vocês podem entrar. – Ela dá um sorriso demorado para Carter, tão demorado a ponto de ser esquisito. Ou talvez só seja esquisito porque eu estou aqui, olhando como se ela tivesse cometido uma ofensa grave por olhar para ele.

– Ele está esperando vocês dois.

– Desculpe, Kylie – digo. – Você falou que ele está esperando nós dois? Juntos?

– Isso mesmo.

– Você sabe por quê? – Meu cérebro volta para a imagem das minhas mãos nas calças de Carter. Ele gozando na minha...

Balanço a cabeça. Brad não teria como saber de nada disso, mas é a única conexão que posso imaginar.

– Não. – Ela olha para nós dois, um por vez. – Há algum problema? – Nenhum problema. – Carter faz sinal para que eu entre primeiro. – Obrigado, Kylie.

– Por nada. – Ela levanta os polegares para encorajá-lo e sussurra: – Você vai se sair bem!

Só pode ser brincadeira.

Com uma tossinha de constrangimento, Carter olha para o chão enquanto eu passo, e nós dois entramos no escritório de Brad.

Brad Kingman tem aquele ar, sabe, aquele ar de que está claro que ele se acha melhor, mais inteligente e muito mais conectado nesta cidade do que você. Ele também faz aquilo que todas as pessoas intimidantes fazem, de olhar diretamente para você enquanto fala. E quando você fala, se for importante o bastante para ele de fato ouvir, ele o faz se sentir como a pessoa mais fascinante do mundo. Mas se prepare: se você telefona, é melhor saber o que quer dizer. Se vai ao escritório dele, fale logo e rápido. Ele não joga conversa fora e não fala amenidades.

Mas quando Carter entra, um Brad Kingman que nunca vi antes se levanta

para cumprimentá-lo.

– Carter – ele diz, com um sorriso amplo. Brad dá a volta na mesa, estendendo a mão. – Prazer em conhecê-lo, filho.

Filho?

Surpreso, Carter se desconcerta um pouco, mas se recupera rapidamente.

– É um prazer conhecê-lo também – diz, com os ombros alinhados, queixo para cima, dando um aperto forte na mão de Brad. Ele parece calmo.

Bom, ele fez a lição de casa.

Brad lhe dá um tapinha nas costas, faz um gesto para que ele se sente e depois volta a atenção para mim.

– Evie. Isso aqui tem estado uma loucura, não é?

Ele puxa uma cadeira para mim e eu sorrio em retribuição.

– Com certeza.

Dando a volta em sua cara mesa de nogueira, Brad faz uma pausa para olhar para cada um de nós.

– Vocês dois se conhecem?

Eu olho para Carter, com um sorriso amarelo.

– Sim, nós nos conhecemos.

– Veja, é disso que estou falando – diz Brad –, isso é uma equipe. Carter, quero que saiba que Evie aqui se tornou minha mãozinha direita. Qualquer dúvida que tiver, qualquer coisa de que precisar, Evie é a garota com quem falar. Entendido?

Sinto as bochechas ficarem quentes com o elogio e a condescendência nas palavras “mãozinha direita” e “garota com quem falar”.

– Absolutamente – diz Carter, olhando para mim um pouco desconcertado. – Ela foi muito solícita até agora.

Brad bate os nós dos dedos na mesa e se recosta em sua cadeira.

– Bom ouvir isso. Agora, se eu tivesse que adivinhar o que se passa na cabeça de vocês esta manhã, suspeito que estejam um pouco confusos sobre o que está acontecendo, estou certo?

– Exatamente – Carter responde com uma risadinha.

– Eu entendo. Entendo mesmo. – Brad se endireita, com as mãos cruzadas à sua frente. – Evie aqui vai lhe dizer que eu gosto muito de trabalho em equipe, Carter. E aqui na Price & Dickle nós somos tão fortes quanto o jogador mais fraco. Não é isso, Evie?

Eu respondo com os dentes cerrados:

– É isso, Brad.

– O que significa que precisamos que cada novo jogador da equipe seja capaz de fazer um golão. Reuni vocês dois aqui por alguns motivos. O primeiro é que, cá entre nós, acho que vocês dois são os melhores que temos. Ouvi falar muito de você, Carter. É por isso que o tirei de TV-Literatura, você pertence à divisão de Cinema agora. Vocês dois podem colocar esse departamento de volta em campo.

Ele tira duas pastas de debaixo de uma pilha e abre a primeira.

– Você começou no Financeiro de uma agência em Nova York? – ele pergunta, e Carter concorda. – E o que aprendeu com isso?

Carter se mexe na cadeira, olhando para mim antes de voltar sua atenção a Brad. Eu não sabia disso.

Obviamente, há muita coisa que não sei. Então esta é a primeira vez que vou conhecer um namorado em potencial através de uma sessão de interrogatório velada no escritório do nosso chefe.

– Bem, é claro que ouvi muita fofoca – Carter admite, sorrindo com facilidade. – Há agentes que agem como se qualquer um que não esteja envolvido numa negociação não estivesse ali. Por causa disso, ouvi conversas que provavelmente não deveria ter ouvido.

Aos meus ouvidos, isso soa como se ele estivesse sendo modesto por algum motivo, ainda escondendo suas cartas. Se eu estiver certa, Brad também sabe disso.

– É isso? – Brad pergunta.

Carter hesita por um momento.

– É uma boa forma de aprender como as pessoas lidam com a pressão, observando de fora. Você aprende a catalogar as reações de todos, antecipar o que farão quando dá alguma merda.

Brad sorri e, como conheço Brad, posso dizer que ele está se divertindo com o jeito casual de Carter dizer um palavrão. Por outro lado, ele se surpreenderia e me repreenderia se eu fizesse o mesmo. Eu me sinto nauseada. Sabia que Carter era sedutor, mas esperava secretamente que isso tivesse a ver com o fato de eu querer trepar com ele. Aparentemente não, porque ele está levando Brad na lábia também.

– Comece embaixo e leve o que aprendeu até o topo – Brad diz, concordando.

Carter sorri, e o carisma se espalha pela sala.

– Algo assim.

Brad rabisca algumas anotações e se vira para mim.

– Agora, Evie aqui pode convencer uma granada a não explodir. Essa é uma

habilidade que você precisa aprender, Carter. Muitas pessoas podem ser bons agentes, mas é preciso ser especial para identificar um talento, e ser melhor ainda para mantê-lo. Houve um percalço ou outro... – Ele faz uma pausa significativa. – Mas na maior parte do tempo, ela mostrou que está entre os grandes. Caramba, ela treinou alguns dos melhores agentes desta cidade.

Eu mordo a língua. Não é típico de Brad fazer tantos elogios, e eu levanto minhas defesas, esperando a continuação daquilo.

– Agora, como eu disse, acho que vocês dois são os melhores que temos, mas serei honesto. Não sei se podemos *manter* vocês dois...

– *O quê?* – nós dizemos ao mesmo tempo.

Brad levanta as mãos, fazendo sinal para que o deixemos terminar.

– O salário de vocês é semelhante, é por isso que vocês dois estão aqui, e não sei se a P&D terá condições de renovar ambos os contratos. Pelo menos não aqui em L.A.

Nós olhamos para a frente, aturdidos. Posso sentir o rosto ficando vermelho, meu estômago se revirando. Sou cinco anos mais velha que Carter e faço esse trabalho de uma forma ou de outra desde os dezenove. A julgar pelo que vi, Carter provavelmente é um ótimo agente, mas ele só está em L.A. há dois anos e é novo na área de Cinema. Tipo, entrou *hoje*. Em que universo nossos salários são semelhantes? Porque ele é homem? Quem diria que um pênis vale tanto?

– Brad – Carter começa, com a expressão severa.

Eu fecho os punhos ao lado do corpo e me obrigo a respirar fundo.

– Não está definido que um de vocês vai ser transferido – diz Brad –, mas serei honesto: é provável. Todos nós vamos ter que trabalhar e ver quem se adapta melhor à nova equipe combinada de Cinema.

– Não entendo – digo. – A P&D é uma das agências de maior sucesso do país. Como vocês não conseguem manter nós dois? – Dou uma olhada para Carter. – Brad, veja os meus números, tenho um ótimo desempenho...

– Menos o seu pequeno tropeço com *Dia de campo* – ele diz com um ar superior, e eu me endireito na cadeira. Quero que ele se foda por tocar nesse assunto agora. – Ouça, garota, o simples fato é que o cinema está em baixa. Os gastos cresceram. Cortes são feitos nesse tipo de situação, e é simplesmente como as coisas são. Vocês não são os únicos afetados por isso.

Olho para Carter. Ele está olhando fixamente para Brad.

– Quando você diz “Não aqui em L.A.” – Carter começa, cauteloso –, está dizendo que se um dos nossos contratos não for renovado, há uma chance dessa pessoa receber uma oferta para trabalhar em Nova York?

Brad assente.

– Com certeza há uma vaga em L.A., e uma vaga em Nova York é sempre uma possibilidade. Idealmente haveria duas vagas aqui, mas é muito cedo para especular sobre isso. Sobre qualquer coisa, na verdade.

Nós ficamos ali sentados, em silêncio. Olho para o nó brilhante na noqueira que se destaca entre o veio da madeira bem na minha frente. É do tamanho do meu punho mas ocupa apenas uma fração muito pequena da superfície da enorme mesa executiva de Brad. Eu gostaria de apertá-lo com o dedo, fazê-lo girar e dar descarga em toda essa conversa.

– O que eu quero que vocês dois façam no curto prazo – Brad diz, chamando minha atenção de volta para o seu rosto – é tirar essa situação de suas cabeças. Cada um de vocês tem um contrato que a P&D vai cumprir, e depois vamos examinar de novo. Evie, você tem mais cinco meses no seu contrato atual. Carter, você deve renovar o contrato em seis. Na época da renovação é possível que haja vaga apenas para um. Mas vocês não estarão competindo. Não exatamente.

As palavras *não exatamente* caem como tijolos atirados de cinco metros de altura.

– Encontrem-se com alguns dos agentes, com a equipe de apoio, de ambos os lados – Brad continua com um esquecimento proposital. – Falem com a equipe de Nova York que está nos visitando. Tentem sentir como as suas listas vão reagir e como vocês podem mantê-las. Falaremos sobre isso mais para o fim da semana. – Ele se vira para mim. – Evie, acho que manter os atores não será um grande problema para você, uma vez que seus clientes já são da P&D, então eu gostaria que mostrasse o trabalho para Carter, mostrasse como nós fazemos as coisas. Talvez apresentá-lo a alguns de seus colegas e contatos.

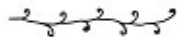
Eu me sinto nauseada. Assim como aconteceu com John Fineman, Brad está me fazendo passar alguns dos contatos que trabalhei duro para conseguir para um colega de trabalho. Mas não para qualquer colega: para *Carter*, meu novo quase-namorado, com quem eu *não estou exatamente* competindo por um emprego.

– É claro – digo. O que mais posso fazer?

– Carter – diz Brad, virando-se –, você tem carisma suficiente para conquistar toda esta cidade, e acho que o fará. Ouça Evie, aprenda com ela; ela sabe do que está falando. – Ele olha para nós dois. – Pelo menos por enquanto – ele diz, reclinando-se novamente na cadeira –, acho que vocês serão uma dupla incrível. Tentem ver dessa forma.

Ele sorri, inclina-se para a frente com o queixo apoiado nas mãos e nos dá aquele seu olhar azul gélido.

Brad Kingman então nos libera.



No corredor, Carter e eu observamos o chão, a parede, as mesas à distância. O número de coisas que poderíamos dizer sobre a situação parece infinito. Mas estranhamente, por mais que eu tenha gostado de sua companhia, seus beijos e seu pênis, ele é a última pessoa com quem quero falar sobre isso agora.

Percebo que ele está tenso. Percebo que *nós dois* estamos tensos, mas preciso assimilar isso na minha própria cabeça antes de ajudá-lo a assimilar também.

Ele deixa escapar um sussurro.

– Isso é surreal.

– Eu concordo. – Tenho que desviar meu olhar da tensão em seu maxilar.

– Quando fiquei sabendo da fusão, meu maior medo era que seria difícil trabalhar com minha nova namorada.

Meu coração afunda no peito quando ele diz isso.

– Mas agora... – Ele balança a cabeça, passando a mão nos cabelos grossos. – Eu *preciso* desse emprego. Eu me mudei para cá por causa desse emprego.

– Minha vida inteira está aqui – eu o lembro. – Trabalho para a P&D faz cinco anos. Entendo que a situação é muito chata para você, mas eu fiz contatos aqui. Construí uma *carreira* aqui.

“Você tem carisma suficiente para conquistar toda esta cidade, e acho que o fará.”

As palavras de Brad quicam dentro do meu crânio, e eu cerro os punhos ao lado do corpo. Brad quer que Carter conquiste toda a cidade; onde isso me deixa exatamente?

Carter olha para mim e, por um segundo, vejo irritação em seus olhos verdes. Mas ele rapidamente a afasta.

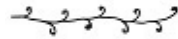
– Esta, provavelmente, não é a melhor hora para falar sobre isso. – Ele fecha os olhos, respirando fundo algumas vezes. – Olhe, essa é a pior coisa que poderia acontecer entre nós, eu sei disso. – Ele coloca a mão quente no meu antebraço. – Mas vamos nos virar, não se preocupe.

Por algum motivo essa frase me incomoda ainda mais. É verdade que essa não é uma boa situação para nenhum de nós, mas eu não preciso que ele seja condescendente e me diga que tudo vai ficar bem quando ele sabe exatamente o

mesmo que eu. E, especialmente, não preciso que tente me confortar logo depois de me dizer quanto precisa ficar com esse trabalho.

Nós nos separamos sem mais conversa, afastando-nos do escritório de Brad em direções opostas: eu vou tomar água na copa enquanto Carter vai para o banheiro.

Sei que eu deveria comer a barrinha de cereais que coloquei na bolsa hoje de manhã, mas meu estômago parece ter encerrado o expediente.



Para ajudar com a transição, a P&D trouxe alguns funcionários de Nova York. E, assim como Brad sugeriu, no início da tarde tive uma conversa com uma agente sênior que encontrei em várias ocasiões, uma mulher que admiro profundamente. Seu nome é Joanne Simms e ela é excepcional. Ela começou em Cinema e passou para TV, mas conhece *todo mundo*. À primeira impressão, ela é o ser humano mais gentil que se pode encontrar. Mas nas negociações a máscara cai. Ela é minha Kathy Bates em *Tomates verdes fritos*. Se você estiver na vaga de garagem dela, ela é capaz de jogar o carro em cima do seu sem pensar duas vezes. E depois talvez atear fogo nele.

Seu escritório temporário fica no fim do corredor e tem uma vista bonita do centro com as montanhas atrás. Essa sala foi recentemente ocupada por Tom Hetchum, chefe do departamento Jurídico da P&D. Tom não está mais conosco.

Joanne acena para que eu entre e, enquanto termina um telefonema, fico perto da janela, tentando acalmar meu coração disparado. Adoro a vista de L.A. desse lado do prédio. Faz com que eu me lembre de quanta gente há aqui, quantas oportunidades, quanto espaço há para todo mundo em meio ao horizonte cheio de prédios. Não sou otimista, mas também não sou exatamente pessimista. Sou do time do espere-e-veja-quando-tiver-mais-informação. Minhas opiniões passam 99% do tempo em modo de espera antes de atacar como um falcão.

E agora minhas opiniões precisam que Joanne saia do telefone e me diga que tudo isso é uma bobagem e que tudo vai ficar bem.

No fim, ela não me diz isso. Mas há um clima esperançoso na reunião de qualquer forma. Joanne é hilária, ela adora o trabalho, adora o que faz. E é uma mulher que nunca deixa o jogo dos homens atrapalhar seu caminho. Ela é exatamente quem eu quero ser.

Falamos sobre sua lista, sobre o tipo de lista que eu tenho e qual futuro imagino para ela. Falamos sobre os clientes que seria bom que eu herdasse dos

agentes que foram demitidos, e como administrar o pânico dos meus clientes atuais junto com o pânico dos atores que foram passados para alguém novo. Temos uma conversa que se parece muito mais com um planejamento de longo prazo e, embora eu não vá trabalhar muito com Joanne porque ela cuida de tv em Nova York, só de saber que ela estará por perto já é reconfortante.

No fim da reunião me sinto um milhão de vezes melhor sobre meu lugar aqui, e sinto que Carter e eu podemos arranjar um jeito de isso funcionar. Pelo menos, sinto que sou necessária e que a gerência da P&D sabe disso.

Os corredores estão silenciosos quando deixo o escritório de Joanne, e tenho um momento de paz para ficar sozinha e pensar sobre essa manhã. Vi Carter indo para o escritório de John Fineman mais cedo, e instintivamente quero esperar por ele. Eu me sinto tão melhor depois de falar com Joanne e quero transmitir essa esperança numa conversa com Carter. Mas quando o vejo sair, imediatamente percebo que sua reunião não foi tão bem. Sua posição é certamente mais precária que a minha, e eu *gosto* mesmo dele. Não quero que ele se mude para Nova York, da mesma forma que não quero me mudar.

– Como foi com John? – pergunto.

– Acho que nunca falei tanto numa reunião antes.

Eu dou risada.

– John não é conhecido por ser muito falante. Sentei ao seu lado num jantar de Natal da empresa e digamos que é incrível que ele consiga fazer algum negócio. Não é conhecido por ser muito... sociável. – Sinto um pouco como se estivesse marcando meu território aqui, enfatizando minha familiaridade com pessoas que ele acabou de conhecer. Sei que deveria me conter e ser mais solidária, afinal, Carter é novo aqui. Então passo a encorajá-lo: – Tenho certeza de que você foi ótimo. Aposto que todo mundo te adora.

Carter me observa por alguns instantes, e tenho a impressão distinta de que ele sabe exatamente o que estou fazendo.

– Parece que as coisas foram bem com Joanne.

Eu concordo, sorrindo.

– Quando vai se encontrar com ela?

– No fim dessa semana.

– Você quer ir almoçar? – pergunto. – Posso te explicar o que é o que aqui. Quem está dormindo com quem e onde o café bom está escondido.

Ele desvia o olhar, sério, enquanto olha para um ponto à distância no fim do corredor.

– Acho que vou comer um sanduíche e ler todos os e-mails que me esperam –

ele responde. – Tenho um milhão de coisas para resolver agora. Talvez outra hora?

Eu conheço as pessoas. Posso facilmente identificar seu recuo cuidadoso.

– Tudo bem.

Observo enquanto ele aperta o osso do nariz.

E então olha para mim e sorri de um jeito aflito.

– Vejo você mais tarde?

Ele se vira em direção ao corredor e sua postura imediatamente muda. Seus ombros estão retos e seu traseiro parece maravilhoso nas calças escuras de alfaiataria. Cabeças se viram. Algumas estagiárias se inclinam e falam sobre ele quando ele passa, com expressões ansiosas de admiração. É como se um astro do futebol americano tivesse acabado de passar pelo corredor. Meu bom humor por causa da reunião com Joanne murcha enquanto vejo exatamente o que elas veem: confiança, carisma...

Competição.

❖❖❖❖❖ capítulo nove ❖❖❖❖❖

Evie

– Como pode não gostar de couve-de-bruxelas? – Amelia pergunta para Daryl, segurando o garfo na frente da careta da nossa amiga. Estamos fazendo um *happy hour* de emergência, com comida em vez de drinques. Eu não costumo beber quando estou estressada, mas como bastante.

Daryl empurra sua mão com delicadeza.

– Porque elas têm um gosto horrível na boca?

– Eu aceito gosto horrível na minha boca – digo. – Fico com a parte dela.

Amelia me observa por um momento antes de colocar couve no meu prato.

– Cuidado para quem você diz isso.

– Falando nisso: deveríamos ter convidado Carter – diz Daryl. – Ele é uma graça e provavelmente está surtando tanto quanto nós agora.

O departamento de Daryl não foi atingido da mesma forma que o de Cinema. Eles ainda terão cortes, mas é muito mais barato manter Daryl do que mandá-la embora. Ela está segura por pelo menos mais um ano.

Balanço a cabeça, rapidamente mastigando uma garfada enorme.

– Ele não *quis*.

Até agora, só contei para elas os pontos principais:

- *Ficar escondida no meu escritório, com medo de ser demitida.*
- *Reunião com Brad.*
- *Achar que não vou ser demitida.*
- *Surpresa! Pode ser que haja só uma vaga para um de vocês.*
- *E, quando dizemos um de vocês, estamos falando desse cara novo com quem você quer trepar.*

– Vocês não... *você sabe*... – Daryl faz um gesto sexual explícito com a mão. E acrescenta: – Tipo, algumas noites atrás?

– Use palavras de adulta, Daryl – Amelia diz.

– Com as mãos – confirmo. – E foi uma experiência sagrada. *Orgasmus maximus*. Meu edredom e eu estamos esperando uma repetição.

– Então, como isso vai rolar? – Amelia pergunta. – Vocês não podem trabalhar juntos e dormir juntos?

– Ou talvez vocês não vão trabalhar juntos e ainda poderão dormir juntos? – Daryl sugere.

– Ótimo, exceto pela parte sobre um de nós ser um sem-teto desempregado. Não ter casa costuma ser algo totalmente broxante. – Coloco um pedaço de pão sírio na boca e mastigo, pensando. – Temos uma reunião para falar sobre nossa lista de clientes na quinta-feira. E depois disso, suponho que vamos agir como se fôssemos trabalhar lá para sempre, sabendo que o contrato de um dos dois provavelmente não será renovado. Eles falaram em Nova York, mas... eu não sei.

Daryl fica pálida.

– Você *se mudaria*?

– De jeito nenhum. Mas a P&D tem muitos recursos. Não quero fechar nenhuma porta a menos que precise.

– E Carter também tem muitos recursos? – Ao entender o duplo sentido das palavras de Daryl, Amelia bate na palma da mão dela.

Meu telefone acende na mesa e nós três vemos o nome de Carter.

– Ai, *merda* – Daryl sussurra. – É como se ele *soubesse*...

Eu olho para o celular enquanto ele continua tocando.

Amelia suspira.

– Você não vai atender o maldito telefone?

Eu o levanto, passando o dedo pela tela.

– Oi, Carter.

– Oi.

Levantando-me, ando até um canto tranquilo do restaurante, perto das janelas.

– Como você está indo? – ele pergunta.

Eu dou risada, passando o dedo no peitoril da janela.

– Estou pedindo todo o cardápio de aperitivos do Post and Beam, então estou indo bem.

Carter também ri, e eu percebo quanto nós dois soamos constrangidos e sem graça.

– Viu, eu ainda estava reagindo mal quando você me convidou para almoçar e provavelmente fui um pouco mais seco do que gostaria. Sei que é loucura, mas não quero que isso atrapalhe o que está começando entre a gente, sabe?

Concordo, mas tenho dificuldade de dizer algo em resposta. É tão complicado agora.

– Eu sei – digo, finalmente. – É gostoso ficar com você.

– Com você também. – Ele fica uns segundos em silêncio. – Será que estamos competindo por essa vaga?

– Brad com certeza fez parecer que sim. Mas não sei se precisamos disso. Acho que podemos descobrir uma forma de nós dois sermos indispensáveis.

– Vamos nos esforçar para nos comunicar – ele diz. – Se formos honestos um com o outro ficaremos bem, certo?

Eu solto um “É claro” sem muito entusiasmo e depois de umas poucas palavras concordamos em nos falar no dia seguinte.

Parece que estamos no convés do Titanic enquanto ele afunda dizendo: “Ele vai voltar a subir a qualquer momento”.

✉ Data: Quarta, 14 de outubro às 5:03

De: Bradley Kingman

Para: Aimee Miller; Dudley Thompson; John Fineman; Timothy Brown; Andrew Murphy; Carter Aaron; Evelyn Abbey; Rose McCollough; Ashton Garcia

Assunto: Dan Printz

Importante: Alta confidencialidade

Equipe,

Fiquei sabendo na noite passada que Dan Printz está deixando a agência que o representa, a Lorimac. Se alguém achar que pode lançá-lo, me avise para marcar uma reunião. Esse é um cliente potencial de 5 milhões de dólares ao ano. Evie tratou do contrato de roteiro dele na Alterman há alguns anos, então estou me inclinando nessa direção. Se tiverem alguma objeção, apresentem até as 9h.

✉ Data: Quarta, 14 de outubro às 5:07

De: Carter Aaron <caaron@PriceDicklepartners.com>

Para: Bradley Kingman

CC: Aimee Miller; Dudley Thompson; John Fineman; Timothy Brown; Andrew Murphy; Evelyn Abbey; Rose McCollough; Ashton Garcia

Assunto: Re: Dan Printz

Deixe-me tentar com ele, Brad. Nós temos um amigo em comum em Nova York.
-C.

✉ Data: Quarta, 14 de outubro às 5:08

De: Evelyn Abbey
Para: Bradley Kingman
Assunto: Re: Dan Printz

Eu gostaria de continuar trabalhando com Dan. Nós tínhamos uma ótima relação e estou confiante de que consigo trazer a sua conta.

Obrigada,

Evie

✉ Data: Quarta, 14 de outubro às 5:08

De: Evelyn Abbey
Para: Bradley Kingman
CC: Carter Aaron
Assunto: Re: Dan Printz

Acho que Carter e eu respondemos ao mesmo tempo. Ao que parece nós dois gostaríamos de trazê-lo para nossa agência. Talvez essa seja uma boa oportunidade para uma estratégia de representação em equipe. Vamos conversar hoje?

Evie

✉ Data: Quarta, 14 de outubro às 5:43

De: Bradley Kingman
Para: Aimee Miller; Dudley Thompson; John Fineman; Timothy Brown; Andrew Murphy; Carter Aaron; Evelyn Abbey; Rose McCollough; Ashton Garcia
Assunto: Dan Printz

Deus ajuda quem cedo madruga. E bem em tempo, Carter. Joanne acabou de ligar. Dan será eleito o Homem Mais Sexy pela *People* – ainda não foi anunciado. Seria uma aquisição enorme para nós. Carter, Kylie vai marcar uma reunião entre você e Dan essa semana. Bom trabalho.

Brad

capítulo dez

Carter

Na tarde de quinta-feira, Michael Christopher senta-se numa mesa no pátio em frente à P&D. O sol está brilhando lá no alto, o céu está azul sem nenhuma nuvem à vista, e ele espera, comendo seu sanduíche de pasta de amendoim e geleia enquanto eu ando para lá e para cá.

Rotular a situação atual de “tensa” seria como dizer que Usain Bolt é “rápido”. Embora a maioria dos chefes pareça entusiasmada com a fusão porque ela transforma a P&D nesse enorme conglomerado monstruoso, o restante das pessoas virou um bando de pássaros ansiosos, olhando-nos como se estivéssemos não só armando para tirar o emprego uns dos outros, mas os filhos uns dos outros.

A situação com Evie não melhorou nada. Passamos da camaradagem para uma das noites mais quentes que já tive e depois para conversas entrecortadas no corredor do trabalho. Depois de nossa conversa na noite de terça-feira, imaginei que íamos nos encontrar para resolver as coisas, mas ela tem estado tão ocupada com reuniões, e eu mal a vi ontem. A semana inteira, na verdade.

É por mais que eu gostaria que começássemos em pé de igualdade com Brad, sei que essa não é a realidade. Acho que não estou errado na minha percepção de que ele gostou mesmo de mim e de que há alguma velha animosidade entre eles, mas também ela trabalha com ele há anos. Sem mencionar que ela tem o benefício de ter todos os contatos locais. Também tenho a sensação de que ela está se alinhando com um grupo seletivo de colegas e montando uma artilharia nessa posição, esperando se tornar indispensável...

Mas não concordamos que poderíamos trabalhar juntos?

– Pode se sentar e comer alguma coisa? – pergunta Michael. – Vou precisar de um remédio para enjoo se continuar olhando para você.

Coloco as mãos nos bolsos e me sento no banco ao seu lado. Ele tira alguma coisa de um saco de papel marrom e a passa para mim junto com um saco plástico cheio de batatinhas fritas.

– Coma.

Eu olho para baixo. Um sanduíche de geleia de uva, cortado na diagonal.

– Você trouxe meu almoço?

Ele ergue os ombros e dá outra mordida.

– Eu sabia que você estava preocupado.

– Obrigado.

– Imagino que não tenha novidades?

Saí direto do trabalho para a casa de Michael e Steph na terça à noite e, no que deve ter parecido um surto de mania, contei para eles tudo o que sabia sobre a fusão, inclusive a reunião em que Brad nos jogou a bomba. Nenhum deles sabia o que dizer, e eu não posso exatamente culpá-los. Afinal, é uma situação de merda sem uma boa solução. Então, depois que liguei para Evie, decidi ficar na casa deles para assistir a uma maratona de *Buffy – A caça-vampiros* e não sei como consegui comer uma torta de coco inteira.

– Nenhuma novidade – digo a ele, deixando o sanduíche de lado e apoiando os cotovelos na mesa.

– O que eu sei é que Brad não gosta de Evie – diz Michael –, mas ainda assim a mantém por perto como se fosse uma espécie de jogo.

Isso parece estar certo.

– Ele teve o despeito de falar sobre *Dia de campo* bem na minha frente. Uma atitude bem babaca – resmungo, encostando a testa na mesa. – Eu gostei mesmo dela, Michael. Não, verbo no presente: eu *gosto* dela. Não há um ângulo em que isso não seja um saco.

– Eu sei, cara. – Ele estende a mão e aperta meu ombro para me confortar.

Sento-me ereto novamente, olhando para o gramado e os carros que se movem à distância na rua. Michael fica quieto por um momento e lentamente tamborila com os dedos na coxa.

– Na verdade, tem só uma coisa que você pode fazer – ele diz, finalmente. – Vai ter que se livrar dela.

– Me *livrar* dela?

Ele faz que sim com a cabeça, dando uma mordida enorme no sanduíche.

– Fazer com que ela pareça incompetente.

Fico de queixo caído.

– Que tipo de plano estúpido é esse? Eu gosto dela!

Ele pisca, observando-me enquanto mastiga.

– Fora isso – continuo –, Brad pode ter tentado diminuí-la um pouco, mas também garantiu que eu soubesse contra quem estou lutando. Ninguém vai

pensar que ela é incompetente. – Ele olha para mim sem expressão, o que só me faz explodir. – Sem mencionar que ela também é sua amiga, seu babaca.

Ele coloca uma batatinha na boca com um sorriso satisfeito.

– Jesus, eu o conheço tão bem. Você é tão certinho, Aaron. Só queria ter certeza de que pensamos a mesma coisa.

Olho para ele fixamente.

– Graças a Deus trouxe o meu almoço, porque do contrário você não está sendo de nenhuma ajuda.

Ele ri, limpando a boca com um guardanapo de papel cor-de-rosa.

– Olha, você gosta de Evie e ela gosta de você. Vocês dois estão acostumados a resolver problemas. E, se alguém pode encontrar um jeito de coexistir, são vocês. Mostre para esses caras que eles estão errados e que eles precisam de vocês dois. Não é isso que os agentes fazem, afinal? Convencem as pessoas a fazer coisas que elas não sabem se querem?

– Isso é literalmente o contrário do que os agentes fazem. Você nunca ouviu sua mulher quando ela fala sobre trabalho?

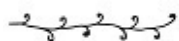
– Que seja. Faça o que estão acostumados a fazer. Salve seu emprego, fique com a garota.

Faço uma bola com meu saquinho de batatas e jogo nele.

– Você é um idiota.

– Deixo as pessoas pensando.

Eu me levanto, recolho o lixo e caminho até o cesto, jogando-o lá dentro. “Salve seu emprego, fique com a garota.” Ele pode ser um idiota, mas a verdade é que uma parte de mim fica pensando que dessa vez ele está certo.



Depois do almoço, entro no prédio, despedindo-me tragicamente de Michael Christopher e do dia perfeito e ensolarado. Ainda estou descobrindo as coisas no novo escritório, memorizando nomes e cargos, tentando entender quem preciso manter por perto e quem preciso manter mais perto ainda.

O prédio cheira a tinta fresca e limpador de carpetes e, em comparação com o clima descolado dos anos 1970 da CTM, tudo aqui parece novo, novo, novo. Meus passos são acompanhados por um murmúrio constante de vozes, telefones tocando e barulho de teclados. Em Nova York, sempre podíamos ouvir o trânsito, até mesmo do 12º andar. Era a trilha sonora sempre presente em todas as conversas, o som que nos fazia dormir todas as noites. Tornou-se tão familiar

que, fora o ruído ocasional de uma buzina ou sirene, era fácil esquecer que havia carros fora do prédio. Na CTM, ficávamos do lado do corpo de bombeiros; o som da sirene ligando e saindo pelo portão se tornou tão familiar que nem comentávamos sobre ela quando parávamos de falar no meio da frase na sala de reuniões, esperando o silêncio retornar.

Aqui é mais tranquilo e, no entanto, a *sensação* é de que há mais barulho. A falta de ruído da rua do lado de dentro das janelas elegantes de vidro duplo faz com que todos os sons internos se destaquem. E enquanto entro no meu escritório, sou lembrado novamente de que a vista também é completamente diferente.

Ela não está lá agora, mas o escritório de Evie fica exatamente na frente do meu. Notei que ela gosta de conversar com clientes no pequeno sofá e na poltrona perto da porta. Se me abaixo para alcançar a lixeira – por coincidência, não de propósito, é claro –, posso ver suas pernas através do vidro, o jeito que ela as cruza, o jeito que ela...

Meu novo assistente, Justin, bate à porta e espia para dentro. Eu o herdei de um agente da P&D que foi cortado, e ele parece um cachorro de abrigo adotado. Se continua aqui, é obviamente considerado bom, mas ainda estamos encontrando um ritmo. Ele é nervoso, parece o tipo de cara que usa emojis em vez de palavras, e fala *nós* quando se refere a qualquer coisa na minha lista de tarefas.

“Temos um telefonema com Patrícia da Fox às onze.”

“Temos um almoço à uma com Peter do Jurídico.”

“Vamos deixar anotado aqui que precisamos falar com Brad sobre isso.”

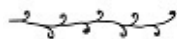
Ele também não é Becca. Eu apostei na sorte e perguntei se havia alguma forma de mantê-la; não havia. Aparentemente as fusões não funcionam desse jeito.

Becca costumava discutir comigo, e ela estava certa 98% das vezes. Becca me dava um tapinha no rosto quando eu não estava prestando atenção e gritava comigo por deixar minhas canecas de café vazias espalhadas pelo escritório. Becca corrigia minha gramática em bilhetes de Post-it. Becca e sua letra floreada que eu nunca conseguia decifrar. Sinto falta de Becca.

– Você está de volta – Justin diz enquanto entra no meu escritório. Como a maioria dos estagiários e assistentes aqui, ele mal tem idade para beber e parece que acabou de sair de um comercial da C&A.

– Oi. Sim. – Com as mãos nos quadris, observo o escritório novinho. Parece tão vazio.

– O almoço foi bom?
– Só encontrei um amigo.
– Precisamos encontrar algumas pessoas. – Ele olha para suas anotações. – Angela, de Literatura. Esther, do Jurídico. Aimee, do...
– Ouça – digo enquanto caminho até a porta. Satisfeito por ninguém estar por perto, fecho-a silenciosamente. – Você sabe onde está Evie?
– Evelyn... a senhorita Abbey? – ele pergunta formalmente e eu concordo com a cabeça.
Justin sai correndo da sala e volta cerca de vinte segundos depois.
– Jess disse que ela foi a um almoço de trabalho e ainda não voltou.
– Jess?
– A assistente dela.
– Certo. – Estou me contorcendo por dentro e quero me sentar para conversar com Evie o mais cedo possível. Vamos nos encontrar com Brad para rever nossa lista de clientes esta tarde e eu preferiria que fôssemos para essa reunião como uma frente unida e não sob uma nuvem de falta de comunicação e silêncio constrangedor. – Faça-me um favor e me avise quando ela voltar, certo?
– Temos aquela reunião com Joanne em cerca de cinco minutos – ele me lembra.
Dou-lhe alguns segundos para que ele ouça o eco dessa frase, mas ele não parece se arrepender desse jeito estranho de falar.
– Obrigado, Justin – agradeço. – Estou indo para lá agora. Mande-me uma mensagem se encontrar Evie.
Os olhos de Justin se arregalam com a perspectiva de receber uma tarefa específica, e isso faz com que eu me sinta mal por ele por alguns segundos. Fusões são terríveis o bastante, mas com um chefe que ainda não tem jogo de cintura? Tortura.
– Com certeza – ele diz, com prontidão. – Vou ficar de olho e mando uma mensagem no minuto em que ela estiver de volta! Tenha uma boa reunião. – Ele se vira para ir embora mas para à porta. – Ah, e se não encontrar com a senhorita Abbey antes, lembre-se que vocês dois têm uma reunião com Brad às duas.
Como se eu pudesse esquecer.



Entro na reunião com Joanne tentando me sentir otimista. Em circunstâncias normais, eu estaria flutuando em autoconfiança. Sei que sou extrovertido e um

bom colega de trabalho. Todo mundo com quem conversei na P&D se mostrou simpático, animado e entusiasmado quanto ao que posso oferecer para a nova empresa.

Sei que Joanne trabalhava no escritório de L.A. mas foi transferida para o departamento de TV em Nova York alguns anos atrás. Dizem que ela se mudou porque Brad não trabalha bem com mulheres. E depois de tê-lo visto em primeira mão com Evie, sou inclinado a concordar. Levando em conta que Joanne tem a mesma experiência que ele, me pergunto se essa mudança foi decisão dele ou dela. Hollywood é um mundo de muito cacique para pouco índio.

Infelizmente, minha sensação de otimismo não dura. Essa foi uma reunião basicamente para nos conhecermos, na qual tudo o que Joanne fez foi falar sobre o que viu no meu portfólio, o que encontrou na internet ou o que ouviu de Brad. Mas Joanne claramente *conhece* Evie. Claramente *gosta* de Evie. Se com Brad senti que tinha alguma espécie de vantagem – no sentido de camaradagem masculina, da qual não gosto muito, na verdade –, aqui essa vantagem está completamente ausente. Joanne enfatiza quanta sorte eu tenho de trabalhar com Evie, como ela é ótima e respeitada, e quanto posso aprender com ela.

Basicamente, hoje o dia teve um bocado de “Evie é o máximo”, e é apenas uma da tarde.

Sentindo meu estômago em algum lugar perto dos meus joelhos, recebo uma mensagem de Justin a caminho da reunião com Brad, dizendo que Evie chegou, deixou suas coisas no escritório e já está na sala de reuniões, esperando.

Merda, já era a ideia de criar uma estratégia. Ficou claro que Evie tem uma vantagem e tanto. Ela não só é inteligente, bonita e sensacional no trabalho, mas conseguiu que os executivos a enchessem de elogios. Eu definitivamente vou ficar sem emprego.

Virando a esquina, vejo-a assim que entro na sala.

Não importa quantas vezes eu a veja, sempre me surpreendo com sua beleza, como se de certa forma eu esquecesse quando não estamos juntos. Seus cabelos escuros estão presos no topo da cabeça e ela está usando um casaco acinturado com uma camisa de manga longa por baixo. Está de saia e, quando me sento ao seu lado, preciso de uma força sobre-humana para não deixar meus olhos, e minhas mãos, seguirem o contorno de suas pernas embaixo da mesa. Posso imaginar como ela ficaria esparramada sobre a mesa, ou talvez pressionada contra a parede de vidro...

Foco, Carter. Olhos no prêmio.

Fora um olá rápido de vez em quando no corredor ao nos cruzarmos, não nos falamos desde o breve telefonema na noite de terça-feira. Quer dizer, obviamente isso é um pouco esquisito, dado que há menos de uma semana eu estava com a mão debaixo de sua calcinha e já estava planejando quando faríamos isso de novo.

Brad ainda não chegou, então estamos sozinhos na sala, mas por via das dúvidas, falo baixinho:

– Eu estava me perguntando se você não quer sair hoje à noite. Jantar? Planejar?

Ela termina o que estava escrevendo e olha para mim. Fico invejando sua máscara de tranquilidade enquanto ela rapidamente olha em volta. Estou perto, mas não perto demais. Definitivamente não estou invadindo seu espaço, mas talvez dando a entender que eu gostaria muito, muito mesmo de fazer isso.

– Jantar? – ela repete. Percebo que o coração dela se acelera. Suas pupilas se dilatam enquanto continuamos a nos olhar. – Você quer jantar.

É como jogar um fósforo numa poça de gasolina e, embora eu saiba que não deveria, quero me inclinar em sua direção e beijar seu pescoço.

– Sim. Se não estiver ocupada.

Engulo seco, esforçando-me para manter os olhos nos dela e não os desviar para sua boca. Olhar para sua boca poderia me fazer *lembrar* de sua boca, o que poderia me levar a imaginar sua boca, e isso seria uma ideia muito, muito ruim.

Evie tira o celular e checa a agenda, suas sobrancelhas se aproximam enquanto ela olha a tela.

– Tenho uma reunião às cinco. O que você quer dizer com planejar? Planejar o quê?

Planejar você em cima de mim?

Brad escolhe esse momento exato para entrar na sala. Ele se senta e mexe em alguns papéis antes de olhar para nós.

– Evie, Carter, como vocês estão? Jogando limpo?

Só posso me perguntar se a reação de Evie é a mesma que a minha, sinalizando *que diabos?*

– Claro – nós dois dizemos, e eu sinto seu pé me cutucar de leve debaixo da mesa. E sim, é exatamente *disso* que precisamos. Nós contra eles. Uma frente unida. Eu seguro meu sorriso. Podemos fazer isso, não tenho dúvida.

Kylie entra na sala, pousando uma pilha de pastas na frente de Brad. Ele coloca os óculos enquanto abre a primeira.

– Está bem, ótimo – ele diz, distraído, e eu sei que poderíamos ter dito

“Estamos uma merda, Brad. Você nos colocou sob pressão. Uma semana atrás estávamos a caminho de uma trepada fenomenal, mas agora estamos tentando procurar as fraquezas um do outro e explorá-las” e ele teria a mesma reação. Brad é um babaca. Fico contente que Evie tenha lhe dado aquela comida de cachorro.

– Hoje vamos falar sobre clientes – ele informa, virando algumas páginas nas fichas de clientes. – Provavelmente teremos mais alguns, mas agora estamos aqui por causa dos grandes. – Ele olha para mim. – Carter, você vai trabalhar com Dan Printz, certo?

Eu concordo.

– Já entrei em contato com a equipe dele. Por enquanto, só caixa-postal.

Sinto Evie se mexer ao meu lado, e há algo em sua postura... uma rigidez que não estava lá alguns segundos atrás. Seu pé não está mais colado ao meu e, do canto do olho, posso ver que ela cruzou lentamente as mãos no meio do corpo.

Será que... ela está com raiva porque me prontifiquei a tentar trazer Dan Printz?

Meu peito fica apertado à medida que a sequência de e-mails passa pela minha cabeça. Evie mandou uma mensagem, anunciando que também queria participar e Brad passou o trabalho para mim. Naquela hora, foi apenas uma troca de e-mails no meio da histeria pós-fusão na minha caixa de entrada, mas agora me ocorreu que Evie provavelmente viu meu e-mail como algo totalmente desleal.

Ai, merda. *Será que foi?* Ela não teria feito o mesmo?

Pisco para me concentrar e ouvir o que Brad está dizendo.

– ... imagino que vocês tenham clientes que foram transferidos da CTM para cá, incluindo Emil e alguns outros, então por enquanto quero que você comece devagar, concentrando-se em assegurá-los de que as coisas continuam como sempre. Mas acrescentar Dan será uma grande coisa. – Ele mexe em alguns papéis e depois olha para mim. Eu concordo com a cabeça, indicando que ouvi o que ele disse. Ele olha para baixo novamente. – O primeiro novo contrato em sua lista de clientes será Jett Payne. Jett começou em alguns filmes independentes e entrou para a maior série da Mtv alguns anos atrás. Seu personagem foi morto no final quando ele recebeu uma oferta para um papel grande num seriado e, na minha opinião, ele vai estourar logo. Sua experiência em tv será útil, mas fale com Joanne sobre ele. Ela já ajudou atores nessa transição dos dois lados.

Ele passa a pasta para mim e eu a folheio, fazendo algumas anotações.

Dan é um peso pesado no cinema, Jett é um iniciante. Até agora, tudo bem.

– Em seguida para você, Carter, temos Jamie Hung, queridinha de *reality*

show. – É impossível não perceber seu tom de zombaria, mas finjo que ignoro. Os *reality shows* são um dos maiores mercados para o público de 18 a 29 anos, e o programa de Jamie costuma estar entre os cinco mais populares. Ela tem uma presença enorme nas mídias sociais e, embora isso não signifique nada se as pessoas não aparecerem e *comprarem* as coisas que você está vendendo, pelo que entendi, os fãs dela compram. Um amigo meu encontrou-a brevemente e mencionou que ela estava ansiosa para fazer cinema.

– A assessora de Jamie se chama Allie... – Ele procura em suas anotações. – Allie Brynn. Ela é boa. Jamie subiu rápido ao estrelato e tem um público imenso on-line, mas é burra como uma porta. – Evie tosse seco, significativamente, mas Brad parece não perceber. – Allie a mantém na linha e o principal trabalho dela é fazer com que Jamie faça o que você quiser.

– Entendi – digo, anotando o nome de Allie. Já trabalhei bastante com assessores no passado. Na maior parte do tempo, eles facilitam o meu trabalho.

– Alex Young é um dos nossos maiores clientes, Carter, e acho que ficará bem na sua lista – Brad continua, e eu sinto meu coração acelerar. Alex é um cantor-compositor cujo álbum de estreia começou no segundo lugar no Reino Unido, e ele deve se tornar um grande astro nos Estados Unidos.

Minhas mãos estão suando.

– Estou passando ele para você por causa de sua experiência em teatro e música em Nova York. Você trabalhará em colaboração com a equipe de Música daqui, mas as pessoas o estão rondando para fazer cinema. Pessoalmente, acho que não há pressa nisso e você pode ser exigente. Terá menos clientes que Evie no começo, mas acho que Alex lhe cairá como uma luva.

Tomo um momento para desviar os olhos da pasta de Alex para Evie, e ela parece impressionada. *Nós vamos conseguir fazer isso*, eu penso. Temos forças complementares e podemos vender a ideia de trabalharmos como uma equipe para Brad. Uma pequena parte de mim sonha acordado com o que poderia se tornar nosso próprio departamento especializado se nos dermos muito bem.

– Peça para o seu assistente me passar sua lista no momento, só de quem vai continuar com você depois dessa fusão, e nós atualizaremos e partiremos daí – Brad diz e eu concordo, pegando o telefone e enviando uma mensagem para Justin.

– Evie – diz Brad, e ela se endireita na cadeira. – Sei que você já tem uma lista bem pesada e está trabalhando nos contratos de Adam Elliott e Sarah Hill. Isso é fantástico. – Ele balança a cabeça e acrescenta algo aparentemente a contragosto: – Bem, estou impressionado.

Ótimo. Tanto Adam quanto Sarah são consagrados, mergulhados até o peito nesse ramo. Brad olha para a pasta de Evie, aberta à sua frente.

– A primeira que vou passar para você é Marian Isaac.

Odeio o fato de que minha primeira reação para isso é querer dar risada, porque embora Marian traga uma tonelada de dinheiro, não será fácil para Evie. Marian é uma modelo que se tornou atriz famosa, conhecida por ser um pesadelo. Ela é exigente, costuma ser rude com fãs e entrevistados, e alguns dos chiques com seu último diretor são lendários. Não surpreende que algum outro agente tenha usado a fusão como desculpa para passá-la adiante.

Evie concorda, com uma expressão inescrutável, mas tenho de admitir que ela não parece particularmente surpresa. “Evie pode convencer uma granada a não explodir”, Brad tinha dito. É exatamente isso que parece.

– Ela foi abandonada pela Lorimac recentemente – diz Evie.

– Isso mesmo. – Brad ri. – Ela conseguiu três milhões de dólares para eles no ano passado e eles ainda assim a soltaram como uma batata quente.

– Quem estava com o contrato dela antes? – ela pergunta.

– Chad. – Brad deixa escapar um sorriso sardônico. – Ele ficou feliz em passá-la adiante.

– Ah, tenho certeza disso. – Evie dá risada, mostrando que sabe das coisas, e tenho vontade de entrar nessa brincadeira para não me sentir mais como um novato.

Só que não faço ideia de quem é Chad.

Brad se inclina para a frente, balançando a cabeça de um jeito confiante.

– Não tenho nenhuma dúvida de que você é a pessoa certa para lidar com ela. Sinto como se tivesse levado uma facada.

Vou ficando inquieto, porque fora sua lista atual, ela recebeu um nome importante, com a probabilidade de assinar com mais dois, e todos esses três clientes geram comissões enormes.

Por que raios eu estava começando a me sentir mal por ter me prontificado a conseguir Dan Printz?

Brad se acomoda novamente, olhando para a pilha de pastas.

– O próximo é Keaton Avery. Tenho certeza de que você se lembra daquela briga que ele teve com os *paparazzi* no ano passado, então quero ter certeza de que a reconstrução de imagem estará entre suas prioridades.

A caneta dela se move mais lentamente no bloco à sua frente, mas ela não questiona nem reclama. Keaton estava num filme indicado ao Oscar no ano passado e deve ser tornar o novo queridinho dos filmes de arte.

Merda.

– Trent Vanh – diz Brad. – Acabou de filmar a temporada final de *Burn Brightly*. – Eu me encosto na cadeira, profundamente irritado. Trent ganhou um Emmy no ano passado. – Ele está querendo passar para o cinema, então precisamos conseguir algo grande para ele, e rápido.

Brad tira a última pasta da pilha de Evie. Sinto minha pressão subir cerca de dez pontos e me pergunto o que mais ele poderia ter ali.

– Por último temos Seamus Aston, youtuber.

E *maldito seja*. Meus punhos se fecham sobre minhas pernas. Evie se endireita, apoiando os cotovelos na mesa.

– Incidentalmente, Seamus e Jamie estrearam juntos no novo filme de Scott, então vocês dois terão que coordenar a promoção disso. Seamus tinha 17 milhões de inscritos no seu canal, além do apoio de praticamente cada adolescente no país, e acaba de ser chamado para o que alguns preveem como o maior filme do ano que vem. Mas... – diz Brad, enquanto se recosta em sua cadeira – ele é um babaca completo.

Você sabe o que é isso, penso.

Como se tivesse ensaiado, Evie pega a bolsa a seus pés e tira um pequeno tubo de creme para as mãos. Apesar de as coisas estarem tensas, sei exatamente o que ela está fazendo e tenho que segurar um sorriso quando a vejo espremer um pouco de creme no centro da palma e começar a esfregar as mãos vigorosamente.

– Sem problemas – ela diz.

Isso tira um sorriso de Brad.

– É isso que gosto de ouvir, garota. Estou contente por você levar nossa conversa a sério. *Trabalho em equipe.*

A reputação de Evie é de uma agente que mantém a calma e pode lidar com estrelas narcisistas, mas há mais do que isso no ar. Brad está sendo tão gentil com ela sobre isso, como se a estivesse ajudando a escalar uma montanha. Ou ele tem a intenção de deixá-la fincar sua bandeira, ou pretende empurrá-la para o outro lado do cume.

– Eu sei que a balança parece estar um pouco desigual agora – ele diz para mim. – Mas Evie conhece esta cidade e as pessoas daqui e, como eu disse antes, uma coisa é conquistar talentos, outra coisa é mantê-los.

– Entendi – digo.

Sim, Evie tem mais contatos, experiência com cinema e muito mais anos no ramo do que eu, mas isso não a torna necessariamente a melhor agente.

Logicamente, sei que o que Brad está dizendo faz sentido. Mas há uma parte de mim que não consegue evitar a animosidade.

Terminamos a reunião e começamos a juntar nossas coisas. Meu otimismo se dissolveu. Sim, podemos trabalhar em equipe e sim, temos habilidades complementares. Mas será que eu quero que pareça que estou aprendendo com ela e me beneficiando da experiência? Estou tentando me acalmar, mas meu coração está acelerado e mal olho na direção dela.

Paro para deixar Brad e Evie saírem da sala primeiro, mas não me surpreendo ao encontrar Evie esperando no corredor quando saio. Ela me para com um olhar, encostando-se na parede. Ela saiu na frente nessa corrida e parece saber disso.

– Então, isso foi interessante. – Ela cruza os braços em frente ao peito.

– É uma forma de descrever.

– Sobre planejar – ela diz, desviando o olhar. – Como eu disse, tenho uma reunião às cinco, mas podemos nos encontrar depois. Pode ser legal falar sobre tudo isso.

Merda.

Meu coração parece um martelo no peito; meu estômago é um buraco de culpa.

– Sabe, esqueci que falei para Michael que ficaria com Morgan hoje à noite. Ela tem natação e eu disse que a levaria à piscina e ficaria até que ele estivesse livre para ir buscá-la.

– Ah – ela diz, sabendo que estou mentindo. Ela *sabe*. – Fica pra outro dia.

– É claro.

Evie domina a máscara da calma, mas posso ver a rigidez em torno dos seus olhos.

– Você está contente com sua lista? – E um minúsculo traço de divertimento em sua voz me diz que ela não estaria se fosse eu.

– Sim – respondo. – Juntando com o que eu trouxe, estarei ocupado. E você?

– Entusiasmada – ela diz, e sorri. – Ainda bem que você se prontificou naquela história de Dan Printz, afinal. Não sei como eu encontraria tempo para ele e Adam, Sarah, Seamus...

Faço uma pausa, tentando conter minha primeira reação: pedir para ela parar com aquela merda passivo-agressiva. Mas fracasso.

– Então você ficou *puta* com meu e-mail sobre Dan?

– Não fiquei puta – ela responde, sem mudar de tom; ficou totalmente puta. – Só é engraçado que poucas horas antes você estava me ligando para dizer que

devíamos manter a comunicação entre nós. Daí me passou a perna para agarrar um cliente que Brad estava pensando em me dar.

Ela está falando sério?

Nenhum de nós gosta dessa situação. Cada um de nós vê o outro claramente, pelo menos acho que vê. Eu ainda perderia um mindinho para trepar com ela até o sol nascer, mas nesse momento, quando Evie está me olhando como se eu fosse um oponente do outro lado do campo, decido que preciso fechar uma porta e manter a outra aberta. Não posso fazer as duas coisas nesse momento. E se não posso ficar com a garota, pelo menos posso conservar meu emprego.

– Eu *mantive* aberto o canal de comunicação entre nós – digo a ela. – Mandeí uma cópia para você daquele e-mail, não? Foi tudo aberto. Não teve nada de passar a perna.

Há um momento de silêncio constrangedor antes de ela se virar e sair pelo corredor. Continuo observando muito tempo depois de ela fazer uma curva e provavelmente desaparecer em seu escritório.

Justin aparece do meu lado.

– Como foi lá dentro? – ele pergunta, apontando para a sala de reuniões.

Bato de leve no seu ombro e lhe dou meu melhor sorriso.

– Ótimo – respondo. – Na verdade, parece que temos muita pesquisa a fazer. Diga, o que você sabe sobre o YouTube?

Um plano começa a se formar na minha cabeça enquanto ele fala, animado, e embora isso faça com que me sinta um pouco traiçoeiro, a ideia cresce. Eu preciso desse emprego. Preciso encontrar uma maneira de fazer isso funcionar para mim. Brad pode achar que Evie é a pessoa certa para o cargo, mas isso é só porque ele não viu o que posso fazer.

Se eu tiver que trabalhar um pouco em casa e aprender tudo o que for necessário – e um pouco mais – sobre minha lista de clientes e a dela, é exatamente isso que vou fazer.

Não vou perder para a Evil de jeito nenhum.

❧ capítulo **onze** ❧

Evie

✉ Data: Sexta, 30 de outubro às 16:12

De: Kylie Salisbury

Para: Carter Aaron; Evelyn Abbey

Assunto: Retiro do departamento

Olá, Evie e Carter,

Brad pediu que vocês dois fiquem encarregados do retiro anual do departamento em Big Bear. Está agendado de novo para os dias 14 a 16 de janeiro. Como Evie sabe, organizei o retiro nos últimos dois anos, então me digam quando é uma boa hora para nós três sentarmos e conversarmos sobre formato, atividades e outros detalhes relevantes.

Abraços,
Kylie

Li o e-mail umas sete vezes e ainda não tenho certeza de que o entendi. Entro no escritório de Daryl para ela confirmar se li corretamente. Ligo para Amelia para ela verificar que não estou, de fato, lendo errado.

Não tinha sido cancelado? Agora voltou, mas dessa vez com agentes seniores encarregados do itinerário? Será que estou tendo um derrame?

Aparentemente não. Além de tudo o que temos de fazer, nos deram uma tarefa de assistente: organizar o retiro do departamento.

Brad é um caso sério.

Uma vez que não veio diretamente de Brad, não tem como eu saber a mensagem implícita, mas com certeza há uma. É possível que Kylie tenha comido bola em algum ponto, mas é *mais* provável que essa seja a versão de Brad dos Jogos Vorazes da P&D.

Encosto na porta de Daryl, esfregando as mãos no rosto.

– Isso significa que vou ter de falar com ele – digo.

Duas semanas atrás isso não teria parecido uma coisa ruim porque (vamos ser honestos) eu estava bem interessada no que ele tem entre as pernas. Mas depois do jeito rabugento com que Carter cancelou nosso encontro – *Vamos jantar, ah, espere, você tem uma lista melhor do que a minha, nada de jantar para você!* –, estou começando a pensar que a melhor estratégia é nunca mais interagir com ele no escritório.

O que... surpreendentemente, não seria tão difícil. Com os novos clientes e novos colegas de trabalho sendo prioridade na minha agenda, eu estou completamente atolada. Na última semana e meia, cheguei ao trabalho às oito e fiquei até muito depois de o escritório esvaziar, tive nove almoços de trabalho, onze reuniões depois do trabalho em bares, e passei o tempo todo com clientes durante o horário comercial. Mal encontrei Carter. Exceto quando o vejo sair do seu escritório e encontro um jeito de olhá-lo por trás até o fim do corredor...

Tenho uma pequena pausa entre um almoço de trabalho, uma reunião externa e espero que consiga falar com ele por alguns minutos. Como a probabilidade de eu me atirar em cima dele por raiva ou desejo são mais ou menos equivalentes, decido usar o fato de que Daryl me deve uma por ter me abandonado na festa de Steph e a chamo para servir de dama de companhia, ou possível testemunha.

Sou a melhor amiga do mundo.

Paramos em frente à porta dele e eu levanto a mão, batendo só uma vez de forma hesitante.

Normalmente, Carter não é um cara de portas fechadas. Pelo que vi até agora, ele está sempre no corredor falando com pessoas ou tem dois ou três outros agentes em seu escritório. Entendo que é apenas um jeito diferente de trabalhar. Eu tendo a ser mais direta, amigável porém breve, enquanto ele conversa e passeia. *Todo mundo* gosta de Carter. Sei que ele tem estado loucamente ocupado essa semana também, mas ele sempre parece ter um tempo para cumprimentar alguém, para parar e socializar um pouco.

Percebo que isso torna nossos estilos complementares e sinto uma sensação morna na barriga.

Não seria legal se pudéssemos colaborar um com o outro?

Não seria legal se ele não tivesse se transformado de uma hora para outra num idiota ameaçado e competitivo?

– Pare – diz Daryl, e eu olho para ela.

– Parar com quê?

– Você está hesitando. Deveria ser a durona aqui. Pessoas duronas não hesitam. E não me olhe com essa cara; foi exatamente por isso que me trouxe.

– Está bem, certo, certo. – Fecho os olhos, buscando a durona dentro de mim.
– Sou a Uma Thurman em *Kill Bill*. Linda Hamilton em *O exterminador do futuro 2*. Sigourney Weaver em *Alien*, porque, vamos ser honestos, foi lá que ela *realmente* se mostrou. Fascinante que tenha sido nas sequências que essas duas de fato...

– Quer se concentrar?

Fico um pouco surpresa com sua voz, profunda e baixa, quando ele diz “Entre”, nada a ver com seu tom relaxado normal. Isso me lembra dos sons dele colado ao meu corpo, na minha cama, e quero bater a cabeça na parede mais próxima repetidas vezes.

Toda essa situação seria um milhão de vezes mais fácil se eu não quisesse beijá-lo tanto quanto quero bater nele.

Empurrando a porta, encontro-o sentado atrás da mesa, cabelo desgrenhado, óculos tortos. Ele está estranhamente desalinhado.

– Oi, Evie. – É difícil interpretar sua expressão. Surpreso, talvez. Nervoso? Um pouco. Bom.

Carter desvia o olhar para Daryl, que acaba de trombar comigo.

– Obrigada por avisar – ela diz, esfregando o nariz. Eu deveria ter mais cuidado; ela pagou muito dinheiro por aquele nariz.

– Acho que não fomos apresentados oficialmente – Carter diz e se levanta, dando a volta na mesa e estendendo a mão para Daryl. – Carter Aaron. O novato.

– Daryl Jordan. Sagitariana.

– Áries – ele diz com um sorriso discreto. – Você sabe que somos os mais compatíveis entre todos os signos do zodíaco.

Meu Deus do céu.

Daryl sorri, encantada.

– Conveniente, considerando que você é meu novo melhor amigo por saber disso.

Eu me viro para ela, com os olhos arregalados. *Traidora*.

– Eu não consideraria você uma aficionada por astrologia – comento, sem ter certeza de para qual dos dois devo olhar primeiro. – Lê muito o horóscopo, Carter?

Sua Lua competitiva está em oposição ao meu Sol feliz, idiota.

– Hoje em dia não muito, acho – ele diz, com a expressão séria novamente. – Minha mãe gosta muito de astrologia e costumava ler nossos horóscopos toda manhã durante o café. Sempre que ouço alguém mencionar isso, fico com saudades de casa.

Filho da...

– Essa talvez seja a coisa mais meiga que já ouvi. – Daryl fica visivelmente extasiada. Trazê-la foi obviamente um erro. Eu me pergunto se alguém perceberia se eu a empurrasse gentilmente para fora da sala.

– Infelizmente não a vejo com a frequência de que gostaria, mas espero que em breve. No fim do ano, pelo menos. De qualquer forma... – Ele endireita os óculos mas não se preocupa em fazer nada com o cabelo.

Gesticulando para sentarmos, ele dá a volta até sua cadeira.

– Eu estava enterrado no meio de contratos. E aí?

– Imagino que você tenha visto o e-mail da Kylie? – pergunto.

Ele balança a cabeça e se vira para o monitor.

– Você está gostando daqui? – Daryl pergunta. – Está conhecendo todo mundo?

Ouçoo o duplo clique do mouse e observo-o ler o e-mail rapidamente.

– Sim – ele responde devagar. – Só fazendo amigos, ficando por dentro das coisas. Todo mundo foi um pouco reservado no começo, mas acho que vou superar isso. Parece ser um grupo muito bom.

Como aconteceu comigo, ele relê a mensagem algumas vezes e então olha para mim.

– Isso é sério?

Erguendo os ombros, eu digo:

– Imagino que sim.

– Brad não acha que temos trabalho suficiente?

– Ou isso, ou ele acha que Kylie fez um trabalho de merda nos últimos anos.

Carter olha para mim com ar de reprovação.

– Ela é boa, Evie.

Daryl belisca meu braço e, sério, *que diabos?* Nós não estávamos só pensando nas hipóteses de por que nos pediram para fazer isso?

Ignorando a tentativa de Daryl de me acalmar, olho para ele.

– Com certeza ela é, mas talvez os retiros não sejam seu forte?

Ele dá uma risada seca, balançando a cabeça enquanto lê o e-mail novamente.

– Você tem uma birra e tanto com ela.

Preciso respirar algumas vezes para assimilar isso. Nas duas semanas em que ele esteve aqui, quando foi que testemunhou eu tendo algum problema com Kylie? E por que ele sente necessidade de defendê-la para *mim*? Meu instinto é pegar o grampeador e atirar na cabeça dele. Mas um bom agente controla seu temperamento a menos que seja realmente necessário soltar a raiva. Um *ótimo*

agente não tem temperamento, mas pode soltar a raiva quando necessário.

É bem diferente. Ainda estou me esforçando para ser ótima.

– Está bem, então – digo, calmamente, livrando-me da mão de Daryl. – Posso ver que está sobrecarregado. Fico feliz em organizar isso sozinha, se preferir.

Daryl balança a cabeça.

– Evie, não acho que ele está dizendo que...

– Não estou *sobrecarregado* – Carter interrompe.

– Claro que não está – digo, dando a entender que ele tem uma lista de clientes fácil, e suas bochechas ficam vermelhas.

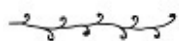
Olho em torno de seu escritório. Com certeza está mais habitado do que antes. As paredes estão cobertas de fotos emolduradas de pontos turísticos da Costa Leste, fotos suas com clientes, seu diploma, uma cópia emoldurada de seu primeiro contrato assinado. Há uma planta no canto, e em vez de um sofá ele tem duas poltronas com almofadas coloridas, um banco estofado enorme no meio. A sala parece quente e aconchegante, um lugar para sentar e conversar, fazer amigos, talvez assinar um contrato ou dois.

Por que tem de ser tão atraente em tudo?

Percebo que ele não vai dizer nada agora que acabei de soltar uma bomba de irritação, e Daryl parece ter abandonado a esperança de intervir.

– Enfim – digo com o maior entusiasmo que consigo –, só vim até aqui para ver se você queria ir conversar com Kylie rapidinho sobre o retiro.

Afastando-se da mesa para levantar, sem dizer nada, ele faz um gesto para que eu vá na frente.



Pelo menos não temos que reinventar a roda. Kylie não diz realmente nada que já não soubéssemos: é um retiro para o departamento de Cinema e o pessoal de apoio. Nós bebemos, fazemos atividades cooperativas, bebemos. Ouvimos Brad contar histórias chatas em que ele é a atração principal e bebemos. Basicamente, é um grande festival de bebedeira com alguns jogos cooperativos intercalados, o que parece fácil de organizar, especialmente porque teremos uma coordenadora de eventos no local. Agora além de irritada estou um pouco aliviada.

Não consigo deixar de notar que Kylie dirige quase que toda a atenção para Carter enquanto fala das atividades que organizou nos últimos dois anos. Mas... não posso culpá-la. Eu também gosto muito de olhar para Carter. Mas desde que

ele observou que tenho uma *birra e tanto* em relação a Kylie – quer dizer, de onde ele tirou isso? –, eu me esforço para parecer o mais indiferente possível à paixão óbvia que ela tem por ele. Em circunstâncias normais, eu faria perguntas para redirecionar a atenção dela para nós dois, mas como essa situação é totalmente anormal, e desde que haja comida e álcool nesse evento ninguém vai ligar para os outros detalhes, não posso me dar ao luxo de ficar muito irritada.

Tudo parece bastante simples, e estamos prestes a voltar para nossas respectivas salas quando Kylie nos interrompe com um sussurro:

– Ei, vocês dois.

Nós nos viramos para olhar para ela.

Ela parece quase pedir desculpas e olha em volta para ter certeza de que ninguém está ouvindo.

– Isso tudo que falamos foi o básico, mas lembrem-se: esse é o fim de semana favorito de Brad no ano inteiro. Acrescentem a isso a fusão e o fato de que as pessoas estão prestando atenção em como ele administra as coisas, então ele *realmente* espera que seja... algo excepcional. Certo?

Seu sorriso vacilante nos diz que ela está aliviada por não ser mais a responsável, e que haverá um banho de sangue se estragarmos tudo.

Carter deve sentir isso também, porque me para no caminho de volta ao corredor.

– Você vai ter algum tempo para falar sobre isso? – ele diz, com pressa, parecendo um pouco desconfortável. – Sei que nós dois estamos ocupados, mas ela fez parecer que isso será muito intenso, e eu nunca estive num dos retiros de Brad. Posso cancelar os compromissos da tarde se precisar. Se você puder, é claro.

Já estou balançando a cabeça, concordando.

– Vou sair cedo para encontrar uma pessoa no estúdio. Vou terminar lá pelas sete. – Faço uma pausa e então me pergunto se vou me arrepender do que digo depois. – Poderíamos nos encontrar depois? A menos que você tenha alguma coisa para fazer.

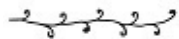
– Depois é perfeito. Vou cancelar minha agenda e te encontro onde você estiver.

Por um momento penso em nos encontrarmos na minha casa, mas então percebo o erro gigantesco que isso seria.

– Que tal no BOA, às sete e meia? – sugiro.

Ele já está anotando em seu celular.

– Sete e meia. Vou fazer uma reserva para nós e te vejo lá. Obrigado, Evie.



Carter está sentado quando chego à mesa acompanhada pela recepcionista. Ele tirou as roupas de trabalho e agora está usando uma camisa branca e jeans escuros e confortáveis. O efeito em mim é imediato; como ele se parece com um cara qualquer na rua é ao mesmo tempo mais fácil e mais difícil estar com ele nesse momento. Mais fácil porque não sinto a necessidade de estar à altura do seu carisma, como acontece todo dia no escritório. Mais difícil porque ele se parece muito mais com sua versão de namorado em potencial. É um saco que a dinâmica entre nós esteja tão tensa agora.

Eu me sento, desdobrando o guardanapo e colocando-o no colo.

Nós dois agradecemos ao garçom quando ele enche nossos copos de água.

Para minha surpresa, Carter recusa qualquer tipo de drinque... então faço o mesmo.

O garçom lista os pratos especiais e diz que voltará depois de olharmos o cardápio. O contraste entre este e o nosso primeiro jantar juntos é gritante. E quanto mais ficamos quietos, mas difícil é encontrar uma única palavra para dizer.

Um drinque cairia muito bem.

O sol está se pondo através das janelas e eu olho para a rua, maravilhada com a tranquilidade desse cruzamento depois que os escritórios fecham à noite.

Dou uma olhadela e vejo que ele está me observando, mas ele logo desvia o olhar de volta para o cardápio. Seus olhos estão tão brilhantes atrás dos óculos. Acho que tinha me esquecido de como eles eram verdes, de como sua boca é perfeita.

– Então – ele diz, e eu percebo que foi a minha vez de ser pega olhando.

– Então.

Ele está tão concentrado. Eu gostaria de ter um anel decodificador de pensamentos de Carter. Seus lábios se curvam num meio sorriso.

– Como vão as coisas?

Caio na risada e seu sorriso cresce, transformando-se num sorriso de verdade, engraçado e meio torto, não aquele sorriso perfeito de trabalho.

– Nós provavelmente devíamos ter pedido uns drinks.

Estou tão aliviada com o fato de sua franqueza estar de volta que quase quero me atirar por cima da mesa.

– Sim, tipo uma centena. – Nervosa, endireito a colher e a faca ao lado uma da outra sobre a mesa. – Carter – começo –, estou muito contente de fazermos isso. Eu gostaria que começássemos tudo de novo de alguma forma.

Ele concorda, bebendo um gole d'água.

– Eu também. Mas não exatamente *tudo*. Nem tudo foi tão ruim. Meu rosto esquenta com seu sorriso insinuante.

– Concordo. A situação no trabalho é ruim, mas acho que podemos trabalhar melhor juntos.

Uma onda de alívio percorre seu corpo e ele estende a mão sobre a mesa para pegar a minha.

– Concordo. Não temos sido legais.

– Acredito mesmo que eles podem ter vagas para nós dois aqui. Quando mais observo, mais percebo que há muito peso morto no departamento de Cinema... mas não somos *nós*.

– Obviamente eu não estou lá há tanto tempo – ele diz apontando o rosto na minha direção, e eu aprecio esse pequeno reconhecimento –, mas sim, concordo.

– Ele se inclina para a frente. – Nossas forças são tão complementares. Rose e Ashton podem ser mais adequados para Nova York. Eles adoram trabalhar com teatro; e, simplesmente, aqui não há muito disso. Acho que eles gostariam de ser transferidos se tivessem a escolha.

– Exatamente.

A tensão se dissolve um pouco entre nós por concordarmos nesse pequeno ponto. Sinto um carinho voltando, e seu sorriso está ainda mais solto agora. O garçom para na nossa mesa para pegar os pedidos e soltamos as mãos, mas imediatamente olhamos um para o outro.

– Há muita coisa boa nisso tudo – ele diz, em voz baixa. – Eu gosto de Cinema, gosto de você. Odeio a situação, mas de certa forma gosto de estar na P&D.

– Fico contente. E também gosto de você.

– Eu me diverti muito naquela noite – ele diz, e se inclina para a frente, pegando de novo minha mão. – Acho que não cheguei a te falar isso.

Isso me faz rir, e seus olhos se arregalam de surpresa e admiração ao ouvir minha risada.

– Eu suspeitava.

Ele limpa a garganta.

– Desculpa se pareceu uma traição eu ter me oferecido para trabalhar com Dan.

– Tudo bem – digo a ele. – Eu gosto de Dan e nós trabalhamos bem juntos no passado, mas sua lista precisa mais.

As sobrancelhas dele se arqueiam, e eu percebo como meu comentário saiu sem filtros. O que é que Carter tem que faz o meu lado competitivo aflorar tão imediatamente?

– Não quis ser rude – digo, desejando que ele acredite em mim. – Só estou sendo honesta. Acho que pode assinar com ele facilmente. Com Dan, você só precisa ligar para ele e perguntar o que ele está procurando.

Ele solta minha mão para tomar um gole rápido de água, balançando a cabeça. Com a perda do contato, a intimidade e o clima na mesa viram de cabeça para baixo imediatamente.

– Dan vai falar sobre isso quando estiver pronto – ele diz. – Conheço um pouco sobre como ele trabalha. Quer sentir que está no controle; ligar para ele só me faria parecer insistente.

Carter tem uma intuição incrível, mas nesse momento ele está errado. Simplesmente errado. Dan gosta de ser um pouco perseguido. Eu trabalhei com ele e sei: ele não gosta de ter que telefonar, quer ser aquele que escolhe se quer ou não atender.

– Eu só acho...

– Meu Deus, Evie, deixa que eu faço o meu trabalho, o.k? – ele exclama.

Alguns sons indistintos saem da minha boca antes de eu murmurar em voz baixa:

– Sim, é claro.

Posso ver imediatamente que ele se arrependeu do tom. Mas é tarde demais. A tensão está de volta com uma vingança.

Nossa comida chega e nos inclinamos sobre nossos pratos, comendo em silêncio.

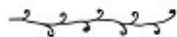
Carter coloca o garfo na mesa depois de algumas mordidas, inclinando-se.

– Evie...

– Não, sério, está tudo bem. – Dou meu melhor sorriso porque não quero mesmo que ele sinta que estou mandando nele. Essa é uma situação impossível: se eu o ajudo, posso perder o emprego. Se ele não luta por uma lista melhor, ele perde. E basicamente não há como resolver isso com beijos, não importa quanto eu gostaria disso. – Você está certo. Eu estava sendo insistente. Tem de fazer do seu jeito.

Carter concorda e eu decido mudar de assunto.

– Agora, vamos falar sobre o retiro.



O jantar acabou sendo tão bom quanto podíamos esperar. Temos um plano sólido para o evento em janeiro e uma lista de tarefas de casa para as quais precisamos achar tempo antes de nos encontrarmos de novo. Quando saímos, um comentário leva ao outro e Carter está me contando uma história sobre Michael ter presenteado Steph, em seu aniversário de casamento, com um kit para fazer moldes de gesso, para que eles pudessem fazer um molde do pênis dele e mandar fazer um vibrador para quando ela viaja. Em vez disso, ela achou que aquilo era um jeito sutil de ele contar que tinha câncer e encontrara uma forma de ela se lembrar dele depois que partisse.

Rio tanto que Carter segura meu antebraço por um momento para que eu me equilibre. Odeio quanto ele é engraçado, e odeio quanto quero que ele continue me tocando. Odeio toda essa situação.

Ele me solta e nós continuamos nos afastando da Sunset, subindo a Donehy. Está quente, mas sem aquela neblina inconveniente do início de outubro. Olho para ele respirando de um jeito calmo e profundo.

– Está gostoso aqui fora, não? – pergunto.

Ele olha para o céu.

– Eu me pergunto se um dia vou morar em algum lugar onde possa ver todas as estrelas.

– É pra isso que servem as férias.

Ele sorri.

– Férias? *Was ist das?*

Isso me faz rir.

– Eu sei. Acho que não podemos esperar muito por isso esse ano.

Ele me dá um sorriso que é ao mesmo tempo doce e um pouco triste, mas logo afasta a ideia. Apontando para as montanhas, ele diz:

– Moro a poucas quadras daqui.

Olho sobre seu ombro naquela direção. Seu apartamento fica daquele lado.

Sua cama.

Nunca fui à sua casa. Quer dizer, é claro que não fui: nos relacionamos durante um *fim de semana*, se muito. Muito embora pareça um evento muito maior na minha vida romântica do que foi na verdade. Não consigo me decidir se isso significa um grito de *Não desista!* ou é um patético *Esse é o triste estado da sua vida amorosa*.

Não importa, ele não mencionou isso como uma deixa para acompanhá-lo até

lá, porque sabemos que não há como isso acontecer, mesmo se nós dois encarássemos o que não foi dito: em outras circunstâncias, estaríamos trepando muito lá hoje à noite. E, levando em conta o que eu sei...

1. Nós dois estamos superestressados;
 2. Carter é divertido e engraçado;
 3. Carter tem um pênis maravilhoso;
- ...o sexo seria sem dúvida estelar.

Mas, em vez disso, trocamos um abraço demorado e nos despedimos na calçada. Olhando-o desaparecer subindo o morro coberto de árvores, não consigo me decidir se essa noite foi um passo adiante ou para o lado. Será que devo agradecer por um passo para o lado? Carter desencadeia essas emoções fortes em mim – a maioria boa, e então eu fico ressentida de novo com a situação –, mas daí ele fica estranho e na defensiva, e eu basicamente quero estrangulá-lo. Tudo o que posso fazer é tentar tirar o melhor das coisas. Eu gosto de Carter, mas colocando de um jeito simples: nenhum de nós está fazendo esse trabalho se contentando com o segundo lugar. Assinar com Adam Elliott e Sarah Hill foi um passo gigante para mim, e Carter deve estar sentindo a pressão. É claro que ele quer que dê certo com Dan. Talvez eu devesse tentar mostrar um pouco mais de empatia e, eventualmente, podemos encontrar uma forma de sermos amigos.

Como se o universo achasse tudo isso completamente hilário, no momento em que entro no carro telefone apita com um e-mail de um remetente VIP. É uma mensagem de Dave Cyrus, meu contato de entretenimento no *Hollywood Vine*.

✉ Data: Sexta, 30 de outubro às 21:42

De: Dave Cyrus

Para: Evelyn Abbey

Assunto: Dan Printz

Evie,

Escrevo para saber se Dan vai fazer parte da sua lista. É o que dizem, pelo menos. É provável que publiquemos alguma coisa de qualquer jeito, mas se você souber de algo, eu gostaria de esperar para dar o furo e publicar uma coluna Hot Buzz quando ele assinar. Me avise.

Dave

Com um resmungo, deixo a cabeça cair para trás no encosto, fechando os

olhos. Isso é importante. Dave ouviu de alguém que Dan está fechando comigo. Uma coluna Hot Buzz significa a edição impressa da revista mensal – com a maior circulação de qualquer revista do ramo –, além de uma matéria enorme na edição on-line. Seria uma grande promoção para Dan, e um incentivo imenso para fazer com que ele assine com a P&D.

Tenho 98% de certeza de que eu poderia ligar para Dan agora mesmo, descobrir o que ele está pensando em fazer e convencê-lo a entrar para a minha lista.

Mas não posso fazer isso.

Porque não sou um monstro que apunhala pelas costas.

✉ Data: Sexta, 30 de outubro às 21:47

De: Evelyn Abbey

Para: Dave Cyrus

Assunto: Re: Dan Printz

Dave, me dói dizer isso, mas um colega está planejando assinar com Dan e eu não posso em sã consciência usar isso para fisgá-lo. Seria um imenso, imenso favor para mim se você estendesse a mesma oferta para ele. Seu nome é Carter Aaron. É novo na p&d e tivemos bastante sorte de ficarmos com ele na fusão – ele é espetacular. Fico te devendo essa.

O e-mail dele é caaron@PriceDicklepartners.com.

Evie

✉ Data: Sexta, 30 de outubro às 21:59

De: Dave Cyrus

Para: Evelyn Abbey

Assunto: Re: Dan Printz

Você está ficando velha e de coração mole?

Estou brincando. Claro, vou procurar Carter.

Me avise quando quiser sair para beber alguma coisa.

Dave

❧ capítulo doze ❧

Carter

Só pode ser brincadeira.

Olho para o celular, com a boca aberta e pasta de dentes escorrendo pelo queixo até que a tela fica escura. Depois de cuspir na pia, olho o e-mail de novo. Inacreditável. Dave Cyrus quer falar comigo sobre Dan Printz.

Digito uma resposta rápida dizendo que com certeza estou disponível para uma conversa e incluo todas as minhas informações de contato. O *Hollywood Vine* é o diário com maior distribuição de Hollywood; ir atrás de Dan com essa carta na manga pode quase garantir o contrato. Fechar com ele e conseguir esse tipo de divulgação é exatamente do que preciso logo de cara. Isso poderia, literalmente, mudar tudo.

Evie estava certa; está na hora de agir.

Fiz toda a pesquisa que podia sobre Dan Printz. Sei que ele quer sentir que está no comando, apesar de se cercar de uma série de amigos da escola que influenciam quase todas as suas decisões – uma batalha constante e, imagino, motivo do drama pelo qual dizem que está passando com seu agente atual. Ele se arrepende de seu maior papel até hoje, um vingador que viaja no tempo, mas é inteligente o suficiente para nunca, jamais, aludir a isso nas entrevistas. Sei com quem ele namorou, de que tipo de música gosta e que ainda não sabe distinguir entre “mas” e “mais” no Twitter. No ano passado dormiu com sua colega de elenco e agora ex-mulher, e quando tinha vinte anos passou uma semana num bordel em Las Vegas. No entanto, ele não se atrasa, é sempre respeitoso nas entrevistas e nunca teve um problema no set.

Parte disso pode parecer sem importância, mas eu não ganho dinheiro se meus clientes não estiverem ocupados trabalhando – uma tarefa impossível se o ator em questão é um pesadelo e ninguém o quer por perto.

É sábado, mas continuo sendo novo na cidade, o que significa que, embora o escritório esteja tecnicamente fechado, não existe algo parecido com um dia de folga, nem mesmo o Halloween. Especialmente levando em conta o e-mail de

Dave. Preciso cuidar dessa história de Dan Printz agora mesmo.

Meu relógio mostra que são nove e pouco e tenho tempo suficiente para fazer um telefonema rápido para Dan antes do *brunch* com um executivo de desenvolvimento da Paramount. Normalmente pediria a Justin para telefonar, mas neste caso parece que não posso esperar. O telefone chama uma vez antes de ser atendido bruscamente.

– Telefone de Dan Printz.

– Aqui é Carter Aaron...

– Aaron, oi. Aqui é Caleb, assessor de Dan.

– Caleb, eu me lembro de você. Nos conhecemos em Nova York. Tomamos uns drinques naquele lugarzinho...

– ... no Brooklyn, certo! Eu me lembro. Dei uma lavada em você na sinuca naquela noite.

– Você deu, seu danado. Ainda não tenho certeza se vou ter coragem de pedir uma revanche.

– É isso aí – ele diz. Posso ouvi-lo bater palmas do outro lado da linha e sei que consegui fisgá-lo. Caleb influencia bastante as decisões de Dan e tê-lo ao meu lado é outro ponto a meu favor.

– Escuta, Caleb, eu estava pensando em falar com o Dan.

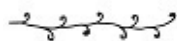
– Ele está no set agora, regravações e o caralho, mas digo a ele que você ligou. Tenho certeza de que ficará contente em saber.

Dou um soco de vitória no ar, em silêncio.

– Eu agradeço. Diga a ele que estarei disponível durante todo o fim de semana, não é necessário esperar até segunda-feira.

– Com certeza. E fique longe das mesas de bilhar – ele diz, rindo com a própria piada.

Eu sorrio quando a linha fica muda.



Quarenta minutos para andar dez quilômetros num sábado? Alguém me ajude.

Havia tantos carros em Nova York quanto aqui, mas lá tínhamos ônibus e o metrô; podíamos *andar*. Tudo era conectado, e pegar o transporte público era quase sempre mais fácil do que dirigir. Dentro dos limites da cidade de Los Angeles há 290 quilômetros de autoestrada e mais de 9.500 quilômetros de ruas e avenidas – eu sei, pesquisei no Google – e *ainda assim* fico preso no trânsito aonde quer que eu vá.

O que, é claro, significa que estou parado na Sunset quando meu telefone toca através do Bluetooth do carro. Dou um salto, ansioso para atender, esperando que seja o telefonema que estou esperando de Dan, mas logo vejo o nome da minha mãe aparecer na tela.

Atendo só porque é melhor do que adiar.

– Oi, mãe.

– Como você está, querido? Está dirigindo?

– Estou. Vou encontrar uma pessoa no café da manhã e estou preso no trânsito. Na verdade, não sei por quanto tempo posso falar. Estou esperando um telefonema e é importante. Pode ser que tenha que desligar.

– Num sábado?

– Num sábado – digo, sabendo o que vem depois.

– Você sabe que não estaria trabalhando aos sábados se tivesse um emprego normal.

Ignoro o comentário e passo a mão na testa.

– A ligação é de Jonah? – ela pergunta.

Faço uma pausa, confuso por um instante.

– Não, por que ele me ligaria?

Ela responde com silêncio, e demoro para perceber o que está pensando – *porque ele é seu irmão e vocês vivem na mesma cidade, sem mencionar que eu disse a ele para telefonar para você* –, mas em vez disso ela diz:

– Não tenho notícias dele há uma semana e ele não está atendendo o telefone. Cai direto naquela mensagem detestável.

Isso me faz sorrir, porque a mensagem simplista da caixa-postal dele é realmente horrível: “Sim, é Jonah. Você sabe o que fazer”. Fico feliz de saber que ela faz até a nossa mãe, que o adora, querer dar-lhe um soco na cara.

– Tenho certeza de que ele vai ligar para você quando puder – digo a ela. – Você mesma sempre me lembra de como ele vive ocupado.

– Isso é diferente – ela diz, com a voz dura. – Ele quase não me visita, mas *sempre* atende minhas ligações. Já liguei quatro vezes e não tive resposta dele, e agora o telefone não está mais tocando, vai direto para a caixa-postal. Seu pai está tão preocupado com ele. – Ao fundo, ouço meu pai gritar: – Não, Dinah, não estou!

Respiro fundo.

– Mãe, o que quer que eu...

– Quero que você ligue para ele – ela interrompe –, e se ele não atender, quero que vá conferir se ele está bem.

A resposta que eu gostaria de dar a ela é que, honestamente, não tenho tempo de ir até Malibu hoje. Mas a conversa se desenrola como uma partida de xadrez na minha cabeça: ela responderia com alguma versão de que não tinha tempo para me carregar por aí por nove meses, mas *fez isso de qualquer forma*. Ou diria que não tinha tempo de lavar roupa ou cozinhar para nós ou limpar as coisas horríveis que ela encontrava no nosso banheiro, mas que fez isso também.

Escolho uma tática diferente.

– Ele pode estar fora da cidade...

– Carter.

– Está bem, ouça. Vou ligar agora e juntar as ligações, assim você pode gritar com ele quando ele atender.

O trânsito está completamente parado, então olho para meu telefone, trocando a linha e acrescentando o número de Jonah. Direto para a caixa-postal.

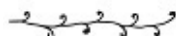
– O.K, ele não atendeu – digo a ela quando volto à ligação e deixo a cabeça cair contra o encosto. É absolutamente impossível eu ir até a casa dele e voltar a tempo para minha reunião. Se ele desmaiou por causa de uma bebedeira, vou matá-lo. – Vou remarcar algumas coisas aqui e depois vou até lá.

– Obrigada, querido.

– Sem problemas, mãe.

– Me avise assim que souber de algo, ok? Ele tem um portão automático, vou te mandar o código por mensagem.

– Certo – digo, passando a mão no rosto.



Consigo transferir minha reunião para mais tarde sem muito problema. Ela foi remarcada para daqui a algumas horas, tempo suficiente.

Malibu fica a cerca de 50 quilômetros a oeste de Beverly Hills; leva uma hora para chegar lá. Passo a maior parte da viagem ao telefone e decidindo como vou matar meu irmão se ele já não estiver morto quando eu chegar.

Entro com o carro na Latigo Canyon, uma estrada de duas pistas que atravessa morros cobertos de chaparral e cânions íngremes cheios de árvores, com uma vista para o mar a cada curva. As casas são imensas e distantes umas das outras por aqui, a maioria delas escondida da vista por cercas e árvores altas.

Na rua de Jonah, paro para digitar o código de segurança num teclado iluminado. Um intrincado portão de metal se abre revelando um caminho longo e sinuoso, no topo do morro fica a casa de tijolos à vista. Tinha me esquecido de

como sua casa é enorme e presunçosa. São dois andares cobertos de estuque branco, e deve ter pelo menos quatrocentos e cinquenta metros quadrados. Meu apartamento e minha garagem caberiam na sala de estar dele.

Vejo a Range Rover preta de Jonah em frente à garagem. É melhor mesmo que ele esteja morto.

O vento do mar balança meus cabelos e roupas quando desço do carro. Uma calçada ampla leva a uma escada de concreto e a uma enorme porta dupla. Bato duas vezes, virando-me para olhar em volta enquanto espero. Agora que estou mais perto, o jardim parece um pouco mais desleixado do que eu esperaria. Um conjunto de vasos cheios de flores mortas contorna um gramado que definitivamente poderia ser aparado. Tudo está quieto, também. Ainda é cedo, mas não *tão* cedo. Da última vez que vim, havia música tocando nos fundos, perto da piscina, e sinais de vida por toda parte. Pessoas entrando e saindo e vários carros. Uma equipe de jardinagem, um limpador de piscinas e uma empregada. Dessa vez, não ouço nada vindo de dentro da casa.

Pode ser apenas o gene de preocupação da minha mãe se mostrando, mas a ansiedade me corrói, a inquietação me cutuca a pele.

Volto para meu carro para telefonar... não sei – para alguém –, quando a porta se abre atrás de mim. O cara é mais baixo que Jonah, mas musculoso e bronzeado como quem passa muito tempo ao ar livre. O fato de ele estar usando apenas shorts é apenas um indicador de que está muito à vontade.

Não faço ideia de quem ele seja.

– Oi – o cara diz, gesticulando com um pedaço de pizza na mão. – Você passou pelo portão, então imagino que deveria estar aqui.

– Imagino que sim – digo, e olho em cima da porta procurando o número da casa, me perguntando se é possível que eu esteja no lugar errado. – Sou Carter. Jonah está aí?

O rosto dele se ilumina ao me reconhecer.

– Você é o irmão! Cara, vocês dois são tão parecidos!

Ajeito os óculos, afastando a irritação.

– Ele está em casa?

Ele olha por cima do ombro.

– Acho que ele está no quintal – diz, e então gesticula para que eu entre.

A casa de Jonah tem muito branco – chão branco, paredes brancas, escadas brancas –, mas pouca coisa mais. Na verdade, quase não há móveis.

– Acho que não entendi seu nome – digo enquanto sigo o estranho através da entrada enorme.

Meu último apartamento poderia caber aqui, bem como o atual, e a maior parte da casa de Michael Christopher. Passamos pela cozinha e vamos em direção à porta dos fundos. O cara da pizza e dos shorts tem mais ou menos a minha idade, cabelos castanhos ondulados e um sorriso que tenho vontade de arrancar do seu rosto com o punho. Se eu tivesse que adivinhar, diria “ator” de dia, garçom à noite.

Ou alguém que casou com uma mulher rica?

Parado aqui na casa vazia e sinistra de Jonah com esse estranho percebebo que não conheço nem um pouco o meu irmão.

– Eu sou o Nick – ele diz, parando em frente à porta dos fundos. – Jonah está lá fora.

E é claro, lá está ele, sentado numa espreguiçadeira, usando jeans e uma jaqueta de couro, ao lado da piscina gigante.

– Obrigado – agradeço, saindo da casa.

A vista é espetacular, e mais uma vez percebo por que Jonah comprou esta casa. Ela fica tão no alto que o horizonte se estende por cima dos morros até chegar ao mar, parecendo se estender de um lado do mundo até o outro. As palmeiras se estendem para o alto e há simplesmente muito *espaço*.

Mas mesmo depois de encontrar meu irmão desaparecido, a sensação de que as coisas estão um pouco estranhas só cresce. A água da piscina está marrom-claro, turva, e algumas folhas secas arrastadas do chão giram preguiçosamente na superfície da água. Os vasos estão vazios; o quintal já viu dias melhores.

– Oi – cumprimento, já que Jonah não parece perceber que estou lá. – Você sabe que está vinte graus aqui fora, certo?

Ele olha na minha direção e me observa através dos óculos escuros.

– O que está fazendo aqui?

– Mamãe me mandou. Disse que você não está atendendo os telefonemas dela. Ele olha para a frente de novo.

– É, não sei onde está meu telefone.

Eu me sento na cadeira ao seu lado.

– Você não precisa dele? Para... Não sei, trabalhar?

Ele estende a mão para pegar uma garrafa de cerveja sobre uma mesa de vidro ao seu lado e toma um longo gole. Não são nem onze horas. Decido tentar uma abordagem diferente.

– Quem é aquele cara? – pergunto. – Lá dentro.

– Nick – ele diz e toma outro gole.

– Eu entendi o nome dele. Quero dizer, ele mora aqui?

– Sim.

Eu me inclino para a frente, descansando os cotovelos nas coxas.

– Ele é... é o namorado?

– Que namorado? – ele pergunta, piscando por causa do sol.

– Bem... o seu namorado.

Jonah vira o corpo para ficar de frente para mim e me olha por sobre os óculos.

– Cara, eu não me importo com quem você durma – digo, erguendo os ombros. – E nós não nos falamos muito. Além disso, você cortou o elástico de todas as minhas cuecas quando bebi seu suco de laranja, jogou fora minhas roupas quando as deixei por muito tempo na secadora, e parece que você quer matar qualquer um que use sapatos dentro de casa. A primeira conclusão que devo tirar é que você está dividindo a casa? É um inferno morar com você. Aquele Nick ser seu namorado parece uma explicação muito mais provável.

Ele se recosta novamente.

– As pessoas mudam, você sabe. Não sou *tão* difícil de conviver.

– Mais ou menos. As pessoas podem ser influenciadas pelas coisas, mas não mudam quem *são* na essência.

– Então está dizendo que, na essência, eu sou um babaca.

Penso por um momento.

– Sim.

Isso o faz rir.

– E você é um cuzão.

– Por que arrumou alguém para dividir a casa? – pergunto. Mas, olhando em volta, começo a achar que já entendi. – Está tudo bem?

– Estamos prestes a ter uma conversa de irmão mais velho para irmão mais novo? – ele pergunta.

– Eu certamente ganharia uns pontos com a mamãe por isso. Garanto que ela está agora mesmo contando para os vizinhos em Nova York que você foi vendido para uma rede de tráfico sexual porque não está atendendo o telefone. Vai avisá-la que está bem?

Ele ergue os ombros, e eu prendo as mãos entre os joelhos para evitar lhe dar um tapa na nuca.

– Você está em maus lençóis? Quer dizer... comprou uma puta de uma mansão em Malibu. Dinheiro não deve ser problema.

– Você faz alguma ideia de quanto custa morar aqui?

– Mal consigo pagar meu apartamento, então, sim. O tamanho disso aqui está

muito além da minha realidade – digo, fazendo um gesto amplo.

– Eu provavelmente não conseguiria pagar o seu apartamento agora. – Ele tira os óculos escuros e os joga na mesa. – Cara, é muito caro ser eu. Moro aqui e dou festas e tenho que ser visto com as pessoas certas e usar as coisas certas. Mergulhei de cabeça, mas sempre deu certo porque eu fazia outro ensaio ou capa de revista, sabe? Estava tudo bem porque sempre tinha mais trabalho.

– Estava?

Jonah apoia a cabeça no encosto da espreguiçadeira e dá um suspiro de cansaço.

– Fiz um trabalho para um estilista de alta-costura e ele não ficou feliz. Quer dizer, normalmente não ligo se algumas pessoas não gostam do meu trabalho, é artístico e aberto a interpretações, mas dessa vez... meio que perdi a calma. Fizemos outra sessão de fotos, mas eu não conseguia acertar a iluminação. Fiz uns retoques para corrigir as sombras e essa história circulou por todas as revistas femininas e sites de fofoca, todos falando sobre como mexi nas fotos para emagrecer a modelo e fiz um péssimo trabalho. Alguns blogs de moda esculacharam o trabalho e o meu nome também... E vamos dizer que as coisas estão um pouco apertadas desde então.

– Então você fez um trabalho não tão fantástico e sua atitude arrogante de merda causou problemas – esclareço.

Lançando-me um olhar frio, ele pega seus óculos escuros e os coloca de novo.

– Tudo vai ficar bem.

Pego meu telefone e pela primeira vez busco meu irmão no Google. Preciso procurar um pouco, mas ele está certo: em alguns dos sites de fofoca mais politicamente incorretos há artigos arquivados com frases como *já era*, *acabado* e *veneno da moda*. Nesse momento fico eternamente grato por minha mãe não saber como usar o Google nem se a vida dela dependesse disso.

– Não *parece* nada bom – comento.

Jonah se levanta para entrar na casa.

– Qual é o tamanho da dívida de que estamos falando? – pergunto, seguindo-o.

Ele para numa lata de lixo, joga a garrafa vazia e vai até a geladeira pegar outra cerveja, que é basicamente a única opção lá dentro. Indo até um canto para se certificar de que estamos sozinhos, ele fecha as portas duplas altas, deixando-nos a sós em sua imensa cozinha branca.

– Só os cartões de crédito? – ele diz, puxando o rótulo da garrafa. – Eu chuto cerca de cem.

– Cem mil? – Meu coração dispara bruscamente.
– E também tem a casa – ele continua – e a Rover. Já me livrei dos outros carros.
– Jesus Cristo. – Eu me sento na banquetta da cozinha. – A mamãe vai...
– Não vai descobrir. – Sua voz fica grave com o aviso. – Não é da sua conta e com certeza não é da dela.
– Ela vai querer ajudar – começo a falar, mas já posso ver a resposta em sua expressão.

Ela não pode ajudar. Mamãe e papai vivem uma vida simples em um orçamento pequeno. A escala disso está além da compreensão deles também. Se eu não visse rotineiramente o dinheiro que gira na Califórnia e no meu ramo, o problema também estaria bem além da minha compreensão.

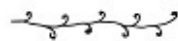
Fico sentado e penso por um momento. Jonah fez um nome para si mesmo por um motivo, e muito embora eu ache que ele devesse voltar a fazer as fotos que fazia antes – caramba, a mamãe tinha uma de suas primeiras fotografias, uma foto de uma cerca contra o sol poente, em preto e branco, pendurada sobre a lareira desde que ele tinha dezessete anos –, claramente não foi com isso que ele construiu uma carreira.

– Nós vamos dar um jeito – digo a ele.

Ele concorda mas continua com o olhar no chão e, inexplicavelmente, meu coração fica apertado de preocupação.

As pessoas adoram uma história de superação. Posso fazer isso.

– Traga-me o seu portfólio. Preciso fazer uns telefonemas.



É preciso algumas horas e muita discussão com Jonah, mas acho que encontrei uma solução.

– O que vai fazer dia 17? – pergunto a ele. Não faço ideia de como vou fazer Evie concordar com isso, mas depois penso nisso.

– Trabalhar no meu bronzado – ele diz, dando de ombros. – Assim como ontem e anteontem.

– Com sua jaqueta de couro?

Ele inclina uma das cadeiras imensas da sala de jantar para trás, olhando para o teto.

Eu me inclino para a frente e lhe dou um chute para chamar sua atenção.

– Evie e eu temos uma sessão de fotos semana que vem e...

– Evie? – ele pergunta, sorrindo.

– Cara. Cala a boca e ouve. Tenho um grande amigo de Nova York que é diretor criativo na *Vanity Fair*. Ele me deve um favor, então tenho certeza de que fará isso por mim. Espero.

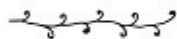
– Para um filme? – Jonah pergunta e eu faço que sim. Ele considera e depois torce o nariz como se tivesse sentido um cheiro ruim. – Quem é?

– Jamie Huang e Seamus... – Eu paro. – Sério que você está perguntando isso? Estou me arriscando para tentar ajudá-lo e... – De repente me dou conta de que não faço ideia de que horas são. – Merda, onde está meu telefone? – Eu o encontro debaixo de uma pilha de fotos e solto um sonoro “Merda!” quando vejo o horário. – Preciso ir.

Jonah tem a pachorra de parecer chateado.

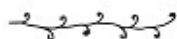
– O quê? Para onde?

– Tenho uma reunião, que remarquei para poder vir aqui procurar o seu corpo, e agora vou me atrasar. – Enfio o telefone no bolso e encontro minhas chaves na mesa de jantar, debaixo de outro portfólio gigante. – Apronte o que precisa e esteja lá na sexta-feira, dia 17, às nove. Vou pedir para o meu assistente te mandar o endereço.



Depois de passar a noite de sábado bancando o tio Carter para Morgan no Halloween e o domingo me recuperando e fazendo pesquisas, recebo um e-mail de Evie pedindo para reservar um tempo de manhã para falar sobre o retiro. A simples ideia faz meu peito se encher de pavor, sem mencionar o fato de ter que contar para ela sobre a mudança na sessão de fotos. Não há como ela concordar facilmente com isso. Caramba, nem eu sei se faria isso se estivesse no lugar dela. Eu me perguntaria o que estava pensando ao armar toda essa coisa em primeiro lugar, mas a verdade é que eu não estava pensando. Nunca estive tão confuso em toda a minha vida.

Trocamos alguns e-mails curtos e combinamos um horário e, embora fosse mais fácil – sem mencionar mais rápido – ela me mandar uma mensagem de texto, tenho a sensação de que depois da distância estranha do nosso jantar na sexta-feira, ela está tentando erguer os muros entre nós de novo.



O telefonema do meu amigo da *Vanity Fair* me pega justamente saindo do carro na manhã seguinte, então me atraso alguns minutos. Tirando uma pasta da bolsa, cheia de informações e ideias que reuni para o retiro, rezo para os deuses dos *pombinhos apaixonados que viram rivais* para que isso seja suficiente para amolecer Evie e fazer com que ela aceite Jonah como nosso fotógrafo.

Jess aponta a direção da sala de reuniões quando chego ao andar. No caminho pelo corredor, posso ver Evie através do vidro, a cabeça inclinada de forma que seus cabelos cobrem seu rosto enquanto ela escreve alguma coisa num caderno. Sua pele tem uma tonalidade perfeita, rosada e impecável, que vi maquiadores tentarem imitar durante anos. Seus cílios são espessos, e seus olhos castanhos têm um brilho inteligente. Evie tem uma coisa especial; não é como se ela fosse percebida com frequência dentre a multidão – talvez intencionalmente –, mas, para mim, ela é como um farol. Pequena, mas poderosa. Despretensiosa, porém elegante. Eu gostaria mesmo de poder vê-la sem ficar sem fôlego. Seria muito mais fácil fingir indiferença.

Há um copo com um tipo de *smoothie* na sua frente, que combina com as pequenas joias da tiara na sua cabeça.

Ah, não, estou mesmo ligado nela.

– Desculpe, estou alguns minutos atrasado. – Sento-me em frente a ela. – Surgiu uma coisa.

– Coisa? – ela pergunta, girando o canudinho na sua bebida.

– Coisa de trabalho – esclareço, e odeio a forma como as palavras saem como se eu estivesse me justificando para ela, cheias de culpa. – De qualquer forma, Kylie me enviou algumas coisas do planejamento que ela fez no ano passado. Imprimi e acrescentei algumas ideias novas que acho que podem funcionar.

Coloco os pacotes na mesa, evitando seus olhos e esperando que ela continue o assunto. Tenho certeza de que ela está se perguntando por que de repente estou tão solícito e objetivo quanto ao retiro.

Posso senti-la me observando, seus olhos apertados acompanham meus movimentos enquanto pega os papéis que lhe dei e os segura com cautela. Ela ainda não disse nada, e enquanto olha para as folhas impressas eu me ocupo organizando o resto da papelada, oferecendo-lhe uma caneta e em geral me comportando como se eu fosse muito mais útil do que sou.

– Ah, verdade – digo, casualmente –, devo mencionar antes de começarmos: preciso trocar o fotógrafo para a sessão da *VF* na semana que vem.

Ela vira o rosto para mim. Suas sobrancelhas se juntam numa expressão de confusão.

– Por quê?

Eu me pergunto se deveria mentir e percebo que é melhor simplesmente ser honesto.

– Pensei que poderíamos contratar Jonah.

– Quer dizer seu irmão Jonah?

– Isso. – Coçando o cotovelo, digo a ela: – Ele está passando por um período difícil e eu disse que tentaria conseguir esse trabalho para ele.

Ela coloca o pacote na mesa.

– Você acha que eles vão conseguir mudar no último minuto?

Eu me inclino para a frente, aliviado pela primeira reação não ter sido de raiva. Tento um sorriso que espero ser a versão expressiva de um gesto triunfante de surpresa.

– Eles já mudaram.

Só quando seus olhos se arregalam me dou conta do que acabei de dizer.

Oh. Oh, merda.

– Você fez isso sem falar comigo? – ela pergunta devagar.

Balançando a cabeça, respondo:

– Escrevi para meu amigo ontem para ver se seria possível, mas ele ligou e disse que já estava feito antes de eu chegar hoje de manhã.

Evie me observa em silêncio durante alguns segundos.

– Acho que há um conflito de interesse. E acho que Brad concordaria.

Há um quê de ameaça em seu tom. Giro a luvinha de papelão em volta do meu copo de café enquanto penso em como responder.

– Vou falar com ele.

– Não tenho certeza se entendi o que te levou a isso – ela diz, o sentimento de confusão impregnado em suas palavras. – Você me disse que vocês dois não se dão bem. Essa é a primeira sessão de fotos importante de Jamie e Seamus. Você quer mesmo...

– Se eu e Jonah nos damos bem ou não, não vem ao caso. Ele é o cara certo para esse trabalho.

– Então por que não o sugeri como opção na semana passada? – Porque imaginei que ele estivesse ocupado.

– Por que imaginaria isso? – ela pergunta, balançando a cabeça um pouco. – Faz meses que ele tem sido alvo de fofocas.

Meu pescoço fica quente com a humilhação de Evie saber de tudo isso sobre Jonah e eu não.

– Acho que nós dois sabemos que o que as pessoas dizem sobre nós nem

sempre reflete nossa capacidade.

Ela morde o lábio inferior, pensativa, mas não diz mais nada. Evie: calma, como sempre.

– Não é que me importe de seu irmão fazer a sessão de fotos – ela diz depois de algum tempo. – Ele ainda é um nome importante, mesmo com toda essa controvérsia. – Ela faz uma pausa, observando-me um pouco mais. – Mas pensou se eu gostaria que você simplesmente passasse por cima de qualquer opinião que tenho sobre o assunto? Você representa Jamie. Eu represento Seamus. Essa sessão de fotos é importante para o filme, e essas são coisas sobre as quais você e eu precisamos ser incrivelmente cuidadosos.

Eu balanço a cabeça várias vezes para ser agradável, embora talvez um pouco exagerado.

– Se não se importa que ele faça, e concorda que ele é um nome importante, por que está ficando tão irritada com isso?

Minha vontade é me dar um soco na boca logo depois que as palavras saem. Evie não está nem um pouco *irritada* nesse momento. Preciso parar de perder as estribeiras tão abruptamente assim com ela; essa combinação de atração e competição me deixa completamente louco.

Vejo suas bochechas ficando vermelhas de raiva – e o efeito em mim é uma onda confusa de desejo –, mas ela continua calma, juntando suas coisas e se afastando da mesa.

– Você está certo – diz ela. – O que está feito está feito. Vou pedir para Jess te mandar por e-mail as anotações para o figurino de Seamus na sessão de fotos, bem como minhas ideias sobre as informações que me passou hoje para o retiro. – Ela fecha a pasta com as impressões e se levanta. – Justin pode enviar para Jess tudo o que você quiser que eu veja.

– Vamos nos falar através dos nossos assistentes agora? – questiono, olhando-a.

– Parece que é a melhor ideia, por uma série de razões. – Ela dá a volta na mesa e sai da sala.

capítulo treze

Evie

– Evie, vai quebrar esse aparelho – Daryl lamenta, colocando a mão no meu quadríceps para desacelerar o exercício com as pernas. – O que você tem?

Respondo sem fôlego:

– Carter.

Levantando-me, pego minha água e tomo alguns goles longos. O suor escorre pelo meu corpo e tudo queima. Virei um animal esta manhã, mas estou me sentindo ótima. Percebo que, ou me mato na academia, ou soco alguém no diafragma no trabalho.

Deveria provavelmente me sentir péssima por ter me levantado e saído da nossa reunião ontem, mas foda-se Carter e seus antebraços perfeitos, seu lindo sorrisinho torto e seu irmão arrogante.

Estou tão cansada de querer empurrá-lo contra a parede e enfiar minhas mãos em suas calças.

Estou de saco cheio de tudo isso.

– Sem querer cutucar a onça – ela diz –, porque posso ver que você está um pouco irritada hoje, mas só para deixar claro: nós não gostamos mais de Carter, certo?

– Não, *não* gostamos mais de Carter. – Uso uma toalha para limpar o suor da testa. – E eu gostaria muito que se lembrasse disso da próxima vez que eu a chamar para me acompanhar. Você me disse para ser durona e se derreteu toda assim que ele usou seu charme. Lembra-se de quando você queria se vingar de Brant e eu fui ao casamento do seu primo como sua noiva? Eu te beijei... de língua. Foi isso que *eu* fiz por você.

Ela ri.

– Desculpa, você está certa. Mas para ser justa, deveria ter me avisado, porque... bom, que merda, Evie – ela diz. – Ele é absurdamente gostoso.

– Não está ajudando!

– Sei que eu não deveria estar me divertindo com isso, mas veja como ele

mexe com você. Eu sabia que você era mandona, mas quem poderia imaginar o seu fetiche por jogos de poder?

– O quê? – Tropeço atrás dela no caminho até os pesos.

– Você me ouviu.

– Será que eu quero saber? – Amelia pergunta, guardando os pesos e olhando para nós.

Balanço a cabeça, vendo-a ir para o aparelho de agachamento.

Daryl se encosta na barra de metal, observando-me.

– Evie está em negação, tentando se convencer de que odeia Carter.

– Ohhhh. Eu gosto de Carter. – Amelia curva as costas, abaixando-se para levantar o peso. Levantando-se novamente, ela diz: – Ele veio assinar alguns formulários de impostos. Achei que as mulheres do RH não iam deixar ele ir embora, e isso diz alguma coisa. Aquele lá é cheio de charme.

– Você percebe que ele é meu inimigo, certo? – digo.

Quando termina suas repetições, Amelia me coloca em posição de agachamentos, com a barra sobre os ombros e atrás do pescoço.

– Seu “inimigo”. Você é tão fofa.

– Você também foi envenenada pelo charme dele?

Ela sorri para mim.

– Cale a boca e se agache. – Ela para de repente, como se tivesse se lembrado de algo. – Ah! Você nunca vai acreditar com quem Brad acabou de assinar um contrato.

Eu paro, colocando a barra de ferro no lugar e olhando Amelia pelo espelho.

– Se disser Gabe Vestes eu vou gritar.

– Isso mesmo. O mesmo Gabe que você mencionou ter almoçado com Brad pouco antes de a fusão ter sido divulgada. Não sei exatamente quem vai fazer o quê, mas algo me diz que Brad está armando alguma coisa.

– Eu *sabia* que tinha algo estranho nisso. Brad foi pego chamando-o de picareta sem talento quando eu ainda estava na Alterman; não faz sentido de repente eles decidirem se reconciliar. – Saio do aparelho de agachamento e me viro para olhar para as duas. – Provavelmente Brad ficou sabendo da fusão antes e, se ele sabia quais agentes da CTM iam ser demitidos, sabia que teria de correr para ficar amigo de Gabe de novo.

– Só mais uma atitude suspeita.

– Por que acha que ele tirou Kylie do planejamento do retiro? – Daryl pergunta, sentando-se no banco ao nosso lado.

Amelia considera isso.

– Talvez ele esteja mantendo-a ocupada de outra forma. – Ela sorri para nós. – Talvez eles estejam tendo um caso.

Eu estremeço de repulsa.

– Prefiro pensar que Kylie tem mais juízo do que isso.

Viu, Carter? Eu não penso o pior dela, afinal.

– E um gosto melhor. – Amelia olha para o relógio. – Tenho uma reunião de folha de pagamento para a qual não posso me atrasar.

Uma mulher inteligente sairia do treino que acabei de fazer e comeria alguma coisa saudável de café da manhã. Uma omelete de claras, talvez. Ou alguma coisa integral. Uma vitamina.

Aparentemente, não sou uma mulher inteligente. Vou direto para o Sidecar Doughnuts e peço três rosquinhas e um café com leite tamanho gigante. Mas *sou* inteligente o bastante para deixar duas rosquinhas na minha mesa, levando só uma para a reunião de equipe marcada para as oito.

Café: feito. Açúcar e carboidrato: feito.

Melhorar o humor: em progresso.

Meu estômago – e meu humor – sofrem um baque quando entro na sala e encontro Carter lá. Eu estava esperando ter pelo menos alguns minutos para me concentrar. Quando me vê, ele desvia o olhar, mas depois olha de novo, discretamente, e tenta um sorriso que parece mais uma expressão de desprezo antes de encarar de novo o seu celular.

Depois de ontem, não sei mais nem como me comportar numa sala sozinha com ele. Meu coração dispara, minhas partes íntimas estão em estado de alerta e minha mão livre se fecha na lateral do meu corpo. É confuso pra caramba. Além disso, estou muito ciente da rosquinha que estou segurando e do fato de que Carter não tem nada além de água com gás para uma reunião na hora do café da manhã. Água. Eu o odeio.

Ele está sentado entre duas cadeiras vazias, mas eu as ignoro, sentando-me de propósito do outro lado da mesa. Pronta para a batalha.

Posso ouvir o ruído das luzes acima da minha cabeça. A caneta de Carter faz um som exagerado no caderno quando ele desvia a atenção do telefone por tempo suficiente para, aparentemente, anotar um fluxo de ideias. Aposto um dinheirão que ele está só rabiscando o alfabeto ou um manifesto sobre como ele pretende ser traçoeiro nos próximos meses.

A sala se enche à medida que o resto do departamento vai chegando lentamente. As reuniões no café da manhã são as piores; nenhum ser humano se apressa para passar a primeira hora da manhã com Brad.

Todos olhamos para a porta ao ouvir o som retumbante da voz de Brad e vemos Kylie correr para acompanhá-lo em seus saltos de dez centímetros. Sem olhar direito para mim, Brad vê minha rosquinha e, sem falar nada, varre-a direto da mesa para a lata de lixo ao lado dos meus pés.

Ouço um murmúrio estrangulado saindo da minha boca.

– Que... quê?

– Não leve a mal, Evie – Brad diz enquanto puxa a cadeira. Ele olha para mim e percebe minha expressão horrorizada. – O quê? Está deprimida? Acredite em mim, você não precisa disso.

Não tenho ideia do que dizer. Uma tempestade parece estar se formando no meu peito e posso sentir meu rosto ficando vermelho.

– Exceto pelo fato de que aquilo era meu café da manhã.

Ele não responde, apenas se senta e pede em voz baixa que Kylie prepare o laptop. Acho que ouço Rose murmurar um “filho da puta”, mas tirando isso há apenas silêncio perplexo do resto da mesa ao meu redor.

– Vão trazer comida para nós – Kylie diz. – Então você vai comer alguma coisa. Tipo frutas, barrinhas de cereal, essas coisas.

Não quero fruta nem barrinhas de cereal, quero aquela *porcaria de rosquinha* que eu trouxe.

Não, o que eu quero mesmo é pegar meu café e jogá-lo em Brad, no meio da cara do senhor Simpatia.

Mas também não posso fazer isso.

Olhando para baixo para me recompor, vejo que dois botões da minha blusa estão abertos, revelando meu sutiã rosa. Levo um susto e os fecho rapidamente.

Sei que isso não aconteceu agora. Sei que estava assim desde que entrei na sala, porque percebo agora que senti o ar gelado contra o peito nos últimos minutos. Carter está *bem aqui*, na minha frente; nós éramos as duas únicas pessoas no recinto. Isso explica a segunda olhada e o sorrisinho disfarçado dele, e também explica por que vou matá-lo mais tarde.

Meu coração parece um tambor nos meus ouvidos. Encaro o rosto de Carter com tanta intensidade que espero que seus maxilares comecem a doer do meu olhar.

Quando a copeira chega empurrando um carrinho cheio de frutas e muffins sem gordura e sem gosto, penso na rosquinha deliciosa e me pergunto o que as pessoas fariam se eu a pegasse do lixo, limpasse e abocanhasse. Estou tão faminta que fico tentada a fazer isso. Mas em vez disso, abandono a esperança de açúcar e carboidratos deliciosos já que, ao que parece, todos vamos ser

submetidos ao café da manhã de cinquentão de Brad. Ótimo.

É claro, todo mundo é educado demais para pegar algo para se servir antes dele. E ele parece não estar com pressa.

Meu estômago ronca como um lobo faminto... então, dane-se.

Eu me levanto e vou até a comida, desviando das pilhas de muffin e colocando um monte de frutas vermelhas num pratinho de papel. Quando volto para a mesa, Brad está me olhando como se eu tivesse quebrado uma regra básica. Rose dá um sorrisinho para suas mãos entrelaçadas sobre a mesa. Rose e eu nem sempre temos o mesmo senso de humor, mas sei que, se eu olhar para ela agora mesmo, ela vai perder a compostura.

– Vamos começar. – Brad dá uma batidinha nos papéis à sua frente e se recosta em sua cadeira, olhando para Rose. – Como foi com Tom na segunda-feira?

– Foi tudo bem – ela diz. – Assinamos o contrato com a Paramount. Tudo está caminhando.

Ele assente, satisfeito.

– Carter, como estão os preparativos para a sessão de fotos da *Vanity Fair*?

Carter olha de relance para mim.

– Tudo pronto.

– Quem vai ser o fotógrafo mesmo?

Hesitando, Carter finge precisar olhar para suas anotações antes de responder.

– Ah, é Jonah. Jonah Aaron.

– Alguma relação? – Brad pergunta, distraidamente. Imaginando que não.

– Sim. Meu irmão.

Brad olha para Carter e o examina por alguns segundos.

– O fotógrafo é seu irmão?

E é isso, é nesse momento que Carter vai finalmente levar uma dura. Não exagerei na minha reação. Toda essa situação é uma palhaçada. E a melhor parte é que *eu* não vou precisar fazer nada porque Brad fará por mim.

Incidente com a rosquinha perdoado, eu me ajeito na cadeira, desejando ter pipoca nas mãos em vez de frutinhas para assistir ao show.

O rosto de Carter fica vermelho.

– É isso. Meu irmão mais novo. Asseguro que ele é muito competente.

A expressão de Brad continua insondável, e acho que posso ouvir Carter suando. Eu poderia beijar Brad por causa disso. Pensando bem, acho que me esqueci do Dia do Chefe. Faço um lembrete mental para enviar um cartão para Brad.

– Você talvez já tenha visto o trabalho dele na *Rolling Stone* – Carter continua.
– Posso conseguir uma lista de referências se quiser.

Silêncio. Daria para ouvir um alfinete caindo, e eu viro os olhos para Brad com alegria, esperando a explosão. Aí vem... a qualquer minuto agora...

Mas nada acontece. Em vez disso, um sorriso digno do Grinch lentamente toma conta do rosto de Brad, até que consigo ver cada um de seus dentes perfeitos.

– É isso aí! – ele diz, batendo a mão na mesa.

Filho da puta.

– Carter está reunindo esforços e nos trazendo uma visão nova. – Brad quase dá um salto para bater na mão de Carter do outro lado da mesa, no melhor estilo de camaradagem masculina. – Vou dizer uma coisa, não estou surpreso. Fiquem de olho nesse cara – ele diz, apontando em volta da mesa. – É assim que se faz as coisas.

Eu me afundo na cadeira, furiosa. Nós já *tínhamos* um fotógrafo, então não tenho certeza do que, especificamente, Brad acha que ele “fez”. Carter não deveria ter trocado o fotógrafo sem ter me perguntado, e ele sabe disso. O fato de Brad o masturbar com palavras é enfurecedor. Isso destaca Carter de uma forma que Brad nunca fez antes nessas reuniões. Há uma ordem hierárquica entre os agentes, definida principalmente por quem traz mais publicidade e dinheiro. E este ano, é provável que seja eu.

Mas há outros fatores também. Tais como: ter um pênis. Aparentemente é um grande fator.

Há uma sensação de desconforto na sala. Ou as pessoas não gostam que as mandem imitar o novato na cidade, ou elas concordam comigo que contratar o próprio irmão para uma foto de capa é no mínimo duvidoso – mas eu faço questão de não olhar para ele, recusando-me a fazer contato visual. Respirando fundo, levanto o café até os lábios, desfrutando da sensação enquanto imagino o líquido se derramando sobre o colo de Carter e não na minha língua. Olho para baixo quando meu telefone vibra com uma mensagem de texto.

Você garante que
vai informar
Seamus do
horário na
semana que vem?

Eu pisco, olhando para a tela. Brad concluiu seu discurso emotivo em relação a Carter, e agora a voz anasalada de Ashton traz uma sonolência ao fundo.

Você enviou essa mensagem para a pessoa errada?

É Evelyn Abbey?

Por que eu me esqueceria de informar meu próprio cliente?

Eu só estava me certificando.

Apenas entre em contato com Jess com a lista de informações de que precisa.

Ao meu lado, ele solta uma risadinha babaca e balança a cabeça, deslizando o telefone sobre a mesa.

Furiosa, envio mais uma mensagem.

Você poderia ter me avisado de que a minha blusa estava desabotoada.

Sua blusa estava
desabotoada?

Você está
sentado na minha
frente.

É impossível não
ter notado.

Bom, não notei

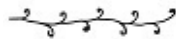


Que merda. Carter acaba de me mostrar o dedo do meio com uma carinha feliz? *Será que Carter me mostrou o dedo-feliz?*

Meu coração bate tão forte que mal ouço o que Ashton está dizendo. Tenho certeza de que estou com a aparência de um boxeador que respira pela boca, mas meus pensamentos não se desviam de quanto desprezo Carter nesse momento.

Não tenho muita certeza do que é esse sentimento, porque nunca senti isso antes... mas acho que é raiva não consumada.

Acho que meu cérebro acaba de declarar guerra contra Carter Aaron.



No meu escritório, ataco as rosquinhas com um vigor desesperado, com as duas mãos e a boca aberta. O café e as frutinhas já eram faz tempo, essas rosquinhas são minha vida inteira agora.

Mas como o universo é um gato, e eu não passo de um novelo emaranhado, Carter entra bem no momento em que mordo metade de uma rosquinha de uma só vez.

– Ei, Evil – ele diz, com os olhos no telefone. – Jonah precisa começar às onze na próxima sexta. Pode ser? – Ele olha para mim e se assusta ao ver meu rosto,

com as bochechas salientes cheias de comida. – Eu... vou te dar um segundo para responder.

E então ele simplesmente fica ali parado, olhando enquanto mastigo cobrindo a boca, com as sobrancelhas erguidas de surpresa. Como demoro para mastigar mais do que qualquer um de nós dois gostaria, ele acrescenta com um meio sorriso zombeteiro:

– Você devia estar faminta.

Engolindo, digo:

– Você deve ter notado que Brad jogou meu café da manhã no lixo. Ele olha para as migalhas de açúcar no saco de papel na minha mesa.

– Ainda bem que você tinha mais.

Faço questão de andar até a porta e apontar dramaticamente para onde Jess está sentada trabalhando, ao lado dos outros assistentes.

Carter me segue e olha para fora.

– Sim?

– *Aquela* é minha assistente, Jess. Fale com ela sobre a agenda.

Ele espia para fora novamente, acenando para Jess com um sorriso adorável.

– Como está o gato da sua mãe? – ele pergunta.

O rosto dela se ilumina.

– Bem! As primeiras noites foram difíceis, mas os pontos vão ser retirados semana que vem. Obrigada por perguntar!

Seus olhos se voltam para mim, e ela parece um veado assustado diante de faróis acesos. Só pode ser brincadeira.

– Então podemos? – ele diz.

Viro a cabeça e dou de cara com ele. Ele está perto demais. Eu não conseguiria ter qualquer vantagem real chutando-o nas bolas desse ângulo. Endireitando-me, dou um passo para trás.

– Podemos o quê?

– Podemos começar a sessão de fotos às onze em vez de meio-dia na semana que vem? – ele fala devagar, como se o problema fosse eu e minha falta de compreensão, e não o fato de que ele é um manipulador evasivo. – Jonah tem uma *coisa* às três.

Eu deveria ser difícil e insistir que ele resolvesse isso com Jess, mas aparentemente o time Evie foi para o espaço.

– Cara, você é um chato. Deixe-me checar minha agenda. – Vou até minha mesa e me sento, dizendo, propositalmente: – Obrigada por me envolver na coordenação.

Ele suspira.

– Não foi bem assim, Evie.

– Não foi? – Ligo o computador, digitando minha senha com as mãos tremendo. Espero que ele não perceba; a última coisa que quero é que Carter veja quanto isso mexe comigo.

Ele coloca as mãos nos bolsos.

– Olha, se Brad tivesse algum problema com Jonah fazer a sessão de fotos, então tudo bem, poderíamos discutir como ajustar o plano. Mas ele não tem.

Carter sabe tão claramente quanto eu que Brad aprovou isso por razões completamente desconhecidas para qualquer um de nós. Mesmo um cachorro míope saberia que o que Carter fez foi nepotismo descarado.

– Está considerando o comportamento de Brad Kingman como parâmetro?

– Eu só quero ter um emprego – diz ele. – Meu erro foi não ter pedido sua aprovação antes, entendo isso. Podemos seguir em frente?

Depois de o encarar em silêncio, finalmente digo:

– E eu tenho escolha?

Devo ter sido clara, porque pela primeira vez desde que conheço Carter, ele não tem uma resposta.

– Semana que vem... sexta-feira? – pergunto, de volta ao trabalho. Carter assente. – Não deve ser um problema. Eu disse a Seamus para estar lá às oito e meia para a maquiagem de qualquer forma, para ter certeza de que ele chegará a tempo.

Os olhos de Carter se arregalam.

– Isso foi muito inteligente.

– Tente não parecer surpreso.

Isso o faz rir, mas ele não se preocupa em me corrigir.

Quando Carter está prestes a se virar para ir embora, Rose entra no meu escritório fechando a porta.

– Você quer que eu saia, ou...? – Carter pergunta para ela.

– Tudo bem. Pode ficar, quero a opinião de vocês dois.

Ah, ótimo. Lá vem a fofoca.

Olho para Carter, sem saber se ele já foi submetido a ela. Sua expressão é indiferente, o que significa que já sabe exatamente como Rose pode ser indiscreta. Constantemente tenho medo de que qualquer conversa legítima de trabalho com ela vá se transformar em fofoca. Não é que eu seja necessariamente contra isso, mas precisa ser feito do jeito certo, com as pessoas certas. Pessoas *discretas*, pelo amor de Deus, que fazem isso com a combinação certa de ironia e

credibilidade.

Mas em vez de construir lentamente uma história intrigante de flerte, drama de clientes ou assédio sexual, Rose solta uma queixa incrivelmente pessoal bem no meio do meu escritório:

– O bônus de Ashton foi sete *mil* dólares maior que o meu.

Meus olhos se arregalam.

Carter dá um pequeno passo para trás, como se tentando se esconder no escritório.

– Como sabe disso? – indago. Nós falamos sobre dinheiro o dia inteiro com clientes, mas raramente conversamos sobre nossos salários com colegas. E, estou imaginando, é exatamente esse o motivo. Nada nunca é tão claro e justo quanto esperamos ser.

– Estávamos falando ontem sobre nossos totais projetados para o ano, sabe, com a fusão? Todo mundo parecia estar com a cabeça na guilhotina. Então, quando voltamos para nossas mesas, nossos contracheques com os bônus estavam lá. Acho que, como estávamos falando de dinheiro, ele ficou à vontade para me contar o que tinha recebido.

– Os contratos e os negócios dele foram maiores que... – começo a indagar, mas ela me corta, sacudindo a cabeça.

– A mesma coisa – ela diz. – Nós estamos praticamente no mesmo pé. – Ela olha para Carter. – Sacanagem, certo?

– Inaceitável – digo. – Você precisa perguntar para Brad. Ou ir direto para a Contabilidade e pedir para eles checarem os números.

Rose suspira.

– Não posso fazer isso!

– Então vai perder sete mil – digo e ergo os ombros.

– Que saco! – ela resmunga.

– Fale com Brad – Carter a incentiva com gentileza. Carter ingênuo. Como se Brad não soubesse.

Ela olha para ele, desconsolada.

– Ele não vai ligar.

Levanto as mãos na minha frente, exasperada.

– Rose, honestamente, se você só veio aqui para reclamar, sendo que eu não tenho poder para te ajudar em nada, o dinheiro não deve ser o motivo pelo qual está nesse emprego.

Ela olha para o chão, balançando a cabeça por alguns segundos.

– Eu sei. Eu sei, mas é muito frustrante.

– Eu entendo, querida, mas precisa se defender. Ninguém mais vai fazer isso por você.

Com um sorrisinho de agradecimento, ela se vira e vai embora.

Carter se afasta da parede.

– Uau, Evie. Isso foi uma dura e tanto.

Olho para seu rosto e para seus grandes olhos verdes por trás dos óculos, seu queixo bem barbeado e seus cabelos desalinhados. É bom que ele seja tão bonito, porque sua atitude não está lhe garantindo novas amizades hoje.

– Você poderia ter acrescentado o que quisesse.

Ele considera por alguns segundos e dá de ombros.

– Ela tem certeza de que foi isso mesmo? Nunca tive nenhum tipo de disparidade salarial. – Ele parece perceber o que acabou de dizer. – Quero dizer, obviamente. Sei que esse tipo de coisa acontece, mas... – Ele se encolhe, voltando atrás. – Que chato para ela. Tomara que consiga resolver.

Ele não pode estar falando sério.

– Esse não é um caso de erro matemático ou de finanças, Carter. Esse tipo de coisa acontece *todo dia*. Aconteceu comigo.

– Sério? É que você parece estar tão no comando o tempo todo que tenho dificuldade de imaginar qualquer pessoa tirando uma coisa que é sua.

Ele se aproxima mais um passo, apoiando-se na minha mesa, olhando para mim. Está tão perto, é quase como se fôssemos amigos ou como se estivéssemos flertando, mas obviamente não estamos.

– Acontece nesse ramo o tempo todo – digo, em voz baixa. – Só você não enxerga. Não te afeta.

– Deveria.

– Concordo – solto.

– O que você acha que deveríamos fazer?

Percebo como ele olha para os meus lábios por um átimo de segundo, e de repente parece que não estamos mais falando sobre disparidade salarial.

– Não sei – sussurro.

Mas definitivamente sinto que ficar com Carter nesse exato momento nos colocaria na direção certa.

Seus olhos parecem percorrer todo o meu rosto, e mais para baixo; ele se inclina...

No intervalo de duas... três... quatro batidas de coração frenéticas, acho que ele vai me beijar.

– Sua blusa parece determinada a ficar aberta hoje – ele sussurra, balançando

a cabeça.

Surpresa, sigo seu olhar, e de fato os dois botões de cima se abriram novamente, deixando um bom tanto de decote perfeitamente visível para nós dois.

– Oh. – Eu o fito, sentindo minhas bochechas esquentarem.

Começo a sorrir para ele, mas em vez de se aproximar para me beijar como ainda acho que ele vai fazer, ele se inclina para trás, oferecendo uma expressão inescrutável antes de se virar e sair do meu escritório.

❧ capítulo quatorze ❧

Carter

essa passou
perto.

Se não for sobre
um assalto a
banco

Acho que não
quero saber.

M.C., quase
coloquei a cara
nos peitos de
Evie no
escritório dela.

o.k., não, eu
quero ouvir
isso.

Ela é tão durona
e direta.

O que é sexy e intimidante ao mesmo tempo, e a blusa dela não parava de abrir.

E então fui falar para ela e foi... impossível querer ir embora sem beijá-la.

Cara

Só continue me lembrando de que ela é o demônio.

Quer dizer, na verdade não, ela não é.

Ela é uma pessoa muito legal.

Parecia que ela queria me beijar.

Ou morder seu
rosto?

De um jeito bom.

De um jeito
ruim.

Você está do
lado de quem?

Do lado que
vocês dois se
casam e ela dá à
luz uma criança
de dois anos que
já desenha no
edredom com
pasta de dente.

Babaca.

Tchau.

❖❖❖ capítulo quinze ❖❖❖

Evie

Se antes eu achava que estava com raiva de Carter, agora tem a humilhação no meio disso. Nos últimos dias, passo tempo demais pensando naqueles poucos segundos em que ele se inclinou e olhou para mim como se não fosse meu inimigo. Deve ter parecido que eu estava me derretendo na cadeira.

Assim como em qualquer outro fracasso amoroso, há o arrependimento e a ruminação sobre as coisas boas e as coisas ruins. Talvez haja até mesmo um encontro constrangedor ao acaso pela cidade, porque L.A. *parece* minúscula, por mais gigante que seja. Mas é totalmente diferente trabalhar ao lado de um ex com quem não deu certo. Passar por ele no corredor, vê-lo nas reuniões, ser obrigada a ficar num espaço pequeno para planejar os retiros da empresa juntos...

Chego primeiro à pequena sala de reunião e me sento no sofá distante da porta, perto das janelas. Isso me dá o benefício de poder ver Carter chegando pelo corredor na minha direção – que não é a pior coisa de se ver no mundo – escoltando a planejadora da Diversão Corporativa!

Ela está bem arrumada de um jeito insosso e sem graça, mas Carter – como ele é o diabo – transpira sexualidade com as mãos nos bolsos, passos preguiçosos e confiantes, sorriso sedutor. Será que percebo mais agora porque não estou transando com ele? Provavelmente. Ou é simplesmente assim que ele é? Suas calças escuras de alfaiataria têm um caimento perfeito, abraçando sua cintura magra e seus quadris. Juro que consigo ver o contorno de seu pênis ao longo da coxa. Sua camisa hoje tem estampa xadrez sutil, azul e branca, e parece ter sido derramada sobre ele, por cair tão bem. Quando ele dá um sorriso maior em resposta a algo que a planejadora diz, seu rosto inteiro se ilumina e, de algum jeito, ele parece meigo de novo.

Estou perdida, posso ver isso agora. Os próximos anos da minha vida parecem desoladores, trabalhando aqui ou em outro lugar e incapaz de esquecer meu ódio e paixonite por Carter Aaron. Ou pior ainda, vendo-o com outra pessoa. Estou

condenada.

Eu me levanto quando eles entram, alisando minha saia antes de apertar a mão da mulher – Libby Truman –, que já parece enamorada pelo office boy do capeta e seu rosto besta e perfeito. Enquanto ela segura seu braço, fala sobre como ele foi engraçado ao acompanhá-la.

No caminho pelo *corredor*. Trinta segundos, no máximo. É incrível, sem dúvida.

Nós nos sentamos, falamos superficialmente sobre o que precisamos – e, honestamente, acho que poderíamos ter feito essa reunião por telefone. Precisamos de alguém para planejar alguns jogos para o grupo de cinquenta pessoas ou mais durante dois dias. Precisamos de atividades que (a) não nos deixem encabulados e (b) não provoquem nossa natureza competitiva. Precisamos de álcool. É isso; é muito simples.

Mas sempre que possível, as pessoas gostam de vir aos escritórios da P&D para reuniões. É pelo mesmo motivo que vejo Libby ocasionalmente olhando através das paredes de vidro da sala: ela espera ver uma celebridade.

Infelizmente para ela, só vê Justin, que espia pela porta depois de cinco minutos de reunião.

– Jett Payne está aqui; ele está esperando por nós lá em cima. Além disso, Kylie mandou avisar que ela pediu cápsulas de café demais para a copa e vocês podem levar uma caixa ou duas para casa.

Carter se levanta sorrindo.

– Obrigado, Justin.

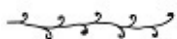
Meu queixo cai.

– Você marcou duas reuniões no mesmo horário? – questiono-o, com um sorriso amarelo de *foda-se*.

– Acho que marquei. Desculpe por isso – ele diz, como se fosse puramente acidental e ele não fosse meticoloso com sua agenda. Ele se levanta, estendendo a mão para apertar a de Libby. – Prazer em conhecê-la, Libby. Evie pode tratar do resto. E peça a ela para validar seu estacionamento. Estou ansioso para ver o que vocês vão planejar!

Libby, um pouco sem fôlego, exclama de um jeito exagerado:

– Será ótimo!



Cerca de uma hora depois termino minha reunião com Libby – ainda

irritadíssima – e volto para meu escritório enquanto checo o resto da agenda de hoje no telefone.

Tenho quarenta e cinco minutos para atravessar a cidade e me encontrar com Sarah Hill no cabeleireiro. Nós acabamos de conseguir um papel para ela em uma adaptação de um *best-seller* de ação adolescente, e o estúdio insiste que o cabelo dela seja pintado de um tom de azul específico. Está no contrato dela que sua agente e o produtor estarão presentes para controle de qualidade. O que significa, essencialmente, passar quatro horas no salão, tentando permanecer alerta o bastante para ser capaz de diferenciar as sutilezas entre quinze tons diferentes de azul.

Paro ao passar pelo escritório de Carter, vendo que ele já colocou duas caixas de cápsulas no meio da mesa.

Meu pai era rígido quando eu era adolescente; era o contrário da família de Daryl, que basicamente a deixava sair por aí com quem quisesse. Eu só pude sair com um rapaz depois dos dezesseis anos, e mesmo assim havia regras. Podia sair quanto quisesse, mas não podia ter um *namorado*, o que significava não sair mais de uma vez com o mesmo cara. Tenho certeza de que a intenção era que eu não namorasse sério com ninguém, porque sério levaria ao sexo. O plano deles funcionou: no segundo colegial, eu ainda não tinha transado. Nunca nem tinha chegado perto.

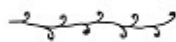
E então conheci Kai Paialua. Consegui passar muito tempo escondida com ele, longe dos olhos dos meus pais. Na noite do jogo de futebol dos ex-alunos, quando estávamos no terceiro colegial, ficamos juntos num quarto numa festa. Em outro quarto tocava Santana sem parar, seus riffs de guitarra sensuais encorajavam nossos movimentos, e... eu queria transar com Kai. E estava muito perto disso – suas calças estavam enroladas nos calcanhares e ele estava checando se a camisinha que carregava na carteira desde o segundo ano ainda estava na validade –, e eu sabia que eu estava numa encruzilhada. Se fosse para um lado seria isso, nós transaríamos e não haveria como voltar atrás. *Ou* poderia voltar minha saia para o lugar e meu hímen viveria mais um dia.

Nem preciso dizer, nunca mais vi minha virgindade.

Demorando-me no corredor em frente ao escritório de Carter, olhando para aquelas malditas caixas de café em sua mesa, sinto a mesma mistura poderosa de excitação e terror. Se eu seguir o plano que está se formando na minha cabeça, não serei mais inocente.

E assim, cinco minutos depois, as caixas de café estão todas trocadas, as cápsulas dentro delas não correspondem mais ao que dizem os rótulos. E eu

estou a caminho do salão, sem ninguém ver.
Um delicioso sabor... agora descafeinado.



Sexta-feira pode entrar para a história como o melhor dia da minha vida, porque é o dia em que Carter Aaron não consegue concluir um pensamento no trabalho.

É um pouco como observar um leão manco: algo que não se vê com frequência, o que torna incrivelmente difícil desviar o olhar. Ele não estava brincando quando disse que não consegue funcionar sem café. Aparentemente, entrou no banheiro feminino e olhou para a parede, obviamente chocado com o fato de que os mictórios não estavam lá, até que Jess saiu de uma cabine e o guiou na direção certa. Ele gaguejou durante toda a teleconferência com os estúdios Smashbox sobre os arranjos para a sessão de fotos da *Vanity Fair* na sexta que vem, e depois ficou parado no corredor, confuso, antes de entrar no seu escritório e se sentar em frente à xícara de café descafeinado que coloquei furtivamente sobre sua mesa.

Eu me pergunto se estou virando um ser humano horrível na verdade, porque estou me sentindo muito bem assistindo a tudo isso. Quem faz esse tipo de trapaça? Quer dizer, fora todo mundo nesse ramo.

Exceto que... *Eu* nunca me rebaixei a esse ponto, e a culpa começa a me corroer assim que percebo quanto me afastei dos meus próprios ideais.

Digito o número de Steph e agradeço quando ela atende no primeiro toque.

– Sou um ser humano horrível – afirmo, em vez de cumprimentá-la. – Diz isso por algo específico ou em geral? – ela retruca.

Paro para pensar.

– Um pouco dos dois, eu acho.

– Quer me contar ou é melhor que eu não saiba?

Posso ouvir vozes e o som de copos e talheres ao fundo, então imagino que esteja se encontrando com alguém e não tem muito tempo.

– Você está ocupada? Posso passar na sua casa hoje à noite para confessar.

– Estou só esperando um agente de elenco. E, a propósito, você nunca vai adivinhar o que minha assistente me contou hoje de manhã.

Inclino-me para a direita e posso ver que Carter está em sua mesa, olhando fixamente para um lápis. Mordo a língua para não rir.

– O quê?

– Ela dormiu com o irmão de Carter ontem à noite.

Fico interessada.

– Não! – exalto, me endireitando. – Sua assistente?

– Sim.

– Jesus, esta cidade é pequena. Onde isso aconteceu?

– Numa festa. Eles não conversaram muito na verdade, e ela só se tocou hoje de manhã.

Honestamente, se eu não estivesse ocupada odiando Carter Aaron, mandaria uma mensagem de texto para ele agora mesmo para contar e rirmos juntos.

Incapaz de resistir, eu me inclino novamente e espio seu escritório. Hoje o dia está bom.

– E?

– E, pelo que entendi, foi um endosso retumbante da família Aaron.

Uma coisa que você saberia bem se vocês dois não estivessem tão cegos. Eu resmungo.

– Não me lembre disso. Falando no irmão dele, temos uma sessão de fotos na semana que vem. Agora vou ficar pensando nele trepando com Anna.

Steph dá risada.

– Diga que ela mandou um oi!

– É, acho que não.

– O.K., então diga a Carter que o terno dele está pendurado no meu banheiro. Ele precisa para sexta-feira.

– O terno dele?

– Ele levou Morgan para pedir doces no Halloween para que nós pudéssemos sair, e ela vomitou no terno todo. Eu gritaria com ele por deixá-la comer todo um saco de doces, mas fui para uma festa de gente grande e fizemos sexo no hotel, então...

– Não, senhorita *compartilha muita informação*, hoje não. Não me conte sobre sua vida sexual, e definitivamente não me conte coisas fofas sobre Carter. Ele é um monstro.

– Continue dizendo isso a si mesma. Está bem, acabei de ver a pessoa que estou esperando entrar. Eu amo você, e pare de ser um ser humano horrível.

Por que o universo faz isso comigo? Estou adorando o Carter incompetente sem cafeína e o mundo tem de me fazer lembrar de que ele pode não ser inteiramente ruim. Acho que posso dizer que estraguei as coisas, e talvez Steph esteja certa: *sou* um ser humano horrível.

A ansiedade me consome um pouco durante uma reunião de almoço com

Adam Elliott, e quando estou com o galã de meia-idade favorito do país não posso me distrair, nem mesmo um pouco.

Carter não está em seu escritório quando volto, então não posso confessar, não posso nem lhe dar o café normal que comprei para ele ao voltar do almoço. Abro meu e-mail e distraidamente pego o frasco de hidratante na minha mesa. Mas em vez de ler, e em vez de continuar cultivando a culpa, lembro-me de Carter esquecendo o nome de Brad hoje de manhã quando eles se encontraram no corredor. Aquela foi ótima.

Esfrego as mãos e passo um pouco de hidratante nos cotovelos, no rosto e um pouco nas pernas e me lembro de Jess me contando que Carter tinha entrado no andar errado hoje cedo, sentando-se no lugar de Evan Curtis, do Jurídico.

Repito o processo mais duas vezes até a culpa voltar e eu perceber o que preciso fazer: preciso substituir o café e confessar o que fiz. Carma é foda, e não preciso que ele me persiga.

Estou prestes a pegar o telefone para confessar a Jess e pedir para ela me ajudar a colocar os cafés de volta quando recebo uma ligação que eu estava esperando.

Depois de quarenta e cinco minutos elogiando uma atriz, alguém bate à minha porta.

– Entre – solto, com os olhos ainda na tela do computador enquanto a porta se abre arrastando sobre o carpete.

– Ei, você viu aquele e-mail sobre a... *Deus do céu!* – Jess leva um susto e meu olhar se encontra com seus olhos arregalados.

– O quê? *O quê?*

Ela balança a cabeça, tapando a boca com uma mão.

– Evie, ai, meu Deus. Eu já volto.

Ela sai correndo da sala, voltando um tempo depois com Daryl e fechando a porta.

– O que está acontecendo? – pergunto. – Por que vocês duas estão me olhando desse jeito?

Daryl mal consegue se conter.

– O que você fez, Garfield?

– Eu, o quê? – Pego o pó compacto que guardo na gaveta de baixo e imediatamente vejo. Minhas mãos, das palmas até os punhos, estão cor de laranja. – Ai, meu Deus!

– Você parece um cone de estrada – diz Daryl, finalmente caindo na gargalhada, mal conseguindo acrescentar: –, está me deixando com vontade de

frango à passarinho!

– Ai, meu Deus, você pode *ficar quieta*? – Segurando o espelho de um jeito atrapalhado, quase o arremesso do outro lado da sala.

Meu *rosto* também está laranja. Não só laranja como também brilhante. Pareço um mamão.

Daryl se aproxima de mim.

– O que você *usou*?

– Eu não...

Paro de falar e pego o frasco de hidratante que usei antes.

Não.

Retirando a tampa, levo-o ao nariz e cheiro.

Não.

Em vez do aroma suave de baunilha com o qual estou acostumada, percebo agora um leve cheiro de química.

– Nãããoo – resmungo, com a voz grave e enfurecida. – Eu vou *matá-lo*.

– Ele colocou loção autobronzeadora no seu frasco de hidratante? – Daryl sussurra, parecendo horrorizada... mas também um pouco impressionada.

Jess sai correndo e logo retorna. Dando a volta na mesa, ela se ajoelha no chão ao meu lado, tirando um lenço umedecido de um pequeno pacote de plástico.

– Agora estou com medo por ele. – Ela pega meu braço e começa a esfregar. – Tudo bem, boa parte disso está saindo. É só bronzeador.

Daryl ri.

– Espere oito horas.

– Uau, Evie, o que *aconteceu*? – diz uma voz grave e zombeteira e, ao nos virar, nós três vemos Carter sorrindo, encostado na moldura da porta. Jess praticamente cai para trás em sua tentativa de fugir.

– *Você* fez isso!

– Você quer começar a dar nome aos bois, senhora descafeinada?

Eu dou uma risadinha apesar do meu estado.

– Como?

Afastando-se da porta, ele dá um passo à frente. Daryl e Jess, sabiamente, deixam a sala.

– Fui para casa na hora do almoço para fazer o meu próprio café, porque as cápsulas daqui não estavam funcionando. Mas, é claro, as que estão *em casa* também são descafeinadas. No estacionamento do mercado, não conseguia lembrar onde tinha parado o carro e quase fui preso tentando entrar num outro Audi prata.

Sinto uma onda de orgulho correndo pelo meu sangue.

– Sério?

Ele sorri, balançando a cabeça para mim.

– Sim. Não foi legal.

Esticando um braço para ele ver, digo:

– Você não pode chegar aqui e se fazer de vítima, senhor.

– Eu não ousaria. – Ele chega mais perto, tão perto que eu posso sentir o calor da sua pele contra a minha. O clima de brincadeira provocativa se desfaz e posso praticamente sentir sua atenção mudar de foco quando seu olhar passa brevemente pelos meus lábios.

Como se ele fosse me beijar de novo.

Sem chance. Acho que nós dois sabemos que isso nunca vai acontecer. – Eu *gostava* de você – ele sussurra.

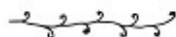
Uma dor se insinua entre as minhas costelas quando ele diz isso, e minha resposta sai mais direta do que eu tinha planejado:

– Eu também gostava de você.

Ele olha para mim, sem piscar.

– Evie...

– Só fico feliz de ter descoberto quem você é de verdade antes que pudéssemos nos envolver.



Embaixo de um amontoado de espuma na banheira de Steph, falo para todas e para o meu eu mais íntimo ao mesmo tempo.

– Eu vou enterrá-lo.

Estamos todas aqui, amontoadas no pequeno banheiro de Michael e Steph: Daryl, Amelia, Jess, Steph e, é claro, eu. Pelada e um pouco menos laranja.

– Tudo bem, querida – diz Daryl, entregando-me mais uma esponja através da cortina do chuveiro. – Mas não hoje à noite.

– Tem que admitir que isso foi muito inteligente – diz Amelia. – Pensar em como usar seu fetiche por hidratante contra você?

Olho mal-humorada para a água turva à minha volta. A maquiagem impediu que a maior parte do bronzeador fosse absorvida pelo meu rosto e ele saiu com facilidade. Mas minhas mãos e cotovelos absorveram boa parte da cor e continuam com um tom alaranjado apagado e doentio.

– Não é um fetiche. É mais um tique nervoso. E ele não descobriu nada, eu

contei para ele sobre a coisa do hidratante. Ele pegou algo que contei e usou contra mim. Traidor.

– É, não vamos deixar de vestir essa carapuça, Evie. Você atacou primeiro – Amelia me lembra. – Aquele ser privado de cafeína trombou com a parede em frente ao meu escritório.

Afasto a cortina e coloco a cabeça para fora.

– Ele fez isso? – digo contente, desejando estar lá para ver.

Meu sorriso desaparece quando ela me olha, severa, com uma sobrancelha levantada.

– Ah, não foi tão grave – choramingo, desabafando com a pressão. – Foi só café. Ataquei primeiro com *café*. Além do mais, ele tirou Dan Printz de mim, trocou o fotógrafo da *Vanity Fair* por seu irmão sem me consultar e saiu no meio da reunião com a coordenadora de retiro tagarela. Eu queria que ele soubesse que eu não ia deixar barato.

– Então tudo o que ele fez foi se esforçar demais – Amelia diz, calmamente. – E se te conheço bem, você já está planejando a retaliação.

– Pode ter certeza que estou – afirmo. – Jess, vou precisar que faça umas coisas repugnantes.

Sentada na pia do banheiro, ela olha para mim.

– Vou ter que fazer algo ilegal?

– Huumm... não sei ainda.

Ela vira os olhos.

– Você pelo menos vai assumir a culpa se eu for descoberta?

– Com certeza.

– Eu gostaria de deixar registrado que acho isso uma má ideia, mas tudo bem, estou dentro.

– Sabe, como amiga de Carter, acho que devo me intrometer aqui – diz Steph.

Eu inclino a cabeça.

– Talvez você queira ver como está sua banheira?

Ela ergue as mãos para impedir que me mexa.

– Não, não. Não é necessário. – Ela olha por cima do ombro ao ouvir o som da campainha. – Já volto.

Voltando para trás da cortina, pego o sabonete e ensaboo a esponja de novo.

– A sessão de fotos é semana que vem; ele pode ter vencido a batalha, mas eu vou ganhar a guerra.

– Antes que me esqueça – diz Jess –, entrei aquela hora no seu escritório para perguntar se você tinha visto o e-mail da Contabilidade. Eles estão fazendo uma

auditoria e preciso de cópias de todos os seus relatórios de despesas.

– Auditoria? – Daryl repete.

– Sim – diz Jess –, tem algo a ver com a firma de investimentos envolvida na fusão. Acho que dinheiro de fora significa atenção redobrada a tudo. Eles querem os registros de todo mundo, até os meus.

– Só estão revendo as contas depois da fusão – diz Amelia. – Supernormal.

Passos ecoam no corredor e, quando espio para fora novamente, vejo Steph voltando para o banheiro com o assistente de Daryl, Eric, atrás dela.

– O que está *fazendo*? – grito, segurando a cortina do banheiro contra o peito.

– Estou com os olhos fechados – diz Eric. – Eu precisava deixar esses contratos com a Daryl.

E como se quisesse provar que estava de olhos fechados, ele tromba com o batente da porta.

– Estou aqui – diz Daryl, indicando o caminho para ele. – Obrigada por ter vindo, Eric.

– O que vocês estão fazendo, afinal? – Eric abre um olho para espiar em volta.

– Reunião secreta... num banheiro? – Ele espreme os olhos novamente quando me vê na banheira e acena discretamente. – Ah, oi, senhorita Abbey.

– Planejando vingança contra um de vocês – Daryl diz para ele segurando a tampa da caneta com a boca. Ela o vira, segurando os papéis contra suas costas amplas e musculosas para usá-lo como uma mesa improvisada. – Você deve estar se perguntando por que Evie está sentada no meio de bolhas de sabão laranja.

– Quer dizer – ele diz baixinho –, a pergunta passou pela minha cabeça, mas a senhorita Baker, do RH, está aqui, então imaginei ser melhor não falar nada sobre essa situação.

Amelia concorda.

– Bem pensado.

– Alguém colocou loção bronzeadora no hidratante que estava na gaveta de Evie – Daryl diz, e Eric não consegue segurar uma risada alta. Sussurrando, Daryl acrescenta: – Foi Carter.

Amelia passa a mão no rosto.

– Daryl, não revele nomes para um civil – digo um pouco alto demais.

– Relaxe – ela diz. – Eric é do bem. Caramba, pode ser até que ele tenha algumas ideias. – Ela o vira novamente, entregando a pilha de documentos assinados. – Você pode ser um desastre com telefones, mas é um gênio com computadores. – Ela sorri para ele de um jeito sedutor. – Sem ofensa.

– Pode criar um programa que faça a correspondência automática entre nossas

despesas e as faturas? – Jess fala brincando do seu lugar na pia.

Daryl afasta a ideia com um gesto.

– Chato, Jess. Estamos falando de *sabotagem*.

Ele ergue os ombros.

– Eu posso entrar para a Equipe Estrogênio. Do que vocês precisam? Posso fazer sumir o crédito de Carter. Criar um mandado de prisão?

Meu estômago se revira de surpresa.

– Não quero que ele vá para a prisão.

– Eu poderia hackear o e-mail dele? – Eric sugere. – Talvez reorganizar sua agenda?

De repente fico interessada.

– Você pode *fazer* tudo isso?

Ele levanta o queixo de um jeito sexy.

– Claro. Posso fazer praticamente qualquer coisa.

Um banheiro cheio de mulheres observa Eric dizer isso, levando *absolutamente* ao pé da letra.

Por fim, Amelia cobre os ouvidos.

– Não tem como isso terminar bem.

– Ela está certa – digo. – Eu agradeço, mas prefiro pregar uma peça boba a bancar o gênio do crime.

Steph joga uma toalha de patinho de Morgan na minha direção e o grupo sai do banheiro, deixando-me sozinha para pensar na vingança. Saindo da banheira e pisando no tapete, olho para cima e, através do espelho embaçado, vejo algo pendurado na porta atrás de mim.

O terno de Carter.

Sorrio para o meu reflexo. É isso, vou pregar uma peça boba. Afinal, ele me chama de Evil, a malvada.

Se vou apelar para o lado negro, pelo menos vou fazer direito.

capítulo **dezesseis**

Carter

Já faz dois dias e eu não consigo parar de pensar sobre o que Evie disse.

– Você está fazendo de novo, não?

Minto:

– Não.

Michael Christopher olha para mim do outro lado da mesa do Creme de la Crepe.

– Sim, está. – Ele aponta a cabeça para Jonah. – Ele não faz isso sempre?

Jonah assente.

Eu olho para os dois.

– O que eu faço sempre?

– Fica obcecado com alguma coisa que alguém disse ou com a possibilidade de, Deus me livre, alguém não gostar de você. Foi assim a vida inteira. Talvez seja por isso que agravou essa coisa com Evie. Ela não gosta de você e então quer ter certeza de que foi por alguma coisa que você fez, e não porque ela pode não gostar de você como pessoa.

Ai. Essa me atinge bem na ferida.

– Não, ela foi muito clara: ela gostava de mim, mas ficou contente de descobrir quem sou de verdade antes de nos envolvermos mais. Essencialmente: sou um babaca.

– Você não é um babaca – Michael diz balançando uma colher na frente de Morgan, tentando desviar a atenção dela de basicamente qualquer outra coisa que se mexa no restaurante. – Só é burro.

– Não minta para ele, m.c. Ele é um *completo* babaca – Jonah diz, e eu o encaro. Fora algumas mensagens para combinar as coisas para a sessão de fotos, Jonah e eu não nos falamos de verdade desde que descobri seu pequeno problema com dinheiro. Eu o convidei para tomar café da manhã conosco para falar sobre os detalhes para sexta-feira e reiterar como é importante que ele não estrague as coisas. Até agora tudo o que ele fez foi olhar para seu celular e fazer

tiradinhas à minha custa.

É nauseante pensar em quanta coisa coloquei em risco por causa do meu irmão. Brad acha que o convidei porque tenho algum tipo de plano mirabolante, o que significa que, se Jonah estragar a sessão de fotos e bancar o arrogante de alguma forma, *não* há como Brad não descobrir. Não haveria como voltar atrás. O novo contrato será de Evie e eu terei que entrar num avião de volta para a casa dos meus pais.

– Ele *não* é um babaca – Steph diz para Jonah. Aparentemente ela pegou esse pedaço da conversa ao voltar do banheiro. – Por que diz isso? – Faz bem para o coração ver M.C. e Steph ficarem do meu lado, mas falando a verdade, eu mereço pelo menos uma bronca pelo que fiz com Evie no outro dia.

– Você está quieta hoje – digo a ela. – Está tudo bem?

– Sim, é só... você sabe. Trabalho – ela diz, enfiando o canudo na água gelada repetidas vezes.

Ela parece irritada, mas quando vejo o que está comendo, quem poderia culpá-la? Seu marido está devorando o *Oh La La*, um prato enorme de *waffles* cobertos de Nutella, morangos, banana e manga, e ela pediu claras de ovo com espinafre refogado antes de ir para a ioga. *Ioga*. Como se isso já não fosse ruim o bastante, ela vai basicamente praticar de estômago vazio.

Acho que só agora estou percebendo como deve ser difícil ser mulher. Ser magra demais ou gorda demais. Faça um trabalho impecável, mas não se destaque entre os homens. Fale o que pensa, mas não seja rabugenta. *Sorria*. E ainda há pessoas como Brad, que jogam com isso tudo.

Passo o dedo pelo copo de água, observando a condensação escorrer no guardanapo embaixo dele. Eu mesmo estou me sentindo um idiota por jogar com isso.

– Já tiveram um desses momentos em que algo parece uma boa ideia, e então você se dá conta de que é, na verdade, um completo imbecil?

Michael não perde um segundo.

– Todo dia.

Jonah desvia o olhar do celular de novo, como se minhas falhas fossem o único tema de conversa digno da sua atenção.

– O que você fez?

Espeto um pedaço de salsicha com o garfo.

– Nada. Deixa pra lá.

– Vamos lá – diz ele. – Caso não tenha percebido, minha vida está na merda nesse momento. Eu sou um completo idiota, então me conte alguma coisa.

Sua honestidade me pega de surpresa.

– É só uma série de coisas bem bobas que viraram uma avalanche – digo a eles –, e agora estou legitimamente com medo de ir trabalhar na segunda-feira.

Steph tosse.

– OK... – diz Jonah.

– Vamos ver, por onde começar... – digo. – Acho que pode ser pela vez que nosso chefe jogou o café da manhã de Evie no lixo porque ele é um babaca machista, e eu só fiquei sentado olhando. Ou quando não avisei que os botões da blusa dela estavam abertos e ela ficou a reunião inteira assim. Dois botões muito importantes – explico.

– Ela não me contou nada disso – diz Steph, com uma expressão um pouco assustada.

– Como são os peitos dela? – Jonah pergunta, voltando às questões importantes. – Bonitos?

Antes que eu possa estender meu braço para bater nele, Steph faz isso e então se vira para Michael.

– Você sabia de tudo isso?

– Eu... fiquei sabendo que... alguma coisa... infeliz tinha acontecido – ele responde, escolhendo as palavras com cuidado. – Eu disse a ele que era errado. *Muito* errado. – Ele me olha com uma expressão severa que diz que vai me matar enquanto durmo se eu der qualquer dica da verdade.

Steph resmunga.

– Eu sabia sobre Jonah e sobre a situação esquisita com Dan Printz, e que você abandonou a reunião com a coordenadora do retiro.

– Eu...

– Tudo isso são coisas profissionais entre vocês dois. Mas entrar na onda do machismo de Brad? Isso me deixa brava com *você*, Carter. Já é difícil para uma mulher ser levada a sério nesse ramo e ser vista como uma pessoa com cérebro e não como um objeto. Os homens continuam agindo como se fosse 1960 e todas as mulheres no escritório fossem suas secretárias. Evie tem que ser mais inteligente, mais rápida e melhor no trabalho do que você para ganhar menos dinheiro e muito menos reconhecimento, e fazer tudo isso parecendo muito agradecida por tudo.

Quero me esconder debaixo da mesa.

– Foi exatamente isso que eu disse para ele – Michael diz, concordando com veemência. – Que isso mina a credibilidade dela. Não te falei isso, Carter? Se eu tivesse um sino da vergonha tocaria para ele por toda parte. Estou muito

desapontado com você.

– Eu me senti encurralado – digo. – Se dissesse alguma coisa, será que ela não se sentiria mais constrangida? E, além do mais, ela saberia que eu estava olhando para os seus peitos.

– O que você estava fazendo, tenho certeza – diz Steph.

Dessa vez ela bate em mim.

– Não vejo qual é o problema – diz Jonah. – Nada disso parece errado até agora.

– Isso não é muito reconfortante – digo olhando para Steph. – Como disse, as coisas se agravaram. Nem sei como aconteceu. Num minuto eu estava na fila do supermercado comprando café normal para o escritório e no momento seguinte olho e vejo uma pessoa coberta de loção bronzeadora. Para resumir, tenho certeza que vou terminar numa vala em algum lugar.

– Espere, essa é a garota da festa? – Jonah pergunta com a boca cheia de batata. *Minhas batatas.* – Aquela com quem você não foi até o fim?

Lanço um olhar gelado para ele.

– Por que raios você está aqui?

– Você me *convidou*, babaca. Queria me dar um sermão sobre essa sessão de fotos estúpida. Entende que é isso que eu faço, certo? – Ele se endireita, um sinal de que está ficando irritado. – Acha que cheguei onde estou porque preciso que me diga como fazer meu trabalho?

Quero explodir de aborrecimento, mas faço o que posso para contê-lo. Reagi quase da mesma forma quando Evie me disse que era o momento de entrar em contato com Dan.

– Só lembre que fiz de tudo para que eles pudessem se adequar à sua agenda, e o novo horário da sessão é às onze – informo a ele. – Vamos fazer a maquiagem às oito e meia. Esteja lá às nove. *Não se atrase.* E não seja temperamental. Arrisquei meu pescoço nisso por você. Sem mencionar o de Evie.

– Que inferno, eu estarei lá, Carter. – Meu irmão enfia o telefone no bolso e se levanta. – Por que você é tão babaca o tempo todo?

– Babaca! – Morgan grita, e nós observamos enquanto Jonah sai bruscamente do restaurante.

– Falando nisso – diz Steph, checando as horas –, minha aula começa às dez. – Ela nos dá um beijo na cabeça, dois em Morgan, pega sua mala de ginástica e sai.

Michael Christopher corta seu *waffle* em pedaços pequenos e os coloca no

prato da filha. Mas Morgan, cansada de ficar parada, sai do seu lugar e se aninha em meu colo. Michael nos observa, com o rosto lentamente se dissolvendo numa expressão carinhosa. Sei o que ele está pensando, que quer que eu tenha isso. Quer que nos encontremos para o café da manhã aos domingos e que nossos filhos brinquem juntos; ele quer que nossas mulheres sejam melhores amigas. Eu não preciso ser um gênio para saber que ele ainda quer que eu tenha isso com Evie. Estaria mentindo se não dissesse que eu também queria isso um pouco. Nunca estive na mesma sintonia que Gwen, mas algo me diz que posso ter encontrado isso com Evie. Provavelmente nos mataríamos primeiro, mas quem sabe, isso pode ser parte da diversão.

– Você está com cara de pai – digo a ele.

– Não estou com cara de pai.

– Sim, está. – Levanto a mão, desenhando um vago círculo no ar. – Você fica com os olhos brilhando e todo sentimental, como se estivesse bordando nossos nomes numa colcha.

– Todo esse papo de sabotagem vai fazer com que seja constrangedor para mim fazer o brinde no casamento de vocês.

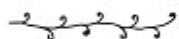
– Odeio ter que contar para você, mas acho que esse barco afundou no momento em que eu estava enchendo o frasco de hidratante dela na sexta-feira à tarde.

Michael pega sua xícara e olha para mim por cima dela, complacente.

– Eu esqueci que Steph tinha um gato por uma semana quando ela foi viajar na faculdade, e ainda estou aqui. Nunca se sabe. Além disso, você parece estranhamente otimista, ousado dizer, alegre, para um homem que espera morrer essa semana. Pode-se até pensar que está se divertindo um pouco com isso.

Meu rosto diz que não, mas o salto no meu coração quando ele traduz meus pensamentos diz o contrário. Evil cortaria minhas bolas e me entregaria se achasse que isso lhe daria alguma vantagem. E embora isso não seja especialmente atraente, a ideia de que tenho que acompanhá-la o tempo todo é. Evie é mais inteligente, e sinto uma onda de adrenalina por ter de me esforçar para me manter um passo à frente.

Se eu soubesse como fazer isso.



Meio obcecado com o que fazer a seguir, mal consigo dormir na noite de domingo, e me sinto como uma bomba-relógio na manhã seguinte.

Não sei o que estou esperando. Sacos de papelão com excremento na minha porta? Ser abordado por ninjas contratados na escadaria? Ambas as possibilidades parecem muito pouco prováveis e mesmo assim olho pelo olho mágico antes de sair, espio antes de descer as escadas, até checo debaixo do capô do carro antes de dar a partida.

Acalme-se, Carter.

Tento rir para afastar o nervosismo enquanto dou a partida e o motor ganha vida sem explodir numa bola de fogo. Talvez a melhor retaliação seja nenhuma retaliação. Caramba, Evie.

O trânsito está melhor do que o normal esta manhã e, depois da segunda xícara de café, recobro um pouco da coragem quando chego ao escritório.

Justin não veio porque está doente, e eu converso amenidades com alguns estagiários quando passo. Kylie parece esgotada com alguma coisa, mas passo reto, parando na máquina de café na copa antes de começar meu dia oficialmente.

É café normal. Eu chequei.

Minha porta está trancada, um bom sinal. A luz de Evie está acesa, mas sua porta está fechada. Se tenho o cuidado de não chacoalhar minhas chaves ou fazer qualquer barulho desnecessário é porque tenho consideração, não porque estou com medo.

Nada mudou. Meu computador está onde o deixei; meu grampeador ainda está no canto da mesa. As palavras MORRA, CARTER, MORRA não estão escritas na parede com fezes ou sangue.

Considero isso uma vitória.

Ainda assim, fecho a porta sem fazer barulho e vou até minha mesa na ponta dos pés. Entro na rede, apreensivo, mas o computador também parece normal. Pesquiso um endereço e respondo alguns e-mails, pego os documentos de que preciso e então casualmente me inclino para o lado, de onde normalmente tenho um relance das pernas de Evie. Nada feito.

Estou prestes a sair quando meu telefone toca.

– Aqui é Carter.

– Alô – acho que é o que a pessoa diz.

Eu mexo no volume.

– Alô – repito. – Aqui é Carter Aaron. Alô? – A voz do outro lado é tão baixa que percebo que estou franzindo a testa para tentar ouvir. – Desculpe, acho que a ligação está ruim. Você pode ligar de novo? Alô?

A linha cai e toca novamente um momento depois.

– Carter Aaron – digo.

– Carter, aqui é Caleb – eu entendo. Caleb Ferraz, o assessor de Dan Printz. Nós estamos brincando de gato e rato com os telefonemas há duas semanas.

– Caleb, tem... Você está me ouvindo? Acho que tem algo errado com meu telefone – grito. Olho para o aparelho, sacudindo-o antes de levá-lo de volta ao ouvido. – Pode me ligar no celular?

– Não posso – é o que entendo. Seguido por “saindo”. Escuto mais palavras, mas não tenho certeza se as estou ouvindo ou inventando. – Dan... falar... viagem... semanas.

Merda.

– Caleb, mande uma mensagem de texto quando puder e eu falo com você em breve!

Acho que ele se despede, mas nem disso tenho certeza. Desligo e ligo para o número de Michael Christopher. Ele atende e é a mesma coisa. Acho que ele consegue me ouvir, mas não tenho como dizer porque não consigo ouvi-lo. Envio mensagem dizendo que explicarei mais tarde.

Pegando os arquivos de que preciso, saio do escritório, um pouco desapontado quando vejo que a porta de Evie ainda está fechada. Por que estou com pressa de encontrá-la? Tenho certeza de que ela está furiosa, e a última coisa que quero ver antes de morrer é Evie pintada de laranja com as mãos agarrando meu pescoço.

Como Justin não está, paro na mesa de Kylie na saída. Ela está falando com um office boy, então pego meu telefone enquanto espero.

– Só se certifique de que tudo que tiver escrito caixa-postal vá direto para o senhor Kingman, certo? Ele foi muito específico em relação a isso.

– Caixa-postal. Entendi – diz o garoto, anotando alguma coisa numa maquininha portátil. – Até mais, Ky.

Kylie desvia a atenção do funcionário que está saindo e dá um sorriso largo para mim.

– Carter! Como você está?

– Estou bem, e você?

– Ótima! Quer almoçar comigo hoje?

Finjo que estou desapontado, quando na verdade estou um pouco aliviado por ter uma desculpa.

– Vou encontrar com um cliente – respondo, e ela faz um biquinho atraente. Algo me diz que aquele olhar quase sempre funciona. – Eu estava de saída, mas queria ver se pode pedir para alguém checar meu telefone.

– Seu telefone?

– Tem algo errado com o volume – digo a ela.

Ela me segue até o escritório, pega o aparelho e o segura perto do ouvido, pressionando os botões de volume algumas vezes antes de retirar a parte que vai ao ouvido.

– Ah – diz ela, e eu me inclino também para ver. – Tem um pedaço de fita adesiva aqui. Isso é estranho.

Com cuidado, ela retira a fita e monta o telefone de novo.

Olho para o pedaço de plástico enrolado na palma da mão dela.

– É. *Estranho*.

Antes de sair, ela se encosta na porta.

– Fico contente em ajudar. Não hesite em me chamar se você, ãh... precisar de qualquer outra coisa – ela diz, parando ao ouvir o som da porta de Evie se abrindo. – Ou quiser almoçar qualquer hora...

Evie sai no corredor e para atrás de Kylie, agora recomposta.

Com um sorrisinho acompanhando a frase “Oi, Evie”, discreta, Kylie sai.

Encostada na porta, com os braços cruzados à frente do peito e, graças a Deus, da cor normal, Evie sorri para mim.

– Não quis interromper. Feche sua porta da próxima vez?

Ignorando, digo a ela:

– Olha que engraçado: meu telefone não estava funcionando e Kylie me ajudou a descobrir por quê. Parece que alguém colocou um pedaço de fita adesiva no fone. Eu me pergunto quem teria feito isso?

– Não faço ideia – Evie diz, erguendo os ombros. – Acabei de chegar. Mas a julgar pelo número de pessoas dispostas a fazer você parecer ruim, há provavelmente algumas para escolher.

– O que isso quer dizer? – pergunto, genuinamente ofendido, seguindo-a quando ela se afasta em direção à copa. – As pessoas *gostam* de mim. É de *você* que elas têm medo.

Ela tira uma xícara do armário e despeja café nela.

– Tudo bem, Carter.

– O que você quer dizer? – Paro no meio do que ia dizer. – Não faça isso.

Ela lentamente coloca creme na xícara e olha para mim.

– Fazer o quê?

– Fingir que nada disso te afeta. Fazer esse joguinho psicológico juvenil.

– Foi você que me seguiu até aqui. – Impassível, ela guarda o creme e vai até a porta.

– Tudo bem – eu digo.

– *Tudo bem.*

Sua risada maldosa ecoa pelo corredor.

🌿 capítulo **dezesete** 🌿

Evie

Steph, Steph,
colocar fita
adesiva no
telefone de
Carter foi
sensacional!

Tão simples.

Talvez a melhor
ideia que já
tive.

Evie, você fez
alguma coisa com
o terno de
Carter?

Aquele que
estava no
banheiro?

O quê? Não

consigo ouvi-la.

Estou passando
pelo Canyon
Laurel.

Estamos mandando
mensagens,
trouxa.

Você fez alguma
coisa?

Talvez uma
coisinha.

Nesse caso vou
mudar minha
resposta
anterior e dizer
que essa foi a
melhor ideia que
já tive.

Ai, ai...

Não se preocupe.

Só uma

brincadeira,
totalmente
inofensiva.

Você percebe que
esse
comportamento
não é normal,
certo?

❖❖❖ capítulo dezoito ❖❖❖

Carter

As coisas não andam bem na P&D. Na segunda-feira houve o incidente estúpido da fita adesiva. Na terça, coloquei um bom tanto da pimenta extraforte de Dave no burrito de Evie, e adorei ver a rosnadinha sexy e irritada que ela deu ao correr para a copa e engolir o leite que temos na geladeira. Ela devolveu o favor na quarta-feira molhando minha cadeira, de forma que meu traseiro ficou visivelmente úmido no restante das minhas reuniões.

Ela não veio direto para o escritório na quinta, então não pude ver como ela ficou com todo o glitter que coloquei no ar do carro, mas era uma manhã fria então tenho certeza de que as partículas de brilho grudaram bem quando foram sopradas pelo ar quente. Admito que depois disso fiquei tão paranoico, com medo de que ela tivesse montado uma armadilha no meu escritório, que mal toquei em qualquer coisa sem me encolher. Ela chegou no fim do dia, com o couro cabeludo ainda um pouco brilhante, a tempo de me ver morder o que eu pensava ser uma maçã do amor dada por Kylie, mas que, na verdade, era uma cebola caramelizada de Evie.

Meu desejo de matá-la foi aplacado pela notícia de que Steve Gainor foi demitido da Television. Nada como uma dose de realidade para colocar as coisas em perspectiva.

Nós tínhamos de estar no set com Jonah às oito e meia na sexta-feira, mas minha paranoia com Evil me faz chegar às oito e ficar parado fora do estúdio trancado, tremendo. Meu paletó parece apertado, minhas calças também, e eu mal consigo cruzar os braços para me aquecer.

Ótimo. O fato de comer por estresse está cobrando seu preço.

Cerca de metade da equipe chega alguns minutos depois de mim, incluindo o assessor de Jamie, que, logo que entramos, começa a discutir com o diretor criativo da *Vanity Fair* e um dos assistentes de Jonah sobre a iluminação.

– Carter, oi – diz Allie, pedindo licença e atravessando o ambiente até onde o pessoal do bufê está começando a montar as coisas atrás de mim.

– Oi. – Como Brad mencionou quando colocou Jamie na minha lista, Allie é o que se chamaria de uma agente mão na massa. Enquanto alguns assessores apenas dizem sim, para fazer seu cliente feliz e conseguir um crédito de produtor ao longo do caminho, Allie se envolve em quase todos os aspectos da carreira de Jamie. Minha vida será muito mais fácil por causa disso. – Sabemos que horas Jamie vai chegar?

– Ela acabou de chegar – ela diz, indicando a porta que dá para os camarins. – Está lá com o personal trainer.

– Ótimo.

– É assim que trabalhamos. – Seus olhos acompanham os funcionários do bufê enquanto eles começam a descarregar as coisas. Ela bate no ombro de uma funcionária que coloca uma bandeja de biscoitos na mesa e aponta para o resto, embrulhado em celofane. – Não há uvas-passas neles, certo?

A mulher olha para o rótulo debaixo da bandeja e então consulta uma prancheta velha.

– Alergia à comida? Não vi isso no pedido.

– Frescura – Allie corrige, e a funcionária dá um sorriso compreensivo.

– Vejamos – diz a mulher, virando as páginas até chegar a uma lista. – Temos café e chá, refrigerantes, sucos de fruta, água saborizada, energéticos, biscoitos com gotas de chocolate, biscoitos dinamarqueses, barras de cereais... – Ela lê uma lista aparentemente interminável, virando as páginas mais uma vez antes de sorrir para Allie. – As únicas uvas-passas devem estar na granola, que está claramente rotulada.

Allie levanta os polegares para ela e se volta para mim. Pego um biscoito da bandeja e paro, olhando para ele. Meu terno está cada vez mais desconfortável, como se fosse uma cinta compressora. Será que engordei tanto assim? Distraído, toco minha barriga.

– Jamie tem frescura com uva-passa?

Allie assente.

– Ela é uma das atrizes mais equilibradas com quem trabalhei, mas, Deus do céu, é bem exigente em relação à comida. – Levanto a sobrancelha e Allie faz um gesto para eu deixar para lá. – Não se preocupe, ela não é uma diva, ou nada parecido, e nunca atrasaria uma sessão de fotos, ela só é muito, *muito* exigente.

– Exigente a ponto de perder a razão?

– Borderline? – diz ela, sorrindo. – Mas, de qualquer forma, é por isso que estou aqui. – O telefone dela apita e ela passa o dedo na tela. – Não sei se posso dizer o mesmo de Seamus. Eu cuido de Jamie; você só cuide para que ele se

comporte bem hoje.

– Seamus é problema de Evelyn Abbey, não meu. – Olho para a sala casualmente, por cima do ombro de Allie, à procura de Evil, sem saber se me sinto mais contente ou desapontado por não vê-la.

– Boa sorte para ela, é tudo o que tenho a dizer. Ele está tão acostumado a ser adorado naquele canal do YouTube que não consegue aceitar um simples “não”. Sei que é um sinal dos tempos, mas ele começou na mesma plataforma em que minha filha de nove anos coloca seus vídeos de “O que tem na minha mochila”. As crianças de hoje querem ser famosas. Pergunte a elas, “famoso por quê?” e elas não ligam. Sabia que na primeira sessão de fotos de Seamus para o YouTube ele queria ter *seu próprio assento de privada* e pediu que tocassem o disco *Graduation*, do Kanye West, sem parar? E quando ele não gostou do esquema de cores no set, disse que voltaria só depois que tivessem repintado? – Allie olha em volta. – Ele vai enlouquecer um dia, escreva o que estou dizendo.

Eu concordo depois de ouvir tudo isso e mais um pouco.

– Se acha isso, por que diabos incentivou Jamie a pegar esse papel? Ela baixa o tom de voz.

– Porque Jamie precisa desse papel, e agora Seamus está em alta. Não importa que ele pague seiscentos dólares para uma reflexóloga *hipster* soprar maconha na cara dele e equilibrar seus malditos chacras. Mas, aqui? É melhor ele aparecer e fazer o trabalho dele sem perder as estribeiras. É muito cedo para ele começar a soltar as asinhas.

Dou risada.

– Com certeza vou avisar minha colega. E mantenha aquelas uvas-passas longe de Jamie.

– Vou fazer isso. – Allie desliga o telefone e o coloca no bolso. – Avise-me quando o fotógrafo estiver aqui.

Eu dou um sorriso sem graça quando percebo que isso significa que Jonah ainda não chegou.

– Avisarei.

Eu me viro e trombo com Evie.

Merda.

– Ops, não vi que estava bisbilhotando atrás de mim.

– Bisbilhotando? – Ela recua e me dá um sorriso surpreso. – Ah, Carter. O tanto que você adora se ouvir falar é suficiente para nós dois.

Como se tivessem vontade própria, meus olhos rapidamente descem e sobem pelo seu corpo. Ela está usando um vestido sem mangas de botões, com os dois

de cima abertos, expondo seu colo e apenas um pouco de decote, e eu fico momentaneamente sem palavras ao ver seus ombros e seus seios. Sei que fui pego em flagrante quando encontro seu olhar e ela sorri com o canto da boca.

– Vejo que todos os seus botões estão no lugar certo hoje – digo.

– Viu? Não foi tão difícil. Você aprenderá essa etiqueta corporativa com um pouco mais de experiência, garoto.

Eu me viro quando ela passa por mim.

– Foi simplesmente uma batalha entre a etiqueta corporativa e uma completa falta de interesse – digo às suas costas. – A falta de interesse venceu.

Ela para, virando-se lentamente para me encarar, e sinto minha nuca suando. Meu terno parece ter encolhido ainda mais. Instintivamente, aperto os dedos em volta do biscoito em uma mão e do telefone na outra, vendo cada uma das minhas estúpidas mensagens de texto com Michael Christopher passar na frente dos meus olhos. Temo que o sentimento presente em cada uma delas esteja passando pelo meu rosto também.

“Quase coloquei minha cara nos peitos de Evie no escritório dela.” “Só continue me lembrando de que ela é o demônio.”

Certo. O demônio. *Lembre-se, Carter: basicamente é você ou ela.*

– Por acaso toquei na ferida? – indago.

Há uma contração mínima no seu queixo, tão sutil que provavelmente passaria despercebida por alguém que não tivesse memorizado cada centímetro do seu rosto.

Sua postura se torna menos rígida, sua expressão repentinamente mais suave.

– Como você está se sentindo hoje? Está bem?

Confuso com essa mudança de tática, instintivamente penso em proteger minha virilha. Em vez disso, me endireito, dando um passo pequeno para trás.

– Por quê?

– Por nada – ela diz, erguendo os ombros casualmente. – Você parece um pouco, não sei... mais fofo que o normal.

Há uma ênfase distinta na palavra “fofo”, e eu me sinto nu e com medo enquanto seus olhos descem e sobem pelo meu corpo antes de ela tomar meu biscoito.

– Está deprimido? – ela pergunta, jogando-o no lixo. Sorrindo com doçura para mim, ela diz carinhosamente: – Carter, você não precisa disso.

Leva alguns minutos para que eu entenda o padrão das perguntas dela: *Como você está se sentindo hoje? Está bem? Mais fofo que o normal...* E então eu entendo: Evie sabotou meu terno.

Eu a estrangularia agora mesmo se pudesse me mexer dentro desse paletó apertado. Em vez disso, enquanto a observo andar triunfante pelo saguão, tiro o telefone do bolso, abro o post salvo no meu browser, e clico enviar.

Um...

Dois...

Ela para imediatamente quando seu celular toca, retirando-o da bolsa.

– Evelyn Abbey falando. – Uma pausa, e sua testa se enrugando. – O quê? Não, acho que houve algum engano. Não estou vendendo meu carro.

Fico admirado. Meu mau humor já é uma memória distante.

– *Não* – ela diz novamente. – Eu já disse que não... Sim, este é o meu número, mas não estou vendendo meu carro. E definitivamente não a esse preço. – Desligando o celular, ela se vira para ir embora, mas o telefone toca de novo.

– Alô? Não, houve alguma confusão, alguém simplesmente... Não, não estou vendendo nenhum carro. Posso perguntar onde você viu isso? Craigslist... e no *Times*? – Ela olha para mim por sobre o ombro. – E o que dizia? – Um momento de silêncio. – Tesla Modelo S, único dono... *Mil dólares ou melhor oferta?* – ela grita e desliga o telefone virando-se para mim. – Você fez isso!

É minha vez de dar de ombros.

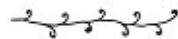
– Fiz o quê? Eu não sabia que estava vendendo o carro. Que bom para você, aproveite para dar uma chance ao transporte público de L.A.!

– É isso, Aaron – ela rosna, andando até mim e apontando um dedo para o meu peito. – Chega de ajudar você de graça. De agora em diante, você que se vire.

– Sozinho?

Ela se aproxima mais e sinto seu perfume. Ele me lembra de alguma coisa, me deixando tonto.

– Apenas faça o seu trabalho hoje, o.k.? – ela rosna. – Cuide para que seu irmão não estrague isso, e não deixe Jamie atrapalhar Seamus.



Às nove e meia, Jonah ainda não apareceu. Às dez, já quase fiz um buraco no chão do estúdio de tanto andar para cá e para lá – e possivelmente gastei as costuras da calça –, quando ele chega. Falando ao celular.

Carregando um copo de café para viagem e usando óculos escuros.

Evie, ainda bem, está no camarim de Seamus tentando acalmar o ator.

– Caramba, Jonah! – digo, indo até ele. O tecido entre minhas coxas faz

barulho a cada passo. *Suich suich suich*. – Que gentileza a sua ter aparecido.

Ele olha para mim por cima das lentes.

– Relaxe.

– Relaxe – repito em voz baixa, virando-me e passando a mão pelos cabelos. As costuras do casaco protestam. – Nós mudamos as coisas para acomodar a *sua* agenda.

– Você quer relaxar? – ele diz, claramente agitado agora. – Meu assistente já montou tudo, eu já revi a lista de fotos com o diretor criativo. Vou checar as luzes mais uma vez e podemos começar. Às onze, exatamente como combinamos. Só não invada meu espaço pessoal.

Se meu irmão viesse com um manual de instruções, ele avisaria: “Não sabe trabalhar bem em equipe”. Na escola ele costumava arrumar briga quase todo dia com os garotos que o provocavam por causa de sua câmera sempre presente. Agora, depois de adulto, ele simplesmente não liga para o que pensam dele; desde que esteja ganhando dinheiro, está tudo bem. É algo que nunca consegui entender. O assistente dele tomou conta das coisas dessa vez, mas o que Jonah não percebe é que, em algum momento, em algum lugar, alguém decidirá que ele não vale o incômodo. Agora a equipe está irritada por ficar esperando, os atores voltaram para seus camarins frustrados em vários níveis, os editores estão digitando loucamente em seus telefones porque o fotógrafo que *eu* arranjei fez com que eles se atrasassem, e Evie – além de ter de dispensar as pessoas que querem comprar seu carro – está com a melhor expressão de “Eu te disse” desde às oito e meia, quando meu irmão não chegou no horário.

Graças a Deus coloquei aquele anúncio hoje de manhã. O prazer de ver Evie perder a paciência foi a única coisa que me manteve de bom humor.

Estou no meio do corredor a caminho do camarim de Jamie quando os gritos começam.

– *Quem colocou uvas-passas nesses biscoitos?*

Bato na porta parcialmente aberta e coloco a cabeça para dentro.

– Está tudo bem?

Jamie já está vomitando dramaticamente numa lata de lixo e Allie está parada atrás dela, esfregando-lhe as costas.

– Tinha uma *uva-passa* no biscoito – Allie diz para mim antes de se virar para Jamie. – Querida, se acalme um pouco antes que as pessoas comecem a falar. Se eu tiver que pedir para a maquiadora voltar aqui para limpar você, vou perder a cabeça.

– Esses biscoitos não são os do bufê? – pergunto, pegando um para examinar

antes de devolvê-lo. – Nós os vimos mais cedo, não me lembro de nenhuma... – Eu paro e olho para o biscoito na minha mão. Parece que alguém enfiou uvas-passas na parte de baixo. Muitas delas. Elas não estavam lá no começo da manhã.

Viro a cabeça e olho para a porta.

– Já volto.

Deixo o biscoito lá e vou em direção à porta.

– Allie, o fotógrafo está aqui. Você pode fazer com que Jamie se prepare para começar em breve? A propósito, sinto muito por tudo isso.

– Carter, são uvas-passas, não anfetamina. Ela ficará bem.

Eu concordo, dando outro sorriso constrangido para Jamie antes de sair e fechar a porta atrás de mim. Estou furioso.

Evie está com Seamus e seu assistente no camarim. Se eu tinha qualquer dúvida de que ela foi a responsável, essa esperança é destruída assim que ela vê meu rosto. Seus olhos se iluminam, as bochechas ficam vermelhas.

– Desculpe interromper – rosno, enfiando a cabeça pela porta. – Evie? Preciso falar com você.

– Desculpe, Carter. Estamos ocupados agora – ela diz, mas olha para o chão de propósito.

– Infelizmente, é importante. Nos dão licença por um segundo? – Com um toque calmo que me surpreende, pego o braço de Evie e, com gentileza, a guio por um corredor estreito até um estúdio de som, vazio exceto por alguns cabos, uma luz fluorescente fraca no canto e equipamentos trancados opostos à porta. Minhas calças faziam barulho o caminho inteiro.

– O que é esse barulho? – ela pergunta, sorrindo, mas eu a ignoro.

Minha mão em volta do seu braço está tremendo, estou tão furioso.

Furioso... e excitado. Estou muito excitado. Essas calças estão um inferno de apertadas.

– Você não existe mesmo.

– Que raios está fazendo? – ela diz. – Faltam poucos minutos para começarem os testes de iluminação.

A porta se fecha atrás de nós, deixando-nos à meia-luz, e Evie se solta de mim.

– Não temos tempo para isso.

– Podemos tirar cinco minutos para falar, caramba.

– Então fale.

– É assim que estamos agora? Vamos ficar arrancando pedaços um do outro?

– Ah, desculpa – ela diz, com as mãos nos quadris. – Não consigo ouvir você choramingar por causa dos *setenta e cinco* telefonemas de pessoas querendo comprar o Tesla que eu não tenho.

– Se sabotei o seu hidratante para dar o troco por causa do café? – começo. – Sim. Se me arrependo? De jeito nenhum. Ainda posso ouvir o eco do seu rugido frustrado do outro lado do corredor.

Ela dá um passo ativo na minha direção.

– Deve ser difícil ter que agradar sempre os outros que nem você. Como é deprimente precisar da aprovação de todo mundo.

– Isso seria uma novidade para você, certo? – pergunto, inclinando-me. – Se preocupar com o que as outras pessoas sentem.

– Só porque não preciso ser a melhor amiga de todo mundo para fazer meu trabalho.

– Ou de *ninguém*, nesse caso.

Seu rosto está tão perto do meu, seus olhos castanhos brilham.

– Nós vamos mesmo entrar nisso de novo? – ela pergunta, balançando a cabeça para mim. – Carter, veja isso pelo meu lado. Ninguém nunca disse a um cara que ele precisa ser mais simpático para subir na carreira.

Eu abro a boca para responder, mas fecho-a em seguida. Evie chega ainda mais perto, perto o bastante para ter que inclinar a cabeça para olhar para mim. Nós poderíamos estar abraçados. É preciso toda a força que tenho para não olhar para o seu vestido.

– Eu tentei ser *legal*, Carter – ela diz –, e aqui estou, lutando para manter meu emprego, um emprego para o qual sou mais qualificada, sejamos honestos. Você pode ser o cara de quem todo mundo gosta, mas eu sou a pessoa que faz o trabalho. Então saia do meu caminho.

As palavras dela ecoam na sala silenciosa, e eu me sinto um pouco atordoado. As coisas que Steph disse sobre ser uma mulher nesse ramo volta à minha mente, e o peso da culpa se aloja no fundo do meu estômago, o que é risível, porque a última coisa que Evie gostaria que eu tivesse é pena.

– Tudo bem – digo.

Ela claramente não esperava isso.

– Tudo bem?

Eu concordo.

– Sim. – Dou alguns passos para trás para me apoiar na parede. Preciso de ar com ela assim tão perto. – Você é boa no seu trabalho. Nós dois somos. Desde o começo concordamos que esse não era o problema. Brad estabeleceu essa

competição idiota e nós caímos direitinho. Eu não tinha ideia de que isso se transformaria num show machista, e odeio isso. – Eu me afasto da parede de novo e me aproximo dela. – Mas você está fingindo que esse sistema ferrado de masculinidade tóxica é o motivo para você ser uma babaca comigo, quando na verdade só odeia como as coisas entre nós mudaram.

Eu me inclino para a frente em resposta ao seu silêncio.

– Então é o seguinte, Evie: se baixarmos a cabeça e fizermos nosso trabalho, e pararmos de atrapalhar um ao outro, então podemos simplesmente ser colegas.

Ela ergue os ombros de um jeito agressivo.

– O.k. Parece bom para mim.

– Colegas. É isso – concluo, e os ombros dela relaxam um pouco quando ela entende aonde estou chegando com isso. Meu coração está batendo tão forte que tenho que tirar o paletó para não ficar com falta de ar.

Evie me observa tirar o casaco, que deixo cair perto de nós, com o olhar extasiado fixo no meu rosto.

– Encontrar no corredor, conversar um pouco, e-mails de trabalho. O que quer que seja isso – digo apontando para nós dois –, vai passar. Você pode não gostar da explosão de glitter no seu carro, mas pelo menos sabe que eu estava pensando em você quando fiz isso. – Faço uma pausa, engolindo seco. – Pelo menos agora sabe que eu não consigo *parar* de pensar em você.

Não acredito que acabei de dizer isso. Não acredito que eu não tinha percebido isso antes. Será que somos assim tão imaturos? Jesus Cristo, acho que sim. Com essa admissão, sinto como se uma jaula apertada em volta do meu peito fosse destrancada, e posso respirar aliviado.

– Bem – digo em voz baixa –, essa é a minha confissão dramática do dia.

Espero uma risada vitoriosa de Evil, ou mesmo um silêncio atônito e constrangido. Então fico surpreso quando ela avança para cima de mim e passa a mão no meu cabelo, puxando-me para baixo, para sua boca.

E eu me entrego *completamente*. Ela puxa meu lábio inferior para dentro de sua boca, sugando-o e mordiscando-o com força suficiente para fazer meu sangue ferver. Meus quadris se movem para a frente, pressionando os dela, e o som que ela solta em resposta me esquenta ainda mais.

Estou ardendo.

Não temos tempo para isso. Ela diz, contra os meus lábios, enquanto se estica mais para cima, pressionando seu corpo contra o meu. Enquanto pega minha mão, impelindo-me a tocá-la.

Não temos tempo para isso.

A mão dela agarra meu punho, arrastando-o pelos seus seios, por baixo do seu vestido, subindo pela coxa. Colados à minha boca, seus lábios parecem uma experiência divina, ávidos de um jeito que me diz que não sou o único que pensa nisso o tempo inteiro.

Minha mão encontra a renda de sua calcinha e desliza por baixo dela, e o gemidinho que ela solta traduz os seus pensamentos imediatamente: *toque-me assim, me faça gozar, e rápido*.

Dou uma risadinha de excitação, surpreso com a facilidade que tenho em me lembrar dela. A forma dela, o jeito que ela se move ao contato da minha mão. É apenas a segunda vez que a toco, mas aqui estamos, rapidamente de volta ao que interessa. Sua mão desliza para a parte da frente da minha calça – que se tornou um verdadeiro objeto de tortura – e ela dá uma risadinha com a boca colada à minha.

– Desculpa – ela diz, com a respiração curta.

Eu não ligo para o maldito terno. E também não ligo quando a mão dela se desconcentra e sobe deslizando pelo meu corpo, puxando minha cabeça contra a dela. Sinto com os dentes seu pescoço quente e macio. Metade de mim quer mordê-la para que ela saia cambaleando dessa sala, recendendo a sexo, mas a outra metade quer que ela saia daqui recomposta, mantendo esse segredinho perfeito depois que ela goza com meus dedos, as mãos enterradas nos meus ombros e sua boca aberta num gemido suave e baixinho.

Depois, mexo mais devagar, mas não retiro a mão. Os olhos de Evie estão fechados, seu rosto virado para o teto. Estou praticamente a erguendo com meu braço livre em torno dela, e essa força poderosa nos meus braços de certa forma parece tão frágil.

Mas eu gosto disso nela. Gosto quando ela está em alerta, cada pedacinho dela parece tão intenso.

– Nós não tínhamos tempo para isso – ela sussurra de novo.

– Ah, bom...

Ela ergue a cabeça, olhando para mim com o olhar perdido, e sorri.

– Ah, bom...

Evie faz menção de se afastar e eu retiro a mão de sua calcinha, soltando-a. Ela olha para os botões do vestido, se ajeitando e passando os dedos pelos cabelos. Com relutância, eu me abaixo, pegando o paletó.

– Obrigada – ela diz mordendo os lábios.

Dou risada e ela abre um sorriso largo.

– É um prazer.

Que diabos acontece agora?

Ela abre a boca para falar, mas alguém bate na porta e eu juro por Deus que nossos quatro pés saem do chão com o medo que isso nos causa.

– *Carter!*

Levo a mão ao peito. É apenas Jonah, mas acho que acabei de perder três anos da minha vida.

Eu me viro, abrindo a porta. A luz do corredor se derrama na sala escura e olho para ele com os olhos semicerrados.

– O quê?

Ele avalia rapidamente a cena à sua frente.

– Estamos tirando algumas fotos com fundo verde antes de montarmos o set. – Com um sorrisinho, ele acrescenta: – Achei que vocês dois gostariam de acompanhar.

– Está tudo bem? – pergunto.

– Você acha que sou um incompetente?

Olho para ele sem palavras.

Jonah vira os olhos para cima e depois olha para Evie.

– Você deve ser a *mu-lher* enlouquecedora.

– Você deve ser o *ir-mão* babaca.

Ele sorri, satisfeito.

– O amor de Carter parece muito com ódio, não?

Evie solta sua incrível risada e eu estendo a mão para bater nele.

– Como sabia que estávamos aqui?

Jonah se vira, rindo, e sai em direção ao corredor. Ele diz por sobre o ombro:

– É aqui que todo mundo do estúdio vem pra transar.

❖❖❖❖ capítulo **dezenove** ❖❖❖❖

Evie

As reuniões de segunda-feira de manhã vão ser um problema.

Carter está sentado na minha frente, debruçado junto com Allie sobre uma planilha. Só agora percebo que sua franja cresceu um pouco, mas ele manteve o cabelo curto dos lados e... bem, eu gostei muito assim. Hoje ele está usando uma camisa azul-clara; não sei se é intencional, mas os dois botões de cima estão abertos, dando uma bela amostra de seus peitorais. Infelizmente, agora não posso culpá-lo pelo Desastre da Blusa de Evie de outubro, porque não vou falar para ele de jeito nenhum que posso ver seu tórax, com medo que ele o tire da minha vista. Suas mangas estão enroladas, expondo seus antebraços, e ele está fazendo aquele truque fascinante de girar uma caneta com a mão.

Para a frente e para trás.

Para a frente e para trás.

Ele me fez gozar com esses dedos.

Para a frente e para trás.

Meu peito se aperta um pouco à medida que percebo que estou derretendo e aonde isso pode me levar. Porque, quem sabe o que está acontecendo entre nós? Nós não conversamos sobre o que aconteceu na sexta-feira.

Depois que Jonah nos encontrou, deixamos o estúdio de som em silêncio. Seguimos pelo corredor e descobrimos que nossa presença era completamente inútil: Jonah e a equipe tinham a sessão de fotos sob controle, e nós terminamos na hora certa.

Depois de trocarmos um olhar confuso e breve, Carter foi para o seu carro, eu fui para o meu, e não nos vimos desde então. Mas, ainda bem, não voltamos à sabotagem mesquinha.

Oh, não.

Estou amolecendo em relação a ele de novo, o que só pode significar uma coisa: não estou me defendendo como deveria. Seria uma atitude sábia se eu listasse todas as formas pelas quais ele me ofende no nível pessoal e profissional.

1. *Ele é sexy demais para o local de trabalho.*
2. ~~*Ele claramente não sabe abotoar as camisas.*~~ *Apaguei porque é hipócrita.*
3. *Ele*

Ergo os olhos e observo distraidamente seus dedos girarem a caneta para um lado e para outro pela sua mão.

Vou concluir o resto da lista mais tarde.

Também estou um pouco irritada com Kylie. Odeio dizer isso porque desprezo o clichê de duas mulheres disputando um cara. Ela está sentada no fim da mesa, perto de Brad, esperando como todos nós que o chefe apareça, mas ela não está nem mesmo tentando ser discreta ao olhar para Carter. Quer ela esteja tendo um caso com Brad ou não, ela definitivamente quer trepar com Carter. Não gosto nada desse plano, porque antes de atear fogo em suas calças apertadas, eu *gostaria* de transar de verdade com ele.

Talvez isso faça com que eu o esqueça.

– Como foi a sessão de fotos da *Vanity Fair*? – Brad pergunta, entrando na sala, e tanto eu quanto Carter damos um pulo.

– Ótima – exclamamos juntos.

Brad estreita os olhos para nós e Carter sorri.

– Foi tudo bem, sem nenhum percalço.

Eu concordo.

– Nenhum obstáculo.

– Ou interrupções – Carter acrescenta, e sorri rígido.

Olho para a mesa, tentando segurar a risada. A ideia boba e excitante de que Carter admita o que fizemos na sexta-feira me faz ter vontade de subir na mesa e dançar funk.

Pelo canto do olho, vejo Brad se sentar.

– É?

– Eles fizeram todas as fotos que precisavam – diz Carter. – Todo mundo saiu feliz.

– No geral, fiquei muito satisfeita – acrescento.

Carter tosse e a sala cai num silêncio pesado.

O olhar frio de Brad se intensifica e ele olha para nós dois. Nós evitamos olhar um para o outro.

– O que eu não estou entendendo?

– Nada – dizemos juntos de novo.

– Não quero mais saber – diz Brad, voltando-se para Ashton.

Todos se remexem nas cadeiras, constrangidos, olhando uns para os outros e se perguntando “O que você sabe sobre isso?”. Ninguém liga para a sessão de fotos; sempre há drama nessas coisas, mas raramente entre os agentes. Agora eles estão como porcos procurando comida. Nossos colegas estão morrendo de curiosidade ou convencidos de que sabem alguma coisa, mas ninguém está ignorando. Não nesse ramo.

Olho para Kylie e vejo-a fazer um biquinho para Carter. Ele parece notar ao mesmo tempo que eu, olhando de novo discretamente antes de se ocupar com alguma coisa no seu telefone.

Mas percebo o jeito que ela me olha, com os olhos brilhando.

– Ashton – diz Brad –, já teve notícias de Joe Tierney da Paramount?

– Ele foi para a DreamWorks na semana passada – digo, distraída, desviando a atenção de Carter.

Todo mundo fica em silêncio.

É uma regra tácita que qualquer correção ao chefe é feita de uma forma mais sutil do que essa. Brad é o líder do bando. Brad é o primeiro a saber de tudo. Essa é a regra, será que me esqueci disso?

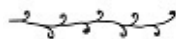
– Não. Acho que não – diz Brad, abaixando os óculos para me espiar sobre a armação. – Ele ficará lá até março.

Eu me encolho, balançando a cabeça, dizendo para mim mesma para calar a boca. A última coisa que preciso é dar a Brad outro motivo para não gostar de mim.

– Ele saiu antes. Acabou rompendo o contrato. – Tento atenuar o que disse com um sorriso, mas Brad apenas olha com indiferença para mim por vários segundos em silêncio.

– Romper o contrato. Que ideia interessante. – A sala fica num silêncio mortal. – Obrigado pelo esclarecimento – ele diz, piscando lentamente, de volta às suas anotações e escrevendo a informação.

Meu bom humor desaparece. O que acabei de fazer?



Apesar do flerte na reunião de segunda-feira, no resto da semana Carter e eu nos concentramos no trabalho. É fim de ano, e estamos todos nos esforçando para concluir os últimos contratos antes que Hollywood pare por um mês perto do Natal. Parece que toda vez que estou no escritório, Carter está fora. Não nos

cruzamos nos corredores nem no estacionamento.

Para ser honesta, é melhor assim. Aquele amasso que liberou a tensão na sexta-feira não muda nada, na verdade, como Brad bem me lembrou na segunda-feira. Pensando bem, perdi o começo da sessão de fotos enquanto estava me satisfazendo com Carter, e perdi um pouco da minha autoridade por brincar com ele na frente de todo o departamento de Cinema. Sem mencionar esse pequeno jogo que vínhamos fazendo. Graças a Deus nós dois desistimos antes que alguém perdesse um cliente ou coisa pior.

Nunca coloquei um cara acima da minha carreira, embora o impacto dessa decisão às vezes perturbe meus pensamentos: se você sempre põe a carreira em primeiro lugar, só terá a carreira para colocar em primeiro lugar. Infelizmente, nesse caso, é uma escolha entre o emprego e o cara.

Na tarde de sexta-feira, todos estão prontos para o *happy hour*. Todo novembro, Brad faz uma festa para acender as luzes da árvore de Natal em sua casa; a festa desse ano é hoje à noite, o que faz com que a bebida no escritório corra solta. A atmosfera fora da minha sala é alegre, quase barulhenta. Posso sentir a leveza de todos, o alívio de poder relaxar um pouco. Infelizmente, tenho uns sete telefonemas para fazer e três contratos para examinar antes de poder encerrar o dia e me juntar à festa.

Com a porta fechada, bato na barra de espaço para destravar a tela do computador e tento não resmungar alto com os setenta e cinco e-mails que chegaram desde a última vez que chequei, apenas uma hora atrás.

Com uma batida leve à minha porta, Carter coloca a cabeça para dentro da minha sala.

Meu coração acelera e uma dor pesada cresce entre minhas costelas, e talvez entre minhas pernas também. Senti falta dele essa semana mais do que gostaria de admitir.

– Estamos todos aqui fora, juntos... – diz ele, inclinando a cabeça para trás um pouco e me dando um sorriso hesitante.

Eu preferiria que ele se sentasse e ficasse junto *comigo*.

– Entre – convido, e ele dá um passo para dentro, empurrando a porta atrás de si.

– Bom... – Sinto que ele provavelmente consegue ver meu coração me socando por dentro. – Como você está?

Carter balança a cabeça.

– Estou bem. Você vai sair e se juntar a nós?

– Eu fiquei com um cliente quase a tarde inteira e tenho algumas coisas para

fazer antes de encerrar o dia.

– Quer que eu te traga uma cerveja?

Como se para me lembrar do que eu teria de enfrentar lá fora, a voz de Brad retumba pelo corredor, e faço uma careta. A última coisa que quero é estar com o senhor Trabalho em Equipe quando já estou estressada e soterrada por uma lista de tarefas do tamanho da Califórnia.

– Não precisa – respondo. – Mas obrigada.

Carter suspira, olhando para a porta.

– Tudo bem. – Seu rosto está rígido, mas até sua expressão frustrada é linda.

Espere. Por que ele está frustrado?

– Tudo bem? – repito, imitando seu tom. – O que há de errado?

Ele olha para mim e sua expressão se suaviza um pouco.

– Todo mundo está lá fora. E você está aqui dentro.

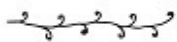
– Estou trabalhando – digo, delicadamente. É uma surpresa agradável que ele me queira lá fora, mas ele parece mais irritado do que carinhoso. – Estou atolada.

Isso parece frustrá-lo ainda mais.

– Estamos *todos* atolados. Mas talvez se você participasse dessas coisas não se sentiria tão isolada. Estou tentando *ajudá-la*, Evie, caramba.

Tento me concentrar no meu monitor e sinto uma desolação esmagadora no peito quando ouço-o sair do meu escritório e voltar para a festa.

Fico tentada a segui-lo, deixar a raiva honesta extravasar pelo menos uma vez, mas sou imediatamente sufocada pela minha própria voz na cabeça, dizendo-me para me agarrar ao desejo de ser eu mesma nesse negócio. Pois assim que cedo um centímetro perco um quilômetro.



A entrada da casa de Brad tem quatrocentos metros de extensão e está decorada dos dois lados com minúsculas luzes brilhantes. Eu já estive aqui antes. Uma vez, sua mulher, uma executiva da Warner Bros., deu uma festa para um filme estrelado por um dos meus clientes. Naquela noite, em meio a champanhe, os canapés e a música ao vivo, vi Brad sumir com a namorada do meu ator.

Brad notou que os vi subirem as escadas perto do banheiro de visitas e percebeu que eu o tinha pego no flagra. Acho que essa é uma das centenas de sujeiras que sei sobre ele, embora nunca tenha dito nada a ninguém.

Regra número um: não se interesse nem se envolva na vida pessoal dos atores

ou dos chefes.

Os pneus do meu Prius rolam sobre o cascalho e eu paro o carro na frente da casa, entregando minha chave para o manobrista e agradecendo-lhe com um sorriso.

Memórias de festas e traições e a simples loucura das relações pessoais nessa cidade passam pela minha cabeça enquanto entro pela porta da frente, fazendo a situação com Carter parecer de certa forma insignificante. Nós tivemos o equivalente a uma guerra de travesseiros no escritório e então escondemos nosso lado birrento e ficamos juntos dentro do armário. Mesmo quando me envolvo num drama, faço isso de um jeito tão *contido*.

Acho que o que me preocupa mais nisso é que não há sinal de resolução em parte alguma. Estamos ambos ansiosos, com o relógio tiquetaqueando até o fim dos nossos contratos. E embora eu saiba que vou ficar devastada se perder esse emprego, não vou ficar particularmente feliz se Carter sair. Pode ser que eu queira vê-lo sofrer, mas não quero que ele fique infeliz.

Porque você gosta dele, meu cérebro me provoca com um sussurro zombeteiro. *Gosta muito, muito dele.*

Meu cérebro é um babaca.

A mulher de Brad, Maxine, cumprimenta-me no hall de entrada, tirando meu casaco e me indicando onde encontrar bebidas e, com muito menos ênfase, comida. Nunca tento acertar meticulosamente a hora que chego nesses eventos, mas olhando em volta percebo que sou uma das últimas a aparecer.

Em busca do meu porto seguro, imediatamente procuro por Amelia, que às vezes comparece a essas reuniões. Há apenas cerca de cinquenta pessoas aqui, mas o burburinho de conversas faz parecer muito mais. Como sempre, Maxine providenciou música ao vivo, aperitivos e taças de champanhe circulando em bandejas nas mãos de garçons. A sala de estar principal é enorme e dá de frente para o quintal com vista para Hollywood Hills. Três portas francesas estão abertas para a noite, mas há aquecedores do lado de fora, espantando o frio ameno.

É lindo, de verdade, e em momentos como esse fico surpresa com a sorte que tenho de poder desfrutar dos aspectos mais luxuosos desse mundo. É um mundo de privilégios e excessos, e sempre que me dou conta de como a vida é fácil para todos nós, isso me faz perceber como sou mesquinha de reclamar de algumas poucas personalidades babacas. A maior parte das pessoas nesta sala é boa. Esse negócio é cruel, mas poucos de nós são tão terríveis quanto nossas ações levariam a crer. A insegurança e a competição nos transformam em monstros.

Sei bem disso.

Não vejo Amelia, mas localizo Carter com Brad do outro lado da sala, perto das portas abertas. Sabendo que ele cresceu em Nova York, me pergunto como é para ele estar aqui em novembro, época em que trememos quando a temperatura cai para menos de 20 graus e usamos casacos de pele para ir jantar. Também me pergunto como é celebrar com uma equipe quase que inteiramente nova esse ano. A reorganização foi lenta, mas a primeira transição foi hábil e a maioria dos cortes foi do lado da CTM.

Ele trocou de camisa e está usando uma azul-safira com as mangas enroladas até os cotovelos, expondo seus antebraços que às vezes tenho vontade de lamber e outras vezes de amputar.

Odeio pensar que há algum tipo de ligação do destino entre nós, mas não posso negar que, quando ele me vê andando em sua direção, sinto um friozinho na barriga.

Sua expressão entrega que ele está feliz em me ver, mas ele imediatamente se controla e volta à conversa com Brad. Nem tinha me ocorrido interromper a conversa individual de Carter com o chefe... porque eu não estava indo falar com Brad. Estava indo falar com Carter. É claro, ele não tem como saber disso.

Mas a hesitação em seu rosto faz com que *eu* hesite, desviando em direção à bandeja de vinho que vinha na minha direção. Pegando uma taça, digo olá para alguns colegas e fico admirando a árvore de Natal gigante no canto da sala.

Todos os ornamentos são dourados, mas há bolas enormes e minúsculas; cavalos, trenós e flocos de neve. A árvore parece brilhar sob a luz quente da sala.

Ainda posso ouvir a voz de Brad, que é baixa, mas soa de um jeito estranho e retumbante.

– Então você acha que topa?

– Golfe em Vegas? – diz Carter. – Topo qualquer dia da semana.

– Bom garoto. Com você, acho que temos a equipe completa.

Uma viagem com os caras para jogar golfe em Vegas?

Reviro os olhos e me viro para ir até eles. As coisas já estão desgastadas e eu sei que deveria pisar em ovos, mas não posso deixar essa passar em branco.

– Oi, vocês! – cumprimento.

– Evie! – Brad cacareja, inclinando-se para me dar um beijo na bochecha de um jeito que ele nunca ousaria no escritório.

Carter não me beija, mas dá um meio sorriso.

– Oi, Evie.

Eu sorrio para ele, então me viro para Brad.

– Acabei de ouvir vocês. Uma viagem do departamento para Vegas? Que legal!

Minha expressão está sempre neutra. Eu gostaria que não fosse o caso, mas não posso nunca, jamais, baixar a guarda. É claro que Brad não falou de Vegas para mim, e eu apostaria um bom tanto do meu salário que ele não falou para Rose ou Aimee, ou qualquer outra agente mulher. As únicas vaginas que eles querem nessa viagem são aquelas a cinco centímetros de seus rostos nas boates de striptease.

– Certo – diz Brad, um pouco desanimado, mas escondendo muito bem. Ele também é bom no jogo, afinal. – Você vai?

– Quando é mesmo? – Sorrio para ele, permitindo que ele não se constranja e aja como se já a tivesse mencionado para mim.

– Primeira semana de março.

Ele transfere o peso para o outro pé. Sem dúvida imaginou que as agentes, que não foram convidadas e não estariam interessadas em jogar golfe de ressaca em Las Vegas, não se importariam. E além disso? Estaríamos aqui para apagar qualquer incêndio. Aquelas que ficarem, de qualquer forma... e meu contrato vence em fevereiro.

O de Carter em março. Interessante.

– Acho que posso. – Eu sorrio para Carter, cuja expressão me diz que ele está somando dois mais dois em relação à ausência de convite para as mulheres.

Sinto vontade de abraçá-lo por se esforçar para ter consciência da merda machista de Brad, mas também de dar um tapinha condescendente na sua cabeça e cantarolar “É claro que Brad não convidou nenhuma das ‘suas garotas’, puxa-saco”.

– Ótimo! – diz Brad e em seguida chama o garçom que está passando para trazer-lhe um uísque cowboy. – Sabe, eu ia te perguntar outro dia... Tenho um amigo que está fazendo um podcast. *Yeah, Here Today*. Já ouviu falar?

Eu balanço a cabeça.

– Não posso dizer que sim.

– Bem, ele está fazendo uma série sobre percalços na carreira e eu estava dizendo a ele que você pode ser uma ótima convidada.

Carter fica obviamente perplexo. O constrangimento percorre a minha pele e espero impedir que minha corrente sanguínea irrigue mais o meu rosto só com a força da vontade.

Dou um sorriso forçado.

– Estou curiosa.

– Ótimo, ótimo – ele diz, estendendo a mão para pegar a bebida colocada à sua frente. – Vou colocar vocês dois em contato. Você cai na lona mas sempre consegue levantar. É assim que eu gosto, garota. Bom falar com você, Carter.

E, com isso, ele nós dá um tapinha no ombro e vai para a próxima conversa.

A expressão de Carter irradia irritação. Ele está fazendo aquela coisa que me deixa louca – observar em silêncio, com aqueles olhos verdes honestos – e parece tão perigoso estar aqui com ele, nessa situação que é ao mesmo tempo de trabalho e social, e um pouco *nós contra eles*.

Não consigo resistir quando ele está assim. Ele está lindo. Seus lábios estão ligeiramente molhados de cerveja, olhos relaxando naquele lampejo inteligente, como se ele pudesse ler cada pensamento que eu tenho e achasse graça de todos eles.

Eu gostaria de ser mais como ele, e percebo, como se tivesse levado um tiro no estômago, que *isso* resume muito dessa situação para mim. Sempre fui boa no meu trabalho, mas Carter tem uma facilidade que nunca fui capaz de imitar. Ele está simplesmente... confortável no próprio corpo, na própria mente. Eu tenho que me esforçar tanto com cada cliente, cada acordo, a todo segundo tentando manter o equilíbrio. Gosto do fato de que eu consigo deixá-lo louco às vezes, mas isso não dura muito.

Ainda assim... parece que também o incomodo como não vi ninguém fazer.

Mordo os lábios, pensando na possibilidade de que talvez Carter esteja um pouco envolvido comigo.

– Parece que está pensando em muitas coisas agora – ele diz.

– Como o quê?

Ele ergue os ombros e dá um passo na minha direção.

– Se você deveria me beijar ou me dar um soco.

A honestidade crua dessa afirmação me aperta tanto o peito que fico sem ar por um momento.

– É uma luta diária.

Isso parece deleitá-lo.

– Sério? Eu estava brincando. Tirando sexta-feira, eu imaginava que você estava mais interessada em me socar.

– É uma preferência forte.

– Se isso faz você se sentir melhor, eu também fico dividido. – Ele faz uma pausa, tomando um gole de cerveja. – Mas minha preferência costuma ser beijá-la.

Engulo seco, esforçando-me para conter minha reação a isso. Meus ombros se

erguem de surpresa e levanto o copo até os lábios para fingir que me arrepiei de frio.

– Você quer falar sobre isso? – ele pergunta, em voz baixa.

Estou abrindo a boca para responder “Sim, sem dúvida, mas não aqui”, quando um braço passa pelas minhas costas. Eu me assusto, e Rose aparece ao meu lado cheirando forte a tequila.

– Evie!

– Ei, Rose. – Sorrio quando ela me dá um beijo molhado no rosto.

Aimee vem logo atrás dela, e tenho a impressão de que ela está de olho no nível alcoólico de Rose.

– Oi, pessoal – ela diz.

Rose se inclina na minha direção.

– Você é *incríííííivel*. – A palavra se estende por vários segundos e traz um aroma de limão bem no fundo do cheiro de tequila.

Eu rio com isso, esquivando-me sutilmente do seu abraço.

– Ah, obrigada.

– Não, estou falando sério. Você é meu ídolo feminino.

Olho para o rosto de Carter e me esforço para não rir de sua expressão surpresa e divertida. Pelo menos dessa vez ele não parece incomodado de ver alguém me elogiar.

– Só seu ídolo feminino? – Carter pergunta, rindo.

– Meu *ídolo* ídolo...

– Rose se divertiu muito na festa – Aimee diz com um sorriso, balançando a cabeça. – Rose, querida? Já está pronta para irmos? Posso deixá-la em casa.

Rose faz sinal que não e olha para Carter de cima a baixo, de um jeito bêbado e demorado.

– Oi, Carter.

Ele ri, com as bochechas um pouco rosadas.

– Oi, Rose.

Ele enfia uma mão no bolso e olha para o meu rosto. Sinto uma fisgada, como se tivesse um fio amarrado no diafragma, ao ver como sua atenção é uma declaração tácita de onde estão seus pensamentos... e em quem ele está interessado.

Fico presa, capturada por esse olhar.

– Evie – Rose sussurra alto no meu ouvido e eu estremeço com o bafo de sua respiração no meu pescoço. – Alguma chance de sermos irmãs esquimó deste?

A pergunta parece um balde de gelo derramado sobre minha cabeça, e dou um

passo para trás, livrando-me completamente do seu braço, balançando a cabeça.

– Acho que isso não tem nada a ver comigo.

Olho para Carter, mas não sei dizer se ele ouviu. Quero tirar a bebida da mão de Rose, levá-la para um sofá onde ela possa se sentar e respirar um pouco, talvez recobrar a sobriedade.

Virando-me, trombo com o peito de Brad.

– Estou vendo que Rose. Está na quinta margarita – ele diz com uma risada que oscila entre reprimenda e orgulho.

– Quarta – diz Rose, e acrescenta: – Porque essas estão *fortes*.

Sem preâmbulos, Brad levanta o queixo para ela, perguntando:

– Você vai pegar o ritmo nesse trimestre, Rosie?

Sinto meu rosto esquentar com o jeito condescendente que ele diz “Rosie” e com a pergunta sobre o desempenho de trabalho jogada tão abruptamente no pequeno círculo em que estamos.

Rose também fica vermelha e diz:

– Ah, sim, Q3 foi uma exceção para mim. – Ela desvia a atenção, olhando para as portas do fundo, e dá um gole em sua bebida enquanto caímos num silêncio constrangedor.

– Bem, nem *tanto* uma exceção – diz Brad, fazendo-a voltar à conversa. – O resto da equipe está fazendo acordos a torto e a direito. Ashton assinou com três grandes nomes esse mês. Carter conseguiu um lugar cativo para Jett Payne num programa da Netflix e um papel principal num filme de Ridley Scott. Evie aqui colocou Sarah Hill na maior febre adolescente desse ano. Acho que você vai ter que se esforçar para se encaixar no quebra-cabeça.

– Se eu me encaixar – diz Rose, e nunca antes eu quis escapar de uma conversa tanto quanto dessa. – Às vezes olho para alguém como Evie e me pergunto se levo jeito para isso. Quer dizer, eu adoro, certo? Mas...

Carter e eu nos olhamos e rapidamente desviamos o olhar. Isso é doloroso para nós dois. Quero falar para Rose parar. Quero dizer que ela foi longe demais, que essa é uma conversa para ter entre portas fechadas, comigo ou com alguém que seja mais compreensivo, não aqui. Brad quer ganhar nos sete dias da semana, mesmo nos feriados. Ele não vai se preocupar com as aparências e em dizer alguma coisa para tranquilizá-la. É um predador e, se você mostra a ele um rastro de sangue, ele vai caçá-lo até comer suas entranhas.

Cruel mas verdadeiro.

– Isso depende – diz Brad com uma calma ameaçadora – de você preferir ser um fracasso ou abandonar a profissão.

Viro minha taça de vinho, sabendo que vou me arrepender de beber tão rápido, mas também não consigo parar porque preciso fazer outra coisa que não seja ouvir Brad fazer uma avaliação negativa de fim de ano para essa pobre *boa* pessoa, no meio de uma festa.

Pegando outra taça de uma bandeja que passou, eu me viro na direção da árvore de Natal, com a intenção de admirá-la e sair correndo do eco daquela conversa.

Mas posso sentir Carter no meu encalço. Ele para logo atrás de mim, ficando em silêncio enquanto nós dois respiramos um pouco.

– Uau – ele diz baixinho, e eu concordo.

Alguns segundos mais se passam e depois ele sussurra.

– Evie?

– Sim?

– O que são irmãs esquimó?

O horror de antecipação em seu rosto quando me viro parece uma martelada num painel de vidro para a tensão em meu peito, e eu caio na gargalhada.

– Duas mulheres que dormiram com o mesmo homem.

Se possível, o horror se intensifica.

– E esse homem seria... *eu*?

– Presumo que sim, mas sei que *eu* não me tornei uma irmã esquimó.

Seu rosto fica sério.

– Só por causa das *circunstâncias*.

– Assumo que sempre que duas pessoas não dormem juntas, de um jeito ou de outro, é por causa das *circunstâncias*.

– Certo – ele diz, mais relaxado agora, com aquele sorriso, aquele olhar e aquele tórax. – Mas essas circunstâncias são totalmente diferentes das por quais eu não dormi com Rose.

Viro para trás para encarar Rose ainda na conversa tensa com Brad, tendo sido abandonada por nós dois. Quero brincar mais um pouco, manter a leveza com Carter, mas é quase impossível quando o peso do trabalho parece nos seguir em qualquer parte. Eu nunca fui demitida. Não sei nem mesmo como lidar com isso.

– Você está bem?

Balanço a cabeça, mecanicamente.

– Às vezes mal consigo acreditar que faço isso para ganhar a vida.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Você não gosta?

O instinto me diz para ter cuidado. Por que é que a pessoa com quem mais

quero me abrir é a que poderia usar isso contra mim tão facilmente?

– Eu adoro. Adoro fazer as coisas acontecerem, conectar pessoas. Adoro os clientes e a arte que eles produzem. É a politicagem que eu detesto. É péssimo fazer as coisas por trás dos panos. Não quero me transformar nisso.

Sua mão quente se levanta e pousa no meu ombro. Sinto que aquele toque é a coisa mais íntima que ele poderia fazer agora – além de me beijar – porque faz com que me lembre. Lembro de sua boca ali. Lembro que Carter gosta dos meus ombros. Lembro de como seus olhos brilharam quando ele os viu nus, naquele vestido do primeiro encontro e novamente na sexta-feira.

Não parece um toque inocente, parece uma mensagem.

– Você não é assim, Evie.

Mas quando olho para o seu rosto, ele sorri um pouco, com uma sombra de arrependimento.

Sei que estamos pensando a mesma coisa: *mas eu fui assim com você.*

capítulo vinte

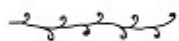
Carter

Dezoito horas de trabalho por dia, nada de vida social, e estou embarcando no voo para Nova York me perguntando se o fato de que é dia 21 de dezembro e eu só consegui ir a festas de trabalho em Los Angeles faz de mim um funcionário exemplar ou um péssimo solteiro.

Michael Christopher e Steph deram uma festa – sem fantasia, dessa vez, infelizmente –, mas era no mesmo dia da festa da Paramount. Jonah me convidou para ir ao seu novo apartamento em West Hollywood, mas na única noite que eu estava livre ele tinha de se encontrar com seu advogado para tratar da falência. Nós acabamos trocando presentes durante o almoço num food truck perto do trabalho.

Mal vi Evie, mas parece que chegamos a um cessar-fogo. Talvez a masturbação alimente a benevolência? Ou talvez tenha sido porque eu disse que ela estava com um gergelim entre os dentes antes de uma reunião de segunda-feira e ela me respondeu com um olhar agradecido que queria dizer “Você não é mais o demônio”. Qualquer que seja a razão, as coisas se amenizaram entre nós, e estou tão contente que quase quero chorar. Nunca na vida estive tão ocupado com um trabalho, tão desesperado para provar minha competência e me tornar indispensável. Mas ver o rosto dela ao nos cruzarmos pelo corredor ou ouvir sua voz vindo do seu escritório fez com que fosse mais fácil aguentar as últimas semanas.

Não faz sentido, sei disso. A voz dela deveria me lembrar de que o tempo está passando, que o contracheque que recebo a cada duas semanas não é algo garantido. E ainda assim, a presença dela é a mais tranquilizadora, a mais lúcida. É assustador perceber que não importa como isso termine, provavelmente não a terei como colega por muito mais tempo. Então entro em negação e simplesmente não penso nisso.



O Natal é daqui a dois dias e estou fazendo compras com a família. O shopping está lotado, mas há esse tipo de caos compartilhado de última hora que deixa as pessoas de bom humor apesar do número de corpos entupindo as lojas.

Doris e Dolores são minhas tias preferidas. Elas são irmãs do meu pai – gêmeas, é claro – e embora possam parecer idênticas, não poderiam ser mais diferentes. Desde que me lembro, se Doris estava com calor, Dolores estava com frio. Se Doris queria hambúrguer para o jantar, Dolores queria peixe. Se uma queria assistir a uma comédia, a outra estava totalmente no clima para ficção científica.

– Por que está tão quieto, garoto? – diz Doris, aparentemente se recusando a acreditar que tenho quase trinta anos. Ela me espia do outro lado da arara de roupas através de óculos tão grossos que seus olhos ficam três vezes maiores que o normal. – No que está pensando?

Dolores mexe numa pilha de camisas polo coloridas e olha para a irmã.

– Ele é um garoto. Não está pensando em nada.

Desvio os olhos para ela.

– Calma, Dolores.

A música natalina toca sem parar e Doris aperta os olhos em minha direção.

– Olhe para ele. Está nervoso.

Minha mãe coloca a mão suavemente sobre meu ombro.

– Você está estressado com o trabalho, querido?

Até onde ela sabe, o trabalho vai bem. Não contei para ela que nos últimos dois meses seu filho mais velho começou a bronzear mulheres sem consentimento e mexer com glitter contrabandeado e molho de pimenta. Não contei a ela sobre meu chefe e como é trabalhar para um Ron Burgundy da vida real. E certamente não contei que há uma pequena chance de que eu seja transferido de volta para cá, porque todos os planos de Evie não eram nada perto do que minha mãe faria para que essa transferência acontecesse. E não mencionei que a garota que conheci na festa meses atrás está se tornando a pessoa de quem mais gosto no mundo e que estou sofrendo um pouco por amor.

– Só estava pensando – respondo, apontando para a pilha de camisas que Dolores está revirando – que tipo de monstro mexe nas roupas durante as compras de Natal e tira cada camisa da pilha e as desdobra?

Dolores me fuzila com o olhar.

– Você não sabe quanto tempo leva para dobrar todas elas, Double D? – Comecei a chamar minhas tias assim muito antes de saber, ou apreciar, o que significava em inglês: peitos tamanho grande. Elas sempre acharam hilário, mas

depois de mais de vinte anos ouvindo isso, minha mãe não acha mais graça em “Double D: As gêmeas”. Ela olha para minhas tias com reprovação por me encorajarem com suas risadas. Eu arrumo as sacolas nas mãos e sigo-a quando ela vai para outra mesa.

– Querido – ela diz. – Conte para mim o que está te incomodando. Você está com algum problema? Sabe, eu vi o episódio de *Law & Order* em que eles falavam sobre o lado negro de Hollywood. – Ela baixa o tom de voz nessa última parte, com os pendentes de seus brincos fazendo barulho enquanto ela mexe nas camisas. – De qualquer forma, eles mostraram tudo. As prostitutas e as gangues, os *traficantes*. – Ela olha para mim com os olhos arregalados. – Você não está perto disso, está?

– Não, mãe. Acho que o lado negro é do outro lado de L.A. Do lado que Jonah está.

Dessa vez o olhar de reprovação é todo meu.

– Mãe, estou bem. Só estava pensando nele, na verdade. Estava me perguntando se ele vai passar o Natal completamente sozinho.

Sou um excelente manipulador e, se há uma coisa que aprendi nessa família, é que a forma de mudar qualquer conversa é falar diretamente de Jonah.

Mamãe franze a testa, e embora eu tenha certeza de que ela sabe exatamente o que estou fazendo, seu desejo de defender o filho que não faz nada errado fala mais alto.

– Você sabe como ele é ocupado – ela me diz, mas também para Dolores e Doris, que pararam para ouvir. – Ele disse que vai ficar bem. Ele tem amigos. Tenho certeza de que está envolvido com algum trabalho importante, já que é Natal e tudo mais.

Eu concordo, ficando em silêncio sobre o assunto do trabalho de Jonah. O velho Carter teria despejado todos os detalhes sobre a perda de prestígio do irmão, seus problemas financeiros, suas aventuras atuais com a falência, porque – pelo menos por alguns minutos – isso significaria que eu sou o irmão bom. Mas sinto algo estranho no peito, parecido com proteção.

Estou protegendo *Jonah*. E penso que... pode ser que eu esteja começando a gostar dele?

– Ele tem muita coisa para fazer – digo.

Minha mãe tira uma camisa particularmente horrenda e me examina com os olhos apertados.

– Esse normalmente é o momento em que você o chama de algum nome feio e me diz quantos dias faz que ele não te visita.

– Talvez eu esteja sendo adulto.

– Talvez você esteja fingindo – ela rebate. E aí está, essa é a faísca que amo. Às vezes me pergunto quanto mamãe sabe sobre os detalhes da vida de Jonah. Eles obviamente se falam, porque ele contou para ela sobre Evie. Mas ele raramente vem para casa, e colocar meus pais num tubo metálico mortal pilotado por alcoólatras (nas palavras deles) é improvável.

Tenho vinte e oito anos e me mudei da casa dos meus pais quando tinha dezenove, mas ainda sinto falta da minha mãe às vezes, do meu pai, do resto da minha família maluca. Não sei exatamente como Jonah faz. Mas, talvez seja *exatamente* assim. Se ele viesse para casa, ela provavelmente perceberia como ele está cheio de problemas. Talvez ele prefira ser o Jonah perfeito de quem todos se lembram do que quem ele realmente é.

– L.A. é simplesmente... demais – digo, finalmente.

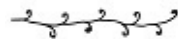
Talvez isso comunique o que eu quero dizer, porque mamãe concorda e dobra a camisa horrível.

– Só cuidado para que você também não se torne *demais*.

Sento-me no banco de trás do lado de Doris no caminho para casa. Dez minutos depois, ela está dormindo, o que não rende muita conversa, mas permite que eu olhe minhas mensagens de texto e também me lastime um pouco sem ninguém lendo por trás dos meus ombros.

Não vou mentir: é um pouco deprimente abrir a janela da conversa com Evie e perceber quanto tempo se passou desde que as coisas estavam indo bem entre nós. Começo a ler algumas de nossas mensagens, perguntando-me se é possível que eu tenha transformado a Evie daquela época em alguém mais engraçada, inteligente ou mais sexy do que ela realmente é.

Não fiz isso. A Evie dessas mensagens é exatamente como lembrava e basicamente igual à que eu vejo todos os dias – talvez com um toque a mais de fogo.



Meu telefone toca enquanto estou carregando as sacolas para dentro e olho duas vezes quando vejo o nome na tela.

Zach Barker é um dos meus clientes que está migrando do teatro para o cinema. Ofereceram para ele um papel de último minuto num filme de ação quando um ator coadjuvante teve de ser substituído. Embora ele e sua mulher, Aya, estivessem morando em Nova York e esperando o segundo filho, ele teve

que ir para o set imediatamente. Não era uma situação ideal, mas pelo que ouvi, Avya decidiu ficar em Nova York e esperar que o filho terminasse o semestre na escola antes de se juntar a Zach na Califórnia perto da época de nascimento do bebê.

– Zach, oi – digo ao telefone, enquanto vejo a neve começar a cair. – Você está de volta em Nova York?

– Ainda estou em L.A. Avya e Josh estão aí. É por isso que estou ligando.

Meu coração acelera e minha mente se agita imaginando um desastre iminente.

– O que aconteceu?

– Jason quebrou o tornozelo – ele diz, e eu estremeço.

Jason Dover, o ator principal.

– Certo, o que isso quer dizer? – pergunto, andando até a sarjeta.

– Nós quase terminamos, então eles acham que podem filmar as cenas finais sem ele e usar um dublê para o resto, mas tiveram que mudar o cronograma de filmagem e só vou voltar para casa amanhã.

– Você quer que eu ligue para alguém ou... o que posso fazer?

– Preciso pedir um favor para o meu amigo Carter, não para o meu agente Carter.

– Sim, o que precisar.

Ele ri.

– Você pode se arrepender disso num segundo.

– Vamos ouvir.

– Eu deveria ter voltado ontem, a tempo de ir com Avya para o curso de preparação para o parto hoje à noite.

– Para o quê? – Eu dou risada e uma nuvem de fumaça se condensa no ar à minha frente. O jardim da minha mãe está congelado, trepadeiras esquecidas cobertas de gelo e neve. Um grupo de adolescentes faz algazarra na esquina, a algumas casas dali, no cruzamento que brilha à luz do dia que se enfraquece.

– Sim... – diz Zach, pausando antes de rir de novo. – Eu te disse. Fecho os olhos e aperto o osso do nariz.

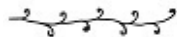
– Não, não, tudo bem.

– Você é um tremendo mentiroso.

– Tem certeza de que Avya concorda com isso? – Avya e eu nos conhecemos de antes de ela começar a sair com Zach, mas não quero que ela se sinta constrangida.

– Foi ela que sugeriu.

Abro os olhos, observando o céu nublado e a neve caindo. Adoro as interações cotidianas com meus clientes. Essa é apenas... estranha. Como eu poderia dizer não? Curso de parto, aí vamos nós.



Eu poderia responder muitas coisas se você me perguntasse o que eu achava que ia fazer hoje à noite: jogar videogame com meus primos, embrulhar presentes com as Double D, ler e reler as mensagens antigas de Evie até devorar um pote inteiro de sorvete e culpar meu pai de alguma forma.

A possibilidade de acabar com a mulher de outro cara numa sala cheia de mulheres grávidas e seus parceiros não teria me ocorrido.

Mas aqui estou.

Encontro Avya na frente do local e nos abraçamos, conversamos um pouco e fazemos um comentário ou outro sobre o clima. É um pouco estranho a princípio porque não sei para onde olhar nem o que dizer – e menos ainda como abraçar uma mulher muito, *muito* grávida.

Como sempre, Avya quebra o gelo.

– Pronto para ir falar sobre meu parto normal? – ela pergunta, com a esteira de ioga enrolada debaixo do braço.

Nem sei o que dizer em resposta. Com um sorriso, abro a porta, fazendo sinal para ela entrar e a sigo.

Em se tratando de cursos para parto, esse não parece ruim. Fica num amplo espaço aberto, e a sensação é a mesma de relaxar de moletom na sala de estar de um amigo. Acho que é um ponto positivo tentar manter certa naturalidade.

“Natural” parece ser o tema recorrente: administrar a dor da melhor forma possível com métodos naturais, mas não julgar a si mesma ou aos outros se surgir uma situação em que você mude de ideia. A propósito: se a ciência moderna um dia descobrir uma forma de os homens vivenciarem o milagre do nascimento, pode me colocar na coluna do “Não”. Se não der pra escolher, vou tomar anestesia. Muita anestesia.

O nome da professora é Meredith. Ela é experiente e delicada, e vai de casal em casal ajustando a postura e ampliando a abertura das pernas ou movendo um pé aqui e ali. Fazemos uma série de alongamentos: no primeiro ficamos de quatro, balançando os quadris para a frente e para trás como se montássemos o ar, e fico *tão* feliz nesse momento por Avya e eu nunca termos transado antes de Zach aparecer.

– Muito bem – diz Meredith, olhando para a classe. – Façam um arco com as costas, movimentem os quadris num oito. Sintam o movimento. Para a frente e para trás, para a frente e para trás. Aproveitem o movimento, porque quem sabe quando é que vocês vão senti-lo de novo depois disso, certo?

Avya olha para mim por sobre o ombro por um momento e começamos a rir.

– Deus, Evie não vai acreditar nisso – digo, ajudando Avya com a próxima posição.

– Evie, Evie – ela repete, devagar. – Acho que Zach não mencionou esse nome ainda.

– Ela é agente em L.A.

– Mesma agência?

– Sim. Mais ou menos. É uma longa história.

– Você está saindo com uma agente do trabalho? Minha vida está tão chata agora, graças a Deus fiz Zack pedir para você vir.

– Não estou *saindo*. – Até eu ouço o “Credo, mulheres” implicado no meu tom.

– Chatice – Avya reclama, inclinando-se para a frente, com seus cabelos castanhos compridos caindo sobre o rosto. – Então por que ela ligaria para essa aula? Conte tudo, Carter.

– Ela estava na P&D antes da fusão – conto, e Avya assente. – Enfim, ela foi com a mulher e a filha de um dos clientes dela para uma aula sensorial em Beverly Hills.

– Deixe-me adivinhar: eles pagam o equivalente a um mês de aluguel de um apartamento no Queens para deixar as crianças brincarem com uma coisa muito simples, como pudim ou lençóis.

– Macarrão, na verdade. Como você sabe?

– Fui numa coisa parecida quando Joshua era pequeno, mas com um paraquedas.

– Paraquedas?

– Adotamos Joshua quando ele era recém-nascido – ela explica –, então perdi toda a coisa do nascimento com ele. Daí essa aula. – Ela me dá outro sorriso por sobre o ombro. – Nós deitamos todos os bebês num grande círculo e as mães ergueram esse paraquedas gigante, parecido com uma tenda de circo, sobre eles, subindo e descendo. Parece ótimo na teoria, mas os bebês eram novos demais para apreciar. Então basicamente sacudíamos esse paraquedas na cara deles e eles morriam de medo. Metade chorou, alguns tentaram fugir e o resto estava com muito medo para se mexer.

– Ah, meu Deus – digo, mordendo o lábio e olhando em volta para procurar a instrutora. A última coisa de que preciso é que a mulher de um cliente seja expulsa da aula de parto. – Sinto muito, isso não é engraçado.

– Ah, é *muito* engraçado. Como pais, nós fazemos nossos filhos passarem pelas coisas mais estranhas porque achamos que isso lhes fará bem.

A instrutora faz com que as futuras mães se agachem como se estivessem sentadas na privada e explica os benefícios dessa posição, inclusive o que ela faz com o períneo e algumas outras coisas nas quais não presto atenção.

– Como está o seu períneo? – pergunto. – Bem?

Avya balança a cabeça como se não acreditasse que estamos fazendo isso.

– Relaxado. Obrigada. Agora, conte-me mais sobre essa Evie.

Eu suspiro, então solto tudo.

– Basicamente, Evelyn Abbey é minha ex-quase-namorada que virou arqui-inimiga que virou quase aliada que agora eu gostaria muito de seduzir permanentemente.

O brilho no rosto de Avya me diz que devo continuar.

– É uma história longa e complicada envolvendo primeiros encontros seguidos de ambição corporativa, competição pelo mesmo cargo e sabotagem.

– O.K., isso definitivamente não é tão divertido quanto eu imaginava.

– O problema é: ela é inteligente, linda, engraçada e ótima no trabalho, e isso é de enfurecer. Basicamente, nos disseram que poderiam ficar com só um de nós e isso nos deixou malucos. Eu a ouvia numa reunião, totalmente hipnotizado, e depois terminava a conversa bruscamente e queria murchar os seus pneus por ela me distrair do meu objetivo.

– E seu objetivo era...

– Aniquilação total, é claro.

Passamos para a próxima posição, sentados, com Avya na minha frente, entre minhas pernas, com as costas contra meu peito.

– E agora? – ela pergunta.

– Agora ela parece a melhor pessoa lá.

– Vocês dois já... – ela começa, deixando a pergunta no ar enquanto pratica seus exercícios de respiração.

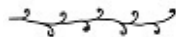
– Quer dizer... quase... Nós nos tocamos sem as roupas até o final, se você me entende.

Ela ri em silêncio.

– E foi bom?

Caramba.

- Foi.
- Imagino que você quer mesmo fazer de novo.
- Você não deveria estar se concentrando em algo mais saudável? – pergunto.
- Como posso me concentrar com todo esse amor proibido e desejo reprimido?
- Você pode se concentrar porque nesse momento temo que eu tenha mais chance de *tocar até o final* uma dessas moças – digo, apontando para as mulheres grávidas ao nosso redor – do que Evie.
- Por quê? Por causa do trabalho? Isso parece apenas um detalhe para mim.
- É um detalhe *bem* grande. Nós dois somos casados com nossos empregos. Empregos que podem nem mais existir daqui a três meses. Sem mencionar que temos um retiro em Big Bear em breve. Quero estar perto dela, mas nós sempre brigamos. Não quero que acabemos nos esfaqueando. Ela é muito mandona para ir para a prisão, e eu tenho dificuldade de dizer não.
- Certo, então a grande pergunta aqui é: ficaria com ela se não tivesse o emprego ou qualquer outra coisa atrapalhando? – Avya diz.
- Esse é um *se* e tanto, Avya.
- Você não respondeu à pergunta, *Carter*.
- Se eu ficaria com Evie se não houvesse nada no caminho? Provavelmente. – Coço o queixo, estremeando de hesitação. – Quer dizer, provavelmente não. Ficaria com certeza.
- Então, resolva isso.
- Oh, meu Deus, por que não pensei nisso?
- Carter, as mulheres não são tão complicadas – diz Avya, virando-se e sorrindo para mim. – Mais inteligentes? Sim. Complicadas? Na verdade, não. Nós queremos progresso, não perfeição.



Naquela noite, na casa dos meus pais, penso sobre o que Avya disse. Progresso, não perfeição.

Eu não preciso ser perfeito; não necessariamente preciso consertar tudo com Evie, mas posso pelo menos assumir as coisas que fiz que eu mesmo não aprovo. Posso tentar ser um pouco menos terrível.

Estendo a mão e pego o telefone do outro lado da cama, onde ele está carregando na mesa. Passo o dedo pelas conversas até encontrar o título *Evil* e abro-a.

Calculo o fuso horário mentalmente; aqui é um pouco depois das dez, lá é um pouco depois das sete. Definitivamente não é muito tarde.

Oi.

Seguro a respiração, olhando para o telefone e esperando ver os três pontinhos indicando que ela está digitando. Quando solto o ar longamente e vou colocar o telefone na mesa, o balãozinho aparece. Meu coração salta para a garganta.

Oi, moço.

Agora vai. Chegou a hora de falar tudo.

Sinto que
preciso voltar
atrás um pouco.

Começando por:
eu deveria ter
te ligado para
falar sobre Dan
Printz primeiro.

Deveria ter dito
que sua blusa
estava
desabotoada.
Deveria ter
perguntado a
você sobre Jonah
fazer a sessão
de fotos.

Por acaso você
recebeu a visita
do Fantasma do
Natal Passado?

Algo parecido.

Bom, obrigada.

Imagina.

Mas não posso
pedir desculpas
pelo glitter.

O glitter foi
ótimo.

E, honestamente,
eu também sinto
muito.

Mas não pela
cebola.

Você está
perdoada.

A cebola foi
terrível/genial.

O estúdio de
som, por outro
lado, foi bem
gostoso.

Será que ela vai gostar do fato de eu ter entendido o óbvio? Será que vai concordar? Outro minuto se passa. Meu coração está praticamente na boca, nos olhos, pulsando em minha cabeça. Finalmente, meu telefone vibra de novo.

Concordo
plenamente.

Solto o ar e rolo sobre o travesseiro. *Graças a Deus.*

Está em Nova
York?

Sim. O que está
fazendo?

Jantei com Daryl
e preciso
terminar meus
relatórios de
despesas antes
de ir para
Burbank amanhã.

Relatórios de
despesas no
feriado?

Uau.

Eu sei, mas acho
que sou a única
que eles estão
esperando para
terminar a
auditoria.

O que é que eles
acham que vão
encontrar? A
vodca que deduzi
depois de me
encontrar com
Brad?

Aposto que é
muita vodca.

Bem, comprar de
caixa é mais
barato, pelo
menos.

Você vai se

encontrar com
Michael e Steph
enquanto estiver
aí?

Eles normalmente
ficam nos pais
de Steph, então
vou.

É estranho que
eu esteja
animado para vê-
los aqui?

Tipo, nós
moramos na mesma
cidade.

Não faz sentido.

É porque você
sente falta de
ir no Aréola.

Tampo a boca com a mão para conter o riso. Tinha esquecido que contei a ela sobre isso. Estamos flertando? É isso que está acontecendo? Ela está se lembrando de nossas conversas anteriores e eu estou... O quê? Encantado com isso? *Pense em algo inteligente, Carter.*

Anotado.

Acertei em cheio.

Você pode me
fazer um favor
estúpido?

Eu vivo para
favores
estúpidos.

Se sair ao ar
livre, pode
tirar uma foto
da neve?

Isso não é
estúpido.

Fiquei
desapontado.

Não está
curtindo o Natal
da Califórnia?

Talvez...

E se eu fizer um
anjo de neve e
escrever seu

Desde que não
seja em amarelo.

nome do lado?

Você vai
entender.

Em amarelo?

É só esperar...

Ah. AH.

Bingo.

Você é maluca.

Acho que você
gosta.

Boa noite,
Carter.

Boa noite, Evie.

❖❖❖❖❖ capítulo vinte e um ❖❖❖❖❖

Evie

É minha primeira manhã de volta ao trabalho depois do Natal e estou uma pilha de nervos. É impossível manter aquela voz calma e racional na minha cabeça porque ela basicamente tirou férias.

Carter chega ao trabalho e meu lado obsessivo me diz que ele está usando uma roupa nova, e está de tirar o fôlego. Suas calças são cinza chumbo, de um corte justo, descendo até os tornozelos e expondo um pouco de suas meias exuberantes. Será que os homens estão aderindo à sedução do tornozelo? Estou dentro. Sua camisa tem uma estampa roxa bonita. Em geral ele está descolado demais, até mesmo para um escritório cheio de figurinhas de Hollywood.

Estou parada à porta da copa, admirando-o sair do elevador, mas meu mundo estremece quando ele para na frente do meu escritório e espia, hesitante.

Obviamente, não estou lá. Eu o chamo, meu coração desce para algum lugar nos arredores da minha vagina quando ele se vira ao ouvir minha voz e sorri.

Caramba... Estou ferrada.

– Trouxe uma coisa para você.

Ele olha na minha direção e tira um pacote embrulhado em papel celofane. O embrulho está quase abrindo e a fita parece que foi usada como alça.

– Biscoitos. Da minha mãe.

– Você me trouxe biscoitos lá de Nova York? – pergunto, segurando o pacotinho com cuidado.

Intencionalmente ou não, Carter parece entender o que isso implica.

– Eu... Sobrou bastante... – Ele me dá um sorriso adorável e autodepreciativo. – É muito estranho, né?

Meu coração está batendo forte, minha pele está vermelha, e a imagem de mim agarrando-o pelo colarinho e beijando-o passa como um sinal luminoso de Las Vegas pela minha cabeça.

– Não, é gentil. – Abro o embrulho alegremente. O aroma de chocolate e manteiga se espalha no ar.

– Carter – diz Kylie sem fôlego ao chegar correndo. – Que bom que encontrei você.

Ele se volta para ela.

– Acabei de chegar. O que houve?

– Brad quer saber se você teve tempo de olhar para os roteiros que ele te enviou.

– Ah, ainda não – diz ele, claramente despreparado. – Só vi o e-mail ontem à noite.

Kylie ri com facilidade.

– Ele queria que eu perguntasse. Eu disse: Brad, são cinco roteiros! Dê um tempo para ele!

Carter também ri com facilidade agora, mas meu sorriso é forçado. Nem um litro de água gelada teria mudado tão rápido o tom dessa conversa.

Não que Brad não costume enviar roteiros para os agentes quando ele tem algo em mente para alguém da lista deles. É só que ele não envia *cinco* roteiros para *um* agente.

Estou tentando ficar calma, mas será que isso é uma repetição daquela situação do golfe no fim de semana?

– Brad te mandou uns roteiros? – pergunto.

– Sim, ele quer dar uma resposta para o roteirista e perguntou o que eu acho.

– Entendi. – Coloco o prato de biscoitos na mesa próxima.

– Brad também quer que Carter o ajude a decidir como melhor distribuir os roteiros para a equipe – Kylie acrescenta, solícita.

Mordo meu lábio inferior para evitar ficar boquiaberta. Então agora preciso agradar Carter para que ele envie algum trabalho para os meus clientes?

Quando tenho certeza de que não posso perguntar sem gritar, digo:

– Só para Carter?

– Sim, só para Carter – diz Kylie, erguendo os ombros.

Finalmente chegamos aqui. Não posso nem dizer que estou surpresa.

– Eu *tenho* alguma experiência nisso – ele diz, com um tom gentil na voz. – Em Nova York, trabalhei com peças de teatro. Na verdade, também levo jeito para combinar os talentos com os papéis.

Balanço a cabeça, forçando outro sorriso. Por que Carter e eu nos damos muito melhor quando não estamos na mesma sala? Depois das mensagens de texto, fiquei tão animada para vê-lo, e agora estou confusa de novo sobre quem ele é. É como se o destino ficasse nos dizendo que isso não tem como dar certo.

Ele olha rapidamente para Kylie, que nos observa com uma curiosidade

descarada.

– Bem – digo, engolindo meu orgulho –, avise-me se precisar de alguma ajuda, certo?

Carter concorda, mas eu não fico para ver se ele dirá alguma outra coisa.

Estou tão perturbada que mal consigo me concentrar. A pior parte de estar assim tão irritada é que perco a racionalidade. Ouço Carter falar ao telefone com a porta aberta e quero jogar um grampeador nele por falar tão alto. Ouço Brad agradecendo Kylie pelo café que ela lhe entregou no corredor e tenho vontade de gritar: – “Se fosse um homem, você esperaria que ele trouxesse café a cada maldita hora?”.

E estou tão brava que, quando meu telefone vibra com uma mensagem de texto de Carter, não consigo ler. Viro o telefone para baixo quando chega uma segunda mensagem, uma terceira, uma quarta, e mergulho no processo de responder e-mails, retornar ligações e fazer acordos. No fundo, a raiva me move – e se eu não tenho cinco bons roteiros no meu e-mail, pelo menos tenho um dia filho da puta de produtivo.

Só quando estou em casa mais tarde, bem depois das nove, e com uma taça de vinho do tamanho de um aquário na mão, leio o que ele me escreveu.

Chegou a hora de
acabarmos com
essa bobagem.

Eu não sei que
tipo de jogo
Brad está
fazendo.

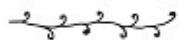
Mas entendo que
estou sendo
favorecido em
parte porque sou
homem. E isso é
uma merda.

Eu gosto de
você. Eu gostava
da gente.

Não sei como
lidar com essa
competição
esquisita.
Preciso que me
diga como posso
consertar isso.

O problema de decidir acabar com essa bobagem é que é mais fácil falar do que fazer. Eu poderia responder suas mensagens, falando de tudo, mas sob vários aspectos isso me parece traição. Nós *sabemos* que podemos mandar mensagens um para o outro. Sabemos que podemos nos dar bem fora do trabalho. O que não conseguimos fazer, ainda, é interagir como seres humanos racionais quando estamos juntos no escritório, e levando em conta que aproximadamente 98% da minha vida gira em torno do meu trabalho, simplesmente não posso aceitar essa ideia de relacionamento por mensagem e fora do trabalho.

Então respondo com um simples “Sinto a mesma coisa em relação a isso tudo. Vamos conversar mais pessoalmente – é aí que nós sempre travamos”, e tento me deitar mais cedo.



A vida precisa continuar e, como todos nós tiramos uns dias para ficar com a família nas festas, há milhões de coisas a resolver. Cada um de nós tem infinitos produtores para acompanhar, roteiros para ler, diretores e atores para contatar e bajular, agendas para conciliar.

Tudo isso faz com que eu tenha vontade de martelar a cabeça de Brad por achar que meados de janeiro era um bom momento para o retiro do departamento, e meu nervosismo aumenta a cada dia que passa sem falar uma palavra com Carter. Sinto a decisão de Brad sobre Nova York pairando como uma nuvem negra.

São apenas duas horas de carro de L.A. até Big Bear, mas como planejamos ir nos nossos carros, e todo mundo trabalha até o último segundo, acabamos saindo no pior horário possível – quatro da tarde de uma sexta-feira. E ainda assim, quando saio lá fora, todo mundo está entrando feliz da vida numa fila de *limousines* estacionadas na frente do prédio.

Uma viagem ostentação até o retiro: uma surpresa de Brad.

– *Limousines!* – Rose dá um gritinho, e a menina de oito anos dentro de mim consegue entender o entusiasmo dela, embora a mulher de trinta e três anos permaneça cínica.

– Tenho que tratar bem meu pessoal, não? – Brad diz, magnânimo, e me dá um tapinha nas costas. – Tenho muita expectativa de que esse retiro seja o melhor até hoje. Não me desaponte, garota!

– E Carter! – Carter acrescenta com uma risada nervosa, mas Brad não o ouve.

Carter e eu trocamos olhares breves e, apesar de *tudo* que não é dito entre nós, sei que ambos estamos pensando a mesma coisa: Brad não aumentou o orçamento para o almoço que planejamos, então tivemos que fazer um sofrível bufê de sanduíches, mas ele pode ser o bonzão e levar todo mundo para o retiro em *limousines*?

Jess me pega quando estamos prestes a sair, deixando uma pequena pilha de pastas nos meus braços.

– As faturas dessa pequena aventura – ela diz, quase sem fôlego. – Desculpe ter levado tanto tempo, mas a sala de correspondência disse que elas deveriam ir direto para Brad e eu basicamente tive que pegá-las no tapa. – Ela abre a primeira pasta. – Há um monte de fornecedores aqui que eu não registrei, então dê uma olhada para ter certeza de que estará tudo lá e podemos conversar quando você voltar.

– Obrigada, Jess – agradeço e respiro fundo. Posso fazer isso, lembro a mim mesma. – Como eu gostaria que você viesse conosco.

– Rá! Sem querer te magoar, mas *de jeito nenhum*. Boa sorte e... – Ela olha para Carter entrando em um dos carros atrás de mim. – Divirta-se.

Certo. *Divirta-se*.

Amelia e Daryl estão perto da calçada, acenando e dando sorrisos de “Boa sorte, você vai precisar”. Retribuo com meu melhor sorriso de “Gostaria que vocês estivessem sofrendo junto comigo, idiotas” antes de entrar na *limousine*.

Embora fosse uma boa ideia conversar e acertar alguns detalhes de último minuto durante a viagem de ida, Carter e eu acabamos nos sentando em extremos opostos do nosso carro. Andrew e Carter trocam olhares e depois

olham para o minibar, calculando quanto tempo precisamos gastar antes de abrir o champanhe. De acordo com Andrew, o tempo necessário dura aproximadamente até o carro sair da frente do prédio.

Eu, por minha vez, estou dando graças a Deus por essa decisão e *vamos nessa*, porque precisamos que essa equipe inteira se divirta o máximo possível, e isso significa deixar todo mundo bêbado de dia, *imediatamente*.

Com uma taça de espumante estendida na minha direção e minha incapacidade de trabalhar no carro por medo de ficar enjoada, só posso me juntar a essa travessura.

Timothy fala mal de Ed Ruiz da Alterman por um tempo – aparentemente ele fez algumas coisas escusas para tirar um cliente potencial de Timothy – e eu desfruto silenciosamente da história descabida que ele está contando, porque Ed é um tremendo de um trouxa.

– Você trabalhou com ele? – Andrew me pergunta.

– Sim, mas não diretamente.

E isso é tudo que estou disposta a falar. Não vou contar sobre a vez que ele vomitou nos meus sapatos num táxi no caminho de volta de um jantar ou que ele dormiu com a assistente de Ken Alterman e ficou tão obcecado que guardava a calcinha dela numa gaveta de sua mesa ou que uma vez ele disse para um ator da sua lista que não tinha nenhum problema ele ter “acidentalmente” transado com uma menina de dezessete anos e que Ed ficaria feliz em esconder qualquer evidência.

Fofoca é divertido – não me entenda mal, eu vivo para isso –, mas raramente dou a entender que tenho qualquer coisa empolgante para contar. Então quando Andrew começa a nos contar sobre quando viu uma atriz das mais famosas num clube de striptease com um diretor muito importante – e muito velho –, guardo essa história numa caixinha de joias na memória.

Ninguém se dá ao trabalho de perguntar por que diabos *Andrew* estava lá, imagine só.

Ainda temos mais de uma hora de viagem depois que todo mundo gastou suas fofocas e entramos naquele tipo de silêncio que resultará em pelo menos três de nós caindo no sono por causa do champanhe. Posso ver Kylie ganhando coragem para se sentar ao lado de Carter, e é exatamente como assistir um elaborado ritual de acasalamento entre pássaros. Ela se levanta de onde está, ao meu lado, na parte de trás da *limousine*, e se curva para ir se sentar ao lado dele no banco lateral, aproximando-se lentamente, inclinando-se como se quisesse ler sobre seu ombro. Mas... ele está lendo um *contrato*, posso ver pelo tipo de papel e pelo

prendedor no topo. Essa não é uma leitura agradável. É *juridiquês* se derramando da página como uma violenta avalanche.

Kylie se alonga de forma esquisita como um gato e então desliza o braço um pouco para trás, pressionando o seio contra o ombro de Carter.

Carter se assusta, esquivando-se por instinto, e de repente eu *me animo*.

– Ei – ela diz, olhando para ele como se estivesse se admirando num espelho.

– Ei – ele responde, sorrindo brevemente para ela antes de voltar para os documentos no seu colo.

– Animado com a viagem?

Ele assente.

– Sim. Vai ser boa.

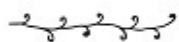
– Você já ficou no Big Bear Lodge and Suites?

– Não.

– É muito bom – ela diz a ele. – Bar grande, um saguão grande e aconchegante... Quartos grandes.

E agora me sinto desconfortável pelos dois, porque, Deus do céu, ela está se jogando em cima dele. Ele tira os olhos do documento e me vê escutando a conversa, então eu desvio o olhar, mas dou uma piscada tão mal executada que tenho que fingir que estou com alguma coisa no olho – o que não é verdade, e nós dois sabemos.

Quando olho de novo para Carter, ele está vários centímetros longe de Kylie e ainda me observando, claramente se perguntando com quanto ciúme estou agora. O sorriso de Carter dessa vez não é metido nem provocador, é feliz. Pura e simplesmente feliz. Talvez acabar com essa bobagem pessoalmente não seja impossível afinal de contas.



Pelo menos uma vez a realidade condiz com a propaganda: o hotel é realmente bonito. Localizado perto do topo de um cume, o prédio principal é uma imensa hospedaria estilo cabana de madeira com vários chalés de luxo em volta. Pinheiros altos cobrem o terreno, e o ar é tão fresco que parece que nunca estive ao ar livre antes. A região de L.A. é notoriamente poluída, espremida entre as montanhas e o mar e, embora esteja muito melhor do que quando eu era criança, ainda é fácil esquecer a sensação de respirar um ar verdadeiramente puro.

Sinto-me muito otimista quando saímos das *limousines*, fechando os olhos

com o brilho do sol. A camada de neve está fina este ano, mas pelo menos está lá. Mesmo que todo o resto do fim de semana seja terrível, o lugar é bonito e promete muito álcool.

Brad nos para na frente da entrada, decorada com franjas douradas e um tapete vermelho impecável que vai da calçada até o amplo saguão.

– Bem-vindos ao Sétimo Retiro Anual do Departamento de Cinema da P&D.

Nós aplaudimos educadamente: o aplauso mais constrangedor que já testemunhamos.

– Obrigado por virem neste fim de semana – ele continua. – Quero agradecer a cada um por seu comprometimento com a agência e sua dedicação contínua. Desnecessário dizer, foi um ano interessante.

Uma risadinha passa pelo grupo.

– É o eufemismo da década, certo? – ele acrescenta, olhando para o grupo de agentes e funcionários reunidos. – Mas nada disso importa, porque isso aqui... Isso é que vale: ver minha equipe reunida, pronta para mostrar ao mundo como se faz as coisas. Agora mais do que nunca precisamos de talentos que possam fazer tudo – TV, Cinema, mídia – e eles precisam de uma equipe que possa fazer tudo também. É por isso que vocês todos estão aqui, juntos, onde podem aprender a incentivar uns aos outros e serem invencíveis. Como fazemos isso?

– Como uma equipe – alguém diz, e Brad concorda.

– É isso mesmo. Não como duas companhias diferentes, mas como uma equipe. – Brad para de falar e olha em volta antes de fazer sinal para que eu vá para a frente do grupo. – Agora, venha até aqui, Evie. Você fez um ótimo trabalho planejando esse evento. Diga-nos o que podemos esperar para hoje à noite. Nos fascine.

Carter olha para mim, franzindo as sobrancelhas.

– Teremos um jantar de boas-vindas no restaurante – digo a eles, olhando para o relógio – em cerca de quarenta e cinco minutos. Isso deve dar tempo para todos deixarem suas coisas e se organizarem. A diversão mesmo começa amanhã às dez.

Ao meu lado, Brad balança a cabeça, entusiasmado.

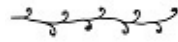
– Mal posso esperar. Acho que vocês estão ansiosos para começar! Vamos fazer o check-in, turma.

Meus olhos encontram os de Carter. Sua expressão está sisuda, sua boca demonstra desaprovação.

Brad me dá um tapinha nas costas, empurrando-me em direção à porta do hotel.

– Vá na frente, garota.

Pelo fogo dos infernos, esse fim de semana vai ser uma tortura.



Quando nos dividimos, com as chaves dos quartos nas mãos, agi como uma agente da CIA pela forma como observei escondida a direção em que Carter foi (e também a direção que Kylie tomou, celebrando internamente quando eles viraram para direções opostas).

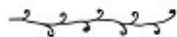
Puxo minha mala de rodinhas até o 207, algumas portas distante de Rose. O quarto é lindo, com uma cama enorme no meio do cômodo espaçoso e uma vista do lago de tirar o fôlego atrás da varanda ampla. Mentalmente, cumprimento Kylie por conseguir um preço tão bom lugar e saio na varanda para olhar melhor a vista.

Nunca esfria o suficiente para que o lago congele, então a água azul se derrama suavemente sobre as pedras cobertas de gelo na margem. As árvores são de um verde brilhante salpicado de branco e, por apenas um momento, respiro profundamente e me sinto absolutamente feliz de estar aqui.

Sabendo que tenho alguns minutos, volto para dentro e tiro da bolsa as pastas que Jess me entregou. Os registros de Jess são normalmente impecáveis, mas entendo o que ela disse sobre os fornecedores do retiro: não me lembro da maioria deles. Estou enviando uma mensagem para ela verificar alguns dos nomes com Kylie quando meu telefone vibra sobre a mesa com uma mensagem para mim – e apenas para mim – de Brad:

Por favor,
chegue cedo ao
restaurante do
hotel para
garantir que
tudo esteja em
ordem.

Respiro fundo três vezes pensando “Que diabos está acontecendo com Brad?”. Depois pego minha bolsa e minhas chaves e desço para o restaurante.



No fim das contas, o jantar é uma delícia. Ou pelo menos depois de Brad agradecer a todos novamente por terem vindo e me pedir para ir à frente do grupo explicar o cardápio da noite. Eu me levanto da cadeira, mas a tensão na minha coluna por ser tratada como sua assistente – ou como uma coordenadora de eventos – lentamente vai se intensificando.

– Fico feliz em explicar o cardápio – Carter interrompe, começando a levantar. Brad balança a cabeça.

– Deixe que Evie o faça.

Ouçõ a mensagem de Brad em alto e bom som: “Você é meu fantoche. Você vai fazer isso se quiser o emprego na segunda-feira”.

Lentamente, Carter se senta, com o rosto vermelho. Sorrio para ele, agradecida por sua tentativa, e recito o básico. Salada. Carne. Batatas. Vagem. Na realidade não é nada que precise de explicação. Carter foi inteligente em insistir que escolhêssemos algo *tradicional* dentro do nosso orçamento limitado, sabendo que eles provavelmente preparariam muito bem no hotel. Também selecionamos um vinho branco e um tinto, e acabamos com os dois antes de terminarmos a salada.

Ainda bem que dá para comprar bebidas no bar, certo?

Garfos e facas tilintam na porcelana enquanto todos comem. Estamos numas mesas longas no centro de uma sala privativa cavernosa, mas não posso aceitar a culpa pela estranheza disso, já que estava na lista de pedidos de Brad que jantássemos aqui, juntos. Como uma *equipe*.

O fogo crepita num lareira de pedra tão enorme que eu poderia provavelmente ficar em pé lá dentro, e há sete garçons andando timidamente pela sala, esperando ser úteis de alguma forma, mas sem perguntar com muita frequência. É o Efeito Brad Kingman. Você nem precisa saber quem ele é para ficar com um leve medo dele.

Carter está sentado à minha esquerda. É estranho estar numa sala cheia de pessoas e sons e ainda assim estar tão consciente da presença dele. Seu braço roça no meu quando ele corta seu filé, quando ele pega o vinho, quando ele ajeita seu guardanapo no colo. Será que está *tentando* me tocar? Quanto mais vinho tomo, mais meu cérebro grita SIM! para essa pergunta, e eu começo a retribuir um pouco, inclinando-me na sua direção, deixando o braço esquerdo sobre a mesa para que ele tenha um acesso mais fácil.

Coisa sutil. Sou uma ninja da sedução.

Estou tão concentrada no que Carter está fazendo e dizendo e no perfume incrível dele que fico surpresa quando alguns dos garçons começam a retirar os pratos e percebo que mal toquei no meu.

A festa se transfere para o pátio externo, onde lâmpadas de aquecimento brilham em cada um dos cantos e varais cheios de lanternas de papel formam uma moldura para a vista do lago.

Brad raramente relaxa o suficiente para ficar bêbado nessas situações, mas quando ele faz isso se torna uma dessas pessoas intoxicadas que parecem ter um botão de volume ligado no braço que segura o copo. Às dez da noite, a maior parte do grupo já está bem bêbada, mas Brad não está só bêbado, ele está ligado num alto-falante.

Não me entenda mal; poucas pessoas têm melhores histórias nesse ramo do que Brad Kingman e, sóbrio, ele é tão fechado quanto um túmulo selado há duzentos anos, então estamos todos – até os que o odeiam – muito entretidos. Essa noite ele está mesmo a todo vapor.

Alguns pontos altos:

Sua mulher pagou a faculdade fazendo striptease. (Tenho certeza de que Maxine, *executiva de um estúdio*, ficará feliz da vida por ele ter contado isso.)

Ele viu uma das atrizes mais famosas da história do cinema (cinco Oscars, para ser exata) “cheirando uma carreira na bunda de uma prostituta em Vegas”.

A primeira vez que ele encontrou um dos mais poderosos produtores do setor o cara estava tão drogado que dormiu sobre a salada, acordou e fingiu que nada tinha acontecido. Ele terminou a reunião com cenoura ralada no cabelo e molho francês no lado esquerdo do rosto. O filme que eles estavam discutindo acabou ganhando quatro Oscars e dois Globos de Ouro, e fez quase um bilhão de dólares no mundo todo.

Depois de mais algumas histórias, já é meia-noite, o bar externo fechou e minha taça de vinho está vazia. Um garçom que estava passando me oferece para enchê-la, mas é uma desculpa perfeita para perambular até o bar de dentro, onde está mais quente e tranquilo, e ficar alguns minutos sozinha.

O *bartender* chega e se debruça no bar atenciosamente.

– O que vai ser, linda?

– Qualquer que seja seu melhor vinho tinto – respondo, lendo seu crachá. Woody. – Eu estava bebendo pinot lá fora, mas acho que ele acabou já faz um tempo.

Woody sorri, revelando seus dentes superiores perfeitamente brancos e alinhados... com um deles faltando. É um paradoxo tão estranho, fico

instantaneamente *fascinada*. Será que ele foi arrancado? Se sim, por quê? Como um dente poderia estar tão ruim se os outros são perfeitos?

Essas são as coisas que ocupam espaço no cérebro quando ele deveria ser usado para pensar em respostas rápidas quando Brad me chama de garota ou insiste que trabalhar em equipe significa que eu passe minha comissão para outra pessoa.

– Vou te dar um Ravenswood, então – ele diz, batendo os nós dos dedos no bar. – Não temos muita escolha, mas esse é bem decente.

Enquanto Woody vai pegar a garrafa e eu me inclino mais sobre o balcão, perguntando-me por um momento se posso simplesmente deitar a cabeça aqui e tirar um cochilo.

Ah, como vinho me dá sono.

E me deixa apaixonada, aparentemente, porque hoje à noite Carter está muito...

– Como está indo por aqui?

Endireitando-me, olho para trás enquanto o próprio se aproxima e puxa a banqueta ao lado da minha.

É uma luta manter embriagada minha atenção focada em seu rosto e não olhar para seu colarinho aberto.

– Estou exausta. E bêbada. Só quero ir para a cama.

– Eu também. – Olhando para a porta pela qual acabou de entrar, ele acrescenta: – Mas temo que eles estejam apenas começando.

Quando vejo estou me apoiando nele, rindo sobre seu ombro. Deus, como ele cheira bem.

– Criançada maluca. Acho que não podemos simplesmente desaparecer. Já que somos os anfitriões e tudo mais.

Ele ri.

– Como diabos nos metemos nessa?

– Não faço ideia.

Ele olha para baixo, deslizando a ponta do indicador para a frente e para trás no desenho da madeira do balcão.

– Brad ainda a está tratando como assistente dele.

– Eu sei. – E mordo o lábio, olhando para o lado.

– Evie – ele diz. – Sinto muito. Eu contribuí ignorando. Não quero mais fazer isso.

Suas palavras fazem minha traqueia se contrair, meus pensamentos se tornam defensivos.

Está tudo bem.

Você é novo nisso, Carter.

Eu lido com Brad há anos, conheço seu jogo.

Pare de bobagem, Evie.

Deixando transparecer um pouco de vulnerabilidade, admito:

– Isso sempre me deixa irritada, mas agora está me deixando ansiosa. Tenho essa estranha impressão, no fundo, essa preocupação persistente de que ele está de fato tentando se livrar de mim.

Ele assente.

– Entendo. Entendo, e não sei o que fazer.

Meu peito dói.

– Odeio me sentir impotente.

Eu não esperava que *este* fosse o nosso momento de sedução. Nos filmes, essas admissões ou deixam as pessoas mais abertas ou mais fechadas ainda, mas raramente causam um grande impacto quando são ditas com a tranquilidade que eu disse.

Mas de certa forma, isso acontece.

Carter se aproxima, acaricia meu rosto e então se inclina, beijando-me da forma que eu vinha sonhando sem parar desde aquela noite no meu apartamento. É diferente dos beijos frenéticos no estúdio de som, tempestuosos e apressados. Aqueles pareciam traições secretas e quase violentas do nosso bom senso.

Mas esse. É uma sequência de beijos e selinhos, pequenos trechos de diálogo. Eles vão desde “Sinto muito” até “O que estamos fazendo e como podemos fazer isso a noite inteira” e eu nem percebo quando Woody tem de colocar minha bebida sobre o bar porque Carter está pressionando minhas costas contra ele.

Mas *percebo* quando Carter se afasta para lhe dar uma nota de vinte.

Levanto a mão e toco meus lábios, como se guardasse a sensação ali.

– Você não precisa pagar meu vinho.

– Estou interessado em acertar essa conta para podermos ir embora.

– Eu achava que não poderíamos sair da nossa festa.

– Foda-se essa festa.

A risadinha que escapa de mim é aguda, de garota, e muito excitada com a perspectiva de irmos embora juntos.

– O que você disse? – pergunto, fingindo-me escandalizada.

– Você me ouviu.

Gritos de embriaguez chegam até nós vindos de fora, seguidos por um inequívoco ruído de água.

– Vamos nadar pelados! – Kylie grita, e ao fundo se ouve um coro de homens comemorando.

Carter ainda está olhando para minha boca.

– Oi.

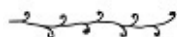
– Oi.

De repente ele fica sério.

– Tenho duas camas de casal no meu quarto.

Meus olhos brilham, meu sorriso se amplia.

– Bom, isso não é nada. Porque eu tenho uma cama *king size*.



Tropeçamos ao entrar pela porta, rindo e sem fôlego por termos corrido à lojinha de presentes do hotel para comprar camisinha e dado dinheiro demais para a adolescente confusa que trabalhava no turno da noite. Sinto que estou cheia de bolhinhas ou estrelas brilhantes: dentro de mim, tudo está vivo.

De certa forma, apesar de já fazer alguns meses e de todos os jogos que fizemos um com o outro, não há nenhuma estranheza. Somos só nós dois, sorrindo enquanto nos beijamos, tirando as roupas com o conforto de um casal de longa data e a excitação de dois virgens. Eu juro que seu corpo é inacreditável e não consigo parar de tocá-lo, memorizando-o como se minhas mãos o escaneassem para uma base de dados de memória. Dou permissão ao meu cérebro para passar por cima de qualquer coisa que quiser – tire minha capacidade de andar de bicicleta ou fazer crochê –; as planícies e reentrâncias do abdômen de Carter são muito mais importantes.

– Estamos indo muito rápido? – ele pergunta, mas não para enquanto joga meu sutiã para trás.

Dou risada.

– De jeito nenhum.

Ele me leva para o meio do quarto e então estou deitada, com os lençóis frios nas minhas costas e o peso de Carter sobre mim.

Ele desce meu pescoço aos beijos.

– Podemos ser amigos agora?

A sensação dos seus lábios contra minha pele faz com que seja difícil formar palavras, mas engulo seco e faço o possível para me concentrar.

– É isso que você quer? – pergunto. Uma pergunta que poderia ser levada mais a sério se o seu cinto não estivesse aberto, com a fivela de metal

balançando no espaço entre nós. – Amigos?

– Sim – ele diz, mordiscando o meu colo. – E não. – Ele se afasta e olha para mim. – Isso faz sentido?

– Acho que sim. – Termino de desabotoar sua calça e a puxo para baixo de seus quadris, sorrindo quando o ar frio deixa um rastro de arrepio pela sua pele. Ele chuta a calça para tirá-la e então são pernas nuas contra pernas nuas, torso nu contra torso nu.

Ele diz alguma outra coisa, mas o significado de suas palavras se perde enquanto ele beija meu ombro e depois meus seios, movendo-se mais para baixo. Arqueio as costas quando ele coloca meu mamilo na boca, e o som que faço me surpreende.

Caramba. Por que perdemos tanto tempo?

Penso brevemente que precisamos ser discretos, que eventualmente Rose estará a duas portas da minha ou que alguém que conhecemos pode estar no quarto ao lado, mas mal consigo ouvir os gritos do pessoal nadando pelado, e o lago fica *bem embaixo*.

Estamos numa fortaleza.

A boca de Carter está por toda parte: ele cultua meus seios, chupando um mamilo enquanto acaricia o outro com os dedos. Seus olhos encaram meu corpo sedentos, sustentando meu olhar enquanto se move mais para baixo, e mais para baixo ainda, puxando minha calcinha e finalmente se acomodando entre minhas pernas. Ele se inclina para a frente, primeiro hesitante, e depois ávido, como se eu fosse a coisa mais doce que ele já provou. Sinto sua respiração e seus sons quando ele pressiona os lábios contra minha pele e eu quero que ele os empurre mais fundo para que eu os sinta vibrando pela coluna, irradiando calor pelas costelas. Eu me sinto vazia; pode ser até que eu diga isso em voz alta, porque seus dedos acompanham seus beijos e depois entram profundamente em mim.

O mundo lá fora parece parar. A ideia de um retiro acontecendo parece quase comicamente surreal. Tudo se resume à pressão insistente de sua língua. O calor se enrola como se fosse uma fita em volta da minha coluna e eu puxo seu cabelo, arqueio meu corpo na direção do seu toque, e tento dizer para ele que estou perto, tão, tão perto.

– Carter – gemo, agarrando-o de novo, e, ah, meu Deus, eu estou quase... gozando... tão alto e, caramba, não entendo por que deixamos de fazer isso. Nenhum emprego vale isso.

Sinto o ar frio contra a minha pele e depois Carter lá, beijando-me como se eu fosse oxigênio. Seus lábios têm o meu gosto e isso me faz desejá-lo ainda mais,

se é que é possível.

Ele alcança a embalagem no criado-mudo, apalpando-a e abrindo-a sem enxergar, enquanto me beija com os olhos docemente fechados.

Não consigo fechar os olhos por um segundo, no entanto. Não estou disposta a perder os detalhes que sei que vou relembrar amanhã. A curva do seu ombro, o jeito que seu braço se flexiona quando ele o estende entre nós dois, colocando a camisinha antes de se deitar sobre mim.

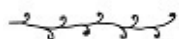
O alívio deixa sua expressão impassível por um segundo enquanto ele me penetra. Mas então meus pensamentos se apagam. Não consigo pensar em nada exceto em senti-lo entrando em mim. Seria difícil lembrar meu próprio nome.

Olho para ele, que está com a cabeça inclinada para trás, concentrando-me em seu pescoço e sua garganta, em como seu pomo de Adão se move quando ele engole.

Ele me cobre completamente, cotovelos plantados acima dos meus ombros enquanto olha para mim, a boca aberta e a respiração escapando em pequenas estocadas. Ele se mexe e se mexe, com os dedos da mão deslizando para baixo, beliscando meus quadris, o torso estendido acima de mim enquanto ele se move mais rápido e com mais força e, caramba, é tão bom que me pergunto se posso mantê-lo ali mesmo o fim de semana inteiro.

Nossos corpos movem-se juntos, a pele molhada de suor e já vermelha por causa do esforço físico. Meus músculos se tensionam e relaxam, minha perna escorrega do seu quadril, e ele segura a parte de trás do meu joelho, quase me dobrando ao meio com a força que usa para penetrar meu corpo.

Não reconheço minha própria voz quando ela sai aguda e surpresa, ecoando no quarto silencioso. O som o deixa ainda mais duro, mais selvagem e frenético e, quando finalmente me derreto debaixo dele – sentindo um prazer tão forte que me pega de surpresa, fazendo-me abrir as pernas, com os joelhos ao lado de suas costelas –, ele fica febril: quadris e braços se mexendo, as mãos puxando-me na sua direção, penetrando-me mais fundo. Eu me agarro nele, ofegando quente agarrando seu ombro enquanto ele diz meu nome, sim, por favor, e então estamos gozando juntos, quase incapazes de recuperar o fôlego. Eu me pergunto se um dia vou recuperar o fôlego.



Com o rosto no meu pescoço, Carter geme ao gozar, as costas tremendo sob minhas mãos.

Ele tenta se mover e solta o ar num assovio antes de trazer a boca ao meu ouvido.

– Meu Deus.

Solto um murmúrio, concordando, incapaz de completar a conexão entre meu cérebro e a boca.

– Acho que acabei de ver Deus.

Eu dou risada. Não quero que ele se mova um centímetro. Minhas pernas envolvem as dele, enroscando-se e entrelaçando-se, e ele me enche de beijos ofegantes em meio a sorrisos. Minhas pernas são lisas, as dele, cobertas de pelos macios, e a sensação delas roçando, o calor dele, pesado e duro de novo entre nossos corpos, reanima algo dentro de mim, despertando uma vontade desesperada por mais.

Seus olhos parecem quase iluminados quando ele se afasta um pouco. – Já volto.

– Não vá.

Ele ri, beijando a ponta do meu nariz.

– Preciso me livrar disso.

Ah. Camisinha.

Com um gemidinho de protesto, deixo-o sair da cama. Ele atravessa o quarto. Seu corpo é um estudo de sombras e formas: linhas retas contornam o músculo ao longo de sua coluna, há triângulos nos seus ombros, seu traseiro é uma curva acentuada.

Observo seus ombros enquanto ele está de costas para mim, quando pega um lenço de papel de uma caixa na pia e joga o lixo no cesto.

Sob a luz suave, vejo-o hesitante, respirando fundo.

Carter se endireita e se vira. A frente do meu corpo está fria após tê-lo perdido, e a isso se junta um tremor de ansiedade e medo de que ele se afaste, coloque a cabeça no lugar, recobre o juízo.

– Você está dolorida?

Se estou alguma coisa, é faminta. Minha voz sai rouca:

– Não.

Ele espreme os olhos, parecendo estudar-me à distância.

– Você está com medo?

Ainda sinto que não consigo recobrar o fôlego, e me dou conta, em meio a essa explosão de consciência, do que acabamos de fazer e de quanto quero que ele volte para a cama comigo.

– Não do jeito que você está pensando.

Ele dá um passo para a frente e para, olhando para mim.

– Você está com medo? – pergunto.

– Um pouco. – Ele estende a mão para cima e coça a nuca, enquanto meu estômago se dissolve dentro do meu corpo. Mas então ele acrescenta: – Eu preciso...

Mais hesitação. Meus pulmões estão queimando.

– Eu pensei bastante nisso – ele diz –, em você. Estou apaixonado por você, Evie. Você finalmente está aqui comigo. Não quero dormir.

Eu me sento na cama, consciente de que ele pode me ver melhor com a luz da lua que entra pela janela atrás dele. O lençol cai e fico de joelhos.

Ouçó sua respiração, mas não preciso dizer para ele voltar para cama, está tudo bem, nós estamos juntos. Ele diminui a distância entre nós, sua pele macia deslizando sobre a minha quando ele me deita na cama, debaixo dele de novo.

❖❖❖❖ capítulo vinte e dois ❖❖❖❖

Carter

Acordo com os lençóis me arranhando, um teto estranho, e o tipo de escuridão artificial que só vem de cortinas grossas. Há movimento ao meu lado e, por um momento de horror, eu me lembro de Kylie, com seus lábios cheios de brilho e sua falta de noção de espaço pessoal, e meu coração quase para, voltando a bater só quando vejo Evie dormindo ao meu lado.

Um choque percorre meu corpo quando penso em como chegamos aqui, como beijá-la era como me afogar e nunca mais querer voltar à superfície.

Evie parece suave assim. Talvez *suave* não seja exatamente a palavra, mas há uma tranquilidade que nunca vi nela antes, como se suas defesas não estivessem em pé e eu pudesse tocar sua pele e atravessá-la direto até seus ossos.

Ela está tão perto – nossos narizes quase se encostam – e posso ver cada cílio, contar cada pequena sarda. Ela também está nua, o que me deixa muito feliz, mas então fico com medo de como ela vai reagir quando acordar e ver que eu também estou nu.

Será que ainda seremos amigos hoje?

Ela me ouviu dizer que estava apaixonado por ela?

Uma parte de mim quer ter mais medo do que tenho. Seria mais fácil se recobrássemos o juízo e considerássemos isso um momento de diversão e um lapso louco do bom senso. Mas meu cérebro e meu corpo são uma frente unida nessa coisa de estar *apaixonado por Evie*. O lençol está na parte de baixo de suas costas, seus cabelos castanhos estão emaranhados sobre o travesseiro. Acho que transamos quatro vezes na noite passada. Estendo as pernas, aperto meu abdômen. *Parece* que fizemos sexo vinte vezes na noite passada.

Estendo a mão e passo o dedo sobre a sua, enfiada debaixo do queixo, subindo pelo seu braço, e ela começa a se mexer.

De repente percebo que não faço ideia do que vou dizer e fecho os olhos, controlando a respiração para que ela pense que ainda estou dormindo. Alguns momentos de silêncio se passam antes que a curiosidade tome conta de mim. Eu

me sinto ridículo; sou um homem adulto fingindo estar dormindo para evitar uma conversa adulta. Um sorriso começa a se formar na minha boca e eu me arrisco a espiar, e nós dois caímos na risada quando percebemos que o outro está fazendo a mesma coisa.

Com a mão no meu rosto, ela me empurra de leve.

– Você é um idiota.

Meu peito se aquece.

– *Eu* sou o idiota? Você viu o seu cabelo?

Estendo a mão para alisá-lo e ela dá risada, tentando escapar.

– E você viu o seu? – ela pergunta, sorrindo.

Faço uma pausa, sério por um momento.

– Ainda está com medo?

Ela brinca com o lábio e hesita antes de responder.

– Um pouco. E você?

Eu digo a verdade:

– Um pouco.

– Você quer parar com... o que quer que seja isso?

Eu me inclino para a frente e dou um beijo no canto de sua boca antes de olhá-la nos olhos.

– Não...

– Tudo bem – ela diz, olhando para os meus lábios. – Você quer evitar discutir isso e transar de novo?

Eu me movo até ficar suspenso sobre ela, maravilhado com quanto do corpo dela posso cobrir com o meu. Olho para baixo, entre nós, onde suas pernas prendem meus quadris. Movo-me para a frente, numa tentativa, e sinto que escorrego fácil pela sua pele, macia e já molhada.

Ela geme suavemente e eu reconheço esse som. Eu me lembro de como ele ecoou pelo quarto.

Suas mãos se movem pelo meu corpo, as unhas arranhando minhas costelas, meus mamilos e ombros. Com uma mão na minha nuca, ela me puxa para baixo e então não há mais nada entre nós, nem mesmo ar.

Por um momento acho que podemos gozar assim, dois corpos movendo-se colados na velocidade certa, no lugar certo, como fizemos aquela noite no apartamento dela. Mas não é isso que eu quero.

Evie deve querer a mesma coisa porque seu braço já está esticado para o lado, os dedos mexendo na embalagem de camisinha que eu joguei lá em algum momento da noite.

Meus olhos quase ficam vesgos quando ela coloca a camisinha em mim, e olho para ela com reprovação, afastando sua mão. Não há como esperar depois disso. O lençol acaba por cima de nossas cabeças, como uma tenda branca. Meu coração está acelerado e ela rola por cima de mim, montando nos meus quadris, colocando-me para dentro e fazendo movimentos curtos, parando e se mexendo, até que ela encontra a posição certa onde precisa ficar.

Suas palmas pressionam meu peito enquanto ela se movimenta para a frente e para trás, sem parar, e é tão gostoso que coloco as mãos nos seus quadris para me distrair, alinhando os polegares com o contorno suave do seu umbigo. Eu me movimento para cima e para dentro dela, cada vez mais forte, e sua boca se abre, a cabeceira da cama batendo na parede e as molas rangendo sob nós dois. Seus olhos estão fechados, a boca parcialmente aberta, e eu me pergunto por que raios esperamos tanto tempo por isso, como conseguimos deixar tudo nos atrapalhar, porque *isso* – caramba –, nada se compara a isso.

Ela gira os quadris novamente, fazendo um pequeno círculo apertado, e xinga, com os dedos movendo-se entre as pernas num movimento experiente.

– Você vai me foder? – pergunto num sussurro com água na boca olhando seus mamilos ainda mais duros.

Sua resposta vem sem palavras, na forma de um gemido suave que se perde em meio aos meus próprios grunhidos quando ela desce com mais força, colocando-me mais para dentro dela. Tudo o que posso fazer é olhá-la, inclinando-me junto com seus movimentos e sentindo os músculos do meu abdômen contraírem e a pressão crescer.

Seu cabelo está molhado na testa e nas pontas onduladas ao longo da curva do seu seio, e acho que ela também está quase lá, seus movimentos vão ficando mais rápidos, num ritmo frenético.

– Sim? – digo, colocando meus dedos perto dos seus e fazendo círculos.

– Isso... – ela começa a dizer quando há uma batida na porta, seguida de um arranhar frenético.

Nossos olhares se encontram, corpos imediatamente congelados, nenhum de nós respira.

– Ah, meu Deus! Será que tranquei a porta ontem à noite? – ela sussurra. – O serviço de quarto...

Mas não é o serviço de quarto, é um milhão de vezes pior, porque depois de mais uma batida e mais alguns arranhões, ouvimos a voz de Brad.

Brad, nosso chefe, do outro lado da porta.

– Evie? – ele chama e bate de novo.

Nunca me movimenterei tão rápido na vida. É uma confusão de braços e pernas, lençóis e travesseiros. Evie enfia uma camiseta e calças de moletom numa velocidade que não parece ser humana. Ainda estou nu, com a camisinha, e ainda muito *duro* quando ela começa a me levar na direção do armário.

– Um segundo! – ela grita. E então sussurra: – Vou me livrar dele. Fique aqui e não se mexa.

Seu rosto está vermelho, bochechas com um leve brilho de suor. Não há como ele não saber o que ela estava fazendo.

Levanto a mão para protestar, mas ela fecha a porta, comigo lá dentro. *Merda*.

Não consigo ver nada além de uma faixa de luz no centro. Tudo bem, isso é um pouco assustador, mas eu sou otimista, então vou ver isso não como “É por ali que Brad poderia me ver pelado”, mas sim como “É dali que vem todo o oxigênio”.

Dizem que quando alguém perde um sentido, todos os outros ficam acentuados. Deve ser verdade, porque consigo não só sentir o cheiro do perfume de Evie quando ela o borrifa no quarto – boa ideia, aliás – como também posso ouvir seus passos quando ela vai até a porta, o som da fechadura se abrindo, e consigo quase sentir Brad ali, a menos de dois metros de onde estou escondido.

– Brad, oi. – Evie limpa a garganta. – Desculpe, eu estava me vestindo. São... – Há uma pausa e eu imagino-a checando o relógio e dando-lhe seu melhor sorriso passivo-agressivo. – Uau, não são nem sete horas. O que posso fazer por você?

Há uma espécie de tumulto e então Brad grita:

– Bear, volte aqui.

– Você trouxe seu cachorro? – diz Evie, e eu seguro um suspiro. Brad tem um dogue alemão praticamente do tamanho de um cavalo e, se ele conseguiu escapar de Brad e entrar no quarto, quem sabe o que encontrará... Eu. Fico assustado por imaginá-lo arrombando essas portas embutidas baratas e arrastando minha bunda pelada pelo quarto.

– Maxine o trouxe ontem à noite. *Bear* – ele grita de novo, mas parece no mínimo ineficaz. – Ele vai ficar bem – ele diz num tom mais baixo para Evie –, só está farejando por aí. Agora, quero te perguntar sobre a agenda hoje. O que você planejou?

Mal consigo ouvir Evie falando sobre a programação e, embora eu quisesse ficar furioso pelo jeito que ele está falando com ela, há uma questão mais premente. Bear obviamente descobriu que há alguma coisa errada com esse armário e está farejando em volta, seu focinho e olhos pretos tampando minha

abertura de oxigênio.

Estou silenciosamente tentando espantar Bear, quando ele encontra algo mais interessante e se afasta. Sem a nuvem de bafo de cachorro e os sons de sua respiração ofegante ecoando pelo armário, posso finalmente entender partes da conversa de novo.

– Acho que não entendo muito bem por que você está me perguntando – Evie está dizendo. – A coordenadora de eventos montou a maior parte da agenda; nós só demos o O.K. para tudo e escolhemos entre carne e peixe. Preciso ser honesta... – Ela faz uma pausa. – Brad, o que ele está fazendo? Ele está no lixo.

– Bear, venha já aqui! – Brad grita e bate palmas. – O que você está comendo? – Pelo tintilar da coleira, acho que Bear correu de volta para Brad. Ele continua: – Também queria falar com você sobre sua assistente – ele diz.

– Jess?

– Por que você pediu para ela mandar um e-mail para Kylie sobre os fornecedores? Kylie não tem tempo para coisas desse tipo e, francamente, você também não.

– Pedi para ela verificar alguns dos...

– Você parece esquecer que eu sou o chefe e estabeleço as regras aqui. Envie todas as faturas e recibos para Kylie, para quem eles deveriam ter ido antes de mais nada. Deleguei esse evento para você e é com isso que deveria estar se preocupando. Não...

– Carter – ela interrompe, e eu paro de respirar. Qualquer resto de ereção que eu ainda tinha já não é mais um problema.

– Você delegou esse evento para *Carter* e eu. E ainda assim sou a única que você parece responsabilizar. Percebe que nada disso é minha atribuição?

Há uma longa pausa e eu fico com medo de me mexer, medo de piscar, perguntando-me se meu pulso acelerado é audível do outro lado do armário.

– Você não ouviu nada que eu disse ontem à noite, Evie? – Brad diz, com a voz tranquila. – Sobre trabalharmos juntos? Sobre todos nós sermos uma equipe?

– Ouvi cada palavra.

– Então talvez devesse fazer um favor a si mesma e pensar no significado disso. Você não tem direito a mais nenhum fracasso.

– E quais *foram* os meus fracassos? – ela pergunta, claramente com a paciência se esgotando. – *Dia de campo* foi há dois anos, e havia cerca de quinze produtores também envolvidos. Eu trouxe mais dinheiro do que qualquer outro agente esse ano, homem ou mulher.

– Usando o argumento de gênero, entendi – ele diz. – Você sabe o que acho

disso.

Ele deixa a frase no ar e, alguns instantes mais tarde, ouço um barulho, o som de um cachorro correndo e depois a porta se fechando, a corrente do trinco deslizando.

Evie abre a porta do armário e sinto uma lufada de ar frio e fresco no rosto.

– Graças a Deus – digo, com a mão no peito na tentativa de desacelerar meu coração. – Que diabos foi isso? Qual é o problema dele?

Sua mandíbula está tensa quando ela olha atrás de mim, para a porta fechada.

– Vou te dizer, por um momento perdi a consciência e fantasiei empurrá-lo da varanda. Apenas um empurrãozinho e ele quicaria como uma bola de tênis.

– Uau! – Eu me endireito. – Não sei o que isso diz sobre mim, mas estou mais do que apaixonado pelo seu lado malvado.

– Ele é péssimo – ela sussurra –, *péssimo*. – Andando em direção à cama, ela pega o travesseiro e o atira na parede. – Sorte nossa que não estamos nem perto disso – ela diz. – Eu carrego culpa demais para ser uma boa assassina.

– Quer dizer, tecnicamente seria a gravidade que o mataria, então você só precisaria ser muito boa em empurrar.

Ela arremessa outro travesseiro.

– Por que ele veio ao meu quarto? Será que foi ao seu primeiro?

Eu suspiro.

– Suspeito que nós dois sabemos a resposta para isso. Juro que eu teria dito alguma coisa se não estivesse pelado e...

Aponto para onde a camisinha provavelmente secou no meu pênis.

Ela se encolhe e eu vou até o banheiro, tomando um tempo para me limpar.

– É claro que ele deixou aquele cavalo de cachorro destruir meu quarto de hotel – ela continua do quarto. – Em seguida ele vai querer que eu... – Ela fica em silêncio, então solta um grito apavorado. – *Ah, meu Deus*.

Saio do banheiro e encontro Evie vendo alguma coisa no chão, com os olhos arregalados.

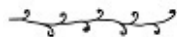
– O que foi?

Ela olha para mim.

– Quantas vezes nós transamos ontem à noite?

– Ah, aí está. – Dou risada, sorrindo com um ar de vencedor. – Acabou de se dar conta de que você dormiu com o inimigo?

– Não – ela diz, apontando para baixo. – Bear mexeu no lixo aqui. Estou tentando descobrir quantas camisinhas ele comeu.



Somos assassinos de cachorro?

Quer dizer... Tenho quase certeza de que não. Procurei no Google e, se Morgan pode engolir uma moedinha do tamanho da sua traqueia inteira com a garantia de que sairá do outro lado sem nenhum problema, Bear também ficará bem.

Eu acho.

Evie não está tão convencida e faz com que eu limpe o histórico do meu navegador no caso de alguma coisa dar errado, assim ele não poderá ser usado como prova contra nós. Tenho algum tempo até nossa primeira atividade em equipe e vou para o meu quarto tomar banho antes de pegar meu laptop para checar os e-mails. Há um do diretor criativo da sessão de fotos da *Vanity Fair* e inicialmente fico com medo de abri-lo.

Nem precisava, porque apesar da entrada arrogante de Jonah e do fato de Evie e eu quase termos perdido a cabeça sendo idiotas um com o outro antes de nos agarrarmos no estúdio de som, as fotos estão ótimas. Tão ótimas, na verdade, que eles querem contratar Jonah para outro ensaio. Meu irmão pode ser um babaca gigantesco metade do tempo, mas ele claramente tem talento.

Ainda é cedo, mas arrisco e telefono para ele. Ele atende depois de quatro toques. Ouço o som de um cortador de grama à distância, então imagino que ele está acordado e fora de casa.

Um bom sinal.

– Escute – começo, vibrando de um contentamento genuíno. – Você checkou seu e-mail? Tem provas da *Vanity Fair*, e elas estão ótimas. Além disso, eles querem você para outro trabalho.

Nada além do silêncio do outro lado da linha. Tiro o telefone do ouvido para me certificar de que não esteja desconectado.

– Você me ouviu, Jones? Eles querem você de volta.

– Eu vi – ele diz, mas fica quieto novamente.

– Você viu? É isso? Cara, era exatamente isso que nós queríamos. O que você queria, *trabalhar*. Para continuar a ter o estilo de vida de rico ao qual se acostumou.

– Mas não tenho certeza de que é o que eu quero – ele diz. – Fazer fotos de filmes.

Eu bocejo, com o olhar vagando na parede do meu quarto de hotel.

– Mas não é esse o caminho para pagar as suas contas?

– Sim, mas... Fui numa galeria outro dia, administrada pela amiga de um amigo, e algumas das coisas lá eram ótimas. Nada de moda ou coisa parecida, mas sim fotografia abstrata e retratos.

– Você está dizendo que quer voltar a fazer o tipo de trabalho que fazia na escola? – pergunto, confuso. O motivo pelo qual Jonah veio para Hollywood não foi ser uma estrela? Não posso deixar de ver essa coisa de fazer pequenas exposições de arte como um passo para trás na carreira que ele escolheu.

– Você se lembra da foto com a qual ganhei a bolsa de estudos? – ele pergunta, e eu sei exatamente de qual ele está falando porque ela ainda está pendurada na casa dos nossos pais.

– Os fios de eletricidade – respondo. – É isso que você quer fazer?

– Um pouco aqui e ali? Tipo, se eu pudesse fazer algumas sessões de foto para pagar as contas e fazer essa outra coisa paralelamente. Talvez conseguir uma exposição ou algo parecido.

Sento-me na cadeira. Essa deve ser a coisa menos Los Angeles que meu irmão disse desde que ele tinha dezoito anos.

– O que você acha? – ele insiste.

Volto à conversa e percebo que ainda não disse nada.

– Sim, Jones. Se acha que é isso que vai te fazer feliz então você deve fazer, com certeza. E se puder fazer as duas coisas e ainda ganhar dinheiro, bem, é ainda melhor. Acho que o que estou dizendo é que você tem essa opção com a *Vanity Fair*.

– Sim.

– Vai dar tudo certo. – Meu telefone apita e eu olho para a tela. Caleb, o assessor de Dan. – Escuta, Jonah, tenho outra ligação e é importante. Posso te ligar depois?

– Sem problema. – Eu acho que ele vai desligar, mas ele fala novamente: – Ah, Carter? – Ele faz uma pausa. – Obrigado.

Então desliga.

Não tenho tempo para refletir sobre essa nova vulnerabilidade demonstrada pelo babaca do meu irmão, então atendo a outra ligação e começo a andar pelo quarto.

– Caleb, oi.

– Oi – ele diz. – Estou com Dan aqui. Você está livre?

– Com certeza.

Ouçõ barulhos enquanto ele passa o telefone para Dan.

– Carter, finalmente nos falamos.

– Dan, como você está, cara?

– Bem. Acabei de ler um roteiro horrível. – Ele ri. – São todos horríveis, sendo bem honesto.

Penso no último filme no qual vi Dan – uma superprodução de ação que se passa num navio-tanque à deriva no mar; antes ele fez o papel de um policial tentando prender um bando de traficantes de drogas – e me pergunto se os roteiros que enviaram a ele são cópias do que ele já fez. Anoto que preciso descobrir.

– O que exatamente você está procurando? – pergunto, revirando mentalmente a pilha de ótimos roteiros que Brad me enviou.

– O que estou procurando é um agente que veja quem eu sou, mas também o que posso ser. Jared Leto ganhou um Oscar por *Clube de compras Dallas*, mas também interpretou o Coringa.

– Ele também é um astro do rock – digo, e Dan dá risada. – Nada mal, pra quem pode.

– Exatamente – ele concorda. – Ninguém disse para ele que não conseguiria fazer o Coringa. Ele quis e simplesmente fez.

– Ele tem talento para isso – digo, levando-o a concluir.

– Você acha que eu não tenho?

– Não estaríamos tendo essa conversa se eu achasse isso – digo a ele. – Pelo menos como ator. Mas preciso ser honesto, Dan, você seria um péssimo astro de rock.

Ele ri de novo.

– É disso que preciso. Um agente que me consiga os papéis de que preciso, mas também os papéis que eu quero. E um que me livre das coisas que não vão funcionar.

– Não ajuda em nada eu puxar o seu saco – digo a ele. – Nenhum de nós ganha dinheiro assim.

– Você acha que é esse cara?

– Tenho certeza de que sou esse cara. Você é sua carreira, não só um papel.

– Vamos fazer isso, então – ele diz. – Preciso voltar para o set, mas Caleb pode cuidar dos detalhes. Vamos fazer uns filmes, cara!

– E ganhar alguns prêmios – concluo em resposta e posso ouvi-lo dizendo “É isso aí” enquanto passa o telefone para Caleb.

Termino a ligação e, quando desligo, não tenho muita certeza se não imaginei tudo isso.

Há algumas coisas oficiais a se fazer, mas eu sou o novo agente de Dan Printz.

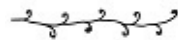
Eu.

Passo as mãos nos cabelos e ando pelo quarto antes de pegar meu celular, pronto para ligar para Evie com a boa notícia quando paro, jogando-o de novo na cama.

Não há como contar isso para Evie hoje. Ela acha que Brad está tentando se livrar dela e, depois de ouvir a discussão deles hoje de manhã, eu concordo. Não só tirei Dan Printz dela de um jeito meio duvidoso, como também estou confiante de que posso fazer coisas por ele porque tenho acesso a uma pilha de roteiros quentes que Evie nunca chegou a ler.

Pego o telefone de novo, sentindo o peso dele na minha mão e me perguntando se há algum tipo de período de tolerância para dar a notícia de um golpe possivelmente devastador na carreira da minha nova namorada.

Abro a agenda e envio a Justin uma mensagem para reservar uma hora na terça-feira, depois que eu tiver a chance de confirmar os detalhes com Dan. Melhor não apressar as coisas. Vou esperar esse fim de semana terminar, voltar para L.A. e depois falar com Evie o mais rápido possível.



Há basicamente um só objetivo em todo fim de semana de entrosamento de equipe: fazer um bando de adultos moderadamente bem-sucedidos se comportarem como idiotas por um período de quarenta e oito horas, tudo em nome das relações corporativas. Esse fim de semana não foi diferente.

Não que os jogos em si sejam bobos – na verdade, são muito divertidos –, mas é difícil imaginar de imediato sua utilidade no mundo real. Quer dizer, como é que simular lutar contra um zumbi numa sala de reuniões trancada pode me ajudar a dizer para meu colega de trabalho, de um jeito racional e calmo, que estou bravo porque ele comeu meu almoço?

Justamente, o primeiro jogo se chama Fuga Zumbi. Um “zumbi” é amarrado no centro da sala e gradualmente ganha mais espaço. Os outros integrantes da equipe têm de resolver vários desafios antes que o zumbi seja totalmente liberto. O melhor momento desse jogo em particular aconteceu quando a equipe de Evie sacrificou Ashton para conseguir mais três minutos.

A coordenadora de eventos, Libby, os parabenizou pela capacidade de resolver problemas no mundo real, mas lembrou que esse não era exatamente o espírito do jogo. Vou ser bem claro: eu teria feito a mesma coisa se a situação fosse real. Ashton é um babaca.

O próximo jogo foi o Quiz do Escritório. Fomos divididos em novas equipes e ganhamos pontos por responder às perguntas corretamente. As questões começam bem fáceis e testam nossa capacidade de observação e nossa memória: em que andar fica o banheiro compartilhado? Qual é a cor do sofá do escritório de Evie?

Estão vendo? Simples.

Mas quando o exercício se transforma num O que é, o que é?, com perguntas como: “O que é que traduz melhor a descrição: *uma hora de diversão, perfeita para a hora do almoço*”? e metade do grupo grita “Rose!”, está na hora de parar de jogar.

A resposta correta era ioga no intervalo, a propósito.

É difícil não ficar olhando para Evie depois de tudo isso, evitar ir até a equipe dela e arrumar desculpas para tocá-la. Depois do almoço todos se encontram para dar uma volta no lago, e se alguém jogasse pó em Evie para procurar minhas digitais, ela pareceria um pão doce coberto de açúcar.

A temperatura é quase congelante, e nós, bons californianos, nos enchemos de roupas de inverno compradas especificamente para essa viagem e começamos a caminhar. Corro para alcançar minha garota – *minha garota!* – e puxo sua mão para ficarmos os dois para trás do grupo.

As bochechas de Evie estão rosadas por causa do frio, e eu me aproximo o máximo que posso sem parecer que tenho algo em mente.

– O que isso quer dizer? – ela diz, sorrindo enquanto observa a distância entre nós e os outros aumentar.

Tiro uma mão do bolso e engancha meu dedo mínimo no dela.

– Só queria segurar sua mão.

– Você parece um cachorrinho – ela diz, mas segura meu dedo mesmo assim.

Falando em cachorrinho... Bear corre para cá e para lá, aproximando-se e afastando-se do grupo, enquanto andamos ao redor do lago. Num determinado momento, ele entra alegremente na água rasa e começa a se acocorar.

– Ah, meu Deus – murmuro, dando uma leve cotovelada em Evie.

Ela se vira para ver o que estou olhando e leva um pequeno susto.

Suas pernas de trás tremem, sua coluna faz uma curva esquisita e, se eu tivesse que adivinhar, diria que Bear está com algum desarranjo intestinal.

– Bear! – Brad grita, e todos desviam o olhar do cachorro fazendo cocô. – Que diabos você está fazendo? Saia já da água, está congelando!

Bear não se mexe. Ele cuidadosamente entra um pouco mais na água, curva-se um pouco mais, solta um ganido e olha para nós.

Evie olha para mim, e então nós dois nos viramos para observar, temerosos, enquanto Brad continua a gritar e Bear continua... bem, fazendo força. Todos estão na beira da água e a cena parece um acidente em câmera lenta. Ninguém parece desviar o olhar.

Solto a mão de Evie e vou até a frente do grupo, prestes a confessar e sugerir levarmos Bear para o pronto-socorro veterinário mais próximo, quando o problema parece se resolver sozinho. Bear late todo feliz e se endireita, voltando a saltar na neve.

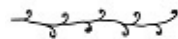
– Bem, isso foi um anticlímax – diz Kylie. – Eu achava que ele ia ter filhotes ou algo do tipo. – Todas as cabeças do grupo se viram para olhar para ela com uma mesma expressão confusa.

– Ai, meu Deus. Brad – diz Rose. – Acho que Bear está com vermes.

Todos nós olhamos porque, honestamente, nesse momento o que mais podemos fazer? Quatro coisas de um amarelo pálido flutuam na superfície da água.

E eu me encolho, virando-me para Evie bem na hora que ouço alguém dizer:

– Ah, aquilo... Espere, são *camisinhas*?



Pode-se dizer que nunca fiquei tão ansioso para o fim de uma viagem. O retiro em si foi bom – ótimo se contar as duas noites e oito camisinhas (apenas sete usadas até o fim) –, mas dizer que eu estava relaxado seria um grande eufemismo. Esse fim de semana pareceu uma espécie de teste, mas fora o Incidente da Camisinha, como decidimos chamar, e a discussão entre Brad e Evie no quarto dela, tudo pareceu ser um sucesso estrondoso.

Todos estão de malas prontas e tomando uma última xícara de café na manhã de domingo antes dos carros chegarem para nos levar de volta. O fogo está crepitando, uma fila de malas espera perto da porta, e estou contando os minutos para que Evie e eu possamos ficar sozinhos novamente. Quero ficar sozinho com ela para contar sobre Dan, sim, mas também quero conversar e digerir tudo o que aconteceu entre nós e fazer um plano para lidarmos com Brad juntos.

Evie está no telefone com os motoristas e eu estou perto da lareira, observando-a do modo mais discreto que posso. Brad e Kylie estão conversando num canto; posso ouvir alguns trechos da conversa, mas não que eu esteja prestando muita atenção. Estou basicamente pronto para ir embora.

– Não sei – diz Kylie. – Eu disse especificamente que tudo deveria ir direto

para você. – Brad concorda. – Não sei qual foi a falha de comunicação. Eu disse a eles, Brad.

– Eu sei que você disse – ele confirma, e o tom brando que usa de repente chama a minha atenção. – As pessoas têm muito o que fazer; eu cuido disso.

Só percebo que estou olhando fixamente para eles quando o olhar de Brad encontra o meu. *Merda*.

Ele dispensa Kylie, pedindo para que ela se certifique de que estão todos lá, e vem até mim.

– Carter – ele diz, com as sobrancelhas unidas enquanto olha para o resto do bar. – Você não esteve aqui no ano passado. Acha que este retiro foi um sucesso?

– Com certeza – digo a ele. – Evie merece todo crédito.

Ele se apoia na lareira e pega algumas balinhas numa tigela, colocando-as na boca.

– Não precisa defendê-la, sabe. Se ela não fez a parte dela, você pode me falar – ele diz e coloca a mão sobre meu ombro. – Eu sei que gosta dela, Carter, e eu também. Evie é uma garota ótima. Mas ela também tem uma reputação nesse ramo.

– Você quer dizer, *Dia de campo*.

– Exatamente. E eu odiaria vê-lo envolvido com qualquer coisa que pudesse estragar sua trajetória. Especialmente considerando que eu gostaria de conversar com você essa semana sobre a renovação do seu contrato.

Eu me endireito e dou um passo para trás.

– Com todo o respeito, Evie é uma das...

Sou interrompido por uma rodada de aplausos dentro do saguão. Os carros chegaram e Evie, sorridente, vem andando na nossa direção.

– Hora de ir – ela diz, com o sorriso desaparecendo ao olhar para nós. – Está tudo bem aqui?

Brad abre aquele sorriso sacana dele.

– Estávamos justamente falando sobre como foi o fim de semana.

– Ah, é? Eu acho que foi ótimo. – Ela sorri para nós com orgulho.

– Foi incrível – digo. – Estava dizendo a Brad que, sei que fizemos isso juntos, mas você realmente me impressionou liderando isso, com tudo o que tem para fazer.

Seu rosto se ilumina.

– Obrigada. – Ela olha de mim para Brad buscando alguma confirmação.

É claro, a confirmação não vem.

– Parece que é hora de ir embora – ele diz, seco. – Vejo vocês dois amanhã

cedo. Desfrutem do resto do dia.

A expressão de Evie se fecha, e eu sei que os temores dela acabaram de ser confirmados. Por qualquer que seja o motivo, Brad esperava que ela fracassasse.

De repente me ocorre que não é só porque Evie é mulher, ou qualquer outro tipo de intolerância que ele possa ter.

Quer dizer, em parte é isso. Evie não está louca ao ver toda injustiça dele. Mas Brad não está tentando se livrar de *todas* as mulheres da firma, mesmo que trate todas muito mal. Então sua implicância não é só isso.

Não. Evie sabe de alguma coisa que pode ser usada contra Brad.

A pergunta que me faço, quando olho para ela, é se ela percebe isso.

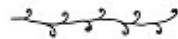
capítulo vinte e três

Evie

Eu me considero uma pessoa especialmente perceptiva, mas até mesmo um recém-nascido captaria a tensão entre Brad e eu. A manhã de segunda-feira passa sem nenhuma palavra sobre o retiro. Brad nem me cumprimenta no corredor quando nos cruzamos. E o sorriso doce de “Eu ainda gosto de você” que Kylie dá toda vez que me vê comunica mais do que o silêncio frio de Brad. Não é incomum ter relações tensas no trabalho, mesmo – e talvez especialmente – com os chefes, mas levando em conta que fiz tudo o que ele me pediu e até mais, seu comportamento é surpreendente.

Por mais que ame ser uma agente, e por mais que eu ame ter a influência e os recursos da P&D à mão, devo admitir que está ficando difícil não ligar para essas coisas.

Carter e eu trepamos a madrugada inteira de sábado, sábado de manhã, é claro, e depois na minha casa o resto do fim de semana no domingo. Isso é basicamente tudo o que consigo pensar agora. Estar bêbada de sexo certamente é melhor do que estar estressada por causa do trabalho, e eu pareço um desenho animado com um halo de estrelas girando, mas em vez de ter levado um golpe de bigorna na cabeça, fui atingida na vagina pelo pênis mágico de Carter.



Na manhã de terça-feira, Rose anuncia que vai deixar o trabalho, voltar para Iowa e abrir uma livraria. A reação de todo mundo é um “O quêêê?” contido e demorado, nem tanto porque isso é uma virada de cento e oitenta graus na carreira, mas porque nenhum de nós poderia imaginar que Rose lê livros.

Ela anuncia isso no meio do amplo corredor externo, na frente de cerca de dezesseis assistentes e estagiários que trabalham na área comum. Segue-se um coro de expressões de surpresa. Os estagiários adoram Rose porque ela conta detalhadamente todas as fofocas que sabe.

Rose leva a mão trêmula ao peito.

– Eu sei – diz ela. – Também fico triste. Vou sentir *tanta* falta de vocês.

Do outro lado do corredor, percebo a atenção de Carter no meu rosto. Nossos olhares se prendem e nos esforçamos para conter um imenso sorriso.

Isso significa um agente a menos em L.A.

Isso significa que Brad pode manter nós dois.

Desvio o olhar dele quando meu celular vibra na minha mão com um telefonema de um produtor da Sony. Atendo, virando-me e andando rapidamente para o meu escritório.

– Evie – diz a voz. – É Frank Nelson.

– Frank, que bom falar com você.

– Olha, estou indo para uma reunião, mas queria falar com você rapidinho. Tenho um roteiro que gostaria que você considerasse para Trent Vanh. Essa é uma megaprodução de Michael Bay, e já assinamos com Keira Knightley. Trent seria o ator principal, se ele quiser.

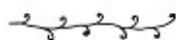
Meu coração não está galopando, está se engolindo inteiro a cada batida.

– Eu adoraria dar uma olhada – digo, com o máximo de calma que consigo. – Envie-o para mim com os detalhes da oferta e partiremos daí.

– Ótimo.

A ligação termina. Fácil. Rápida. Na hora certa.

Para mudar a vida.



– Entre – Brad diz do outro lado da pesada porta de carvalho.

Empurro a porta, com as mãos ainda trêmulas. Ele olha para mim sem piscar.

– Evie.

– Tenho ótimas notícias – digo a ele.

Ele faz sinal para que eu continue, tirando os óculos e cruzando as mãos à sua frente.

– Frank Nelson acabou de ligar e oferecer a Trent o papel principal no próximo filme de Bay.

A reação de Brad a isso é um minúsculo tremor na sobrancelha, uma curva leve no canto da boca. Seis meses atrás ele teria dado a volta na mesa e me abraçado por isso.

Mas não, tudo o que recebo é um:

– Bom. Bom.

– Ele vai enviar o roteiro e a oferta hoje.

Brad assente e finalmente oferece um sorriso minúsculo.

– Isso é bom. – Ele inspira ruidosamente, encostando-se na cadeira para me observar. – Você contou a Carter?

Meu cérebro para de repente, e sei que toda expressão desapareceu do meu rosto. O instinto me faz continuar com cautela. Será que ele me perguntou isso porque sabe que estou dormindo com Carter? Ou me perguntou isso porque Trent logo será de Carter, e eu estarei arrumando minhas coisas?

– Vim contar para você primeiro – informo. – Vou contar para ele assim que o vir.

Brad sorri.

– Ele também vai tratar de alguns negócios grandes em breve. Ele contou para você? Conseguiu o contrato com Dan Printz no sábado.

Sinto-me como Alice, caindo do outro lado do espelho. Ou como Louise, dirigindo o carro em direção ao abismo.

– Ele conseguiu?

Ele conseguiu?

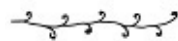
Ele conseguiu?

Por que não me contou? Eu *queria* que ele conseguisse!

Meu rosto fica quente – Deus, devo estar vermelha. Preciso sair daqui urgentemente.

Brad coloca os óculos de novo e seu sorriso é genuíno dessa vez.

– Vá dar os parabéns para ele. É um ótimo contrato para nós.



Meu corpo tem umas sete mil reações diferentes a isso, e todas elas acontecem de uma só vez. Confusão, surpresa, raiva, tristeza, preocupação, culpa, alegria e quaisquer que sejam as outras milhares – sinto-as, cada uma.

Tranco-me numa cabine do banheiro, sento-me e apoio a cabeça nas mãos.

Pense, Evie.

Tente entender tudo isso.

Por que ele não me contou?

Eu sei por que: essa situação é complicada e nossa relação saiu da Situação Crítica para o Sexo Total há poucos dias.

Será que Carter é *esse tipo de cara*? Será que sou tão cega que não vejo que ele está se dando bem um pouco antes de tomar meu emprego? Meu cérebro

grita e pressiono os punhos contra as têmporas.

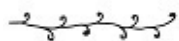
Sei que minha reação imediata é pensar que ele é um machista detestável. O triste é que eu estou certa na maior parte das vezes. Mas será que *Carter* é assim? Eu o vi no seu melhor e no seu pior. Eu o *conheço*, não?

Fecho os olhos com força, obrigando minha equipe interna de debate a se manifestar.

Será que eu teria contado para ele? Talvez, mas provavelmente não. Eu preferiria assinar o contrato primeiro. Gostaria de ter certeza de que Dan Printz seria meu, porque não importa quantos filmes de Michael Bay Trent faça, Dan Printz é o futuro. Ele é o próximo Brad Pitt, o próximo Clooney. Não é um astro pequeno, ele é o sol.

O que isso significa para mim?

Com Rose fora da jogada, quem sabe? Mas é provável que isso signifique que estou em segundo lugar em relação ao garoto de ouro, e o garoto de ouro é meu namorado. Estou bem com isso?



Carter não está em sua sala quando saio do cubículo do pânico, então fico andando dentro da minha sala, respondendo a e-mails à medida que minha mente se acalma um pouco. É apenas meio-dia e eu sei que tenho uma lista de tarefas de um quilômetro, mas não consigo me lembrar de nada que está nela, por mais que tente.

Chamo Jess e peço que ela leia e coloque em ordem de prioridade a lista monstruosa de telefonemas que preciso fazer e me concentro nisso o máximo que posso. Trabalhar ajuda a me centrar. É como afiar uma faca, podar uma sebe. Tudo parece mais ordenado depois que faço a minha parte.

Jess se apoia na moldura da porta.

– Você teve uma chance de olhar aquelas faturas do retiro de novo? Estremeço.

– Caramba! Está na minha lista hoje. Obrigada por me lembrar... Os sapatos de Carter fazem barulho no mármore quando ele sai do elevador, e de repente estou em pé, fora da minha cadeira, correndo. A risada de Jess me segue pelo corredor.

Vou correndo até Carter, segurando-o pelos braços.

– Carter.

– Oi, olhos arregalados – ele cumprimenta, rindo. Mas então sua expressão

muda, como se soubesse que eu sei, e ele levanta o queixo indicando para irmos na direção do seu escritório.

Ele fecha a porta.

– Evie...

– Eu acabei de falar com Brad – digo, sem fôlego. – Ofereceram um papel para Trent na próxima produção de Bay e ele me contou sobre Dan, e...

– Eu ia contar pra você – ele diz com urgência, e seu olhar afobado me deixa com o peito apertado. – Acabei de voltar do almoço com ele e estava vindo...

– Não estou brava – explico em voz baixa, interrompendo-o. – Eu estava. Mas me acalmei.

Carter se joga numa poltrona.

– Sei que você estava atrás dele – eu o lembro. – E, para ser honesta, eu falei para o Dave do *Vine* mandar um e-mail para você e fazer o contato.

Ele franze as sobrancelhas e engole seco.

– Você fez isso? Quando?

– Acho que na sua segunda semana aqui – digo, erguendo os ombros. – Dave achava que Dan viria para a minha lista. Só mandei ele procurar você.

Ele balança a cabeça, atordoado.

– Você não precisava fazer isso.

– A fusão tinha acabado de acontecer e você tinha levado um golpe e tanto. Eu queria vencer, mas queria que fosse uma disputa justa. Ou talvez simplesmente tenha subestimado a ameaça que você seria. Não sei. Mas estou feliz que conseguiu Dan. Acho que vocês vão se dar bem. Não estou brava por não ter me contado. Eu juro.

Ele parece se debater por alguns segundos. Então diz em voz baixa:

– Não acredito que você fez isso.

Isso me faz rir, e o surpreendo porque nunca é uma risada discreta. É uma risada explosiva da Evie.

– Como eu disse, queria vencê-lo de um jeito justo.

Ele levanta apenas uma sobrancelha para me provocar quando digo que ia vencê-lo. Meu coração dá um salto, e eu penso que Daryl estava certa. Eu *gosto* de competir com ele. Quem diria? E, meu Deus, nós estamos conversando sobre isso. Estamos interagindo como adultos, *pessoalmente*.

– Além do mais, gosto de você. Bobo.

Ele estende as mãos, encontrando meus quadris e me puxando para perto, me deixando em pé entre suas pernas.

– Só “gosta”?

– Talvez mais.

Ele resmunga um pouco, inclinando-se para beijar minha barriga sobre o vestido, e depois de novo, um pouco mais para baixo.

– Como posso fazer para *você* assinar comigo?

– Continue fazendo isso.

Enquanto ele me beija e pede desculpas de novo, deixa suas mãos deslizarem para a minha bunda, sobre minhas coxas – *lembrando*. Meus dedos encontram seus cabelos e eu fecho os olhos, virando o rosto para o teto.

Não me importo com este escritório. Não me importo com esta agência.

Eu me importo com meus clientes. Eu me importo com esse homem.

– Dan ainda não assinou o contrato, mas se comprometeu verbalmente. Ele quer trabalhar comigo. – Carter hesita. – Quer que eu seja seu assessor além de agente. Você sabe que legalmente não posso fazer as duas coisas. Caleb quer voltar para Nova York. Preciso descobrir como isso poderia funcionar.

Concordo com a cabeça, mas ele não vê. Meu silêncio não parece incomodá-lo. Ele me envolve completamente com seus braços, apertando-me e pressionando o rosto contra o meu corpo. Mas então parece se lembrar de alguma coisa e se afasta, olhando para mim.

– Se você não estava brava, por que estava com uma cara de pânico quando entrei?

Tento dar um sorriso, mas ele sai um pouco desconcertado, então desisto e dou de ombros.

– Só estou com a sensação de que não vou ficar aqui por muito mais tempo.

Ele observa meu rosto em silêncio por alguns segundos.

– Alguma coisa está acontecendo com Brad. Com você, quero dizer.

Eu dou risada.

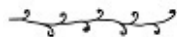
– Você acha?

– Não, sério. – Carter se encosta na cadeira e olha para a porta para se certificar de que está bem fechada. – Estive pensando nisso o fim de semana inteiro. Por que ele implica com *você*, especificamente? Um mundo de interrogações naquela única pergunta. Dou de ombros.

– Você sabe alguma coisa sobre ele? – ele me pergunta.

– Sei de um monte de coisinhas – respondo. – Nenhuma merda muito grande. Nada que eu contaria para ninguém.

– E ele sabe disso. – Ele se inclina, esfregando a mão no rosto. – Simplesmente não faz sentido.



Como Carter é obviamente o namorado mais incrível de todos os tempos, ele me leva para tomar café da manhã na hora do jantar. Diante de pilhas enormes de panquecas no Griddle Café, falamos sobre tudo menos trabalho, interrompidos frequentemente por mensagens de texto alegres e cheias de emojis de Mike e Steph. Mandamos para eles uma *selfie* de nós dois mais cedo: eu, de olhos vesgos e bochechas infladas enquanto Carter me dava um beijo enorme na bochecha. Ele escreveu “Apresento minha namorada, Evil”, antes de apertar enviar na janela do grupo.

Suponho que isso tenha transmitido a mensagem de que estamos bancando o casal e não mais planejando o assassinato um do outro.

Falamos sobre nossas famílias porque parece uma possibilidade real que as conheçamos em breve – e talvez as apresentemos mutuamente. Ele me conta que já foi noivo, e que amava a garota, mas não daquele jeito que você daria tudo pela pessoa. Ela queria pouco e Carter queria as estrelas. Falamos que talvez Steph estivesse certa e eu sempre consigo encontrar defeito nos homens com quem saio – *Entusiasmado demais! Não entusiasmado o bastante!* – e sobre o alívio que costumo sentir ao colocá-los na coluna de não namoráveis. Desse jeito o problema era com eles, não comigo. Falamos sobre Daryl e Amelia e quanto elas significam para mim. Sobre o fato de Daryl ser minha amiga de quase toda a vida e sobre como amo Amelia quase do mesmo jeito.

– Elas já te viram depois de sexta-feira? – ele pergunta, orgulhoso. – Porque se te vissem andando ultimamente... – Ele me imita andando de pernas abertas com dois dedos em cima da mesa e eu jogo um pedaço de ovo mexido nele.

Ele pega o pedaço de seu prato e come.

Pode ser que eu o ame mesmo.

– Desculpa – ele diz, rapidamente, estendendo a mão para pegar a minha. – Isso te deixou com nojo?

– O quê? Não.

– Então por que de repente fez uma cara de que ia vomitar?

– Porque te amo.

Ele ri, satisfeito.

– Que terrível.

– Só... não vá – digo num rompante.

– Ir para onde?

– Qualquer lugar.

Ele se levanta, inclinando-se sobre a mesa. Seus lábios têm gosto de mel, seu sorriso faz com que me sinta em casa.

Abaixo dele, sobre a mesa, seu celular começa a vibrar.

Carter se afasta, sorrindo para mim e se sentando lentamente antes de olhar para a identificação de chamada. Erguendo o dedo como quem diz “só um segundo”, ele atende.

– Dave, oi.

Vejo o rosto de Carter passar de rosado a pálido como um zumbi em cerca de dois segundos.

– O quê? Não, não fui eu. De jeito nenhum.

Ele ouve, balançando a cabeça.

– De jeito nenhum, ele nem *assinou* ainda. – Concordando, ele diz: – Só verbal. E o anúncio deveria ser seu, assim que eu tivesse providenciado o contrato.

Finalmente, ele olha para mim e sussurra:

– Abra a *Variety*. Agora.

Procuro meu celular, abro o navegador. Ele demora para carregar, mas quando carrega, Carter já terminou o telefonema e pega o celular quando o passo para ele.

Eu já li a manchete.

Não faço ideia do que está acontecendo, mas Carter parece estar prestes a vomitar todas as panquecas na mesa, e não foi porque eu declarei meu amor.

Foi porque a *Variety* acaba de anunciar que Dan Printz assinou com ele.

– O que está acontecendo? – sussurro.

Carter balança a cabeça, lendo e relendo o que está escrito antes de me devolver o telefone dizendo “Meeeeerda” bem baixinho.

Leio o artigo e sinto um frio na barriga.

Homem mais sexy da People deixa a Lorimac

Dan Printz, ator do blockbuster de ação *Global* que será lançado em breve, e recentemente escolhido o Homem Mais Sexy da revista *People* assinou com o agente de talentos Carter Aaron.

Printz surgiu como um dos atores mais famosos de Hollywood após o sucesso de bilheteria de *Debaixo do céu de pedra*, no qual ele interpreta um ciborgue que salva uma família de uma corporação que tenta matar seus filhos gênios. Até agora, o filme arrecadou mais de US\$ 750 milhões no mundo inteiro.

Printz era representado por Joel Mayer, da Lorimac, que lançou sua carreira de Printz em *Limite*, produzido pela Universal e dirigido por George Stan. A Lorimac vinha conversando com a Sony e a Fox para escalar Printz para vários filmes de grande orçamento, mas, de acordo com o assessor, esses contratos vão passar para Carter Aaron imediatamente.

Aaron, originalmente de Nova York, trabalha para a Price & Dickle, que passou por uma fusão recentemente.

Olho para a tela, sem entender.

– Por que isso está na *Variety*? – É uma pergunta tola, mas entendo agora por que Dave ligou. *Dave* é quem devia dar esse furo. Dave daria a Carter uma matéria enorme no *Hollywood Vine* em troca.

– Não faço ideia. – Sua voz sai alta e clara. Carter tira sua carteira, pegando algumas notas de vinte apressadamente e deixando-as sobre a mesa. Suas mãos estão tremendo.

Eu me esforço para acompanhá-lo quando ele se levanta e se dirige à porta. Alguns fregueses perto de nós pararam de conversar para nos ver sair como um raio.

– Por quê? – Eu tenho tantas perguntas. Por que isso saiu agora? Por que a *Variety* deu o furo? E por que Carter é mencionado de forma tão óbvia?

Não parece que é isso que está acontecendo, mas... Carter não faria isso, certo? Ele deveria saber como funcionam as coisas.

Ele *deve* saber. Isso é o básico para qualquer agente.

– A Lorimac sabia? – pergunto.

Carter sai do restaurante num rompante.

– Não, acho que não. Quer dizer, Dan só poderia me contratar depois de demitir Joel, mas isso aconteceu na semana passada e tenho a impressão de que Joel ainda não tinha contado para a agência, certo de que Dan voltaria. Eu não gosto de Joel, mas isso não é jeito de descobrir. *Merda*. – Ele soca o ar com raiva. – *Merda!*

Atores deixarem agências é algo grande. *Imenso*. Especialmente um talento como Dan; ele levará milhões de dólares consigo, e isso não só afetará o lucro da agência, como sua reputação. Esse anúncio é ruim para a Lorimac, sim, mas pode ser igualmente ruim para a P&D, porque faz parecer que nós somos uns sacanas que fazem coisas traiçoeiras para roubar talentos; nada disso deveria ter se tornado público até termos certeza de que a Lorimac sabia e tivesse tempo para preparar sua própria declaração.

E isso ainda faz *Carter* parecer um idiota traiçoeiro, porque ele é mencionado especificamente, com pouquíssima alusão à P&D. Está escrito como se Carter fosse a força por trás do acordo, não a agência.

Tropeçando atrás dele, começo a formular outra pergunta.

– Carter, por que...

Ele se vira para mim, com o rosto vermelho.

– Não sei de nada, Evie, certo? *Eu não sei de nada!*

Eu me esquivo, erguendo as mãos na altura do peito.

– Está bem! *Jesus*.

Acalmando-se, envergonhado, ele estende os braços e me puxa para o seu peito. Ainda estou atordoada e cedo com um pouco de relutância.

– Desculpe – ele sussurra, beijando meu cabelo. – Sinto muito. Eu não sei. Não sei o que acabou de acontecer. Eu disse a Dave que ele teria exclusividade. Encontrei com Dan hoje e apertamos as mãos, até falei para ele sobre a oferta de anunciar com Dave no *Vine* e ele ficou entusiasmado, mas ainda não assinou o contrato. Nunca falei com Ted Statsky da *Variety*. Não faço ideia de como ele conseguiu essa informação.

Pegando sua mão, puxo-o em direção ao meu carro.

– Vamos para o escritório tentar descobrir isso.

São quase oito horas quando chegamos ao quinto andar, mas todas as luzes estão acesas e posso ouvir a voz de Brad latindo de seu escritório desde o elevador.

Carter empalidece, olhando para mim antes de ir direto para lá.

Eu o sigo e, embora esteja apenas alguns passos atrás dele, fico no corredor. Não tenho nenhum papel nessa crise a não ser apoiar Carter como colega, fazendo qualquer contenção de danos de que ele precise.

A voz de Brad é um trovão aterrorizante.

– Que diabos é isso, Aaron? Que merda está acontecendo? Você viu esse maldito artigo da *Variety*?

– Eu falei com Dave – diz Carter, tentando soar calmo. – Não fui eu. Não fomos nós. Isso foi um vazamento de fora.

– Merda nenhuma! – Brad grita. – Você cagou em todo esse artigo. Escreveu seu maldito nome cheio de garranchos nessa maldita carta de amor para a *Variety*. A P&D mal é mencionada aqui. Você trabalha aqui? Está no meu departamento?

– É claro, Brad.

– Bem, não de acordo com isso! Nós ganhamos uma linha no final. Ninguém

lê a maldita última linha!

Carter sabiamente não observa que todo mundo na Lorimac vai ler a última linha.

– Eu deveria estar com a minha mulher hoje à noite num evento em que ela receberá um prêmio – Brad grita –, mas em vez disso estou *aqui*, tentando entender essa maldita confusão. Jesus, Carter, isso é uma tempestade de merda.

Eu sei que não deveria, sei que não deveria, mas entro no escritório de Brad, sentindo meu coração se transformar numa bola sólida de irritação.

– Não foi Carter, Brad. Eu estava com ele desde que ele voltou do almoço com Dan.

– Almoço com Dan? – diz Brad, voltando-se para Carter. – Então ele assinou?

– O Jurídico ainda está redigindo os contratos – diz Carter, tentando acalmar Brad. – Brad, é terça-feira. Ele confirmou por telefone comigo há três dias. Hoje ele se comprometeu verbalmente e apertou minha mão. Sei muito bem que não é o caso de correr para a *Variety* ou qualquer outro veículo com um aperto de mão...

A voz de Carter desaparece, porque Brad não está mais ouvindo o que ele diz. Ele está olhando para mim e, com um calafrio na espinha, percebo o porquê.

Meu coração, meus pulmões e meu estômago se embrulham furiosamente.

– Está *brincando* comigo? – pergunto, esforçando-me para ficar calma.

– Eu contei isso para você *hoje* – ele diz com os dentes cerrados. – Conte para você sobre Dan Printz *hoje*, Abbey, e é isso que faz? Você está com tanta inveja que precisa ferrar com Dave, Dan, Carter e a P&D numa tacada só?

Carter dá um passo para trás como se tivesse levado um soco. Eu estou tremendo. Ao meu lado, meu punho se fecha e tenho que abri-lo conscientemente para não sair voando na direção de Brad.

– Brad, não há como – diz Carter.

– Você precisa respirar fundo, Brad – interrompo, com a voz quase inaudível por causa da raiva. – Não foi Carter e *não* fui eu.

Ele levanta o queixo num gesto de *foda-se* e ri num tom zombeteiro.

– Isso é baixo, até mesmo para você.

Que diabos isso significa?

Eu me viro, andando com as pernas trêmulas até a porta.

– Você está fora de si, Brad. Vá para casa. Durma. Eu aceitarei suas desculpas de manhã.

capítulo vinte e quatro

Carter

Depois de sair do escritório de Brad, Evie anda calmamente até o seu, desaparecendo lá dentro por um momento, e então fecha a porta com tanta força que os quadros do corredor tremem na parede.

Bato à sua porta e espio lá dentro. Sua cabeça está baixa, mas ela olha para cima quando entro, e vejo lágrimas correndo pelo seu rosto.

– Isso é um absurdo, Carter.

Entrando, fecho a porta.

– Claro que é. É irracional.

Ela pressiona os olhos com as mãos.

– O que posso fazer? – pergunto.

– Você tem sua própria confusão para resolver – ela diz com a voz fanha pelo choro. – Só preciso me recompor para poder sair daqui e ir para casa.

Sempre pensei que Evie e eu éramos duas metades complementares de um todo, forças diferentes, uma equipe perfeita. Mas agora percebo que, na maioria dos aspectos, somos iguais. É claro que ela não quer lambar a ferida com testemunhas por perto.

– Me liga mais tarde? – pergunto.

Ela faz que sim, limpando o rosto.

– E me diga se precisar de alguma coisa. Vou parar com essa merda de choro em um minuto e voltar à ação.

Eu beijo seu rosto molhado.

– Sei que vai.

Dou alguns telefonemas no caminho para casa. Dan não atende seu telefone, Caleb também não. Envio meu endereço para Evie por mensagem, então fico andando para lá e para cá no apartamento até que o porteiro a anuncia. Saindo no corredor, encontro-a carregada de sacolas de comida pronta.

– Não sei por que eu trouxe comida – ela diz me entregando uma sacola que tem cheiro de comida indiana. Ela inspira fundo. – Isso não é verdade. Vou

comer isso tudo.

Coloco as sacolas na mesa e puxo-a para mim, beijando-a na testa. – Está se sentindo melhor?

Ela se derrete com o abraço, com o rosto colado ao meu peito e os braços em volta da minha cintura.

– Eu me sinto péssima. Você?

– Estou esperando Dan ou Caleb me retornarem. – Descanso o queixo no alto de sua cabeça. – Você quer falar sobre o que aconteceu com Brad? – pergunto. – Comer para esquecer? Assistir a um filme? Trepar como adolescentes que não têm de se preocupar com coisas como emprego ou aluguel?

Ela me encara com um sorriso, o primeiro que vejo desde que o artigo da *Variety* foi ao ar.

– Minha resposta padrão sempre vai ser comida, mas agora que estou transando com outra pessoa além de mim mesma, preciso reorganizar minhas prioridades.

Pego sua mão e a levo até a cozinha.

– E se conversarmos um pouco primeiro, depois podemos comer *enquanto* fazemos sexo?

– Se pudermos assistir tv ao mesmo tempo pode ser que eu nunca mais saia desse apartamento. – Ela me observa enquanto eu tiro dois pratos. – Você tem certeza de que está pronto para esse tipo de compromisso?

Evie coloca a comida nos pratos e eu pego duas cervejas da geladeira. Lembro que ela não gosta de cerveja e pego um copo d’água para ela.

– Nunca estive no seu apartamento antes. – Ela olha em volta. – É bem mais vazio que o seu escritório.

– Acho que, fora Michael Christopher e Steph, você é a única pessoa que veio aqui.

– Você está brincando.

– Digamos que até recentemente minha vida social não era muito ativa.

Ela respira fundo e sorri, como se precisasse ouvir exatamente isso. – Bem, eu gosto daqui.

– Tenho vaga de garagem. Ah, e balcões de granito. – Bato com o nó dos dedos na superfície à minha frente. – Eletrodomésticos de aço inoxidável, um quarto, piso recentemente reformado e um chuveiro de seis temperaturas num banheiro moderno e espaçoso. Estou dizendo tudo isso não para me gabar, mas só para avisar que talvez você tenha que pagar meu aluguel caso eu perca o emprego.

Evie franze a testa, mexendo na comida em seu prato.

– Não acho que é você que precisa se preocupar. Brad está tendo dificuldades de esquecer aquela história de *Dia de campo*.

– Eu percebi isso – digo, simplesmente. – Mas parece tão...

– Mesquinho? – ela termina para mim.

– Sim. Quer dizer, não é como se a P&D tenha perdido dinheiro. Obviamente nós ganhamos nossa comissão. Então por que Brad está tão obcecado com isso? É isso que eu não entendo.

– Acho que é porque ele sabe que tem algo para usar contra mim. Isso acabou com a carreira de Mark Marsh, então é como se eu tivesse essa dívida que Brad pode cobrar sempre que ele precisa se sentir superior.

– É uma dívida ridícula – comento. – É como dar cupons de massagem grátis para alguém.

Ela me dá um sorriso engraçado que diz “Você é louco”.

– Não tem nada a ver com isso.

– Mas todo mundo tem fracassos. Em quantos filmes você acha que já esteve envolvida contando todos os atores da sua lista?

Ela suspira, olhando para a janela.

– Mais de uma centena, fácil.

– Exatamente. As estatísticas dizem que pelo menos um desses será uma bomba.

– E daí?

– Daí – continuo, estendendo a mão para pegar sua samosa comida pela metade –, é por isso que acho que tem alguma outra coisa acontecendo entre Brad e você. Isso não faz sentido.

– Não faço ideia do que mais pode ser – ela diz, dando de ombros. – *Dia de campo* é o que ele sempre menciona. – Ela limpa a boca com o guardanapo e empurra o prato. – Sei lá, não importa. Agora basta Brad dizer que eu tive alguma coisa a ver com esse vazamento para a *Variety*, e é isso. Ninguém mais vai me contratar.

– Mas você nem foi mencionada no artigo – lembro.

– Não importa. Pode ter sido o seu nome, mas Dave me procurou primeiro, e eu o mandei falar com você. Todo mundo sabe que Dave e eu nos conhecemos há muito tempo. Não importa o que aconteça, vai parecer que eu tinha um motivo velado. – Ela aperta os olhos com as mãos. – Deus, que saco. E você vai sair disso parecendo uma cobra. É surreal.

– Eu sei – digo, puxando-a para perto. – Mas o que ainda não entendo é quem

pode ter dado a história para a *Variety* para começo de conversa. Eu só contei para Brad.

– Dan está cercado de idiotas – ela diz. – Seu assessor é um cara bacana, mas o resto de seu círculo é cheio de parasitas; não duvidaria que um deles possa ter mencionado a história para algum rabo de saia. Talvez tenham contado para a pessoa errada.

– E agora? – pergunto. – Não consigo falar com Dan nem com Caleb. Dave sumiu e temos que esperar até amanhã para acabarmos com Brad.

Evie se levanta, leva os pratos para a pia e então pega minha mão.

– Vejamos. Até agora vi a cozinha, os balcões de granito, a garagem e o piso de madeira. Talvez possa me mostrar o chuveiro de seis temperaturas?

– Eu não tenho TV no chuveiro, Evil. Então se quiser fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo lá, acho que não posso ajudá-la.

Posso ouvir cada passo, cada batida do meu coração enquanto levo Evie pelo corredor.

Eu não estava esperando ninguém, e só agora me dou conta de que devo checar a lista mental da *namorada em casa*. Fico aliviado quando entramos no quarto e encontramos tudo em ordem: edredom e lençóis limpos e uma pilha de travesseiros jogada ao acaso em cima da cama. Minha mente se adianta e de repente tudo o que vejo é Evie naquela cama, lençóis enrolados em volta do corpo (ou sem nada), suas pernas enroscadas nas minhas.

Estamos em sintonia – Evie já tirou seu suéter e então puxa a camiseta. Em pé, sorrindo um para o outro a alguns metros de distância, tiramos nossas roupas, uma peça por vez, pintados pelas listras das luzes da rua.

– Acho que devíamos colocar uma música para isso – ela diz, sorrindo mais.

– Posso cantar um rap?

– Não. – Ela me empurra para a cama e sobe no meu colo abrindo as pernas abertas na altura dos meus quadris. Seus beijos são suaves e profundos; ela passa a língua e me dá uma mordida. Há só dois neurônios funcionando no meu cérebro agora, e os dois são necessários para eu me mover para o lado da cama e apalpar a quina do meu criado-mudo, procurando a gaveta.

– Camisinha? – ela diz, e eu viro para o lado, enchendo o pulmão de ar enquanto ela me cobre de beijos abaixo do pescoço.

– Estou procurando. – Abro a gaveta. Meus movimentos se tornam mais frenéticos e quase derrubo Evie no chão quando me estico o máximo que posso, finalmente alcançando o pacote com a mão.

Puxo a parte de cima do corpo dela de volta para o colchão, subindo sobre ela

e rindo com a boca em seu pescoço.

– Desculpa.

Ela gargalha debaixo de mim, pernas e braços agarrando meu corpo. Quando me afasto, mesmo no escuro, posso ver a felicidade escancarada em seu rosto. Precisávamos dessa oportunidade para nos soltarmos mais e nos olharmos um pouco.

Entrego a camisinha para ela e ela a observa com atenção por alguns segundos antes de estender as mãos entre nós dois.

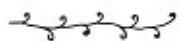
E então, rapidamente, estou lá dentro e ela está puxando minha cabeça para o seu pescoço. Não consigo me decidir qual parte dela quero tocar primeiro, então minhas mãos ávidas agarram sua bunda, apertando-a para que eu possa meter com mais força. Deslizo a mão por sua barriga, seus quadris, seus mamilos. Ela se contorce e arqueia o corpo embaixo de mim. Mexer junto com ela apaga todos os pensamentos da minha cabeça. Minhas mãos estão em seus cabelos e minha cabeça se preenche com os seus sons. Fico hipnotizado com o jeito que meus movimentos alteram o ritmo da sua respiração.

Nós conseguimos soltar o lençol dos quatro cantos da cama.

– Como está o tour do apartamento? – pergunto em determinado momento, com a mão atrás do seu joelho, olhando seus olhos castanhos iluminados concentrados no meu rosto.

Sinto a sua risada, seu corpo me agarrando, e sorrio no escuro. Nunca me diverti tanto... Nunca. Ela me puxa para baixo, levando as pernas contra meu peito. Nossos quadris se mexem juntos e eu gozo do nada, perdido demais nela para ficar envergonhado.

Saindo, eu me posiciono entre suas pernas e, com as mãos dela nos meus cabelos e meu nome ecoando pelo quarto, tudo está perdoado.



Evie tem uma reunião cedo com Trent parra conversar sobre o roteiro de Bay, então ela não passa a noite comigo. Pouco depois da meia-noite, eu me afasto dela e me visto. Levo-a até seu carro, segurando seu rosto com as mãos e beijando-a até implorar que ela volte para o meu apartamento.

– Só mais uma hora – peço enquanto a beijo. – Trinta minutos. *Dez*. Acho que nós dois sabemos que sou bom para pelo menos isso. Que tal por trás, na sala?

Ela respira fundo e, com as mãos no meu peito, me empurra e nos separa.

– Você é perigoso. Preciso ir.

Passo a maior parte das três horas seguintes acordado e olhando para o teto. Minha cabeça gira com tudo o que aconteceu hoje.

Meus pensamentos vagam de um lado para outro, não sei nem no que me concentrar: no fato de Evie e eu estarmos juntos, que é tão absurdamente bom; na aparente loucura de Brad, no fato de que sou o agente de Dan Printz, na possibilidade de eu ter estragado minha futura relação com Dave *e* com o *Hollywood Vine*, ou que alguém, que ainda não sei quem, vazou a maldita história para a *Variety*.

Jesus, controle-se.

Exausto mas muito ligado para dormir, começo a mexer nos aplicativos do meu celular.

Michael Christopher pode se orgulhar de ter vinte e sete anos e agir como se tivesse dezenove, mas praticamente toda foto que ele posta, em qualquer lugar, é de Morgan. Morgan no parque, Morgan na banheira, Morgan brincando de se fantasiar com o papai. Salvo a foto em que ele está usando uma tiara para usar em seu cartão de aniversário.

Há um post de Becca com o polegar para baixo em frente a uma esteira, seguido de um segurando uma rosquinha e com o polegar para cima. Dou risada no escuro.

A postagem é de menos de quinze minutos atrás, não faz tanto tempo, então decido tentar minha sorte e lhe enviar uma mensagem.

Está acordada?

Aqui é Carter, a propósito.

Dá pra ver que revirei os olhos?

Eu sei que é você.

Você tem um novo emprego, não morreu e perdeu as informações de contato.

Eu sorrio para a tela. Caramba, senti falta dela.

Você pode falar?

Meu telefone toca quase que imediatamente.

– Oi, está tudo bem? – ela diz antes que eu tenha chance de falar oi. – São três da manhã. Eu sei por que estou acordada, mas por que você está?

– Eu fui um chefe terrível?

Há uma pausa e um som inconfundível de risada.

– Você está bêbado?

Resmungo.

– Antes fosse.

– Certo, me conte o que está acontecendo.

– Só... muita coisa na cabeça, acho.

– Odeio essas noites em que o cérebro frita e decide questionar todas as decisões que já tomamos na vida.

– É basicamente isso. Como está o novo emprego?

– Você sabe, a mesma coisa todo dia. Meu chefe novo é um idiota. Mas o antigo também era, então pelo menos sou coerente.

– Muito engraçado – digo.

– Então o que está te tirando o sono, trabalho ou vida pessoal?

– Muita coisa dos dois. Eu conheci alguém.

– Fala sério.

– Sim. Ela é... ela é ótima. Você iria gostar dela. Talvez possamos combinar alguma coisa e sair para jantar.

– Uau, Carter! Apresentar sua nova namorada para sua antiga assistente. Isso é sério.

Dou risada e digo:

– Acho que só percebi como é sério agora...

– Então acabei de ajudá-lo a perceber alguma coisa? Porque meu aniversário é mês que vem e você ainda sabe qual é minha loja de sapatos favorita.

Eu dou risada.

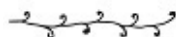
– Acho que me fez perceber, sim.

– Tá bom, vá dormir ou ficará um monstro amanhã, e eu não estarei lá para te levar café. Mantenha-me informada, o.k.?

– Sim, obrigado, Becca. Estou com saudades, a propósito.

– Eu também.

Desligo e caio no sono imediatamente.



Estou exausto quando meu alarme toca, mas me levanto e me obrigo a ir correr de qualquer jeito.

Está frio o suficiente para vestir uma jaqueta; a neblina ainda está densa e o sol não está alto o bastante para dissipá-la. Pego um caminho diferente hoje, no qual um longo trecho de estrada abraça a base do morro e as ruas são repletas de velhos prédios de apartamentos e muitas árvores. O trânsito é pesado nessa área, mas ainda é cedo.

Volto ao apartamento em tempo recorde e consigo tomar banho, me trocar e ainda tomar café da manhã antes de sair.

Há algumas mensagens de texto me esperando, uma de Michael e Stephanie sobre o tão esperado jantar de casais nesse fim de semana e outra de Evie, estressada por ter de ir para a reunião em vez de ir direto para o escritório, onde Brad poderia se desculpar e lambear suas botas na frente de todo mundo.

Estou um pouco preocupado porque não é isso que vai acontecer, mas faço o máximo para distraí-la, sugerindo que ela me envie fotos da sua bunda para eu descrever como planejo beijá-la mais tarde, mas ela não cai. Posso quase sentir sua ansiedade pelo telefone; odeio que ela tenha de lidar com tudo isso. Se *minha* cabeça está uma bagunça com o que está acontecendo, nem consigo imaginar como ela deve estar se sentindo.

Já estou pilhado de três xícaras de café quando chego ao trabalho, tendo elaborado um monólogo inteiro para encenar no escritório de Brad. Passo reto pelo corredor, minhas palavras cuidadosamente escolhidas ajeitando-se no lugar certo na minha cabeça, e paro na mesa de Kylie. As janelas atrás dela estão escuras.

– Oi, Kylie. Brad está? – pergunto, ignorando o frio na barriga.

Ela balança a cabeça e me dá um sorrisinho profissional. Essa mulher lida com Brad Kingman diariamente; algo me diz que ela desenvolveu a arte de se desculpar por seu chefe.

– Ele só virá mais tarde.

Merda.

– Você sabe quando? – pergunto, já antecipando o massacre que acontecerá se Evie encontrá-lo antes de mim.

Kylie bate em algumas teclas e então olha para mim.

– Daqui uma hora, mais ou menos. Ele tem uma reunião às onze, então estará aqui para isso.

– Você pode me encaixar?

Ela recua e franze as sobrancelhas.

– Hoje não. Posso dizer a ele que você passou aqui?

– Você sabe, vou ficar de olho – digo a ela e sorrio antes de voltar para o corredor.

A tensão está nítida no escritório. Nesse momento, todo mundo já sabe sobre o artigo da *Variety* e sua repercussão, mas ninguém sabe se deve me parabenizar ou estremecer com o fato de isso poder ser muito ruim para todos os envolvidos. Nem eu sei.

Justin está em sua mesa. Ele me entrega uma pilha de mensagens, mas eu dispenso qualquer discussão sobre as coisas que temos para fazer hoje; vou precisar que me coloque ao telefone com uma pessoa atrás da outra até que eu possa consertar isso.

Justin tenta me conectar com Dave. Como era de se esperar, cai direto na caixa-postal. Como se eu já não estivesse estressado o suficiente, checo no Google que obviamente a história já se espalhou por toda parte.

– Ei, Justin? – eu o chamo, e sua cabeça aparece na minha porta.

– Você pode me avisar se vir Brad ou Evie chegando? Mas sutilmente, certo?

Ele assente.

– Quer que feche aqui para você? – ele pergunta, parado à porta. Eu balanço a cabeça e ele sai, deixando-me na minha solidão tensa e ansiosa.

É barulhento trabalhar num escritório com dezesseis assistentes concentrados numa só área. Parece que os telefones nunca param de tocar. E será que todos sempre andaram por aqui como uma manada de cavalos? Acrescente a isso o som dos teclados, os alertas de mensagem de texto, muitas conversas de bebedouro e a minha total falta de concentração e não consigo fazer nada. Graças a Deus que, depois de uma hora disso, alguém bate à minha porta.

É Justin, que espia para dentro e depois olha para trás, parecendo estar tramando alguma coisa.

– O senhor Kingman acabou de chegar. Quer que eu faça alguma coisa?

– Não precisa, eu resolvo isso. Obrigado. – Salvo meu documento e, com as mãos suando, saio da sala.

Kylie me vê novamente e me dá um sorriso simpático, então deduzo que Brad está num humor daqueles.

– Ele está lá? – digo em voz baixa, e ela faz que sim.

Ele olha para cima quando tusso e me fuzila com um olhar que é só um pouquinho mais agradável do que o que ele deu para Evie.

– O que posso fazer por você, Aaron? Tenho certeza de que não preciso explicar como estou ocupado tentando consertar tudo isso.

– É sobre isso que quero falar com você – respondo, entrando em seu escritório.

Brad tira os óculos, coloca-os sobre a mesa e então se reclina na cadeira, esperando que eu fale.

– Sei que as coisas não estão bem, e o fato de você ter contado para Evie sobre Dan Printz antes de o artigo sair parece suspeito, mas posso garantir que ela não teve nada a ver com isso.

– Ah, é?

– Sim. Nós dois tivemos nossas diferenças, mas ela nunca prejudicaria sua integridade, ou a de qualquer um que trabalhe aqui. Ela sabe o que está em jogo, assim como eu, e respeita demais você, o trabalho, nossos clientes e contatos.

– Que diabos está acontecendo, Carter? – Brad se inclina, estreitando os olhos.

– Por que está me dizendo isso? Você quer bancar o príncipe encantado para a garota com quem está trepando? É isso? – Meu coração quase sai pela boca. – Vamos ter uma conversinha sobre educação sexual agora?

– Não, Brad. Eu só queria esclarecer...

Brad levanta um dedo para me interromper.

– A única coisa que precisa de esclarecimento é que você trabalha para mim. E nesse momento quero que volte já para sua sala e faça exatamente isso: *trabalhe*. Foi para isso que te contratei. Não quero drama aqui. Evie estragou tudo, ponto-final, e não é a primeira vez. – Ele desliza a mão pela mesa. – Deixe que ela caia sozinha.

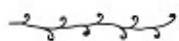
Penso no dia da fusão e em como fiquei agradecido por ainda ter um emprego. Eu me lembro do alívio em pensar que estava a salvo e, nesta mesma sala, descobrir que não estava. Nós fizemos exatamente o que Brad esperava que

fizéssemos e quase nos matamos na esperança de que um de nós vencesse. É chocante perceber que sou o único que ficou.

– Na verdade – começo, e quanto mais penso sobre o que estou prestes a fazer, mais sei que é a coisa certa. – Acho que não. Para mim acabou.

Brad recosta-se na cadeira, surpreso.

– Não seja idiota, Carter. Pense sobre isso hoje à noite. Não banque o herói e acorde arrependido da decisão que tomou de cabeça quente. Porque quer você esteja aqui ou não, ela não estará.



Meu telefone toca ao sair de sua sala, mas eu ignoro. Não me preocupo em pegar nada, decidindo que haverá tempo suficiente para isso, ou posso simplesmente pedir para que Justin envie as coisas para mim... em algum lugar. Estou confuso e não tenho nenhuma ideia do que vou fazer agora, mas pelo menos será nos meus termos.

Pego as escadas até o segundo andar do estacionamento e destranco o carro, entrando nele. Meu telefone vibra novamente e decido atendê-lo, pensando que pode ser Evie.

Não é.

capítulo vinte e cinco

Evie

– Você não pode mais tolerar isso – diz Amelia, quase gastando o tapete de Daryl de tanto andar para lá e para cá. – Eu fiquei quieta e deixei muita merda passar porque ele é seu chefe e às vezes todos nós precisamos dar a outra face, mas agora chega! Você precisa *fazer* alguma coisa!

Fecho os olhos e encosto a cabeça no encosto de uma das poltronas estofadas de Daryl. Eu li o roteiro, fui para a reunião com Trent, encontrei Sarah Hill no almoço, retornei aproximadamente sete mil telefonemas, decidi que seria melhor evitar Brad totalmente até pensar no que fazer, e saí do escritório às cinco pela primeira vez em anos e vim direto para cá.

Ainda bem que tenho amigas que me ouvem reclamar, me defendem e enchem minha taça de vinho. São seis da tarde e estou na terceira taça.

– O que você quer que eu faça? – pergunto a ela. – Tenho menos de quarenta e cinco dias de contrato. Brad é um babaca, mas nunca fez nada do que eu pudesse reclamar oficialmente. Denunciá-lo agora, depois de me culparem por essa imensa gafe da agência, faria com que eu parecesse um bebê chorão que não consegue trabalhar com os adultos. Não vou dar essa satisfação para ele de jeito nenhum.

Daryl resmunga enquanto leva sua taça à boca.

– Odeio dizer, mas ela está certa. Brad é um idiota, mas tem tomado muito cuidado para não fazer nada que ela possa denunciar.

Eu concordo, rapidamente engolindo outro gole de vinho para acrescentar:

– É um ambiente de trabalho hostil, sem dúvida. Mas me diga um lugar em Hollywood que não seja.

Amelia senta-se no sofá branco macio de Daryl e bate numa das almofadas.

– Somos três mulheres brilhantes e bem-sucedidas. Deve ter algo que possamos fazer.

– Meu avô *conhece umas pessoas* – diz Daryl sem hesitar.

Levanto uma sobancelha para ela.

– E isso quer dizer?

Daryl sorri inocentemente.

– Assassinato?

– Mais uma vez – diz Amelia apontando para Daryl –, longe demais.

Alguém bate à porta e, percebendo que não me mexo faz um tempo, ofereço-me para abri-la.

– Quer dizer, pelo menos eu teria três refeições na prisão e um pouco de prazer – digo, atravessando a sala. – Um teto sobre minha cabeça?

– Você mal consegue assistir *Orange is the new black* sem ficar nauseada – Amelia me lembra. – Não vamos começar a escolher seu nome de cadeia ainda.

Ao abrir a porta, surpreendo-me ao ver Eric do outro lado com duas caixas de pizza nas mãos.

– Oi – cumprimento, recuando um passo para que ele possa entrar. – Então você costuma carregar pizzas por aí ou...

– Encontrei o entregador na escada – ele diz, cumprimentando Amelia e indo até a cozinha. – Pensei em trazer para vocês.

– Isso foi muito gentil – diz Daryl, tirando uma pilha de pratos do armário, gesticulando para nos servirmos. – É assim que meus pornôns favoritos começam.

Observo os dois voltarem para a cozinha com um interesse renovado. Eles estão inclinados, sussurrando. Amelia percebe meu olhar e sua expressão de “eles estão transando” espelha a minha. Olho para Daryl e Eric quando eles saem da cozinha.

– Vocês dois estão, ãh, trabalhando hoje à noite? – pergunto, pegando uma fatia antes de morder.

Daryl faz que sim enquanto mastiga, mas Eric responde:

– Na verdade, estou contente que você esteja aqui, Evie. Preciso da sua ajuda.

Bêbada, aponto um dedo para o peito.

– Minha ajuda?

Ele concorda e Daryl explica:

– Lembra-se de quando Jess pediu brincando para que ele criasse um programa para conferir as notas fiscais de despesas?

Franzindo a testa, admito:

– Mais ou menos...

Ela ignora.

– Eu gostei da ideia, e essa auditoria foi um saco. Então Eric inventou um programa mais inteligente. Ele cruza os dados de todas as minhas despesas com o cliente certo, a nota fiscal respectiva e a conta de despesas correta.

Penso em quanto tempo essa auditoria levou e que milagre seria uma coisa assim.

– Meu Deus, isso é incrível.

– Então fiz isso com suas contas, também, para ajudar Jess – Eric admite. – Foi por isso que vim aqui. – Ele coça o queixo. – Veja só, tem alguma coisa errada, porque encontramos algumas despesas no seu cartão que não batem com nenhum pedido ou nota fiscal. Eu não queria falar sobre isso no escritório.

– O que você quer dizer com “não batem”? – Eu me sento direito. Minha tontura por causa do vinho impede que meu coração saia voando como um bando de pássaros histéricos. – Nas *minhas despesas*? Não tive tempo de verificar essa semana, mas Jess também disse alguma coisa sobre cobranças esquisitas.

Eric tira seu laptop da mochila e senta-se no bar.

– Vejamos – ele diz, abrindo o programa. – O.K., aqui está uma de setembro. Há uma cobrança de uma companhia de bufê. Nós na verdade a vimos tantas vezes que detalhamos cada uma. A cobrança diz que você gastou cento e vinte e três dólares na Debbie’s Events...

– Mas de acordo com as anotações de Jess na sua agenda – Daryl interrompe –, naquele dia você esteve com um cliente por uma ou duas horas para uma narração. Não houve bufê no set porque não foi *no set*. Vocês se encontraram no estúdio. Qual foi a outra, Eric? A lavanderia?

– Hollywood Linen – ele responde.

Esse nome não me é estranho.

– Essa mesmo – diz Daryl. – E nessa não são só cobranças de quantias malucas. A maioria delas é bem pequena, como cinquenta dólares aqui, no máximo cem, duzentos, mas elas são recorrentes e vão se somando. Você provavelmente nunca teria percebido se não tivesse que passar esses relatórios para a auditoria.

– Você pode repetir o nome dessa empresa? – pergunto, afastando-me do balcão para procurar meu laptop. As faturas do retiro que Jess me passou ainda estão lá.

Aquelas que Brad pediu para eu ignorar e enviar diretamente para Kylie.

– Hollywood Linen? – ele diz.

– Sim... está aqui. – Encontro o item de lavanderia e aponto para ele no extrato mais recente de despesas do cartão. – Aqui também. Há uma cobrança de serviço de lavanderia para a toalha de jantar, mas não usamos nada disso no retiro. O hotel incluiu tudo isso no pacote.

Eu me sento no sofá, abrindo a pasta e espalhando as faturas na mesa de centro.

– Você pode me dizer alguns dos outros nomes?

– Claro – diz Eric, clicando na planilha. – Tem Ever Beauty...

Procuro na minha lista, encontrando o nome e colocando um risquinho vermelho do lado. Está datado de dois dias antes do retiro.

– Certo.

– Celebaby.

– Isso é um serviço de babá? – pergunto, com o dedo deslizando pela página.

– Sim – diz Amelia.

Lá está. Outra correspondência, durante o fim de semana do retiro. Não é preciso dizer que ninguém levou os filhos para o retiro do departamento.

– Roar PR.

– Certo – eu digo. Outra marca vermelha.

Que diabos?

– Glamband.

Amelia senta ao meu lado, observando-me encontrar o nome e fazer outro risco.

– Caramba – ela diz, olhando para mim. – Isso é muita coincidência.

– Aposto que se eu comesse a rever todas as minhas despesas, encontraria mais – comento, esperando a confirmação de Eric.

Ele já está balançando a cabeça.

– Imagino que sim.

Eu me levanto, roendo a unha enquanto caminho até a janela. Minha mente parece um jogo de Tetris, pequenas peças por toda parte e um relógio tiquetaqueando enquanto tento fazer todas se encaixarem. Eu me viro para olhar para o grupo.

– Então essas empresas estão cobrando a P&D por uma série de serviços que na verdade não estão sendo feitos? – sugiro.

Eric ergue os ombros e então concorda.

– Quer dizer... Estão.

– Vocês sabem que *eu* não estou fazendo isso, certo? – pergunto, horrorizada.

Eric recua, como se nunca tivesse pensado que tivesse sido eu, e Daryl e Amelia balançam a cabeça veementemente.

Minha cabeça lateja como um trovão.

– Por acaso isso é uma coisa que uma pessoa só *poderia* fazer?

– Daria muito trabalho, mas definitivamente é possível – responde Eric. – Mas

eu acho que teria de ser alguém de dentro da companhia. Alguém que tenha acesso a várias contas de despesas e com poder suficiente para evitar que as pessoas prestassem atenção.

A voz de Carter ecoa nos meus pensamentos.

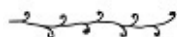
“Por que ele implica com você, especificamente?”

“Você sabe de alguma coisa sobre ele?”

“Isso não faz sentido.”

Levo um susto, e três pares de olhos encontram-se com os meus.

Tenho quase certeza de que estamos pensando exatamente a mesma coisa.



– Temos certeza absoluta de que não queremos ligar para o meu avô? – diz Daryl, deitando ao meu lado debaixo de um cobertor velho e sujo na traseira da picape de Eric Kingman.

Amelia passa o braço por cima de mim e bate nela.

– Juro por Deus, se você fizer com que sejamos pegas e eu tiver que ligar para o meu ex-marido para me tirar da prisão por invasão de domicílio, vou achar seu nariz antigo e grampeá-lo de volta no lugar.

Daryl solta um gritinho horrorizado.

– Você é um monstro!

Mordo a língua para não rir, e Daryl respira fundo ao meu lado.

– Além disso – ela diz –, estamos com Eric, então acho que *tecnicamente* o que estamos fazendo não é considerado invasão, mas...

– Shhhhhh – pede Eric através da janela aberta da cabine quando nos aproximamos da guarita.

– Boa noite, senhor Kingman – diz o guarda.

Nós três ficamos totalmente imóveis debaixo do cobertor, tentando nos encolher e ficar o mais invisível possível.

– Acho que seu tio não está em casa hoje à noite. Mas sua tia está.

– Obrigado, Jerry. Vou pedir para tia Maxine mandar alguns daqueles biscoitos que você gosta. Tenha uma boa noite.

A picape começa a andar, percorrendo o longo caminho de entrada até a casa de Brad Kingman.

Nós não perdemos a cabeça. É só que todos nós conhecemos Brad bem o bastante para saber que, se ele estiver por trás disso, não guardaria nenhum documento dessas empresas fantasma no *trabalho*. Estou prestes a perder meu

emprego e, em apenas meia hora no apartamento de Daryl, contamos mais de cinquenta mil dólares cobrado da *minha* conta de despesas. Não admira que estejamos passando por uma auditoria! De quantos outros lugares Brad tirou dinheiro?

Ainda bem que bebi porque isso está mantendo pelo menos metade da minha calma. As peças não param de se encaixar, como dominós perfeitamente empilhados. Principalmente isso: eu era o bode expiatório de Brad. Não espanta o fato de ele ter me segurado, garantiria que as acusações contra ele não teriam credibilidade se viessem de uma ex-funcionária ressentida. Acusar-me de estragar as coisas com Dave e Carter é uma coisa; mas nem ferrando vou cair por causa desse nível de fraude descarada.

– Está limpo – diz Eric pela janela, com a voz tensa e um pouco ofegante. – Vocês estão bem aí atrás?

Nós finalmente respiramos.

– Esse cobertor cheira a esgoto, e meu chefe está roubando dinheiro das minhas contas de despesa enquanto me responsabiliza por uma série de problemas. Mas fora isso, acho que estamos bem. E você, está bem?

– Está brincando? – ele cantarola no ar frio da noite. – Isso é incrível!

– Mas tem certeza de que quer fazer isso? Quer dizer, você poderia simplesmente ligar o carro, nos expulsar e dar o fora daqui – digo.

– De jeito nenhum. Odeio o jeito que Brad trata Maxine, e essa merda é uma loucura! Vocês podem sentir a adrenalina? – Ele uiva um pouco na cabine da picape. – Vamos derrubá-lo!

– Então Eric está definitivamente dentro – sussurro.

Amelia ri ao meu lado.

– O que deu essa impressão?

A picape para, e Eric abre as janelas da frente antes de desligar o motor.

– Tudo bem. Eu vou entrar. Não deve haver nenhum empregado aqui, então vou deixar a porta da frente aberta. O escritório dele é lá em cima, quarta porta à direita. Vocês se lembram do plano?

– Pode deixar – diz Amelia.

– Lembrem-se: me deem dois minutos e eu faço Maxine me levar até a cozinha para comer alguma coisa. Espero que consiga ganhar pelo menos quinze minutos para vocês. É o bastante?

– Vai ter que ser – diz Amelia.

A porta se abre e a picape balança quando Eric desce.

– O.K. – ele diz, dando um passo antes de parar de novo. – Será que nós

devemos... sincronizar nossos relógios ou algo do tipo?

– Se cantarmos “Swinging on a Star” para marcar o tempo faríamos que nem Bruce Willis e Danny Aiello em *Hudson Hawk*.

Amelia olha para mim no escuro.

– Evie, normalmente eu me divirto com essas citações de filme, mas vou ter que te pedir para calar a boca.

– *Apenas vá, Eric!* – Daryl sussurra exasperada.

– Certo, certo. Estou indo.

O som dos pés de Eric no caminho de cascalho se espalha pela escuridão, e ele bate à porta.

Enquanto esperamos, Amelia bate no meu ombro.

– Carter por acaso sabe onde você está?

– Rá... não. Não nos falamos desde hoje de manhã. E agora estamos vestidas como assaltantes e nos escondendo na caçamba da picape do sobrinho do nosso chefe. Provavelmente é melhor deixar essa parte de fora quando eu contar para ele sobre o meu dia.

Ouvimos vozes e nos erguemos, esforçando-nos para escutar. A porta da frente se abre e imediatamente ouvimos uma mulher exclamar:

– Eric, querido! Que surpresa!

Sinto minha pulsação na cabeça enquanto ouço a conversa se dissipar e finalmente desaparecer.

– O.K. – sussurro.

Puxando o cobertor de cima de nós e me sentando lentamente, olho em volta, garantindo que estamos mesmo sozinhas aqui fora. Sou a primeira a descer, agachando-me no chão e olhando em volta. A Mercedes de Maxine está estacionada do lado oposto da entrada, mas, ainda bem, não há sinal da detestável Ferrari amarela de Brad em nenhuma parte.

Amelia é a próxima, e ela se ajoelha no chão ao meu lado. Enquanto nós duas olhamos em volta, Daryl cai da picape, rolando no cascalho.

– Sutil – Amelia sussurra.

– Desculpa – diz Daryl. – Eu fui expulsa da ioga.

É estranho estar aqui sem as luzes de Natal e os manobristas, a música festiva e as vozes vindo de dentro da casa gigantesca. Em vez disso há apenas silêncio e o barulho dos grilos nos arbustos. À medida que nos aproximamos, ouvimos um som baixo de risadas vindo da direção da casa, pois a porta foi convenientemente deixada entreaberta.

Obrigada, Eric.

Um fio minúsculo de luzes amarelas desenha uma linha na varanda, e nós avançamos agachadas, espiando o grande hall de entrada pela fresta. Caminho livre.

Olhando para Amelia, coloco a mão sobre a madeira fria, estremecendo quando a velha dobradiça emite um rangido ao se abrir. Eu me pergunto se Eric ouviu, porque sua voz fica mais alta e mais entusiasmada lá no fundo da casa.

Há uma ampla escadaria à frente. Gesticulo para Amelia e Daryl seguirem em frente e fico atrás tempo o suficiente para fechar a porta com um clique suave. Nossos tênis quase não fazem barulho sobre os degraus enquanto subimos espiando com cautela antes de virar à direita no topo das escadas.

Ao meu lado, Amelia mostra quatro dedos e aponta para uma porta no fim do corredor. Concordando, observo-a levar sua mão enluvada até a maçaneta e a girar lentamente.

A porta se abre.

Até aqui o escritório de Brad Kingman se parece exatamente com o que se esperaria. Sua mesa é gigante e coberta de livros e pilhas de papel. À luz da janela podemos ver um monte de souvenirs de golfe e todos os prêmios e elogios que ele já recebeu – até matérias de jornal – exibidos com orgulho. Fotos emolduradas enchem as estantes, todas com uma característica em comum: ele é a estrela em cada uma delas.

– Até seu escritório é de um babaca pretensioso – diz Daryl, fechando a porta. Acendendo sua pequena lanterna, ela ilumina as paredes. – Isso é seguro?

Sigo seu olhar e ilumino a mesa, parando ao ver um pequeno arquivo.

– Vocês querem procurar a chave do arquivo enquanto eu inicio o computador? Posso tentar descobrir a senha dele.

Amelia concorda e começa a procurar. Juntas, ela e Daryl olham debaixo de livros e papéis, dentro das gavetas e atrás de todos os porta-retratos enquanto eu ligo o computador e o campo para a senha na tela iluminada aparece.

Começo com o nome e sobrenome de Brad, depois o de sua mulher e todas as combinações entre eles. Tento seu aniversário, o número de Oscars que seus clientes ganharam, até combinações do seu nome com seu handicap de golfe. (Sim, *todos* nós ouvimos histórias sobre seu valor no *country-club* ao longo dos anos.) Sem sorte.

– Acho que descobri alguma coisa! – diz Daryl, esticando-se para apalpar debaixo de uma gaveta.

Sem ter muito sucesso até agora, eu me viro para observar, praticamente pulando de alegria quando ela volta com uma pequena chave na mão.

– Que tipo de pessoa cola uma chave com fita adesiva debaixo de uma gaveta na própria casa? – ela sussurra, indo até o arquivo e colocando a chave na fechadura.

– Alguém que tem muito a esconder – Amelia diz.

Prendemos a respiração enquanto Daryl gira a chave e a fechadura faz um clique no silêncio.

– E não acha que alguém tenha a coragem de vir procurar – ela acrescenta.

– Então dane-se – diz Amelia, com a lanterna na mão enquanto começa a procurar com energia pelos arquivos. – Qualquer coisa que tenha a ver com os nomes que encontramos, CNPJS, empresas de hospedagem de sites, contas bancárias, qualquer coisa. Se parecer duvidoso, tire uma foto.

Volto para o computador, determinada a conseguir entrar. Tento mais algumas palavras e frases aleatórias que eu associo com Brad e, quando nada mais surge, penso um pouco. Brad é egocêntrico demais para escolher uma senha aleatoriamente, então deve ser alguma coisa...

Um pensamento atinge meu cérebro como um raio e eu digito as palavras juntas:

SURGIMENTODEBRAD

É o filme em que ele trabalhou, quando eu era assistente, com o primeiro cliente que ele roubou descaradamente.

Senha correta.

Meu Deus, que babaca.

Procuo no seu disco rígido pelas empresas que apareceram no programa de Eric. Abro seu Google drive e procuro lá também. São necessárias algumas tentativas, mas então *bingo!*

Uma planilha com os nomes das empresas e CNPJS, ao lado de colunas e mais colunas de quantias cobradas. E ele teve a pachorra de me dar um sermão sobre trabalho em equipe. Jesus Cristo.

– Meu Deus!

Eu me viro na direção da voz de Daryl. Ela está olhando pela janela com os olhos arregalados e horrorizados. Faróis estão se aproximando pela entrada de carro sinuosa.

– M-merda! – xingo, enfiando meu pen drive na porta USB com as mãos trêmulas. – Rápido! Você conseguiu alguma coisa?

– Tenho algumas faturas – Amelia responde, tirando fotos das faturas debaixo da sua blusa para esconder o flash. – Isso é uma bagunça.

Amelia e Daryl arrumam apressadamente porta-retratos e alisam o tapete da

sala, ajeitando papéis e passando a manga da blusa para limpar digitais de qualquer coisa que possam ter tocado.

Olho pela janela de novo rapidamente antes de voltar para a tela. Quantas vezes assisti a isso num maldito filme e pensei: *transferir arquivos é muito rápido, isso não é muito improvável?*

Minha transferência está apenas 73% completa. Estou totalmente em pânico.

Os faróis iluminam a sala e o carro amarelo de Brad para do lado da picape de Eric. *Vamos, vamos, vamos.*

– Você terminou, Evie? – Daryl se aproxima e puxa meu braço, no meio de um chilique de corpo inteiro atrás de mim.

– Sim, só... um segundo.

– Evie, temos que ir! – diz Amelia, olhando pela janela para a entrada da casa lá embaixo.

– Está em 95%... rápido! – sussurro.

A porta do carro se fecha lá fora. Ouvimos vozes.

– Evie, vamos! – Daryl diz.

– Está quase lá, caramba! Como é que uma pessoa rica tem um computador tão lento? O que ele faz com todo aquele dinheiro?

– Eric!

Nós paralisamos ao som da voz de Brad na entrada lá embaixo.

Olho para Daryl e Amelia, seus rostos iluminados à luz do monitor, e por um segundo terrível percebo que há uma chance de que Brad também as tenha visto lá de fora.

Minha atenção se volta para um barulhinho que indica que os arquivos foram transferidos e eu tiro o pen drive, clicando para fechar todas as janelas o mais rápido que consigo.

Daryl vai até a porta, abrindo-a o suficiente para ouvir o que está acontecendo lá embaixo.

– Acho que ele está na cozinha – ela sussurra e nós esperamos, só para ter certeza. Quando não ouvimos mais nada, abro a porta e ando na ponta dos pés até o corredor.

O patamar da escada tem vista para a entrada e, quando espio sobre a grade, não vejo nada além do chão de mármore brilhando. Nenhum sinal de Brad. A porta fica logo depois das escadas e, se conseguirmos chegar lá, estaremos livres. Não me importo se tiver que ir andando até meu apartamento.

– Será que conseguimos? – pergunto em voz baixa e Amelia faz que sim. Daryl está balançando a cabeça freneticamente.

Assim que dou meu primeiro passo na escada, a voz de Eric ecoa pela casa.

– Espere, tio Brad, quero te mostrar minha cicatriz! – ele basicamente grita.

Quase caio na tentativa de voltar, braços e pernas por toda parte quando cada uma corre numa direção diferente, desaparecendo num quarto.

– Eric, que diabos há de errado com você? – Brad pergunta. – Você está usando drogas?

– Não... nada de drogas... – Eric balbucia, os olhos se arregalando quando ele vê minha cabeça espiando por uma das portas atrás de Brad. Ele puxa Brad em sua direção num abraço apertado e gesticula para mim. – Só senti sua falta!

Fujo pelo corredor até o quarto de hóspedes que fica em cima da garagem, batendo contra a janela quando Daryl e Amelia chegam correndo e deslizam pelo chão de madeira, chocando-se comigo. Eu deixo escapar um ressentido *uf*.

As vozes se silenciam lá embaixo.

– Quem está lá em cima? – Brad pergunta.

– Ninguém – diz Maxine. – Estamos a sós hoje à noite.

Meu coração parece um martelo e meu peito parece de vidro.

– Sei que ouvi alguma coisa – diz Brad. – Vou correr lá pra cima...

– Mas nós íamos comer alguma coisa agora mesmo! – diz Eric. – Você deve estar com fome. Perdeu peso?

– Brad, nunca temos visita. Venha jantar conosco.

Há um momento de silêncio e depois os passos desaparecem pelo corredor de mármore. Eu fecho os olhos, rezando, enquanto abro a janela.

– O que está fazendo? – Daryl sussurra.

– Vamos ter que sair por aqui e rebolar pela treliça.

– Estou tão confusa com a expressão *rebolar* pela treliça. Como isso é possí...

Amelia a ignora.

– Você perdeu o *maldito juízo*? – ela sussurra na minha direção.

Olho pela janela. É alto, mas, quer dizer... não é a *morte*. E precisamos sair daqui agora.

– Vamos – digo, passando uma perna pelo peitoril da janela. – Façam o que eu fizer.

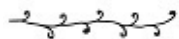
Saindo pela janela, piso no teto da garagem, contente a princípio, certificando-me de que meu pé está firme, e então passo para a treliça cheia de hera. Meu maior medo se dissipa quando puxo a estrutura frágil e vejo que ela está bem presa à parede.

– Vamos – eu as incentivo de novo, voltando a descer quando vejo a perna de Daryl sair pela janela, seu corpo surgindo no telhado. Amelia vem logo atrás.

De volta à caçamba do caminhão, nós nos deitamos em silêncio, olhando para o céu, com a respiração ofegante. Eu me acalmo com o calor de Amelia à minha esquerda e de Daryl à direita. Elas entrelaçam as mãos nas minhas.

– Obrigada, garotas – sussurro.

Elas apertam minhas mãos ao mesmo tempo enquanto recuperamos o fôlego. Eventualmente, enquanto esperamos Eric terminar sua refeição improvisada com os tios, conseguimos conter nossa risada histérica.



Carter aparece à porta de casa um pouco nervoso, como se tivesse achado uma boa ideia tomar um expresso às dez da noite.

Passando por mim, ele vai direto para a cozinha e abre o armário dos pratos.

– Onde você guarda a bebida?

– É... – digo, seguindo-o. – Em cima do fogão, mas não se anime. Acho que suas opções são Bacardi, rum, triple sec e... – Paro de falar enquanto ele tira uma garrafa de vodca que eu não sabia que tinha, pega um copo, joga alguns cubos de gelo e se serve de uma dose generosa.

Sua garganta se mexe enquanto ele engole, distraindo-me. Só cheguei em casa há uma meia hora e quero lhe contar sobre nossa aventura estilo *As Panteras* (Drew Barrymore ficaria tão orgulhosa!) e sobre o que descobrimos, mas ele parece um pouco preocupado.

– O que está acontecendo? – pergunto, andando até ele e esticando-me para beijar sua boca de bebida.

– Eu me demiti.

Afasto-me, chocada.

– Como?

– Você me ouviu. Eu me demiti. Não faço ideia do que vai acontecer amanhã, mas disse a Brad que estou fora.

– Eu... Eu. Uau.

– Eu te amo, mas não fiz isso por você – ele diz, com raiva nos olhos. – Fiz isso porque não consigo trabalhar lá nem mais um segundo. Brad é a escória.

– Bem, é verdade – concordo, dando um passo para trás e observando curiosa enquanto ele pega a garrafa de novo.

– Eu queria falar com Brad sobre como as coisas aconteceram entre você e ele.

Solto um gemido.

– Carter, você não precisa comprar as minhas brigas.
– Sei disso. Se tem uma coisa que eu sei é que Evil Abbey pode se cuidar sozinha. Mas... eu tinha que dizer alguma coisa. Não dava para *não falar nada*. O jeito que ele agiu foi totalmente inaceitável.

Bem. Dou-lhe um beijo por isso. Parece acalmá-lo um pouco, também. Não posso culpá-lo pela vodca agora; sua adrenalina deve estar bem alta.

– Enfim, ele não foi muito receptivo à conversa...

– Posso imaginar.

– E então pensei – ele diz, balançando a cabeça – odeio esse lugar. Eu amo o que faço, amo você, mas odeio a P&D. É como tentar trabalhar no meio de um jogo de queimada.

Isso me faz rir, e o puxo para fora da cozinha em direção à sala. Ele se senta no sofá e eu o acompanho, sentando-me no seu colo.

– Então nós fizemos uma grande confusão – ele diz, inclinando-se para beijar meu pescoço. – Mas Dan deu notícias hoje.

Ele pega o celular, mostrando-me uma série de mensagens de texto de Dan Printz.

Ei, cara.

Desculpe não ter
aparecido hoje.

Falei com Ted da
Variety, ele
disse que o
anúncio veio de
uma firma de
relações
públicas chamada
Roar.

Vai saber.

Resultado: eu não me importo qual seja a agência, só quero trabalhar com você.

Tenho uma festa de imprensa hoje à noite, então me telefone amanhã cedo.

Vamos assinar o contrato e fazer alguns filmes.

Roar Relações Públicas. Fico paralisada.

– Foi *Brad* que vazou a informação?

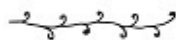
Carter franze a testa.

– O quê?

– Bem... Eu tive uma espécie de aventura hoje à noite. – Coloco o computador na mesa de centro, ligo-o, abro a planilha de Jess e então viro a tela para que ele possa ver.

– O.K... – ele diz, olhando para mim de novo. – O que é isso tudo?

– Tenho uma história para contar.



O ex-executivo da agência de talentos Price & Dickle Brad Kingman foi preso nesta terça-feira em Los Angeles acusado de fraude, desfalque e roubo de identidade.

De acordo com os promotores, Kingman montou uma rede de lavagem de dinheiro, utilizada para enviar faturas fraudulentas para sua agência por

trabalhos que nunca executados. Essas empresas fantasma iam de serviços de cabeleireiro e maquiagem até cuidadores de cachorros e agências de babás.

O procurador do Distrito Sul Emery Ridge relatou: “O FBI obteve e-mails e contratos de fornecimento mostrando que Kingman usava identidades roubadas e números de cnpj para enviar faturas fraudulentas e esconder seus crimes. Esse não é um caso de um funcionário que rouba uns trocados. Até agora Kingman é acusado de desviar até dois milhões de dólares”.

A cópia impressa do *Hollywood Vine* está na mesa à nossa frente e Daryl, Amelia e Steph ficam em silêncio no bar. Estamos todas aqui para assistir ao Super Bowl, e as televisões acima de nossa cabeça transmitem comerciais que fazem a audiência cair num silêncio reverente, mas nenhuma de nós é capaz de olhar para outro lugar a não ser para o jornal.

– Dois milhões de dólares – Steph diz em voz baixa. – Acho que não foram só despesas no seu nome.

– Só no meu recentemente. Todos os outros que ele usou foram embora.

– E agora tchau-tchau, Brad – diz Daryl.

Na manhã seguinte à nossa excursão à casa de Brad, Eric entrou casualmente no escritório vazio, escreveu um e-mail para o FBI e anexou os arquivos que eu tinha transferido para o pen drive. O FBI nunca saberá que eu tive alguma coisa a ver com isso, mas Brad sim.

Tive dezenas de orgasmos deliciosos com Carter, mas não vou negar que uma das sensações mais eufóricas que tive foi assistir ao FBI aparecer no nosso andar em meio a um silêncio mortal e entrar como um grupo de justiceiros no escritório de Brad.

Eles bateram à porta, ignorando o ganido ansioso de Kylie dizendo que ele estava ocupado. Na verdade, dois agentes rapidamente identificaram Kylie, puxaram-na de lado e a levaram para interrogatório na sala de reuniões.

Brad abriu a porta, com o rosto severo, e olhou diretamente para mim. Eu ergui o queixo e sorri.

– Senhor Kingman, temos algumas perguntas. – A voz do agente reverberou pelo corredor. – Se o senhor não se importar em vir conosco, podemos fazê-las num lugar mais reservado.

Eu queria que Brad recusasse. Queria que eles o interrogassem ali mesmo, bem na minha frente. Mas foi tão bom vê-lo sair debaixo dos olhares arregalados e curiosos de todos no escritório. Ele seguiu pelo corredor, cercado de policiais.

As portas do elevador se fecharam atrás dele, e então ele se foi.

Tchau, Brad.

Eu deixei a P&D por escolha própria naquele dia.

– Então agora preciso ver o que vou fazer – digo às minhas amigas, dobrando o jornal e enfiando-o na bolsa.

– Você podia voltar para a Alterman – Steph sugere com um sorriso esperançoso.

– Você pode trabalhar *comigo*.

A voz chega detrás de mim e nós três nos viramos. Carter se materializou ali, e está... *maravilhoso*. Corado por alguma emoção exuberante, ele claramente acabou de chegar de uma reunião: terno bem passado, camisa com colarinho aberto, gravata solta em volta do pescoço. Parece que nós três suspiramos juntas.

Um suspiro coletivo.

– Ou – ele diz sorrindo enquanto se aproxima – eu poderia trabalhar para você. – Puxando a banqueta ao meu lado, ele acrescenta: – Ou, não sei, podíamos descobrir como trabalhar juntos.

Carter se senta e tira uma folha de papel dobrada em três. Ele a abre cuidadosamente, alisando-a sobre a mesa para lermos. É um contrato de agente entre Dan Printz e Carter Aaron – apenas Dan, apenas Carter.

– Consegui 20% de quinze milhões – ele diz com um sorriso casual. – Se eu fizer isso sozinho, só conseguiria pegar talvez mais um, dois clientes. Me ajudaria muito se você pudesse trabalhar comigo, me ensinar o caminho.

Eu olho para ele, sentindo meus olhos marejarem, e ele finge ficar chocado com as lágrimas.

– Isso é um sim? Nós vamos nos rebelar?

Surpreendo minhas amigas quando me lanço no colo de Carter, mas ninguém parece se importar. Acho que todas nós percebemos nesse momento que eu trabalhei minha carreira inteira por isso, a oportunidade de uma vida.

capítulo vinte e seis

Carter

Logo percebemos que não dá para administrar a carreira do próximo grande ator de Hollywood da cozinha de um minúsculo apartamento de um quarto em Beverly Hills.

Levou aproximadamente duas semanas para chegarmos a essa conclusão. Duas semanas nas quais Evie e eu compartilhamos da alegria sem calças de não ter um escritório de verdade para onde ir todas as manhãs ou um chefe nos fiscalizando, e de poder transar na mesa da cozinha sempre que queríamos sem nem mesmo ter de fechar a porta.

Foram duas semanas maravilhosas.

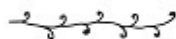
Mas eventualmente as calças tiveram que voltar e nós tivemos que decidir como íamos fazer isso. Eu tinha Dan e um punhado de outros clientes, mas precisava de algum lugar para fazer reuniões e... bem, trabalhar.

Evie brincou com a ideia de voltar para a Alterman, mas chegou à conclusão de que, embora adore as pessoas e o trabalho, não consegue mais aguentar os joguinhos que parecem dominar inevitavelmente o trabalho nas grandes empresas. Por sorte, Adam Elliott e Sarah Hill assinaram apenas projetos individuais com Evie na P&D, e os dois a seguiriam para qualquer lugar, ao que parece.

E, surpresa! Temos uma agência.

Então nos rebelarmos significa que precisávamos de um escritório.

Foi aí que percebi exatamente como Evie tem bons contatos. Depois de me ajudar a encontrar um ótimo advogado, ela fez um negócio fantástico num punhado de escritórios vazios... num prédio ótimo perto da P&D.



Não fazemos nenhuma inauguração grandiosa oficial para a Abbey & Aaron, mas já temos internet na terça-feira e eu recebo a senha para o sistema de

segurança no dia seguinte, o que é bom o suficiente para nós. Repintamos o espaço todo, penduramos as novas fotos em preto e branco de Jonah nas paredes do saguão e instalamos a melhor máquina de café do mundo. Não há necessidade de uma fileira de dezesseis assistentes bem arrumados, mas Becca e Jess são mais do que necessárias.

Becca e Evie passam meia hora ao telefone, durante a qual imediatamente se tornam melhores amigas para sempre depois de uma versão entusiasmada dos Dez Melhores Momentos Embaraçosos de Carter Aaron. Eu fico eufórico. Estarei cercado pelas duas mulheres que mais me desafiam, mas nunca mais ficarei desorganizado ou sem cafeína.

A primeira manhã no escritório oficial é absurdamente surreal. O céu está exatamente igual ao meu primeiro dia em L.A., azul-claro com apenas um traço de neblina no horizonte, e eu estaciono o carro na garagem tão familiar.

Já está quente quando saio do carro pouco depois das oito e começo a andar do terceiro andar da garagem até o saguão. Virando à direita e não à esquerda, vou em direção ao Prédio A, o lugar da nossa nova empresa.

Checo rapidamente meu reflexo na porta. Cabelos: bom. Gravata: a velha gravata da sorte dessa vez, nada de gravata nova elegante e errada. Eu queimei aquela.

Estamos em meados de março, mas uma lufada de ar refrigerado bate no meu rosto assim que piso lá dentro. Meu sangue parece borbulhar e meu estômago parece estar retorcido numa centena de nós enquanto avanço pelo piso de mármore.

No Prédio B, de propriedade da P&D, há telas gigantes com fotos e pôsteres de alguns dos principais clientes que a firma representa. Mas no Prédio A as coisas são mais discretas. Uma simples placa dourada fixada à parede lista os vários escritórios localizados no prédio, e lá estamos nós, Abbey & Aaron: Sala 303. Enquanto a P&D precisa de andares e andares de funcionários e quase um leitor de retina para acessar o elevador, nossa empresa se resume basicamente a nós dois, um advogado que mantemos na folha de pagamento, Becca e Jess, e quem sabe Steph, se conseguirmos convencê-la a vir trabalhar conosco.

Não vi Evie desde que saí do seu apartamento hoje de manhã e meus dedos já estão coçando de vontade de tocá-la. Nós nos encontramos ontem para o aniversário de Morgan no Griffith Park, que teve de tudo, desde food trucks até o maior pula-pula que já vi.

As melhores amigas de Evie convivem com os meus melhores amigos, e vê-los todos juntos – meu passado e meu futuro – foi como dar um passo no

caminho certo. Michael Christopher já está planejando minha despedida de solteiro. Não é nada oficial, mas... nunca se sabe.

Segui Evie de volta ao seu apartamento no fim da noite. Seus beijos tinham gosto de sol e bolo de aniversário, e ela riu quando eu chequei se cada centímetro do seu corpo também tinha gosto de chantili. Saí hoje de manhã pouco antes das cinco, sentindo-me cansado, mas feliz, beijando sua boca e dizendo que a veria no escritório. O que é uma coisa maravilhosa que posso dizer agora.

Becca está lá quando saio do elevador; uma sensação estranha de nostalgia e esperança enche meu peito.

– Aqui está sua agenda – ela diz, entregando-me algumas folhas de papel que estavam na sua mesa. Mal consigo lê-las, mas as guardo no bolso, feliz. – Tem um telefonema que você vai querer atender agora mesmo. Um dos amigos de Jamie Huang quer falar com você, e Allie Brynn está prestes a ter um chique de entusiasmo com isso.

– Maravilha – digo. – Evie já chegou?

– Sala de reunião – ela informa, olhando para mim com os olhos estreitos. – É tão estranho ver você assim de novo, de terno, com esse olhar caído tão familiar. É ótimo. Ou talvez eu esteja apenas adorando estar num escritório do lado de uma hamburgueria.

Eu sorrio.

– Estou muito feliz que você está aqui.

– Eu também – ela diz, olhando para sua mesa antes de me entregar um pequeno pacote de cartas. – Agora vá trabalhar.

– Sim, senhora.

O escritório está silencioso e eu vou até a sala de reuniões. A porta está entreaberta; eu bato e espio, esperando Evie olhar para mim.

Ela está sentada no banco de concreto sob a janela, com sol nos cabelos e um contrato no colo. Está linda e parece confiante e feliz, e embora eu (provavelmente) não vá agarrá-la no local de trabalho, não tem muita gente aqui. Nós podíamos revisitar minha fantasia e dar uns amassos na mesa se quiséssemos, e só teríamos que suportar o olhar horrorizado fingido de Becca. Já ouvi dizer que mesas de reunião são ótimas para esse tipo de coisa.

– Ei, moço – Evie diz, e faz sinal para eu entrar.

Eu gostaria de dizer que fico calmo, mas praticamente entro correndo, inclinando-me para dar-lhe um beijo quente e demorado nos lábios.

– Oi.

Ela passa a mão pelo meu peito e na minha gravata antes de me olhar com um sorrisinho.

– Essa gravata *funciona* – insisto.

– Tenho uma reunião importante com a Paramount em uma hora – ela diz, alisando a gravata de novo. – Se essa gravata da sorte funciona tão bem quanto diz, você pode usá-la todos os dias que eu não vou reclamar.

– Talvez você possa usá-la mais tarde. Aí *eu* vou ter sorte?

Ela sorri.

– Talvez.

Dou um tapinha nas páginas à sua frente.

– Você está pronta para isso?

– Tenho um pacote fenomenal e só preciso do *sim* deles. Ei, ficou sabendo que Seamus bateu num fotógrafo no aeroporto ontem à noite?

Meus olhos se arregalam.

– Bateu com as mãos?

– Com o *carro*. A P&D pode se divertir com essa; é problema deles agora.

– Acho que eles têm uma longa lista de problemas. Só estou contente de não ser mais um deles.

Ela endireita minha gravata e levanta o queixo.

– Amém.

– O que acha de ir para Nova York comigo esse verão? – pergunto a ela. – É horrível e quente, mas é aniversário de casamento dos meus pais e eu queria que minha família me constrangesse na sua frente. Pode ser horrível.

Evie inclina a cabeça e me observa por um momento.

– Que acha de ir para Burbank comigo esse fim de semana? A TV estará muito alta e meu pai vai te encher a paciência falando sobre quanto ele odeia os Yankees. Minha mãe provavelmente dirá que você precisa de um corte de cabelo. Nós provavelmente vamos ter uma péssima estadia.

Seus olhos se encontram com os meus e mesmo sem conhecê-la há muito tempo posso ver que ela nunca esteve tão feliz, ou tão segura.

– Nós vamos ter que tirar o pior disso tudo – concordo, sorrindo enquanto me inclino para beijá-la.

❖❖❖❖ agradecimentos ❖❖❖❖

Com frequência nos perguntam como escrevemos tão rápido. Obviamente, o fato de sermos uma dupla ajuda, mas mesmo assim alguns livros saem mais rápido do que outros. *Mentiroso*, por exemplo, pareceu quase sair voando das nossas mãos. *Indecente* também, escrevemos em questão de semanas.

Mas *Amor & ódio...* não foi um desses livros.

Nosso primeiro rascunho foi concluído em dezembro de 2015 e não se parecia em nada com o livro que está em suas mãos. Tínhamos uma ideia muito clara do que queríamos – dois agentes de Hollywood se apaixonam e têm de disputar um emprego –, mas o livro que saiu inicialmente não se parecia nada com o livro que tínhamos em mente. Foi como se tentássemos fazer uma torta de cerejas e em vez disso tirássemos um bolo de carne do forno. E vamos falar a verdade: ninguém quer bolo de carne quando está esperando uma torta de cerejas.

Então vieram Adam Wilson, Holly Root, e um monte de mudanças num documento de Word. Sério, às vezes parecia que alguém tinha gasto uma caixa inteira de lápis de cor neste livro. Nosso editor e nosso agente passaram quase tanto tempo com esse manuscrito quanto nós passamos. Esperamos que eles saibam que sempre que sentamos para escrever nos damos conta de como temos sorte de ter um grupo de indivíduos tão envolvido e dedicado nos ajudando.

Erin Billings Service lê cada palavra umas sete mil vezes, dando retorno desde as primeiras versões terríveis até a última mais requintada, e ela ainda assim consegue encontrar erros de digitação nas páginas. Sério, Smister, você é maravilhosa.

Kristin Dwyer, dedicamos isso a você porque as aventuras que já tivemos parecem irreais. Você pode imaginar as que virão? Este é o primeiro livro-bebê que estamos lançando com nossa nova empresa, e estamos tão entusiasmadas por todos os envolvidos. Vamos em frente!

Agradecemos à nossa equipe da Gallery: Carolyn Reidy, Jen Bergstrom, Louise Burke, Paul O'Halloran, Theresa Dooley, Liz Psaltis, Diana Velasquez, Melissa Bendixen, à equipe de vendas da Gallery que trabalha duro nos bastidores para colocar os livros nas livrarias físicas e virtuais, e ao maravilhoso departamento de arte que capturou com perfeição o próximo passo na aparência

da CLo. Vocês são todos fantásticos e esperamos que venham para o jantar porque fizemos lasanha para todo mundo.

Não poderíamos fazer nada disso sem a comunidade de romance. Sério, a força e entusiasmo desse grupo é espetacular, e somos muito gratas pelos leitores, blogueiros, artistas gráficos e qualquer um que gaste tempo para nos mandar um tweet, e-mail ou resenha. Vocês nos fazem continuar, e dizemos isso com toda sinceridade. Nós amamos esse trabalho e amamos vocês.

Finalmente, agradecemos aos nossos maridos, que são pacientes e sortudos. Pacientes nos dias em que as palavras estão fluindo e sortudos nos dias em que elas não estão e nós decidimos cozinhar o dia inteiro. Obrigada por terem tanto orgulho do que fazemos.

pq, esse aqui foi único, mas sinto que ele despertou algo entre nós, nos deixou ainda mais fortes. Deus do céu, isso é divertido. Vamos fazer de novo.

Aí está, este livro, cara. Alguns livros são mais fáceis do que outros e alguns são como dar à luz. Tenho certeza de que nós duas tivemos que nos esforçar muito com esse. Eu te amo como Bella ama McFlurries, e qualquer um que tenha nos conhecido em 2009 sabe que isso é MUITO. Obrigada por ser o Lo do meu C. Te encontro na primeira fila.

SOBRE A AUTORA

Christina Hobbs e Lauren Billings, conhecidas pelo pseudônimo Christina Lauren, causaram grande impacto com a série *Cretino irresistível*. O livro de estreia entrou nas listas de best-sellers do *USA Today* e do *The New York Times* e, em sua primeira semana, alcançou as listas de mais vendidos do Brasil. A série, inclusive, teve seus direitos cinematográficos vendidos para uma produtora e as autoras têm sido responsáveis pela produção do roteiro.

A dupla já publicou cerca de dezoito obras e foi traduzida em mais de trinta línguas, além de terem recebido o selo de excelência e o prêmio de Livro do Ano da *RT Magazine*.

Da mesma autora, leia também:

CRETINO IRRESISTÍVEL – SÉRIE BEST-SELLER NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DA VEJA.

Cretino irresistível – vol. 1

Estranho irresistível – vol. 2

Cretina irresistível – vol. 3

Paixão irresistível – vol. 4

Playboy irresistível – vol. 5

Noiva irresistível – vol. 6

Sempre irresistível – vol. 7

Surpresa irresistível – vol. 8

Chefe irresistível – vol. 9

Irresistíveis – vol. 10

SELVAGEM IRRESISTÍVEL

Sedutor – vol. 1

Indecente – vol. 2

Misterioso – vol. 3

Mentiroso – vol. 4